

BB22

Flagrantes

Esta aconteceu num dos últimos cursos de formação de programadores na CELEPAR. Era um grupo grande, de 25 moços e moças que estavam se iniciando na profissão.

As aulas práticas eram dadas aos sábados, e como os terminais do prédio estavam (e estão) espalhados por diversos andares, também os estagiários se distribuíam, um pouco em cada equipe.

Nisso, uma estagiária, ficou sozinha numa sala, e programa daqui, programa de lá, alguma coisa errada aconteceu e o seu terminal ficou travado.

Preocupação, medo. "Será que eu fiz alguma coisa errada?" Liga e desliga o terminal, aperta o reset e ... nada. A máquina continuava burramente trancada.

Aí, nossa personagem lembrou que a instrutora havia recomendado que quando isto acontecesse, os alunos deviam ligar para o ramal 7, e pedir para cancelar o programa.

Ela pensou: "Aqui está minha salvação" e, ato contínuo, ligou para a DIATP. Deu-se o seguinte diálogo:

- Boa tarde, aqui o ramal 7. Pois não?

- Olha, meu terminal travou. Você poderia cancelar o programa?

- Claro, me diga qual o seu endereço.

- Um momento...

(Pausa para perguntar para o guarda de segurança qual era o endereço)

- É Mateus Leme, 1142.

... Pano rápido...

BB22a

Flagrantes

O fato que vai se narrar aconteceu há muitos anos. Ainda na década de 60, quando computador era cérebro eletrônico, e profissionais de informática usavam avental e eram apontados na rua.

A CELEPAR tinha um Bull Gama 20, com uma impressora gigantesca e uma velocidade baixa, para os nossos atuais padrões, mas espantosamente rápida para a época.

Esta impressora estava instalada no "aquário", exatamente de costas para o fim da escada que vem da entrada principal da Empresa. Quem chegava pela escada, apenas ouvia o barulho da máquina funcionando, e via o papel já impresso sendo derrubado na traseira da geringonça.

Um belo dia, um operador muito gozador percebeu, pelo movimento, que chegava uma delegação de moças estudantes do científico (antigo segundo grau) de um colégio de freiras. Na hora ele resolveu: "Vou pregar uma peça". E imediatamente postou-se à frente da impressora, e passou a movimentar as mãos, como se ele estivesse datilografando o papel. Pela ordem, o cenário ficou assim: Primeiro o operador mexendo as mãos. Depois a impressora funcionando e tampando a visão que as moças tinham do operador, do qual só podiam ver as mãos se mexendo, depois o vidro e depois um bando de gente (alunas, professoras, freiras, todo mundo) a exclamar oh! ah!, que velocidade, que datilógrafo rápido! Quando a cena já durava algum tempo, todo mundo prestando atenção, um silêncio tenso no ar, deu-se o clímax: o operador, na maior calma, parou a impressora, abriu a tampa, (todos pensando: o que será que ele vai fazer?), tirou uma borracha do bolso, fez o gesto de apagar alguma coisa, baixou a tampa, e recomeçou a gesticular como se ele tivesse voltado a datilografar. Nova série de ohs! E ahs!

As meninas foram embora e devem estar pensando até hoje como um datilógrafo podia ser tão rápido, enquanto esta história foi contada e saboreada muitas vezes nesses quase 30 anos.

Mendoca

Flagrantes

Mais uma história do tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça. Nosso personagem é uma vigia que trabalhou com dedicação anos e anos nesta casa, tendo já se aposentado. Vamos chamá-lo de Sr. M.

O Sr. M. Cuidava do prédio sede da CELEPAR durante a madrugada. Seus únicos companheiros de trabalho eram os operadores do mesmo horário.

Ser operador naquela época era bastante aborrecido. Nada acontecia. O Gamma 20 era monoprogramado e os jobs levavam horas para serem processados. Uma classificação do arquivo de funcionários levava 7 horas (e gastava 20 fitas de área de trabalho).

Os operadores logo descobriram qual a rotina diária do Sr. M. Todo dia, às 2:45 da manhã, ele saía em direção ao estacionamento para marcar o relógio vigia. Na sua volta, ele sempre se dirigia à cantina, que estava às escuras, pegava o seu farnel e fazia uma boquinha.

Um belo dia, os operadores planejaram dar um susto no Sr. M. Em plena madrugada, lá sai ele em direção ao estacionamento. Nessa hora, um dos operadores correu para a cantina e enfiou as duas mãos dentro do congelador dos sorvetes. O resto da turma se espalhou escondida na escada lateral do prédio (ali onde hoje está o relógio ponto da sede). Tudo às escuras e todos em silêncio, aguardando a volta do Sr. M., que veio calmo e tranquilo, pegou o seu lanchinho, abriu a porta da cantina, e começou a tatear na parede, à procura do interruptor, para ligar a luz.

Neste instante, com tudo ainda escuro, ele teve a sua mão agarrada por mãos geladas (seria uma alma penada?).

Para encurtar a história: Tiveram que ir buscar o Sr. M. no fim do estacionamento. Após um grito, ele saiu em desabalada carreira, sem dar bola para nada. Foi um custo convencê-lo de que tinha sido uma brincadeira.

No fim, ele aceitou as explicações, mas desse dia em diante, a cantina passou a ficar com a luz acesa, pelo menos até o fim da boquinha noturna.

1 BB22c

O grupo se reuniu na última quarta-feira, em volta da Folha Informática, discutindo notebooks, 486s, CPU pentel, e outros assuntos exóticos parecidos. A Folha ficou meio espalhada na mesa e logo alguém, olhando de revesgueio, perguntou:

- O que é supertime?

(Leitor, faça de conta que você está no meio de micreiros: a pergunta deve ser lida com sotaque e tudo: O que é "supertaime?")

Onde já se viu deixar uma pergunta dessas sem resposta. Daí, mesmo quem não sabia (todos) começou a chutar:

- Deve ser um concorrente do SUPERCLAC.

- Não é nada disso, não diga asneiras, outro replicou, é um software de gerenciamento de projetos, parecido com o TIMELINE.

- Claro que não, é uma resposta da IBM, à MICROSOFT. Trata-se de um CASE para usar no seu novo repositório.

E o festival de chutes não teria terminado se alguém mais distraído não tivesse estranhado a pergunta e ordenasse:

- Por favor, leia a frase toda.

A folha foi desdobrada, e a frase toda lida. Dizia: "Supertime do Palmeiras ganha mais uma".

BB21

Um servidor bem CDF

Autor: Pedro Luiz Kantek Garcia Navarro

Imagine, leitor, uma reunião formal entre CELEPAR e um dos mais importantes clientes nossos. O objetivo da reunião era iniciar as conversações para o planejamento de uma rede local dentro do cliente.

A rede era ansiosamente aguardada, pelo que o evento despertou interesse generalizado. Sala cheia, começa-se a discutir a respeito do servidor (de arquivos).

Logo, um dos presentes exclama:

– Precisa ser dual, fazer duas coisas ao mesmo tempo, gravar seus dados em dois discos, por segurança.

Outro, emenda o comentário e exige:

– Precisa ser rápido, com bom desempenho, senão vai deixar todas as estações aguardando.

O relator da reunião, entusiasmado, ia anotando todas essas sugestões no rascunho da ata da reunião.

– Onde vai ser instalado?

– Numa sala arejada e de fácil acesso.

– Na sua falta, como funcionará a rede?

– Este servidor não poderá faltar nunca, senão a Secretaria toda pára.

E lá se foi esta parte da reunião de vento em popa. A lista de requisitos do famoso servidor não parava de crescer.

Até que uma pessoa que a cada novo requisito fazia uma careta cada vez mais esquisita, não se conteve e pediu a palavra.

– Pessoal, tá certo que vocês querem fazer o melhor. Mas não posso deixar de lembrar que faz tempo que o Estado não contrata, agora é só na base do concurso público, e ... onde nós vamos arrumar um servidor desses, com os salários que podemos pagar?

Foi aí, que percebeu-se que quando alguns falavam no servidor que ia gerenciar os arquivos, estavam pensando no computador que ia fazer isso, enquanto outros (acho que a maioria), quando ouviam a mesma coisa, pensavam logo no servidor de carne e osso, que ia gerenciar a rede, os arquivos, a impressora, enfim, tudo.

Desfeita a confusão, e amenizando o ambiente, após o cafezinho, seguiu e se concluiu com sucesso a famosa reunião.

BB23

Só pensa naquilo (II)

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Esta história é levemente picante, meio surrealista, verdadeira, mas por razões óbvias, nós não vamos contar o santo, só o milagre. Ocorreu em um Estado bastante longe do Paraná.

A empresa estadual de informática foi convocada para instalar uns micros em um posto avançado, a muitos quilômetros da sede da empresa, num lugar longe de tudo e de todos.

A instalação foi feita, e treinados todos os operadores. Como era longe e as facilidades de comunicação não muito adequadas, o Centro de Informações responsável pelo suporte tratou de montar um super-treinamento. Foram imaginados todas as possíveis ocorrências, antevendo quais deveriam ser as ações de correção possível. Tudo planejado para, apesar das dificuldades, prestar um bom serviço.

Que de fato aconteceu, durante as primeiras semanas. Quando todos estavam abismados pelo baixo nível de defeitos e de problemas no local, ocorreu o fato que vai se narrar:

Um belo dia, a operadora, liga para o CI, para relatar uma mensagem de erro.

– Pois não, qual o problema?

Risada abafada de timidez, diz a operadora:

– Não posso ler a mensagem, ela é vagamente pornográfica.

Um nó na cabeça do responsável pelo help desk. Experiente, ele já tinha visto o software fazer de tudo. Crédulo, não desacreditava de nada nesta vida informatizada, mas..., software falando palavrão...essa era nova.

Com toda a calma e a paciência de quem trabalha nesse serviço, ele disse:

– Leia com cuidado a mensagem.

Zum zum zum no outro lado da linha, e a pergunta:

– Tem certeza que quer ouvir, ???(...hihihihi...)

Já curioso, o analista respondeu:

– Claro que quero, pode falar.

Uma respirada funda, e:

– Então vai lá:..."invalidpara ...meter"

Uma vez passada a gargalhada, o analista orientou como corrigir a mensagem "invalid parameter". Era fácil, e no fim, todo mundo acabou rindo junto.

2 BB24

"Uns brutos, esos argentinos"

Autores: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro e Tania Volkmann

Esses argentinos...

Os dois personagens desta história não estão mais conosco. Mas, certamente, nos dariam permissão para contar a história e provavelmente ririam dela. Estamos falando do Antoninho Gimenez e do Victor. Na época deste "causo", eles trabalhavam juntos na mesma sala.

Toda segunda-feira, ao meio dia, chegava a revista VEJA que o Antoninho assinava, e era colocada sobre a sua mesa. Como o Victor voltava do almoço antes do que o Antoninho, toda segunda ele surrupiava a revista e só a devolvia (lindinha da silva) mais tarde, às vezes até na terça-feira quando a revista estava recheada de assuntos interessantes.

O Antoninho não gostava e vivia reclamando, ao que o Victor fazia "ouvidos moucos". Com o passar do tempo, os dois começaram a disputar um jogo interessante: quem passava a perna em quem. Tanto é, que lá pelas tantas, a VEJA deixou de ter importância, e o negócio passou a ser quem chegava antes, depois do almoço na segunda.

Um belo dia, o Antoninho disse: – Vou pregar uma peça nesse sujeito. Esperou a VEJA chegar, tirou, com cuidado, a capa da revista, e colocou-a no miolo de um outro exemplar, velho de um ano, que tratava com muito detalhe da guerra das Malvinas.

Armação pronta, todo mundo avisado, deixou-se a VEJA nova/velha em cima da mesa, esperando a chegada do Victor. Que chegou, olhou para os lados, esfregou as mãos de contentamento e, ...passou a mão na revista.

Curiosidade geral, e eis que, no outro dia, chega o Victor impressionado com os argentinos.

– Como assim, Victor?

– Veja se não são um povo esquentado. Não faz nem um ano que tomaram um pau dos ingleses e já estão se metendo a guerrear de novo...

Foi aí que todos perceberam que ele havia lido a revista toda, sem se dar conta que eram notícias velhas de 1 ano. Para ele, era tudo fresquinho...

BB25

O dia em que passaram a mão na escada do Governador

Autores: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro e Levi Purcot

O dia em que passaram a mão na escada do Governador.

Já se passaram mais de 25 anos, e portanto a história está liberada para o público. Logo que o Governador do Estado, Paulo Pimentel, assumiu, ele resolveu visitar as empresas e órgãos do Governo. A CELEPAR como uma empresa nova e de tecnologia de ponta, foi escolhida para ser uma das primeiras.

Comitiva grande, Governador à frente, entram todos e visitam detalhadamente as instalações da CELEPAR, naqueles tempos bem mais acanhadas já que, nossa sede era apenas o prédio central.

Agora, um parênteses: Fazia alguns meses, que a laje da CELEPAR apresentava pequenas rachaduras que infiltravam a água da chuva. A solução indicada foi construir uma cobertura de telhas que, na época dessa visita, estava em construção.

No fim da visita, diz o Presidente: – Senhor Governador, gostaria de ver a cobertura do telhado que estamos construindo?

– Não sei, não será perigoso subir lá em cima?

– Claro que não, e a vista é primorosa.

E toda a comitiva toca a subir na laje, por uma frágil escada encostada no prédio. De fato, a cista do alto era muito bonita, Curitiba tinha muito menos prédios (nenhum no Centro Cívico) e todos ficaram admirando a paisagem.

Disso se aproveitou um ex-colega nosso, por sinal muito gozador. Sabedor do que se passava, ele ficou de sobreaviso, até ver que todos haviam subido e a escada estava lá sozinha, sem ninguém cuidar, dando sopa.

Foi o que bastou para que nosso colega passasse a mão na escada, escondendo-a nos fundos do prédio. Feito isso ele se retirou para um lugar estratégico para ver o estrago. Quando as pessoas (e o Governador) quiseram descer, ...cadê a escada?

Todos começaram a berrar, tentando chamar a atenção de quem estava dentro do prédio. Lá de dentro, todos ouviam aquele grito, mas sem saber o que estava acontecendo. O presidente passou maus bocados, tentando explicar ao Governador (mas sem acreditar muito nisso), que alguém devia ter tirado a escada por engano, sem saber que as autoridades estavam lá em cima.

Não sabemos quais foram as consequências, mas o presidente deve ter pensado com os seus botões: "Caramba, com que turma eu trabalho. Aqui não dá pra deixar nem escada sem um guardião junto...".

3 BB26

Espelho, espelho meu, existe alguém...

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Esses dias, estávamos no maior sufoco tentando ligar o nosso processador RISC 6000 na rede novell que a CELEPAR havia adquirido da empresa TELEMARIN. Nosso suporte lá era prestado pela analista Valéria, que sempre nos atendeu com gentileza e fidalguia.

Um belo dia, faltou um conversor de pinagens entre a saída do RISC 6000 e a entrada do hub da rede novell (trata-se de uma pequena caixinha conversora que tem um tipo de pinagem numa ponta e outro tipo na outra, algo bem simples de carregar e trazer). Tanto era fácil, que a Valéria sugeriu que mandássemos um boy buscar a engenhoca. Como tínhamos pressa, pedimos a um funcionário office boy da CELEPAR que fosse lá buscar. Para evitar problemas, já que o assunto era meio hermético, ele levou o seguinte bilhete:

Valéria: favor nos enviar o transceiver BNC para RJ45, para ligar a placa do UNIX no twisty pair do hub da rede novell 3.11. Remetente: GPT 352-1212 r.332.

O garoto saiu e sabe-se lá porque cargas d'água, em vez de ir na TELEMARIN, acabou indo numa clínica de estética e instituto de beleza, cujo nome é muito parecido com TELEMARIN. Para cúmulo do azar, lá também trabalhava uma moça chamada Valéria.

Imagine leitor, o nó-górdio que se armou. Lá pelas tantas, toca o telefone na GPT.

– Alô, é da GPT? (o que será isso??)

– Sim, e aí é a Valéria?

– Sim.

(Pronto! Nós achamos que estávamos falando com o destinatário certo, só que repentinamente atacado por uma amnésia galopante).

– Aqui quem está falando é a Valéria. Já li o bilhete de vocês três vezes, ... O bilhete está claro, mas eu tento, tento e não consigo entender o que vocês querem. Já olhei todos os nossos catálogos de cremes hidratantes, sabonetes de algas marinhas, sais aromáticos para banho, rimels importados, pastas para esconder rugas, grudes anti-celulite, injeções rejuvenescedoras de colágeno, e nada... Não tem nada sobre BNC, nem sobre RJ45, nem sobre Twisty par, e muito menos sobre 3.11. Dá pra vocês me explicarem em português de gente, o que vocês querem de nós???

O caso foi explicado, mas só depois de acalmadas as gargalhadas de todos os presentes.

BB27

Gente, ele é de carne e osso

Autor: Pedro Luis KanteK Garcia Navarro

Há alguns anos a nossa empresa fez uma pesquisa salarial. Como sempre, foram enviados 10 grossos questionários para empresas de porte e atividade similares à CELEPAR, com inúmeras perguntas sobre pessoal, desempenho, equipamentos, ambientes etc.

Enfim, uma pesquisa como manda o figurino.

No retorno, um diretor da CELEPAR questionou o fato de termos pesquisado apenas empresas grandes, e sugeriu que a pesquisa fosse refeita, também incluindo pequenas e médias empresas de informática do Estado. Com isso, disparou-se uma quantidade razoável de questionários até para as pequenas empresas do interior.

Todas responderam com a maior boa vontade, e afinal o trabalho foi muito interessante. O pitoresco no caso, foi um questionário que voltou assim:

Nome da Empresa: cnvmnmncmvncmv (não íamos contar o santo, não é mesmo?)

Equipamento utilizado: IBM 4341

Memória: 8 Megabytes

Discos: 720 Megabytes

Sistema operacional: DOS-VSE

Gerenciador de banco de dados: Pedro Danilo (!)

BB28

As paredes e o carbono têm ouvidos

Autor: Pedro Luis KanteK Garcia Navarro

Há muitos anos atrás, um punhado de pessoas na CELEPAR resolveu fazer um jogo de empresas. Era uma iniciativa emocionante.

Diversos grupos foram formados, sendo cada um deles uma empresa hipotética. A cada semana, passava-se um trimestre no jogo, e a cada trimestre todas as empresas deviam tomar decisões (quanto investir em propaganda, quanto guardar de estoque, qual a política de preços etc) válida para aquele trimestre.

Foi muito interessante a participação. As empresas tinham nomes criativos (um deles era - - sabe-se lá o que isto significa - - PALOMBETA, BUTARGA e BUTARGA), faziam alarde e havia o mercado paralelo de apostas. O prêmio/castigo era um jantar no qual:

cada membro da equipe vencedora não pagava nada

cada segundo lugar pagava 0,5 jantar

cada terceiro lugar pagava um jantar completo

cada quarto lugar pagava 1,5 jantares

cada último pagava 2 jantares

Dependendo do conjunto de decisões, e de variáveis aleatórias representando um mercado real, o programa do jogo recalculava as posições e classificava as empresas por desempenho. O jogo era muito emocionante, pois ninguém (exceto o aplicador do jogo) sabia quando o mesmo terminaria. Esta informação era crucial, já que de posse dela, qualquer empresa podia elaborar uma estratégia suicida, o que a deixaria longe na frente, mas só por 1 ou 2 trimestres, vindo depois a derrocada completa.

Neste jogo, o segredo é a alma do negócio. De fato, tão divertido quanto participar do jogo era acompanhar as sacanagens e contra-sacanagens entre as equipes para:

1. Esconder seu jogo.
2. Descobrir o jogo dos adversários.

Uma das equipes era atentamente observada. Reunia os maiores experts em administração e planejamento. Gente que varava noites fazendo e refazendo modelos, testando estratégias, consultando consultores. Dava gosot ver a equipe trabalhando.

Que resultado eles tiraram? O último. Sabem porquê? A despeito de todo o sigilo que envolvia os documentos da equipe, quando o resultado chegava, ele vinha em 2 vias, que eram destacadas, trancadas a sete chaves e o carbono... ia para o lixo. Tão logo a equipe desocupava a sala, as outras 4 equipes iam em caravana, rebuscar o lixo e apreender toda a estratégia da equipe de "experts". Acho que até hoje eles não se conformam em ter tirado o último lugar.

BB29

Telefoneprocessamento

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Contam os anais desta casa que o primeiro sistema em teleprocessamento começou a funcionar nos idos de 1977. Era um sistema de consultas a informações estatísticas (o avô do BDE) chamado Sistema de Informações Estatísticas.

Toda nossa imensa rede de TP era composta por um terminal no Palácio do Iguaçu e um terminal e uma impressora na sede do Depto. Estadual de Estatística, na esquina da Barão do Rio Branco com Mal. Deodoro.

O monitor de teleprocessamento era um software chamado ENTRY ENVIRON 1, do qual graças a Deus nunca mais se ouviu falar. Sua linguagem era o TEBOL, um dialeto meio caipira do COBOL. Por exemplo, se a frase "nós todos vamos passear no bosque" fosse escrita em COBOL, em TEBOL seria "nóis tudo fumo passeá inté lá fora, óxente!". O programa de consulta tinha uma lógica e tanto: ele pedia ao operador o código de um registro, lia o código no terminal, e consultava um (um só) arquivo magnético para achar um (um só) registro. Se achasse, mostrava o valor, e se não achava dava a mensagem "REGISTRO INEXISTENTE".

Qualquer programa NATURAL hoje gastaria umas 20 linhas para codificar este programa e demoraria uns 10 minutos na sua projeção, codificação e implementação. Mas, os tempos eram outros, e o programa foi orçado em 1200 horas de programação. Oito meses depois, quando ele finalmente ficou pronto, vimos ter gasto mais de 2000 horas no aprendizado e depuração do ambiente.

Mas, o que vai se narrar aqui é uma experiência prévia de processamento via comunicação de dados que ocorreu em 72/73, ao mesmo tempo em que a NASA e o Depto. de Defesa americano faziam suas experiências de transmissão de dados.

Foi assim: certo analista (aliás frequentador frequente desta coluna), estava terminando a implantação de um sistema de folha. Ele usava as ferramentas de ponta da época: os programas eram feitos em Assembler. Se aproximava o fim do ano, a implantação atrasada, e a família planejando viajar nas férias. E as férias chegando, e nada do programa funcionar (antes de rir, leitor, experimente escrever um programa de cálculo de folha em Assembler).

E pressão dos dois lados: a família querendo viajar, o cliente querendo o sistema, e...nada. Diante deste dilema, nosso personagem pensou analiticamente (não era à toa que ele tem por profissão a análise de sistemas), e achou a seguinte saída:

Viajou com uma grossa listagem do programa. Toda vez que o programa desse chabu, o vice-analista que ficou ligaria para ele, passando o endereço de memória e o código do erro. Lá no Rio de Janeiro, o analista titular olharia o programa, projetaria os REPS (replaces ou modificações diretamente no código objeto), e meia hora depois repassaria por telefone as alterações.

Pois não é que funciona? Foram 6 ou 7 telefonemas no mês e, na volta dele, o programa estava redondinho, como aliás está até hoje.

BB30

Ladras de Dentaduras Alheias

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GPT

Esta história não é sobre bits e bytes. Comemorando o fim do verão, vem aqui uma proeza, verídica - como sempre - ocorrida com duas colegas nossas nas praias do Paraná nesta temporada. Com vocês, um drama real em 3 atos.

1º ATO: VENDO O MAR PELA PRIMEIRA VEZ

Essas duas colegas nossas resolveram alugar uma casa em conjunto. Como iam levar filhos, cachorro, marido e essa tralha e tal, convidaram uma assistente. Como não podemos identificá-la com o nome real, vamos chamá-la Maria. Pois a Maria, pessoa já de meia idade, nunca tinha visto o mar, e mais do que rápido, concordou.

No primeiro dia, vai todo o mundo à praia (a Maria junto). Chegam à beira-mar, e ela abre um sorriso de orelha a orelha - Então é isso que é o danado do mar? Que trem grande... - e sai em desabalada carreira mar adentro. Este estava meio bravo e lá no quebra-mar, foi um tal de Maria pra cá, Maria pra lá, e ela se divertindo a mil.

Num dado momento, vem a Maria saindo d'água com um sorriso diferente, e com uma mão tampando a boca.

- O que foi Maria?

- Zubiu a zendadurah.

- O que???

- ZUBIU A ZENDADURAH! (sumiu a dentadura!)

Pois não é que a marinheira de primeira viagem, arrebatada com aquele mundo d'água, e se divertindo como criança, esqueceu de fechar a boca quando veio a onda? Não deu outra: Tchau, tchau, dentadura.

Consternação geral, - Vamos procurar? Mas de que jeito?

Que azar, a Maria teve que voltar a Curitiba para providenciar a 2ª via da prótese dentária.

2º ATO: LADRAS DE DENTADURA

No dia seguinte, a Maria já em Curitiba, nossas duas celeparianas resolvem dar um passeio na praia. Logo adiante, um grupinho comenta e ri, olhando um objeto largado no meio da areia. Uma das duas olha, olha de novo, e... "a própria". A dentadura da Maria dando a maior sopa. Finda a etapa do reconhecimento veio a pior parte: como catar a dita-cuja sem que ninguém percebesse?

- Eu tenho vergonha.

- E eu também.

- Mas não podemos deixar a perereca da Maria aí na areia...

Pensa daqui, pensa de lá, e não é à-toa que as duas são celeparianas, têm a imaginação e a presença de espírito para se safar das piores coisas... surge a solução.

- Não tem um gajo se afogando lá adiante??? Comenta uma em voz alta. Foi um tal de "onde?", "tem certeza?", é sim, ' tou vendo lá adiante, e quando todos se distraíram procurando o afogado inexistente, uma das duas se abaixou, passou a mão na dentadura, guardou-a embaixo da blusa, e... saíram as duas em desabalada carreira, na direção de casa. Lá chegando, correram ligar para a Maria dando-lhe a boa nova.

3º ATO: MOMENTO SUBLIME

Avisada, a Maria ficou toda contente. Não ia precisar gastar seu rico dinheirinho, e podia voltar de imediato para a praia, que ela gostou tanto.

Já meio comovida com este verdadeiro drama humano, vão as duas famílias buscar a Maria na rodoviária. Chega o ônibus da Graciosa e desce a Maria, contente e feliz, embora de sorriso amarrado e fechado.

É formada uma comitiva, a Maria na frente e todo mundo atrás, na direção da sala da casa, onde no meio da mesa, estava sobre um guardanapo de papel... a própria dentadura recuperada das ondas.

Tudo pronto para um clímax festivo, vem a decepção:

- Mas essa não é a minha... diz a Maria num muxoxo, e agora já sim quase desesperada.

Pois não é que as nossas duas colegas "roubaram" uma dentadura alheia? Vai ver

que ela estava meio apertada e o dono resolveu dar um descanso, tirou a dentadura deixando-a na praia, e quando voltou... tinham passado a mão na perereca.

Que feio!!!

BB31

Sapóleo, sabão, esponja e disquete

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GPT

Nosso protagonista é um dos melhores analistas desta empresa, e hoje é personagem de uma história em que ele literalmente "pisou no tomate". Naturalmente, não podemos contar o nome do santo, e o objetivo aqui não é tripudiar sobre as infelicidades de nossos colegas, mas apenas mostrar que todo jacaré tem seu dia de lagartixa.

Um belo dia, na semana passada, ele precisou um disquete. Foi até o armário e apanhou o primeiro que viu. Já estava indo seco para gravar um arquivo importante nele, quando lembrou que o disco não estava formatado, e assim, antes de qualquer coisa, correu para formatá-lo.

Máquina e disquete a postos, chama ele o programa FORMAT, com todos os parâmetros certinhos, barra-e, barra-u, barra-s e outras mumunhas mais. O programa é carregado, o drive geme como sempre e imediatamente vem a mensagem: MÍDIA INVÁLIDA PARA GRAVAÇÃO, TENDE OUTRO DISCO.

Mas que diabo... Logo de manhã, tomar esporro do computador não é grande negócio. Que remédio, senão procurar e consertar o furo. Primeira suspeita, é a máquina que tem os cabeçotes desalinhados, afinal o disco é novo, acabou de sair da caixa.

Máquina número 2, o mesmo disco, carga, gemidos, e... MÍDIA INVÁLIDA... Logo, a conclusão é que não é a máquina.

Volta à máquina número 1, e para confirmar a suspeita, pega-se um disco velho, daqueles já meio sebotados e dá-lhe FORMAT. Funciona 100

Pausa para um café, e esperar para ver se muda o humor da máquina, e nova tentativa. De novo MÍDIA INVÁLIDA...

Droga!... Maldita indústria nacional que fabrica disquetes informatáveis. Onde está a qualidade? Cadê os padrões de conformidade com o primeiro mundo? (Nota deste escriba: o disco em questão era importado.)

Já xingando em altos brados, tanto a indústria nacional (que não tinha culpa nenhuma no cartório), quanto a máquina (que só podia ser acusada, no máximo de falta de humor) quanto o disquete, esse sim, um incompetente, e já próximo de perder a pouca paciência que ainda lhe restava, nosso colega viu de relance uma etiqueta diferente no disco. Cuidadosamente e em silêncio, para ninguém perceber (nessa altura o andar inteiro já sabia que havia uma batalha em andamento, e por enquanto o placar era de 10 a zero para o disquete; faziam-se até apostas no cafézinho, todos seguiam o drama com interesse) leu a etiqueta e lá estava escrito: CLEANING DISK. USE WHEN YOUR DRIVE PRESENT ERRORS.

BB32

Essa Informática Maravilhosa e Seus Nomes Absurdos

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GPT

Hoje, fugindo à regra, vai o caso com todos os nomes dos bois. Aconteceu há pouco tempo e mostra as confusões que acontecem com estes nomes esdrúxulos que a informática inventa.

- O Armando ligou e perguntou se você conhece um tubo de páscoa com umas coisas dentro.

Dito assim à queima-roupa, enquanto ainda descarregava a bagagem do carro, recém chegado de Florianópolis, tal recado definitivamente não foi facilmente deglutido.

A minha assistente doméstica, certamente vendo no meu rosto algo como "toca a internar logo, essa endoidou de vez", apressou-se a me garantir que o recado era esse mesmo, que ela tinha confirmado duas vezes, mas que nem ela tinha entendido, era bom eu falar logo com o Armando.

Diante do fato de que a referida assistente goza de boa saúde mental, e sempre deu os recados direitinho, e considerando que ela confirmou duas vezes, minha desconfiança sobre o estado dos miolos se deslocou em direção aos do Armando.

Liguei para o antigo número dele. Atende o Osni.

- Osni, o Armando está aí?

- Não. Posso ajudar?

- Sabe o que é o tal do tubo de páscoa que ele quer?

Pausa breve. Certamente agora é o Osni que desconfia do estado dos meus neurônios. Passada a pausa, estoura uma gargalhada.

- O que foi que você perguntou? Exige uma confirmação antes de emitir qualquer resposta.

- Nada, deixa prá lá. Depois falo com ele. Obrigado.

Corto logo a conversa, que afinal quem está fazendo o papel de doido sou eu. Ligo para o novo número do Armando. Atende o Bara. O Armando não está. Repito a pergunta, e de novo vem, a pausa, a gargalhada e de novo a pergunta.

- Como é que é mesmo?

- Não é nada, não.

Ligo para a secretária. "O Armando está?" "Está numa reunião, é importante? Claro que é. Já tem um monte de gente querendo saber o que é o tal tubo de páscoa, e principalmente o que são as coisas dentro dele.

Vem o Armando.

- O que foi que você pediu para mim? Explicações, justificativas, e tudo clarificou, acabamos os dois rindo juntos. De fato fora um mal entendido.

O que foi que ele queria?

Explicações sobre um TURBO PASCAL COM OBJETOS, podia ser a versão 4.5 ou 5.0 as duas serviam.

BB33

Galantaria Galopante

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Nossa história, hoje, se refere aos azares do galanteio.

O protagonista é um velho amigo e colega. Como já se pode perceber é uma história antiga e, portanto, pode ser contada. Aliás, este mesmo protagonista é hoje um senhor sério e respeitável, casado e pai de família, embora na época fosse um jovem recém contratado.

Pois o caso começou quando, num belo e calorento dia, ele saiu de casa e se dirigiu à CELEPAR. Veio de moto, todo produzido, de calça branca e camisa florida, pronto para o primeiro dia de aula. Sua tarefa neste e nos próximos 5 dias era dar um curso. Ele seria o instrutor.

No caminho, na frente do Palácio Iguaçu, andando devagar e curtindo o lindo dia e a aragem no rosto, nosso colega viu aquilo que antigamente se chamava "uma cocadinha"(Como será o nome disso hoje?).

O caso é que era um mulherão não no tamanho, mas na quantidade de atributos (todos positivos, é bom que se diga).

De cima da moto, nosso colega mandou vários beijinhos, e só não mandou mais, por medo de se estrebuchar do alto da viatura, o que seria um vexame e tanto, nestas circunstâncias, pois não.

O objeto de tanta atenção fez-se de difícil, não deu bola e seguiu seu caminho como se nada tivesse ocorrendo (mas acompanhando tudo com o rabo do olho).

Passado o episódio, nosso amigo chegou, estacionou a moto, entrou na CELEPAR, foi para sua sala, apanhou as transparências do curso, tomou um café e se dirigiu para o local do curso.

Lá entrando, havia um mulherão sentado na primeira cadeira da primeira fila. Quem era ela? Você merece um doce se adivinhou: a própria.

BB34

A Primeira Noite do Operador

Autor: Pedro Luiz Kantek G. Navarro

Toda profissão parece submeter seus iniciantes a um rito de passagem. O médico cirurgião precisa abrir seu primeiro paciente; o advogado, defender sua primeira causa; o analista, desenvolver seu primeiro sistema.

Já para o operador de computador, a barreira é a primeira madrugada cuidando "da máquina". É pela primeira vez que ele, sozinho, é responsável por um computador de muitos milhares de dólares, e o que é mais importante, por sistemas que manuseiam informações vitais. Qualquer descuido, deslize, e lá se vão dados, arquivos, programas, rotinas etc.

Sabendo disso, há muitos anos, quando a operação batch era muito mais importante do que é hoje e tudo caía nas costas do operador responsável, a CELEPAR preparava um esquema especial para esta primeira noite.

O esquema envolvia um grupo de profissionais experientes que ajudava e dava apoio nesta primeira madrugada. Só que - junte um grupo de celeparianos, ... logo vai aparecer quem? Ora, no mínimo um gozador.

Pois no causo que ora se conta, preparava-se o primeiro turno da madrugada de um colega recém contratado - ótima pessoa - mas muito apavorado. O tal do comitê, esmerou-se por preparar uma madrugada inesquecível - sob todos os aspectos. Tudo começava com uma sutil diminuição da luz na sala, escurecendo cantos, num jogo de luz e sombras. Daí os colegas foram se espalhando, dando a impressão casual (mas como numa coreografia ensaiada) de que nossa vítima ia ficando sozinha (claro, todo mundo foi se escondendo pelos cantos). A música ambiente deixou de ser música anódina usual e passou a uma enervante trilha de suspense.

Daí a console (que naquele tempo era de papel, não havia vídeos) começou a matraquear.

Nossa vítima não sabia, mas era um programa especialmente escrito para, simulando o computador, enganar o operador. (A propósito, o nome do programa era trouxa).

O operador preparou-se para responder ao computador (?) direitinho, como ele havia aprendido no curso.

As mensagens em inglês, igualzinhas às do manual, se sucediam, e o operador, respondendo uma a uma foi se entusiasmando sem sequer imaginar que podia ser uma brincadeira.

Até que no meio do diálogo, no meio da madrugada, no meio do lusco-fusco, e no meio da solidão, diz a máquina patética: "O PROGRAMA KYZX0000 entrou em LOOP", mais alguns segundos "OS CIRCUITOS ESTÃO SE AQUECENDO" instantes de suspense, "EMERGÊNCIA: A MÁQUINA VAI EXPLODIR" e em seguida... "CORRA"...

Não precisou mandar duas vezes.

O resultado?

Pela ordem: parar de rir, desligar a máquina, religar as luzes, e ... ir buscar nosso colega lá no estacionamento

BB36

Como levar 2 carros para casa?

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro GPT

Vamos considerar nossa coluna FLAGRANTES desta edição de aniversário como um teste de inteligência e criatividade. Suponha, leitor, que você tem 2 carros, um branco e um vermelho, estacionados na sua empresa e precisa levá-los para casa, a alguns quilômetros de distância. Certamente existem diversas abordagens para o problema.

Você poderia, por exemplo, levar o primeiro carro, chegar em casa, tomar um táxi, voltar à empresa e levar o segundo carro.

Ou poderia pedir ajuda a um colega, que levaria o segundo carro até sua casa, e daí você o traria de volta até a empresa.

Ou poderia pedir emprestado um reboque, conectá-lo ao primeiro carro carregar o segundo carro em cima do reboque e levar os dois para casa.

Ou poderia passar uma corda ligando os 2 carros, e ir dirigindo o primeiro (com bastante cuidado) até chegar em casa, desfazendo a ligação lá.

Ou poderia arrumar um cegonheiro, carregar os 2 carros sobre ele, e ir dirigindo o cegonheiro.

Agora, antes de continuar a leitura, pense por 10 segundos se você consegue imaginar uma outra possibilidade não descrita anteriormente.

Pois ela existe, aconteceu de verdade aqui na CELEPAR numa história famosa (até as pedras do muro conhecem-na), e mostra como nossos analistas são criativos e têm lances de genialidade.

Nosso personagem não queria gastar com o táxi, queria chegar com os 2 carros ao mesmo tempo, não queria incomodar colegas, nem tinha cordas, reboques ou cegonheiros. O que fez ele?

Simple: pegou o carro branco e dirigindo, levou-o a 3 quarteirões da CELEPAR. Estacionou, e voltou a pé até a empresa. Pegou o carro vermelho e levou-o dirigindo, a 6 quarteirões, ultrapassando o branco estacionado. Voltou os 3 quarteirões, pegou o carro branco e avançou mais 6 quarteirões, passando pelo vermelho. Voltou a pé, e... assim chegou em casa quase simultaneamente com os 2 carros. É uma boa solução, o leitor não acha?

O único problema, é que, nessa história, nosso personagem passou na frente da casa de um colega (trabalhavam juntos) que estava sentado na varanda da sua casa tomando uma cervejinha. Ao passar pela primeira vez, num carro branco, o motorista saudou o colega e eles se cumprimentaram, pois não tinham se visto nesse dia. No retomo a pé, o motorista pedestre, já preparando uma pet, tomou um atalho e não passou por ali. Alguns minutos depois, o bebedor de cerveja levou um susto - quase engasgou - , quando aparece a mesma figura, dirigindo agora um carro vermelho e cumprimenta-o de novo efusivamente, como se já não se tivessem visto ainda. Nosso colega cervejeiro ficou meio ressabiado, prestou os cumprimentos, por via das dúvidas largou a cerveja - "Não achei que tinha tomado tantas assim- e correu para dentro de casa, antes de ver o colega passar num carro azul, preto, amarelo - aí já seria caso de internação alcoólica

BB37

... e não vá perder a chave do ROSCOE...

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GPT

Mais uma do tempo do rascunho da Bíblia. Há muitos e muitos anos a CELEPAR adquiriu a sua linha de terminais 3270. Hoje eles podem ser (e são) desdenhados. Até chamados de terminais burros. Pode haver jeito mais ofensivo de se referir a alguma coisa ligada à informática?

Mas em 76/77, eles eram a última maravilha tecnológica. Afinal, iam substituir as perfuradoras de cartões 029, o barulho, o peso, os picotes, as aranhas, a poeira e sujeira, e tudo mais que aquelas montanhas de cartões acumulavam. O impacto da chegada dos terminais foi muito, mas muito maior do que a entrada dos micros neste final dos anos 80.

Pois voltando à nossa história, para usar o moderníssimo hardware, a CELEPAR comprou um software chamado ROSCOE. Não sei se ainda hoje é usado, afinal os mainframes estão meio fora de moda, mas na época também era o must em matéria de programas produto.

Com ele vieram conceitos como privacidade das bibliotecas, sigilo de acesso, controle (logging) de entradas e saídas, e assim por diante, coisas desconhecidas e até meio misteriosas. Elas vieram substituir o ambiente onde, só para vocês terem idéia, a Rose (uma magnífica perfuradora - o antigo nome para digitadora - onde andaré a Rose?), de tanto perfurar programas COBOL já conhecia enciclopedicamente a sintaxe da linguagem e não tinha nenhuma vergonha em consertar comandos errados que os programadores inadvertidamente escreviam. Era conhecida como "Rose, a pré-compiladora!".

Pois voltando de novo à nossa história, tão logo o ROSCOE foi instalado, todos foram avisados pelo suporte, (sempre eles, o suporte!) em um tom formal, respeitoso e até meio gongórico que deveriam arrumar uma chave de acesso. Foi um tal de um olhar para o outro se perguntando "que raio de chave é essa?" mas nem pensar em dar a torcer o braço para aqueles metidos a besta do suporte, perguntando do que se tratava a tal da chave.

Aí, o mais corajoso foi lá pedir a dita cuja. As figuras que trabalhavam no suporte, vendo que o ilustre freguês não sabia o que era a tal da chave, em vez de cadastrar a pessoa e a sua senha (o que é de fato a tal da chave), resolveram aprontar uma.

Os terminais 3270 tinham uma chave (chave comum, de metal, dessas que a gente usa no chaveiro para abrir a porta de casa), que no caso da CELEPAR não iria servir para nada, já que a segurança de acesso ao prédio sempre foi feita na portaria. Pois o analista de suporte entregou essa chave de metal para o corajoso (hoje diríamos "boi de piranha!") que tinha ido lá, com a recomendação de que tivesse cuidado com a chave, se a perdesse, precisariam pedir outra para os Estados Unidos. Daí o suporte todo foi atrás do pioneiro, que voltou para o "pool" de programação onde trabalhávamos, mais de 25 programadores, todo contente e feliz mostrando a chave de ROSCOE que ele acabava de receber. Festa, gozação e algum tempo depois a vítima foi avisada do logro. Sua resposta, esquentado que era, foi atirar a tal da chave nas fuças do metido a engraçadinho do suporte. Pois a chave era pesada e acabou raspando o cidadão alvo e pingando uma ou duas gotinhas de sangue.

Na história da humanidade, deve ter sido até hoje o único caso de alguém que se feriu com uma chave de ROSCOE.

BB39

Quem sabe ele toma tento?

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Como nossos leitores sabem, no mês passado, tivemos uma mudança de diretoria. Agradecemos aos diretores que saem pelo excelente trabalho desenvolvido, e fazemos votos de bom trabalho e sucesso aos diretores que entram. Agradecemos aos que saem, também, pelo estoque de histórias - todas verdadeiras - que passam a poder ser contadas neste espaço. Afinal, ex-diretores e suas desventuras sempre foram ótima matéria-prima como vítimas para estes flagrantes. Brincadeiras à parte, o Bate Byte sente-se obrigado a registrar e agradecer o apoio e entusiasmo com que o Paulo Roberto de Mello Miranda, o Nelson, o Carlos e o Anísio generosamente sempre nos brindaram.

Mas, vamos ao trabalho. Nosso "causo" se deu há muitos anos, quando o DIDES (Divisão de Treinamento e Desenvolvimento de Pessoal) contratou uma nova psicóloga. Moça formosa, simpática e inteligente, tinha só uma pequena deficiência ao ser contratada. Jamais havia visto um computador na vida, sequer tinha idéia de sua aparência ou funcionalidade. Só que ela não era louca de confessar isto, logo numa empresa de informática.

Vai daí que entrando na CELEPAR ela se preparou para O ENCONTRO. O dia e a hora em que ela ia ser posta frente a frente com A MÁQUINA. A Jane, sua chefe, pediu que ela desse entrada em algumas fichas de candidatos a emprego num sisteminha bem simples e num microcomputador velhíssimo (256Kb de memória e 2 drives -só para vocês terem idéia) que estava meio encostado lá na DIDES. Só que nossa personagem não sabia nada disso. Para ela, era O COMPUTADOR. Na sua confusão, ela achou que aquela era toda a capacidade computacional da empresa. Isso explica a reverência, o cuidado e a delicadeza com que ela começou a digitação.

Tudo ocorreria às mil maravilhas se não aparecesse, lá pelas tantas, a infalível mensagem "FATAL ERROR - NO DISK SPACE". Sem saber nada de informática, com seu inglês subitamente esquecido pelo terror, congelada de pânico, achando que havia posto fora do ar todo o sistema de informações do Estado do Paraná, nossa personagem, literalmente, entrou em parafuso.

Pense comigo, leitor. Devem haver umas 10 coisas que ela podia ter feito (chorar, gritar, pedir socorro, sair correndo, jogar o micro no chão, tirar o fio da tomada, pedir demissão, botar um bigode postiço e sair falando em francês ...), mas, aposto que você não vai acertar o que de fato ela fez: recuperada a calma e o sangue frio, ela cobriu o micro com a capa de tecido - para que ninguém percebesse o ocorrido - e passou a vigiar a máquina de perto. De 5 em 5 minutos, ela levantava a pontinha da capa para ver se o computador já havia resolvido o problema. As horas foram passando, o terror aumentando, e nada (laqueia máquina imbecil e incompetente fazer algo).

O "causo" só se resolveu - com muitas gargalhadas - quando um colega, vendo aquele ritual meio estranho (levantar a saia de um micro, trocar umas palavras com ele e sair resmungando grunhidos ininteligíveis, diversas vezes por hora) foi lá ver o que ocorria e oferecer ajuda.

BB40

Que baita eletrificação

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GPT

Não só ex-diretores dão ótimo material de trabalho. Também ex-gerentes. Então, juntando os dois, aqui vai nossa história (verídica como sempre) desse mês, ocorrida no ano passado.

Reunião da ABEP. Local: belíssima capital nordestina. A nata da informática pública estadual reunida em peso. Intervalo do café. Criam-se as rodinhas, na qual se fala de tudo. Na verdade, esse é o grande motivo dessas reuniões: a criação e a renovação de contatos entre todas as co-irmãs. Troca de experiências, ... como foi que vocês resolveram?... e assim por diante. Fim do intervalo do café, e todos se dirigem ao salão. Este é pequeno e tem muita gente: cumpre não se atrasar para pegar um bom lugar.

Só que uma das rodinhas tratava assunto interessante e difícil de cortar pela metade. Quando o mesmo pôde ser interrompido, todos debandaram ao salão, onde a próxima palestra já havia começado. Esse, não muito grande, estava quase cheio. O palestrante falava não muito alto e, em resumo: o silêncio chegava a incomodar. Nosso personagem queria entrar, mas não queria interromper. O salão cheio não ajudava. Percorreu visualmente as cadeiras e voilá, havia uma poltrona vazia, por sorte ao lado de uma colega aqui da Celepar, companhia agradável, ótimo lugar. Só tinha um pequeno problema: estava ao lado de uma improvisada, amadorística e tosca instalação elétrica: fios, extensões, tomadas, tudo meio misturado numa promiscuidade levemente assustadora.

Se só há um lugar, que seja esse - já ensinava Sherlock Holmes - e lá se foi nosso personagem. Com cerca de 1,90m era difícil passar despercebido, ainda mais que o piso era daqueles que fazia toc toc a cada passo. Paciência, passos leves e ar de que não tenho nada com isso.

O palestrante percebeu a interrupção lançou um olhar congelante e seguiu falando, torcendo para não ser mais desviado de sua atenção. Nosso colega andando devagar (lembrem-se do toc toc), e movendo-se calmamente (1,90m de altura) chegou até o lugar. Dá licença, desculpe, dá licença... quando ele ia sentar na poltrona, deu azar e pisou num fio desencapado.

Adivinhe leitor, o que aconteceu: uma explosão, tão maior quanto mais pesado era o silêncio anterior. Um clarão, e fumaça, muita fumaça; ninguém sabia que nosso colega tinha tanta agilidade, tamanho foi o pulo. Já seria tragédia demais a palestra interrompida, risos nem tão abafados assim já prontos para espoucar, cenhos franzidos já seria demais, mas ainda não foi o bastante: terminou o 'caso' um grito da nossa colega. Mas não foi um gritinho qualquer, foi um AIIIIII, pra ninguém botar defeito. Nessa hora, os risos ainda meio abafados, estouraram de vez. Pra encerrar, levou uns bons 10 minutos até o palestrante poder voltar a falar. Até ele, com sua sisudez, acabou soltando uma leve gargalhada.

BB43

Crônica de um celepariano em NY

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GPT

Este mês, como parte do meu doutorado, fui fazer um curso de inglês no exterior. Como eu já conseguia ler os manuais da Microsoft, fui botando banca, achando que era só dar uma lustrada no meu idioma, de Shakespeare. Era a primeira vez que saía do País, e o destino não poderia ser melhor: NY, a capital do mundo. Na chegada a primeira decepção: parecia que eu falava paquistanês e os nativos falavam javanês. Em resumo, eu não consegui entender patavina, e eles nem isso. Recebida a primeira lição de humildade, chegou o momento de encarar 6 horas de aula/dia, dadas, obviamente, em inglês.

Fui achando que ia encontrar terminais Internet em cada esquina da cidade. Segunda decepção: lá (fora do ambiente universitário) ninguém conhece a Internet. Ou seja, lá como cá. Todo mundo fala e quer saber o que é, mas usar que é bom, necas de pitibiribas. Restou-me o recurso ao velho (mas confiável) correio tradicional. Para não mentir, na Biblioteca Pública de NY (um dos prédios mais maravilhosos da cidade - talvez, o mais), tinha 2 terminais Internet, instalados há 15 dias, em regime experimental, e do qual os bibliotecários tinham o maior ciúme. Os americanos, coitados, quase não conseguiam chegar perto. O que dizer de um estrangeiro. Mas, sempre dá-se um jeito. Quando chegou a minha vez, só estava disponível o serviço WWW, que de nada me adiantava para receber e mandar mensagens para os amigos aqui do Patropi. Quando perguntei sobre o e-mail (nessa altura o meu inglês já dava para ser entendido - acho), foi como se eu tivesse perguntado qual a capital de Burkina Faso. No fim, desisti... deixa prá lá.

Fazer um curso desses, é uma experiência de vida enriquecedora e divertida, principalmente com os encontros e desencontros que as culturas e os idiomas produzem. Por exemplo, lá pelas tantas, sentindo que a comida americana começava a fazer efeito sobre a largura da minha cintura, resolvi perguntar para o professor "Where can I weight me, after classes ?"(onde eu posso me pesar depois da aula ?). O professor entendeu "wait"(esperar) em vez de "weight"(pesar), e pela cara dele deu pra ver que ele achou que eu estava perguntando, aonde eu podia esperar ele, depois da aula... Sabe-se lá o que o pobre homem entendeu.

Todas as pessoas com quem falava, perguntavam de onde eu era, e eu dizia: Curitiba, Brazil. Quanto ao Brasil, todos falavam em Ayrton Senna (os japoneses e italianos, principalmente) e em caipirinha de caxaxa (é assim que eles falam cachaça). Me deu uma baita raiva de saber que nossa bela cidade era tão desconhecida. Fui na Biblioteca da cidade e pesquisei no computador sobre Curitiba, e surgiram inúmeros artigos de jornais novaiorquinos, todos elogiando a cidade e sua administração. Isso tudo ocorreu lá na época da experiência com o ligeirinho em NY[1]. Mas quanto aos alunos, ninguém sabia mesmo.

Aí eu mandei uma carta urgente para a Elaine (nossa diligente auxiliar na GPT) pedindo para ela me remeter algum material em inglês sobre nossa cidade. E esqueci do caso.

Uma semana e meia depois, ocorreu a maior das coincidências. O professor estava ensinando à construir frases comparando coisas e ele mandou todos os alunos irem no quadro escrever uma frase comparando o metrô de suas cidades com o metrô de NY. E agora?, pensei eu. Ainda mais que a maioria dos alunos, ia lá na frente e se derramava em elogios ao metrô novaiorquino (que por sinal é bem velho, mas funciona direitinho). Não tive dúvida: fui lá na frente e escrevi 'The transportation system of Curitiba is more rational than NY' Tá certo que foi um pouco de patriotada, mas vá lá. Fora do nosso País, somos todos embaixadores. O professor me olhou como se eu tivesse escrito uma blasfêmia. Mas por educação, nada disse. Nessa hora (vejam a coincidência), o diretor do curso entrou na sala para dar uns avisos, e de passagem me disse: "Pedro, you have a package from your country in our office". Eu pensei, "bendita Elaine"(e soube depois que um monte de gente tinha colaborado obrigado a todos). Pedi licença e fui buscar o pacote. Estavam lá 1,280 Kg de material promocional da melhor qualidade sobre Curitiba. Voltei, triunfante, e preguei na parede da sala um poster enorme que descreve o sistema de transporte coletivo de Curitiba. Chamei o professor lá e expliquei pra ele porque havia escrito aquilo. Ele não entendeu o que eram aqueles tubos e eu expliquei que era um mini-metrô, que a gente pagava o bilhete no tubo e o embarque era super rápido. Funciona como um metrô e a 1/20 do custo do dito cujo. No fim o professor deu a mão à palmatória.

Num fim de semana, chegou a hora do passeio. Uma ida a Washington, cidade belíssima (Lembra um pouco Brasília, só que mais rica, é claro). O certo é fazer a viagem em 2 dias, e pernoitar lá, mas o hotel mais barato custava 100 dólares, e como 100 dólares não dão em árvores (nem lá), resolvi ir e voltar no mesmo dia. Que odisséia! Na chegada, arrumei um mapinha do centro, e como estava completamente desorientado, chamei um guarda e perguntei "Please, sir. Where is the north?"O gajo, fez cara de quem não tinha entendido a pergunta, mas ele tinha entendido sim. O que ele não sabia era onde era o norte. Repeti a pergunta, e aí, não teve jeito, ele foi obrigado a pensar (bastante) e dizer "lá"apontando com o

dedo. Virei o norte do mapa na mesma direção e saí caminhando. Andei perdido por mais de uma hora. O danado do guarda era ignorante em geografia. Ele tinha me apontado o sul!

Primeira parada, Biblioteca do Congresso. Eles têm um acervo de simplesmente 30.000.000 de livros. Só que não queriam deixar entrar na sala de pesquisa computadorizada do acervo. Tive que afirmar peremptoriamente que eu era um "foreign rescarcher"(pesquisador estrangeiro). Quanto ao fato de eu ser pesquisador, não tenho certeza se eles acreditaram, mas quanto ao fato de eu ser estrangeiro, nenhuma dúvida.

Depois, capitólio, obelisco, memorial a Lincoln, cemitério de Arlington (mais de 100.000 mortos em defesa da pátria, e cá prá nós, de maneira bem estúpida, em guerras, como são estúpidas todas as guerras). Mais que um cemitério, o lugar é uma lição de bravura, heroísmo e de como o bicho homem é um completo idiota em certos momentos. Os túmulos mais visitados eram o de JFK e o da professorinha de jardim de infância que explodiu junto com a Challenger. Me perdoem a falta de respeito, mas só me ocorreu pensar "o que essa mulher estava fazendo dentro de um foguete em vez de estar dentro de uma sala de aula?"

Já no fim da tarde, visitei o memorial aos mortos do Vietnã. 55.000 nomes de americanos que morreram lá. A cena que mais me impressionou, foi a de uma menininha (devia ter uns 9, 10 anos), com uma folha de papel e um giz de cera tirando um decalque do nome de uma pessoa (tio?, primo?, irmão? - sabe-se lá).

Bom, já eram 6 horas da tarde, e me dei conta que a última coisa que havia comido era uma diet coke a bordo do trem. Desesperado, procurei um lugar de comer, e olhando para a esquerda, achei a salvação: uma barraquinha de cachorro quente. Corri lá, e pedi um refrigerante e um cachorro quente (já pensando no segundo cachorro). Enquanto a senhora me servia a bebida, ela estava almoçando arroz (de um prato imundo) e conversando com sua colega de trabalho. Pois a desgraça foi que, a cada sílaba que a mulher soltava, saíam da sua boca uns 4 ou 5 grãos de arroz, que iam cair direto sobre os pães e as vinas. Posso ser esfomeado, mas louco não sou.

A sede conseguiu ser acalmada, mas a fome teve que esperar mais um pouco.

Nessa hora desabou o maior temporal (como se diz lá, "was raining cats and dogs"). Como não havia levado muda de roupa, tratei de me abrigar, que me faltava encarar uma viagem de 4 horas de trem de volta ao lar. Corre, pula, se protege, e finalmente cheguei à estação de trem, e a primeira coisa que vejo foi uma imensa lanchonete. Ah-ah!, pensei, vou me refestelar. Pedi tudo o que tinha direito, e para beber uma dose média de refrigerante (o refrigerante pequeno deles, é do tamanho do nosso grande). O médio, é maior, parece quase um balde. Não quero nem pensar como é o "the biggest"que estava anunciado. Deve ser uma banheira cheia de líquido. Tudo colocado na bandeja, procurei uma mesa, me sentei confortavelmente e simplesmente derramei toda a coca-cola sobre mim. Do sovaco ao tornozelo, fiquei empapado. Não sei o que houve. Num momento a coca estava todinha lá, quietinha no copo, e no momento seguinte estava toda grudada em mim, e pelo lado de fora. Mas quem viaja, tem que se sujeitar a essas coisas. Arrumei uma camiseta por ali, e quanto à calça, o negócio foi vestir a máscara "quem foi que botou essa coca em mim?". A maior vergonha foi voltar à fila da lanchonete pra comprar outra. Ainda bem que ninguém me perguntou: "Se você queria mesmo tanto a coca, porque derrarnou ela toda?"Não ia ter o que responder. Ainda bem que ninguém perguntou. A viagem terminou bem.

Já no fim do curso, bateu a saudade, da família, do Brasil, de Curitiba, da Celepar, dos amigos, e por incrível que pareça, do café da Celepar. Os americanos não bebem café, bebem chafé.

Tinha comprado um monte de livros (mais de 20Kg) e estava indo ao correio despachar (há uma tarifa bem baratinha para livros), quando um colega brasileiro me alertou que demorava muito. No ano passado ele tinha remetido alguns, e depois de 6 meses de demora ele escreveu para o correio, mais ou menos nos seguintes termos: "Em 1500, a carta de Pero Vaz de Caminha levou 90 dias para chegar da América até a Europa. Era de se esperar que depois de 4 séculos, a coisa andasse mais ligeiro", Bom, diante dessa história resolvi trazer os livros comigo. O máximo que me aconteceu foi arrebentar a alça da mala diante de tanto peso.

Para liquidar a crônica, fica o convite aos colegas e amigos. Está certo que o curso é meio caro, mas quantas coisas caras a gente compra na vida? Posso afiançar a todos que a experiência que eu vivi, não tem preço. Conviver durante 1 mês inteirinho com pessoas de diversos países (na minha turma havia israelenses, italianos, japoneses, coreanos, argentinos, venezuelanos, austríacos, além dos professores americanos) é uma experiência que - quem puder - deve ter. O principal saldo que ficou para mim, é que japoneses e americanos, embora ricos, têm 2 braços, 2 pernas, 1 cabeça e são iguaizinhos à gente.

Não precisamos ter nenhum sentimento de inferioridade ou de inveja. Nosso País, está aí pronto para ser construído. Com nosso trabalho e esforço, logo estaremos próximos deles. Mais do que uma esperança, essa é uma certeza que esta viagem me ajudou a consolidar.

BB45

Crônicas de um celepariano em NY (2. parte)

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GPT

Atendendo a insistentes pedidos (pensando bem, nem foram tão insistentes assim, mas ninguém precisa saber) aqui vai a continuação da crônica da viagem. Para os que perderam a primeira parte é o seguinte: fui fazer um curso de inglês de 1 mês em NY. Viagem incrível, curso ótimo, passeios lindos, pessoal maravilhoso, mas inglês que é bom... O que eu sei, é que chegando em Curitiba, corri me inscrever no InterAmericano para o curso regular. Agora sim é que estou aprendendo para valer. Bem dizem que o primeiro passo do aprendizado verdadeiro é o conhecimento da própria ignorância. Se é assim, o curso de inglês nos EUA foi ótimo.

Mas, vamos aos causos. Um dia, estou (como qualquer pessoa civilizada) em cima da calçada esperando o sinal abrir, e na minha frente, 1 metro dentro da rua, pára uma moça ... bom, dizer que era linda é uma injustiça, só não digo que ela era de parar o trânsito, porque, como se verá daqui a pouco, não foi bem o caso. Mas que a moça era bonita e charmosa, isso era. Bom, voltando à história, a moça parou e abriu o porta níqueis para procurar um token de metro (era na entrada do metrô da rua 66). E o porta níqueis dela - pelo jeito - tinha umas 27 ou 28 coisas além dos tokens. As mulheres são iguais em qualquer lugar do mundo, como se vê. Foi um tal de escarafunchar lá dentro, que a moça se distraiu e o sinal da outra rua abriu (era uma esquina de 6 ruas).

Nisso, vem em nossa direção - melhor dizendo - na direção dela, uma jamanta daquelas imensas, como a gente vê em filmes. A cabine do caminhão era do tamanho de uns 2 ou 3 fuscas. O motorista, não sei se de sacanagem ou porque também estava embevecido pela visão da moça, também não freiou nem buzinou. Quando dei pela coisa, o caminhão estava vindo direto em cima dela. Enquanto isso, ela já tinha tirado a agenda, o batom, a caneta, o alicate de unhas, o lenço, a calculadora, o celular, outra agenda, outro batom, mais umas duas ou três coisas francamente irreconhecíveis, umas tralhas que eu imagino o que eram, mas não é educado comentar e nada do token. E o caminhão chegando. Sem ter o que fazer, só me restou esticar o braço, agarrá-la e dar um puxão nela pra cima da calçada. A mulher veio, meio na base do "catando cavaco", e a seguir me olhou indignada, com seus olhos (verdes) fuzilando de raiva, e já pronta pra levantar pra 6, como diriam os jogadores de truco. Os americanos têm horror a que você encoste neles. Esse festival de beijo pra cá e pra lá que a gente costuma empregar aqui, para eles soa bem estranho. Quase que a coisa começa a engrossar, quando o motorista do caminhão finalmente acordou e meteu o pé no freio. Aquilo guinchou mais que um bando de gatas no cio namorando com gatos sobre os telhados. Foi o que me salvou. Se ela levou um susto com o puxão, susto muito maior viu, quando o caminhão parou a 10cm de onde ela estava. Foi muito divertido ver a mudança no rosto dela. Da raiva, ao susto, à gratidão em menos de meio segundo. Oh, Im sorry, Excuse me, Thank you,... you're welcome.. e assim acabou o causo. Verdadeiro, podem crer.

Noutro dia, fui visitar uma livraria na 5ª avenida. Toda de madeira envernizada, com milhares e milhares de livros. Olhei, senti, cheirei, circulei, peguei nos livros e finalmente me armei de coragem e encostei a barriga no balcão de informações. Can I help you mister?, pergunta a gentil atendente. Yes, you can, respondo eu, e papo vai e vem, até que estava conseguindo me entender com ela. Quando chegou a hora de eu dizer o nome do livro que estava procurando (um nome complicadíssimo, encomenda da minha irmã), eu me enrolei todo e acabei falando errado. Exatamente nesse momento disparou um alarme estridente. Todos os funcionários, inclusive a gentil mocinha se levantaram com cara de susto. Susto levei eu. Será, pensei, que eles têm um detector de erros de ortografia? Será que o que eu falei foi tão errado assim?. Bom, nisso um brutamontes (bota brutamontes nisso) surgiu do nada, e saiu no maior pique por entre pilhas de livros e estantes abarrotadas, com uma agilidade insuspeitada, até a porta da loja. Ufa! que alívio. Não era nada comigo. Na porta, o brutamontes agarrou um cidadão (novaiorquino), engravatado, todo elegante e afetado e começou a sacudir o dito cujo pelo gasganete, instalando-se o maior bate-boca e em inglês. Vendo que ali ia dar espetáculo, relaxei, sentei num banquinho e me instalei para apreciar o circo. O homem insistia que aquilo era um ultraje, que ia chamar o advogado dele, que onde já se viu,... tudo aos berros. E o brutamontes dê-lhe a chacoalhar o cangote. No fim a história se esclareceu, o

brutamontes abriu a pasta do homem e tirou de lá de dentro mais de 10 livros, que a figura engravatada tentava afanar, surrupiar, levar na moleza, ou lá que nome tenha isso. Prá terminar: o brutamontes pegou os livros e, com a única mão livre, deu um safanão no gatuno que o jogou lá longe, no meio da calçada. Eu só pensei, cá com o meu zipper: caso eu compre algo aqui, vou fazer questão de pagar tudo direitinho com recibo e nota fiscal, eu bem?

Daí, minha filha tinha me encomendado um walkman (que no caso dela devia se chamar walkwoman, por que essa discriminação?). Passei por um monte de lojinhas, dessas que o vendedor mais honesto é capaz de vender a mãe por 10 cents e ainda não entregar. Com medo de comprar gato por lebre, acabei indo bater na loja da Sony. Trata-se de uma loja luxuosíssima, na 63 avenida, com produtos de última geração. Só para dar água na boca de quem gosta dessas coisas: uma câmara de vídeo de altíssima resolução menor do que uma carteira de cigarros; uma TV da grossura de um quadro de parede, uma outra TV cuja tela tinha uns 2 m2 de área, e por aí vai. Comprei o walkman, que custava US\$79 (*trsdiasdepois, numalojadaRadioShack, detodaaconfiana, viomesmoaparelhopor49—bemjdziaminhav : todoluxotemseupreo*). Mas enfim, chegou a hora de pagar, e mevejodiantedumfuncionrioindescritivel Peolicenaparasusarogneromasculinoaoodescrev—lo, masessepedidodelicenanecessriocomosever : rostodehomem, cabel

Numa noite, fui conhecer o Carnegie Hall, o templo mundial da música. Apresentava-se a Orquestra Sinfônica da República Tcheca, uma homenagem à terra do meu pai (o nome Kantek vem de lá). junto apresentava-se um coral de 400 vozes de criancinhas, pelo menos era o que me parecia, vistas lá de cima. Eu estava sentado na 5ª (quinta) platéia, o popular galinheiro, que a grana andava cura. As criancinhas tinham vindo de todos os Estados Unidos para a apresentação. Quem me conhece, sabe que aqui, eu sou capaz de ficar 8 horas sentado ao lado de alguém sem trocar mais do que um bom-dia, boa-tarde, té logo, mas lá foi diferente. Lá, I let may self go, como dizem os americanos, ou soltei a franga como dizemos aqui. O caso é que comecei a conversar com minha vizinha de cadeira, uma senhora muito distinta, que tinha vindo do Texas para ver sua netinha se apresentar. Me perguntou de onde eu era, o que eu fazia, eu contei do Brasil, do curso, reclamei que o inglês era muito ruim de aprender, tem muitos verbos irregulares e que era difícil para mim. Meu consolo foi que ela respondeu: it's hard to learn dor the american too. Aí a netinha dela se apresentou e eu não parava de dizer wonderful, beautiful e palmas prá cá e palmas para lá. Aliás, pausa para uma confidência: aqui n Teatro Guairá, quando vem uma orquestra importante eu morro de vergonha quando as epssoas aplaudem nos intervalos dos movimentos das peças sinfônicas. Significa falta de educação, porque distrai os músicos e quebra a magia do espetáculo. Ainda bem que aqui isso só ocorre de vez em quando. Pois em NY, no Carnegie Hall, logo aqui, todos os movimentos foram aplaudidos, apesar do desespero da maestrina e uns quantos schhhh, quiet! stupid! gritados iradamente na platéia. Nunca mais vou ficar com vergonha aqui no Guairá. Fim da confidência. A mulher ficou tão embevecida com meu entusiasmo pela música da netinha dela, que no fim fez questão de me apresentar a dita cuja: me vi diante de uma amercana de uns 16 anos, de 1,80m, roliça, cheia de sardas, quiça jogadora de basquete, provavelmente alimentada todas as manhãs com sucrilhos, bacon e ovos mexidos. Só o que ocorreu dizer: "puxa, como sua netinha canta bem...".

Um domingo, fui ver o Museu de História Natural, que é algo francamente indescritível. A entrada custa 6, *mastemumavisodizendoqueacolaboraavoluntria.Squeoavisotemotamanhodeumselopequenodecorreioeficabemescond* e diante da cara feia da cixa, fiz cara feia também e largei um "I'm a student, and a poor student". ora, ela que fosse pentear macacos. Depois de umas 4 horas de andar prá cá e prá lá, meu inconsciente me deu um cutucão: em algum lugar estava escrito o nome do Brasil, com z e tudo. Era a primeira vez que isso ocorria na viagem, e comecei a procurar onde, estava o nome do nosso País. Viro um corredor e dou de cara com um cartaz enorme escrito "The brazilian keller"(a assassina brasileira). Caramba, pensei eu, assim já é esculhambação demais com o nosso País. Mas fui entrando. Finalmente, o mistério se desfez. Era um mega exposição sobre aranhas e o lugar central era ocupado por uma imensa aranha armaderia, vindo do litoral de São Paulo, que os americanos chama de banana spider. Filas e filas para ver a bicha. Tinha uns americanos e americanas que entrava em histeria, com direito a gritos, ameaças de desmaio e exclamações de horror de medo da pobre coitada. Quando chegou a minha vez... não sei não, não sou especialista em aranhas, mas me pareceu que ela estava com uma baita saudade de Cananéia e São Sebastião.

É isso. Como afirmei lá em cima, é tudo verdade. Quem me conhece, sabe que não invento nem aumetro nenhuma história. espero que tenham gostado de viajar comigo, e até a próxima

BB47

Crônicas de um Celepariano em NY (3ª PARTE)

Autor: Pedro Luiz Kantek G Navarro

As pessoas continuam dizendo que estão acompanhando minhas peripécias em terras estrangeiras. Então enquanto houver leitores, segue a história. Episódios pitorescos é que não faltam.

Hoje vai-se começar pelo embarque. Sabe como é, marinheiro de primeira viagem, não deixei nada ao acaso. Dois meses antes, já tinha o passaporte, o visto, a passagem, os dólares, a matrícula na escola, certidão de vacinação, só faltou mesmo uma recomendação do Papai Noel dizendo que eu era um bom menino.

Tudo visto, olhado, verificado e conferido, três vezes. A única coisa que lamentavelmente deixei de olhar foi a data da passagem. Na minha cabeça, sabe-se porque cargas d'água, eu embarcaria dia 20 de maio, sábado. Só que na passagem estava escrito (há mais de 1 mês), dia 19 de maio, sexta-feira, às 17:00.

Pois chegou a sexta-feira, e eu tranquilamente aqui na CELEPAR, achando que viajaria no dia seguinte. Estava tão tranquilo, que mais para o fim do expediente, dei um pulo na agência da mulher do nosso colega Azevedo, para buscar um guia turístico de Washington. Tudo na maior calma, pois afinal eu só viajaria no dia seguinte.

Cheguei na agência às 16, e notei que todo mundo tava me olhando de um jeito meio esquisito. Claro, a Cristina (mulher do Azevedo) e os funcionários se perguntavam: "o que esse maluco tá fazendo aqui? Devia estar no aeroporto". Mas o caso é que ninguém me dirigiu a pergunta fatal e eu saí tão tranquilo como tinha entrado. A Cristina, já um bocado preocupada, ligou para minha casa, querendo saber se eu já tinha ido para o aeroporto, e a minha secretária doméstica não entendendo nada, disse: "não, ele só vai amanhã".

A Cristina sabia que o avião saía em meia hora e criando coragem me ligou para a CELEPAR. "Você não vai viajar?". E eu, na maior pachorra: "vou, amanhã". "Não é amanhã é hoje, e daqui a 20 minutos..."

Levei um susto e por uns momentos dei adeus a minha viagem tão olhada, verificada e conferida (menos o dia da passagem como se viu). Que sufoco. Foi um tal de ligar para a Escola em NY, para a companhia aérea, pro taxi, para todo mundo.

No fim, tudo se ajeitou, e no sábado fui trocar a minha passagem. A companhia, com todo o direito, queria saber qual o motivo da mudança da data da passagem. A Cristina pensou, pensou e lascou um "motivo de força maior", o qual graças a Deus foi aceito pela transportadora. Fica a lição. Na próxima viagem, vou conferir o passaporte, o visto, a passagem, os dólares, a matrícula na escola, certidão de vacinação e A DATA DA PASSAGEM.

No vôo de Curitiba a São Paulo, embarca junto o baixinho daquela marca de cerveja, rodeado por meia dúzia de mulatas de parar o trânsito. Chega o serviço de bebidas e todo mundo olhando para o baixinho para ver o que ele ia pedir. Não deu outra, ele pediu a tal da cerveja. A comissária sorridente, retrucou com desculpas mas afirmou só ter a outra, a concorrente. O baixinho soltou um grito como se lhe tivessem oferecido cicuta. Fechou a cara e lascou um furioso "então me dê água", sob aplausos da mulatada e apupos do resto do avião. E eu cá comigo "essa viagem promete..."

Algumas horas depois, estamos uns 400 passageiros no saguão de Cumbica. Sai um avião aqui, outro ali, e finalmente ficam 2 aviões apenas, da mesma empresa. O primeiro, no portão 11, ia para Seul, e o segundo era o meu, para NY, no portão 13. Chega a hora do embarque e nada. Passa meia hora e mais nada ainda. Uma hora e duplamente nada. Nisso, o painel sobre o portão 13, que brilhava lindamente "Nova Iorque", se apaga. Idem, idem o painel para Seul. Percebe-se um rumor de mal estar entre a turba. Mais um instante, e o painel 13 se ilumina: Seul. Mas o 11 continua apagado. Agora, surge uma gentil funcionária da empresa e avisa: "o avião que ia para Seul está com um pequeno defeito. ("pequeno, porque não é você que vai viajar nele..."), e o avião que ia para NY agora vai para Seul. Gritos, apupos, vaías, e antes que a turba novaiorquina chegasse perto da moça, ela desapareceu como por encanto. Cria-se o maior tumulto, embarca aqui, desembarca lá, ninguém mais sabe pra onde vai cada um, e só me ocorreu pensar "só falta eu pegar o avião errado e desembarcar em Seul". Tudo esclarecido, começa o embarque no avião que ia para NY e agora vai para a Coréia. Cada passageiro que passava perto de mim, levava um olhar de "ladrão de avião alheio..."

Mais 40 minutos, e vem o aviso: "O avião de NY está pronto. Não valem mais os lugares marcados no balcão"(pois os lugares haviam sido reservados no maldito voo que já tinha saído. Aliás pela demora, nessas alturas do campeonato já devia estar perto do mar da China), e "boa viagem..."

Tinha um casal com 3 filhos pequenos aprontando a maior algazarra. O Pai muito educadamente, já tinha dado uns quantos ralhos nas crianças. Britanicamente, ele mandava elas ficarem quietas. Pois não é que quando o bom homem ouviu que os lugares marcados já não valiam, saiu urrando, pulando, gritando num pique só, atropelando todo mundo, na certa para pegar uma janelinha. Só me ocorreu pensar: "ué, cadê a fleuma britânica?"

Embarcamos, voamos e pela manhã, NY. Desembarco e obviamente caio na fila do 3º mundo. No desembarque, tem a fila dos americanos, que aliás não tem fila, pois é super rápido, a dos cidadãos da Comunidade Européia e Japão (leia-se cidadãos ricos) e o resto. Nesse resto, infelizmente estamos nós, junto com nossos irmãos colombianos, nicaraguenses, paraguaios, zimbawenses, costaverdeanos e por aí vai.

Mais meia hora de fila e chega um momento emocionante: o primeiro pedido de informações em terras estrangeiras. Treino bem a pergunta (quase cheguei a escrever ela em um papel), estufo o peito e largo "Where can I take the downtown bus?". Que alegria, a gentil senhorita me entendeu. O passo seguinte foi ela me responder, e aí a alegria murchou: eu não entendi absolutamente nada do que ela me disse. E foi um belo discurso... era um tal de turn left, turn right, go ahead, upstairs e eu só chacoalhando a cabeça pra cima e pra baixo. Por sorte tinha uns viajantes com cara de quem iam pegar ônibus. Fui atrás. Ainda bem que eles não estavam indo pra algum lugar exótico.

No ponto do ônibus, espera, espera e nada. Nisso surge uma van, caindo aos pedaços - obviamente clandestina - e me oferece transporte. Dentro da van, tinha um som tipo 3 em um completo (com a música na maior altura), um espelho com produtos de toucador, remédios em geral, umas guirlandas penduradas, um imenso ventilador (ligado) e um forro nos assentos feito de retalhos multicoloridos. Lembrava o táxi do filme mulheres à beira de um ataque de nervos. Não sei não, algo na esculhambação da van me deixou mais à vontade. Dêgamos assim, que era um pouco do terceiro mundo me acompanhando no primeiro. "let's go"pensei e fiz a pergunta óbvia "how much?".

O motorista respondeu fiftteeyy, e eu não consegui entender se era fifty (50) ou fifteen (15). E eu, hã?, e ele: fiftteeyy. E eu, hã?, e ele já ríspido: fiftteeyy. Continuei sem entender. "E agora, José?"Peço para ele escrever num papel, ou embarco assim mesmo? Relaxo, meu anjo da guarda vai me ajudar, embarco com a cara e a coragem. Mais meia hora e... Manhattan, cá estamos. Cheguei.

A propósito, eram 15.

BB49

Crônicas de um Celepariano em NY

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

(4ª e última parte)

Já está na hora de encerrar esta série. Para o fim da história ficou a cidade e seus tipos, costumes, pessoas e situações inusitadas.

Por exemplo, tinha um banco bem pertinho da minha residência, que eu usava para trocar cheques de viagem. O banco até que era bem modesto. Os bancos em NY são pequenos, fruto, provavelmente, da inexistência de inflação (o que fez com que nossos bancos no Brasil inchassem desse jeito), e também porque nos EUA, banco é para emprestar e aplicar dinheiro. Só. Não tem esse negócio de pagar luz, água, bingo, e outras coisas que se vêem por aqui. Pois, voltando ao banco, era uma construção feia, atarracada, mal iluminada. Só que, na entrada, um funcionário lhe entregava um papelzinho contendo a hora da entrada na fila. E daí, se o cliente ficar mais de 7 minutos na fila, esse papelzinho é entregue para o caixa e vira um depósito de 5 dólares na sua poupança. Não é uma boa idéia para os nossos bancos?

Tem um porta-aviões, o Intrepid, que está encostado num pier da rua 42. É um museu sobre guerra e sobre máquinas de guerra. Embora não muito adepto do militarismo e do negócio de "matar a custos menores", que é o que move esse esquema, fui lá. Esse navio foi construído em 42, a tempo de participar da batalha do Pacífico na II Grande Guerra. Nele, estão todas as máquinas de voar que já foram construídas. Gostei muito do blackbird um avião ultra secreto do qual só foram construídas 30 unidades.

Deu-me uma tristeza, ao ver que um único avião daqueles poderia manter uma meia dúzia de escolas tipo CEFET por mais de um ano. Mas, enfim, se o mundo é assim, relaxe e aproveite. Foi divertido ver a "computer room" do navio. Ficava num lugar nobre, e o "computer" era uma tralha anti-diluviana. Fui ver o navio justo no "memorial day" que é um feriado nacional americano em que se choram e se lembram os americanos mortos em combate. O clima no navio era de emoção e de patriotismo exacerbado, mas no fundo achei a visita meio deprimente e o navio uma velharia enferrujada com cheiro de mofo. Paciência. Para não dizer que não gostei de nada, só me emocionou uma estátua (vocês já devem ter visto, é famosa) que mostra 5 marines erguendo a bandeira americana em Iwo-Jima, feita a partir de um instantâneo real tirado por um fotógrafo da Associated Press. Só nessa batalha morreram 28.000 americanos e provavelmente o triplo de japoneses. E o mais interessante é que em volta da estátua estava assim de japoneses sorridentes com suas indefectíveis máquinas fotográficas. É, não há dúvida de que o bicho homem é esquisito mesmo.

Uma noite tinha um programa: ir ao Café Wha, que fica no meio de Greenwich Village, o bairro boêmio de NY. Fomos um grupo de colegas do curso. Junto foi uma senhora israelense, emigrada da Rússia, psicóloga escolar, que estava no seu ano sabático (em Israel, e em um monte de países civilizados, a cada 7 anos os professores têm um ano para se dedicar ao estudo e aperfeiçoamento). A mulher era um barato, seu inglês era terrível, só consegui me comunicar através de mímica até o fim do curso, mas demos boas gargalhadas juntos, pois como mais velhos da turma e como professores, tínhamos alguma coisa em comum que não a marca do cigarro. Nossa conversa parecia algo como a velha da praça da alegria. Um dizia uma coisa e o outro entendia outra, e completamente diferente. Como eu sei? Ela tinha uma colega, professora de kindergarten (jardim de infância) que emigrara do Uruguai e falava espanhol muito bem - eis aí nossa linguagem comum, desde que com intérprete. Essa mulher já volta na história.

Pois fomos ao Wha. Primeiro, atravessar o bairro boêmio, já que todos nossos deslocamentos eram em metrô. Aliás, eis aí outro fator comum com os demais estudantes: era todo mundo duro, isto é, sem grana. Passamos em frente ao Stonewall Inn, que é considerado um dos templos gay do planeta. (Foi nele, que numa noite do verão de 1969, após uma batida policial, como tantas outras que já haviam sido feitas, onde os gays apanhavam sem reclamar, o bairro se levantou, devolveu todas as cacetadas policiais, fez barricadas e expulsou a polícia, que ficou quietinha do lado de fora do bairro. É no aniversário desse evento que é comemorado nas principais cidades americanas, o dia da consciência gay). Do outro lado da rua um imenso out-door que achei um barato. Uma propaganda de cigarros mallboro, com o famoso cowboy que ilustra as tais propagandas, só que vestido com uma calça justa cor-de-rosa e um colete espalhafatoso. O homem do mallboro, em Greenwich Village, é gay.

Bom, na caminhada até o bar, senti por diversas vezes o cheiro adocicado da maconha, que é fumada livremente nos cantos. Chegando ao bar, que surpresa: dá para fumar lá dentro. Milagre! O cerco anti-tabagista lá alcança as raias do absurdo. Só que nada na vida é de graça. O ar condicionado do bar parecia um aspirador de pó ciclópico, e o ar na frente do seu nariz era aspirado com força brutal, você quase que tinha que agarrá-lo com as mãos para poder respirar. Não foi o meu caso, mas quem tinha cabelo comprido, sofreu. Ouvimos música americana, e aí consegui entender porque os estrangeiros em geral, quando ouvem algo como o Olodum, entram em transe. O musiquinha chocha que eles tocaram. Pois no fim da visita, todo o mundo meio alto, a senhora psicóloga israelense, resolveu mostrar seus dotes de dançarina. Meu amigo, se eu fumasse cachimbo, ele ia cair da boca. A mulher incorporou alguma entidade e deu um espetáculo de dança. Era uma coisa meio parecida com dança do ventre, acompanhada por palmas e batuque. Não consigo descrever, só sei dizer que no fim, o café inteiro aplaudiu de pé.

Lembrei-me de um episódio da volta de Washington que não contei ainda. Viagem demorada, saída de Washington às 8 h da noite, eu morto de cansado (e molhado de coca), um vagão imenso e só 3 passageiros nele. Logo que anoiteceu, eu juntei dois bancos e zzzzzzzzzz, dei o maior ronco. Nisso o trem pára em Filadélfia, que é no meio do caminho. A porta do vagão se abre e o condutor do trem entra gritando "PHILADELFIA", a plenos pulmões. Tamanho berro me assusta, acordo e quase caio do banco. O condutor ao ver o que havia feito, imediatamente me pede desculpas e baixa a voz. Eu penso, "ô cidadão mal-educado, me acordou". O homem gentil perguntou, falando em voz baixa: "o senhor está bem? Desculpe acordá-lo". Tudo OK, respondi, e ele esperou me acomodar pra dormir de novo. Quando viu que eu estava já de olhos fechados e devidamente acomodado, andou um passo e gritou, ainda mais forte do que antes "PHILADELFIA..." Não sei não, acho que ele tirou sarro da minha cara. Vá entender esses gringos.

Daí fui visitar o museu Gughenhaim. Prédio maravilhoso, construído especialmente para abrigar o museu. É um prédio futurista de 6 andares, no qual você sobe de elevador e desce por uma rampa circular que termina no térreo. A coleção principal é uma bela droga. São aqueles quadros que não têm pé nem

cabeça. Um monte de gente com cara de entendido dizendo beautiful, very nice, wonderful e eu achando uma porcaria. Por sorte, descobri uma exposiçãozinha secundária onde tinha Manet, Picasso, Degas, Van-Gogh e Miró. Fiquei sem entender o critério dos organizadores do museu. É como servir feijão com arroz e deixar a maionese de lagosta na geladeira. Enfim, tem gosto pra tudo nessa vida.

Pra terminar, um episódio numa perfumaria americana. Entrei pra comprar um produto qualquer (encomenda da minha irmã), e na saída me lembrei de um perfume para mulher maravilhoso, chamado Pièrre Cardin, que meu irmão trouxe de Paris. Virei pra vendedora e perguntei "Do you have Pièrre Cardin perfum ?", caprichando no francês. A vendedora entendeu o "do you have", mas não conseguiu captar o "pièrre cardin". Os americanos são conscienciosamente monoglotas. Eles acham que o resto do mundo deve falar americano. Já estava cansado de não saber falar a língua deles. Agora, por vingança, a vendedora não sabia falar francês. A vendedora pediu licença e foi chamar a gerente, dizendo a ela que não entendeu o que o monsieur alí (eu) queria. Veio a gerente e me explicou que esse perfume não era exportado. Eu não podia deixar por menos, e embora nunca tenha posto os pés na França, respondi: É..., da última vez que comprei foi em Paris mesmo. Obrigado.

Com isso termina nossa viagem. Espero que tenham gostado e até a próxima.

Flagrantes

Autor: Pedro Luis KanteK Garcia Navarro

Uma Secretária Avoada...

Avoada é pouco. Ela era elétrica, meio sonsa, adoidada, confusa, embrulhona e "otras cositas más"... Não está mais entre nós aqui na Celepar e já se passaram 10 anos, portanto, os causos podem ser contados. A pudicícia impede de citar o nome dela, mas vamos chamá-la (nome fictício, é claro) de Márcia.

Pois a Márcia era um terror. Figura cativante, falava pelos cotovelos, tudo era nota 10 pra ela, só que na maior parte do tempo ela raciocinava com os hormônios em vez de com o cérebro. Um dia, havia um grupo de senhores engravatados esperando na frente do elevador para uma reunião aqui no quarto andar. A Márcia passou por eles, e com uma cara de quem havia visto o galã da novela das 8 em carne e osso, entrou na sala dela dizendo (bem alto), MAS... QUE PEDAÇO DE HOMEM... O azar (ou sorte, sabe-se lá), é que o diabo do homem entrou em seguida e estava 50 cm atrás dela durante a exclamação. Foi um tal de nego jogar copo de café, chaveiro, teclado, o que estivesse à mão no chão, pra poder se abaixar e estourar de rir sem dar muito na vista. Vocês pensam que ela perdeu a tramontana ? Que nada, virou e na maior cara de pau largou um "oi..., pode entrar por aqui que a reunião é na próxima sala".

Um dia eu pedi pra ela me copiar um livro, e depois encadernar a cópia com garras. Na semana seguinte eu entreguei um segundo livro (bem raro e caro por sinal) e falei pra ela: "Márcia, faz favor: o mesmo serviço da semana passada". E, o que fez a Márcia ? Simplesmente passou a guilhotina no livro raro e caro e botou uma linda garra no original, me entregando com a cara mais lavada do mundo, dizendo "Não ficou bonito assim ?" Lá fui eu me explicar com a bibliotecária que havia emprestado em confiança o livro raro e caro e que agora estava devidamente "engarrado".

Vê-la levemente embriagada era um espetáculo à parte. Se no normal ela já não tinha muitas travas na língua, depois do 2o chope era digna de figurar no Guinness Book. Devíamos ter gravado em vídeo algumas performances. Mas o caso que vai se contar aqui é o do "rabo quente".

Nessa época, aqui na GPT, estávamos numa fase meio mística. Era um tal de chá de ervas da Amazônia, Oriental, do Paquistão e de Campo Largo, que não acabava mais. O caso é que lá pelas tantas, sentimos falta daquele dispositivo prosaico que serve para ferver água a partir de uma tomada elétrica e que atende pelo singelo nome de "rabo quente". Como ela era a nossa secretária, coube a ela fazer uma pesquisa de preços nas diversas lojas que vendiam a tralha.

Sabendo dos seus antecedentes, logo que se espalhou a notícia de que a Márcia ia fazer uma enquete pra achar o rabo quente mais barato, começaram a chegar pessoas que a conheciam pra assistir aos telefonemas. Vendo a torcida se formar, a Márcia teve um repentino ataque de recato e sacou logo do Aurélio pra achar o nome científico (digamos assim) do aparelho. O nome certo era "ebulidor". Já se ouviram uns muxoxos na platéia. Não ia ter diversão! Mas, quem conhecia a Márcia de verdade, acalmou os mais próximos. Deixasse estar, que na hora H ela não havia de nos faltar. Não deu outra. Ela ligou pra primeira loja e perguntou "vocês têm ebulidor ?- "sim- "e quanto custa?- "custa tanto", - "é bom?- "excelente- "tem bastante aí na loja ?- "tem...", e ela esticando a conversa, com o rabo quente preso na língua, estourando de vontade de pular fora. Aí veio o toque de mestre: vendo que não podia

desapontar a massa que bebia o telefonema, ela não resistiu e tascou "mas, vem cá... esse troço que você está me oferecendo é um eficiente dum rabo quente não é?". Não sabemos o que o pobre vendedor respondeu, as gargalhadas do lado de cá não deixaram ouvir.

BB50

"Y así pasan los días"

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Hoje, vamos variar um pouco. Ao invés de falar de nossos colegas - que tem sido a matéria-prima desta coluna, vamos mudar e falar dele: o computador. (Pensando bem, também dá pra chamá-lo de colega, será que não?). Pois vai se contar aqui a história do Bull Gamma 30, o primeiro computador da Celepar. Comprado em 1964 e instalado em 1965, era uma tralha e tanto.

Embora a última palavra da época, só o processador tinha o tamanho de um container (desses de navio) e tudo isso para conter a enormidade de 20.000 posições de memória. Disco, nem pensar, isso só foi aparecer em meados dos anos 70. Aliás, pausa para reminiscências... O primeiro disco que a Celepar teve era um IBM 2311, cuja unidade era maior que um fusca e que tinha a enorme capacidade de 7 Megabytes. Fim da reminiscência... Voltando ao Gamma 30. Fitas, tinha um monte. A classificação do arquivo de funcionários públicos (a primeira - e durante alguns anos praticamente a única - aplicação da Celepar) levava 7 horas para se executar, pois a área de trabalho para classificação era também em fita magnética. Do que se valiam os operadores da madrugada para ir dar uma dançadinha nos bailecos promovidos pela sociedade Cruzeiro do Sul, nossa antiga vizinha aqui na Mateus Leme. Eles só tinham que voltar às 2:00, 3:30 e 5:00, para trocar os rolos de fita das unidades. No resto do tempo a máquina trabalhava sozinha, vejam como ela era inteligente! Agora, uma coisa ninguém pode negar: ela era muito mais bonita e impressionante que esses modernos mainframes que mais parecem freezers de cerveja. Tinha centenas, centenas não, milhares de luzinhas que não paravam de piscar. Pensando bem, elas eram meio inúteis, mas que eram bonitas eram. A sociedade então, também estava maravilhada com o progresso da técnica e modernização da coisa pública. A prova disso é que alguns dias depois da inauguração do computador (naquele tempo computador se inaugurava, com discursos e foguetório, podem crer) aqui se apresentou um repórter de um tradicional jornal de Curitiba (não posso contar o nome do jornal, seria baixaria) querendo... "entrevistar o cérebro eletrônico". Devíamos ter deixado, ou melhor ainda, ter aprontado alguma, pro pobre coitado, a história teria sido bem mais saborosa. O fato é verídico, e mostra o grau de desinformação da época, ou pensando melhor mostra o ritmo frenético de mudança da nossa vidinha nesses últimos 40 anos.

Os anos se passaram, a máquina se obsoleto (depois de mais de 8 anos de valorosos serviços prestados, ninguém pode negar) e caiu em nossas mãos o abacaxi: o que fazer com a tralha? Jogar fora, nem pensar, quem haveria de ter coragem? O caso é que ele foi desmontado e cuidadosamente guardado embaixo da escada que dá acesso ao pavimento superior da sede. E lá ficou anos e anos, guardando pó, e servindo de abrigo para seres rastejantes, os populares "bugs". Aliás, um bom lugar pros "bugs" ficarem é dentro de um computador, não é? Passam os anos, e ninguém mais agüentava aquela velharia encostada, mas coragem pra jogar fora, ninguém tinha ainda. Lá por 76, 77, finalmente a traquitana desapareceu. Não sei o que aconteceu, mas certamente, junto com ela foi uma parte da nossa história.

BB51

Flagrantes : O Dia da Neve

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Em pleno verão, com 16º C, de uma terça-feira curitibana (isto é, fria, cinzenta e chuvosa) vem-me à lembrança o dia da neve aqui na CELEPAR. Foi um dia qualquer de julho de 1975, fazia um frio dos diabos, e o dia amanheceu branco como num postal suíço.

Como todos os dias vim trabalhar, mas já no trânsito da cidade deu pra perceber que aquele não era um dia como qualquer outro. As pessoas sorriam, se cumprimentavam, o trânsito estava impossível, super engarrafado, e todo mundo em vez de reclamar, buzinar e se pré-enfartar, ria aos borbotões, olhando

para todos os lados. (Aliás, lembro de ter lido depois, que o número de pequenos acidentes de trânsito nesse dia foi um record também... a massa só queria olhar pros lados).

Pois aqui na CELEPAR estava todo mundo elétrico. Foi como se Curitiba inteira estivesse em um disco voador que tinha acabado de ultrapassar a Galáxia. Tudo era motivo de comentário e todos precisavam saber. Nosso diretor técnico da época, era o Paulo Busnardo, um senhor sóbrio e carrancudo (depois vim a saber que ele era ótima pessoa... mas isso foi só depois), até ele se contagiou pelo clima reinante. Abriu sua sala para todos irmos apreciar a paisagem do Centro Cívico. Naquele tempo não havia nenhum prédio tampando a visão do Palácio Iguaçu. A visão do gramado e da rampa de acesso era preciosa: tudo branquinho. Foi a primeira vez na vida que entrei na sala do diretor técnico. (Muitas outras viriam depois, algumas delas não tão festivas como essa, mas isso também é outra história).

O melhor da história, foi às 11:30, no horário de saída, e quando a camada de neve atingiu sua maior altura. Nessa hora, o nosso estacionamento virou um campo de batalha, no qual o mais velho dos funcionários devia ter uns 10 anos de idade. Todo mundo voltou prazerosamente à sua infância. De relance, me lembro de dois coordenadores (creio que eram o Ermelino e o Ubaldo, mas não posso afirmar com certeza), gentilmente se xingando e trocando bolas de neve, cada vez maiores e cada vez com mais fúria.

Me lembro também de uma programadora recém-contratada (nossa atual coordenadora de atendimento, a Elaine), que foi especialmente aguardada por todo pool de programação (mais ou menos uns 20 marmanjos), que saiu minutos antes para preparar e armazenar a munição. Quando a Elaine saiu, em direção à sua valorosa Brasília amarela, a neve no estacionamento, redobrou de intensidade, agora vinha de lado, e sempre na direção dela.

É isso. Já se fazem mais de 20 anos. Como o tempo passa. Ou pensando melhor, como nós passamos pelo tempo.

BB53

Crônicas de um Celepariano nos Ares

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Esta aconteceu de verdade. O dia: quinta-feira santa passada. O local: Aeroporto Hercílio Luz, em Florianópolis. A hora: 14:00.

Esperava eu o vôo 145 de Floripa para Curitiba. O aeroporto estava às moscas. Aliás, fazia um calor tão forte, que até as moscas tinham dado uma folga. Estavam fazendo a sesta até o sol baixar. Nisso, vem o aviso do alto-falante: "senhores passageiros do vôo 145..."e aquela coisa toda. Podiam ter economizado o uso do alto-falante. Era só avisar eu e mais os dois passageiros que iam embarcar comigo. Nisso chega o avião. Procuo uma palavra para descrevê-lo. Era um avião legal, bem pintado e... achei a palavra: um avião experiente. Com centenas de milhares de horas de vôo nas costas. Aliás, a tripulação também tinha cara de experiente. Uma comissária que falou comigo devia ter uns 45 anos de aviação.

Embarcamos todos (isto é, nós 3), o avião se dirige para a cabeceira da pista e,... lá vamos nós, sai a aeronave a correr desembestadamente, como só os aviões sabem fazer. Algo já me pareceu estranho na decolagem: o avião usou toda a pista e quase mais um pouco para subir. Eu, que já tenho um certo... digamos... receio para andar de avião, liguei minhas antenas. Faço uma pausa para uma declaração: tenho uma relação de amor-ódio com os aviões. Adoro vê-los e andar neles, mas depois que aquela geringonça se ergue nos ares, não vejo a hora de sentir a velha e boa gravidade atuando de novo sobre mim no chão do destino, naturalmente. Embora tenha lido muita coisa sobre aviões e aéreo-sustentação, continuo achando que aquilo tudo é bruxaria: só um milagre mantém aquelas toneladas todas no ar.

Bom, voltando ao nosso episódio, logo que o avião saiu do chão, uma curva inesperada à direita. Aquelas antenas que haviam sido ligadas, começaram a piscar. Nisso, o avião nivela a uns 500 metros de altitude e adentra mar adentro. Que diabos, ele nunca tinha feito isso. Começo a suar em parte pelo calor e em (boa) parte pelo inusitado da viagem ligo aqueles espirradores de ar que tem em cima das poltronas, no máximo. E, eu pensando, será que o avião não tem força para subir? E dê-lhe a sobrevoar o mar e as praias da ilha.

Será que vamos até Curitiba nessa altitude ? Assim vamos bater nas montanhas. A viagem até Curitiba é um pulo, é subir e descer, por que raios esse avião não sobe ?

Chegamos ao fim da ilha, e em vez de virar à direita, o avião vira à esquerda. E eu, já levemente desesperado: será que pegamos um motorista que não sabe o caminho ? Não sei não, acho que essa tralha vai se despedaçar no mar. Procuo logo o meu assento flutuante. De relance, vejo pela janela uma vista primorosa da Daniela (uma praia linda), mas quem vai se interessar por lindas praias quando está prestes a se encontrar face a face com o Criador ?

Olho para a tripulação em busca de sinais, mas aquela comissária (a dos 45 anos de experiência) está com uma face pétrea. O desespero bate em mim, estou a ponto de gritar: "pára tudo, quero descer - troco duas passagens de avião por uma da ônibus, de mano". E o avião continua baixo, o mar cada vez mais próximo, ... "socorro".

O alto-falante do avião dá um estalido e ouve-se "senhores passageiros, quem lhes fala é o comandante...", penso: É agora! É agora que ele vai avisar que estamos caindo... "crash, crack, zuooooiimmm", estática e silêncio, o microfone caiu da mão dele. Tento levantar, mas o cinto de segurança me prende no lugar. Estou a ponto de derramar lágrimas de puro pavor, quando se ouve "senhores passageiros, boa tarde. Quem lhes fala é o comandante: espero que tenham apreciado nosso vôo panorâmico sobre as mais belas praias da ilha de Santa Catarina. Nos dirigimos agora para Curitiba, onde chegaremos em 20 minutos. Tenhamos todos uma boa viagem".

A vingança do ratão

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Tenho recebido queixas de que os flagrantos andam excessivamente saudosistas, em busca de um passado que não volta mais. Pois, concordo com a queixa e então este mês vai uma história (verídica como sempre) fresquinha, passada há poucos dias.

Dois colegas nossos aqui da GPT (um, aliás, uma macaca velha, e um estagiário - este não podia faltar) precisavam aprontar um serviço para ontem e viram um micro sozinho dando sopa. Micro aqui, é como morango fresco em plena Sibéria ou como telefone público que não esteja quebrado em noite de chuva (isto é, todos os três raríssimos), os dois logo correram a se abancar na frente da máquina.

Enquanto se ajeitavam, ouviram de um colega que saía apressado um resmungo do tipo "o mouse não está funcionando...". Os dois trocam um sorriso cúmplice: "Isso não é problema, resolve-se num instante". O que poderia fazer um mouse contra dois cérebros cinzentos poderosos trabalhando em conjunto?

Primeira providência: chamar o painel de controle do Windows para configurar o mouse. Clica aqui, clica acolá, "tem certeza? SIM", fecha o painel, volta ao Windows e... nada.

Segunda providência: CTRL+ALT+DEL (aliás todo profissional de sistemas, quando se vê numa enrascada, logo saca o CTRL+ALT+DEL como se fosse remédio milagroso. Por que será?).

De novo nada. O sorriso irônico inicial dos dois, começou a se transformar numa coisa meio amarelada. A massa que andava zanzando meio por perto, pressentindo que ia haver mais um round da eterna luta homem (e neste caso, mulher) versus computador; logo foi se abancando. Ia ter espetáculo.

Esgotadas as providências óbvias, começou a parte pesada da batalha. Alguém logo sugeriu buscar um livro chamado "guia do mouse", outro já foi buscar uma chave de fenda para desmontar o pobre animalzinho, enquanto dois ou três começavam uma discussão a respeito de qual driver deveria ser carregado no DOS para fazer um teste sem as complicações do Windows. Ah! ouvia-se também alguém ao longe dizendo: "viu, eu falei que o Windows não funcionava, nem o mouse funciona direito..."

Duas horas se passaram, e o circo estava armado: já havia gente discutindo sobre os benefícios do downsizing, enquanto outros quase iam às vias de fatos defendendo arquiteturas de sistemas concorrentes.

O argumento sempre era: na minha arquitetura esse simples problema de mouse nunca ocorreria.

Já tinha gente disparando chamados para o suporte técnico do fabricante do mouse e para a Microsoft - sem contar em 2 ou 3 que pesquisavam freneticamente na Internet na consulta a bases de conhecimento que ajudam a resolver qualquer problema de sistemas, quando o colega que sussurrou o comentário inicial (O mouse não está funcionando), chegou, viu a balbúrdia e não se conteve:

"Não seria melhor se vocês conectassem o mouse na placa para ele poder funcionar?" Não ficamos com o registro das expressões faciais dos envolvidos, mas uma testemunha ocular garante que, sem querer, deu uma olhadela no mouse e... o ratinho estava sorrindo.

Acredite se quiser!

Isso é que é Especificação Completa de um Procedimento...

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Normas para Colheita de Mangas no Quartel da Pagadoria Regional do Inativos e Pensionistas da 7a. Região - Recife

Um Soldado ou civil (o lavador de carros, p. ex.) especialmente autorizado pela chefia, ficará encarregado da colheita das mangas sob a responsabilidade e controle do Sargento-do-dia. Só serão colhidas as mangas visivelmente maduras, as quase maduras, e as que forem encontradas no chão, recém caídas, dentro ou fora do quartel. Consideram-se quase maduras as mangas em condições de amadurecimento natural e completo dentro de 3 (três) dias no máximo de sua colheita, a critério do colhedor autorizado, conforme o item 1 supra. A colheita far-se-á diariamente entre 6 e 6:30. As mangas caídas naturalmente de dia ou de noite serão colhidas pelos Soldados de guarda que estiverem de folga, devendo ser entregues ao Sargento-do-dia, que as reunirá num só recipiente. Para colher as mangas de galhos mais alto, o colhedor subirá na mangueira, e depois de ter subido, receberá do Sargento-do-dia a vara com saquinho para colher as visivelmente maduras, conforme item 2 supra, entregando-as a seguir, uma a uma, ou duas a duas, ao Sargento-do-dia, que as reunirá debaixo da mangueira. O referido nos itens 1 a 6 anteriores, aplica-se a cada uma das 3 (três) mangueiras do quartel. Imediatamente após à colheita diária, as mangas serão recolhidas ao almoxarifado pelo Sargento-do-dia. No almoxarifado, as mangas serão divididas entre todos os componentes da PRIP/7, proporcionalmente ao número de seus dependentes. Feita a divisão, as mangas ficarão separadas e guardadas à chave, no interior do almoxarifado, ficando à disposição dos interessados por 24 horas, no máximo. O Sargento-do-dia organizará diariamente um lista de entrega, na qual cada interessado passará recibo das mangas que lhe forem entregues. Os componentes da guarda que entram (7 homens ao todo) terão direito a receber até 2 (duas) mangas "per capita", as quais lhe serão entregues pelo Sargento-do-dia até as 7:00 horas, antes, portanto, do recolhimento total da colheita diária do almoxarifado. É vedada a qualquer pessoa, civil ou militar, a colheita de mangas fora do horário ou em desacordo com as demais normas ora estabelecidas, inclusive as que pendem de galhos que vão para a rua, as quais compete à guarda vigiar. Quanto aos galhos que se projetam fora do quartel, suas mangas serão colhidas pelo mesmo processo de vara e saquinho, ainda que, durante a operação de colheita, os colhedores tenham de pôr-se na rua. Cada interessado trará sua embalagem ou seu saco particular. As presentes normas estendem-se, no que forem aplicáveis, às demais frutas do quartel. (Ass.) Ten. Cel. Chefe da PRIP/7.

Transcrito do livro "Um livro de histórias", de Renato Maciel de Sá Júnior, Editora Globo, Rio de Janeiro, 1987.

BB54

O Leão, ora o Leão...

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

No mês passado, estávamos todos zanzando que nem baratas depois de um jato de inseticida mortal. O motivo só podia ser aquele: entregar a declaração do IR no prazo. Como bons brasileiros, já havia até uma bolsa de apostas se a Receita adiaria ou não o prazo (e diga-se que as apostas pelo adiamento eram bem mais altas). No fim, ele não aconteceu. Aliás, de parabéns a Receita: este não será um país sério, enquanto prazos e regras forem estabelecidos para serem descumpridos logo adiante. Não que gostemos de pagar impostos, ninguém gosta, mas como já dizia Mark Twain: "só há duas coisas certas na vida: a morte e os impostos". Portanto, relaxemos e vivamos.

Pois, voltando ao causo, num certo departamento da Celepar, na véspera do prazo fatídico, só se falava, ouvia e discutia IR. Sempre tem uns mais gargantas que se vangloriam de suas façanhas contábeis, enquanto outros lamentam, lamentam e lamentam a quantidade de rezaizinhos que vão para a goela do felino.

Uma colega, moça encantadora, já tendo feito sua declaração, só observava ao redor. Mas, ao ouvir de um "vou receber 800 reais", e de outro "consegui arrancar míseros 150 reais das garras do leão" e de mais outro "esse bicho me paga...", começou a ficar nervosa.

Por que todos podem receber de volta uns trocados e eu não?

Tomada a decisão de reverter o quadro, foi arregimentando colegas querendo montar uma bateria de experts em tributação para ver o que era possível modificar na própria declaração de renda e poder receber, nem que fossem 2 ou 3 míseros reais.

Como todos gostam dessa colega, logo o grupo ficou bem fornido. Tinha um formado em ciências contábeis, um tributarista de quatro costados, dois analistas responsáveis pelos sistemas de tributação do Estado e mais uns dois ou três perus girando por ali para ver no que ia dar.

Traga todos seus documentos. Não esqueça os comprovantes. Declarações dos últimos 5 anos. Não esqueceu nada ? Nadinha. Está tudo aqui. O comitê está reunido. Responsável pelos rendimentos ? Presente ! Responsável pelos abatimentos ? Presente ! Responsáveis pelas pirotecnias tributárias ? Presente, Presente e Presente ! Então vamos lá, disse o colega mais experiente, já assumindo a coordenação dos trabalhos e esfregando as mãos de contentamento. O Leão ia levar uma sova. Muito bem, vejamos quanto é possível pegar de volta. Quanto você recolheu na fonte ?

Nada.

A reunião acabou aí. Não houve como passar a perna no gato.

BB55

Procura-se uma Barra Fujona

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Vamos começar com uma pequena digressão sobre o windows. Trata-se da maior sacada mercadológica que os anos 80 viram. Não importa o que falem os gurus do marketing, os arautos da sociedade consumista ou os especialistas em mercados globais. O maior vendedor deste fim de século tem nome, sobrenome e ainda por cima um número: Bill Gates III, e ponto final.

Vejamos o porquê: com pelo menos 15 anos de antecedência, o dito cujo anteviu 3 coisas fundamentais. A primeira, é que o microcomputador iria assumir um papel fundamental na computação corporativa (muitos previram que ia se criar um negócio chamado computação pessoal. Mas só ele sacou a sutil passagem do pessoal para o empresarial). O segundo, é que as pessoas precisariam desesperadamente aprender a nova tecnologia. Seus empregos dependeriam disso. E, finalmente e aqui está a jogada de mestre o maior obstáculo ao aprendizado dessa nova tecnologia estaria na barreira da linguagem. De fato, computadores e pessoas nunca falaram e nunca fariam a mesma linguagem.

De posse dessa convicção, ele começou a projetar, implementar e divulgar o windows. Eu tive a honra (?) de trabalhar com a versão 1.03 windows. Rodava num 286 com 512 kb de memória e o uso do verbo "rodar" encerra uma baita ironia. Uma vez carregado o windows, o que levava alguns minutos, não sobrava espaço para mais nada. Lembro que só podíamos ver 2 coisas funcionando: o relógio e a calculadora. Recordo até hoje que depois de olhar o programa e matutar a respeito, acabei dando meu veredito: "quem será que foi o idiota que inventou esse programa maluco, que não serve para absolutamente nada e que ninguém vai comprar?" Bom, eu e ele nascemos no mesmo ano e de lá para cá, dizem as más línguas, que ele juntou cerca de 10.000.000.000 de dólares enquanto eu, se juntei alguma coisa, certamente foi bem menos. Pensando bem, ele não era tão idiota assim.

A genialidade do William foi ter: 1. Percebido um problema no mínimo 10 anos antes que as pessoas comuns se dessem conta de que esse era um problema e bem grande por sinal. 2. Ter trabalhado duro no início, movido apenas por sua visão do mundo que, como os fatos vieram provar depois, era a visão certa, a despeito do que dissessem dele os mais papalvos. 3. Ter o produto certo na hora certa, deixando os concorrentes (que concorrentes ?) a chuparem o dedo.

Enfim, gostemos ou não, a interface implementada pelo windows é a interface padrão dos aplicativos de computador nos anos 90. Fazem parte dessa interface diversas coisas que devem nos soar familiares: os ícones, a barra de comandos e o personagem deste "Flagrantes": a barra de rolagem. Para quem esqueceu, a barra de rolagem é aquele canudo cinza que fica à direita da tela, com uma caixinha dentro e que a gente usa para rolar os arquivos QUANDO ELES OCUPAM MAIS DE UMA TELA. Atente para este detalhe que ele terá a sua importância, já, já.

Há duas semanas, dava eu um curso de HTML e Netscape (sob windows), e os 20 e tantos alunos se divertiam criando e olhando telas. Nisso, uma aluna, exclama irada: o que aconteceu com minha barra de rolagem ? Todos a têm e eu não..., quero a minha barra..... Chamado a ver o que ocorria, tive meus 5 minutos diários de bobeira, e comecei a procurar dentro do comando OPTIONS do Netscape, como eu poderia desenhar de novo a tal da barra de rolagem desaparecida. Obvia-mente, não consegui nada. Perguntei para o monitor que me ajudava se ele sabia o que fazer. Não sabia. Cadê o manual do windows

? Não tem manual. Chama o help do Netscape. Nada por aí também. Ligo para o Tarso aqui na Celepar. Explico o problema, o Tarso diz: hmmmm. Mas também não sabe o que é. Finalmente, apelo para nossa enciclopédia ambulante: o Furquim. Estou ainda no início da descrição do problema ("sumiu a barra de rolamento, não conseguimos encontrá-la") quando ele, levemente irônico, me interrompe:

Por acaso o que você está mostrando ocupa mais do que uma tela ?

Antes que ele terminasse a pergunta eu me dei conta do tamanho da burrice que nos acometera. Ora, a barra só aparece quando a tela a mostrar ocupa mais do que a área do monitor. E a aluna em questão depois de digitar por mais de meia hora, só tinha preenchido umas 5 ou 6 linhas. Qualquer criança de pré-escola sabe que nesses casos a maldita barra não é desenhada. Enquanto o Furquim falava, imediatamente comecei a pensar numa desculpa aceitável para essa pisada no tomate. O pior foi escutar o comentário dele. Após ouvir educadamente minhas esfarrapadas desculpas, assumiu um ar levemente superior, pude até vê-lo pelo telefone, e fulminou: "não se apoque, isso acontece nas melhores famílias..."

BB57

Flagrantes

Escrito por Pedro Luis KanteK Garcia Navarro - GAC - ramal 381

Meu Querido Diário:

Não aguento mais. Quero ler um arquivo e não posso porque o formato é incompatível. Quero usar o computador e não posso porque estão fazendo backup. Quero digitar só um pequeno texto e o tempo de resposta é horrível. Quero usar um produto novo e me dizem que a instalação vai levar 2 meses. Passo na frente da sala do computador e só vejo aquele aquário envidraçado com ar congelado. Manuais medonhos, e em inglês... CHEGA! Não agüento mais esse mainframe. Isso é máquina pra deixar qualquer um louco. Ainda bem que o meu gerente me prometeu: Mês que vem, cada um de nós receberá um maravilhoso micro, pra pôr em sua mesa. Adeus incompatibilidades, adeus backups, adeus tempo de resposta que está mais para prazo de entrega.

Amado diário:

Finalmente os micros chegam. O meu é uma lindeza. Rápido, lê e escreve qualquer coisa, e backup NUNCA MAIS. O micro me entende, quase chega a falar comigo. Sou dono dos bits e bytes, não dependo de ninguém mais me aporrinhando. Não sei como consegui sobreviver tantos anos naquele ambiente horrível do mainframe. Agora projeto meus arquivos sem aqueles sacripantas da administração de dados.

Meu companheiro:

O micro está excelente. Meus vizinhos de departamento estão tão invejosos que o gerente deles também vai providenciar um micro para cada um. O tempo de resposta segue excelente, e continuo trabalhando sem ter que pedir arrego para ninguém. Meus arquivos estão grávidos de dados e do jeito que eu quero.

Estimado relato dos meus dias:

Ontem aconteceu um pequeno acidente. Perdi um arquivo. Backup não tinha. Tive que redigitar tudo de novo. Mas, não faz mal. Pago qualquer preço pra não voltar atrás. Meus vizinhos de departamento agora já estão cada um com seu micro. Eles também estão planejando e usando seus arquivos. Que maravilha!

Di:

Mais dois departamentos têm micros agora. Está certo que esses dias o diretor pediu um relatório consolidado e tivemos que somar tudo a mão. Ainda bem que não tinham jogado fora as calculadoras. Foram muito úteis. O chefe da informática está pensando em instalar uma rede. Que seja, uma rede é uma rede, nada parecida com o mainframe.

Caríssimo diário:

Ontem começou a funcionar a rede. As senhas voltaram, já estão até pensando em fazer backup centralizado (cruz-credo!), mas ainda é muito melhor do que o mainframe, nem pensar em voltar atrás

Amigão:

A sala dos servidores está ficando muito quente. Tiveram que instalar um ar condicionado daqueles. Só faltou colocarem as paredes de vidro, mas resistiram à tentação. Tivemos que instalar 2 redes nos mesmos equipamentos, uma para uso da Internet e outra para uso da rede local... não sei não! Se a experiência não tivesse sido tão traumática eu começaria a pensar que talvez esteja com saudade do mainframe. Vade Retro Satanás, toc, toc, toc.

Diário:

Agora resolveram conectar todas as filiais de diversas redes. Quando procuro uma informação, não tenho a mais absoluta idéia de onde ela pode estar. Preciso correr até os meus amigos da administração de dados para eles me ajudarem. Os correios eletrônicos de cada uma das redes não se falam mais entre si. Ontem fiz as contas. Preciso gerenciar 9 passwords para poder navegar na minha empresa. E todas elas têm que ser trocadas todos os meses. Já usei os nomes dos filhos, das namoradas, dos cachorros e gatos, e... Estou apavorado, amanhã ou depois vence uma delas e não tenho mais nada para usar.

Meu partner:

Precisamos instalar uma atualização da última correção da versão corrente de uma parte do sistema operacional da rede. O troço tinha pressa, mas o responsável pelos micros pediu três meses para fazer a instalação... Outra coisa: Chegaram os manuais da atualização dos softwares que usamos. Nem abri o pacote, mas acho que tinha uns oito kg de papel. Nem vou abrir, que daqui há menos de um mês, chega outro com certeza.

Diário:

Quero imprimir e as impressoras desapareceram. É claro que elas estão aqui do meu lado, os cabos ligados, deve ter um buraco negro sugando todos os dados que não chegam até elas. Quero gravar uma coisa e o servidor de arquivos está lotado. Deve ter um ladrão de arquivos de configuração por aí. Todo dia eu os escrevo, e todo dia eles desapareceram. Socorro! Não agüento mais. Quero ler um arquivo e não posso porque o formato é incompatível. Quero usar o computador e não posso porque estão fazendo backup. Quero digitar só um pequeno texto e o tempo de resposta é horrível. Quero usar um produto novo e me dizem que a instalação vai levar 2 meses. Passo na frente da sala do computador e só vejo aquela sala fechada com ar congelado. Manuais medonhos, e em inglês... CHEGA! Não agüento mais esses micros. Quero meu mainframe de volta!!!

BB58

Como se Chama Aquela Margarina?

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro - GAC - Ramal 381

Como sempre, após esforço e muito suor

vai se narrar uma história mais que verdadeira

só que diferente dos outros meses, e melhor

vai em verso, meio na base da brincadeira

Nossa colega e amiga, anônima como é obrigatório

da irmã bailarina teve, que ser acompanhante

pois a pequerrucha ia a Ponta Grossa dançar num auditório

espetáculo de dança, da festa não podia estar ausente

Lá foi a celepariana, como manda o protocolo

ela e mais vinte tias, avós e mães, todas a luzir

cada uma com sua bailarina preferida a tiracolo

a claque entusiasta estava formada, era só aplaudir

Na viagem a melhor amiga da irmã se fez apresentar

e também a mãe desta. E como tinham tarefa igual

mãe e celepariana, contentes, começam a se entrosar

já na chegada à cidade nascia amizade colossal

A mãe da amiga se chamava de maneira crítica
o nome era difícil, esquisito. Mas a programadora se acautela
e logo a Lila, nossa personagem, acha uma heurística
era só lembrar da margarina. Doriana era o nome dela
(abre parênteses)

Oops, me escapou o nome da infeliz personagem
também, o que posso fazer, se uma sílaba falta
e assim evito a trabalhadeira que dá até chantagem
para saber, cada mês, quem é que foi para a ribalta
(fim do parênteses)

Doriana pra cá, Doriana minha amiga, Doriana pra lá
conversa de pé de orelha. Confidência e segredinho
até receita de bolo de fubá com goiabada, que dirá
as duas trocaram depois de muito cafezinho
Assim passaram dois dias. Sobe, desce, tudo trata
já não se sabia quem eram mais amigas
se as duas pequenas colegas de velha data
ou as adultas, amigas novas, porém quase antigas
A Doriana era uma festa. Não recusava programa
não havia cansaço, tempo ruim ou cara feia
inseparáveis, ambas aprontaram, não faltou trama
pintaram e bordaram desde o despertar até a ceia
Mas toda história real, um dia tem que terminar
e na hora do adeus, última cerveja descendo pela goela
a Doriana, contristada, foi obrigada a confessar
um segredo preciso te contar: eu me chamo Fiorella.

Uma História de Pescador

Mulheres amansadas, hotel reservado, ônibus daqueles bem bodosos pronto, centenas (ou seriam milhares ?) de latas de cerveja devidamente embaladas, anzóis, linhas, caniço e samburás no ponto e lá se foi um grupo de 18 celeparianos passar uma semana pescando. O destino: pantanal mato-grossense, paraíso de pescadores e contadores de causos. O objetivo declarado era pescar, pescar e pescar (correu uma história de que alguns foram só pra beber, mas não foi possível confirmar).

Saindo na maior animação, pareciam um bando de crianças a caminho da pré-escola. A viagem seguiu sem incidentes até Presidente Epitácio em SP, quando... o ônibus (aquele com todo o conforto, quase 3 andares de altura, salão de jogos de salão, WC com banheira etc. e tal) pifou. O eixo da turbina do motor tinha quebrado. Que fazer ? Volta 50 km, pára no mecânico e a solução foi isolar a turbina e seguir viagem. Logo depois o ônibus arria de vez: motor fundido. Adeus conforto, luxo, banheira e sala de jogos. Volta o motorista em busca de socorro e os celeparianos já dando mostras de algum cansaço, em vez de se haver com pintados, piranhas e dourados tem-se que ver com muriçocas, mutucas e butucas. Finalmente, o silêncio cai sobre o grupo à margem de uma estrada deserta, e ouve-se uma voz cavernosa lá do fundo:

Alguém tem aí uma lanterna ?

Eu tenho. Eu também. zz Pera aí que já pego, entra em ação a cumplicidade e a gentileza que caracterizam um grupo como esse. Após um certo rebuliço, pronto: lá se foi a lanterna para o fim do ônibus. Mais 3 ou 4 minutos de expectativa (o que será que o infeliz ia fazer com uma lanterna ?), quando ouve-se a mesma voz, ainda mais cavernosa:

Alguém tem aí 8 pilhas grandes ?

A tanto o ônibus não resistiu, quase lincharam o infeliz.

5 horas depois, chega o ônibus reserva. (realmente, adeus conforto: faltavam duas janelas nesse aí). Chega também o guincho para levar o reserva, aquele bodoso, com as bagagens e (importante) as cervejas. Dá-se a troca de ônibus e segue a viagem. Chegando perto do hotel, vem a notícia: caiu a ponte rodoviária e a última etapa terá que ser feita em barco. Perfeito, nenhum problema, aliás só um: cadê um barco? Pensando bem mais um problema: cadê grana para pagar o barco? Toca a fazer uma vaquinha para alugar uma lindíssima chalana. Gasta-se mais tempo para achar e negociar pela navegação. Transfere todas as bagagens (e as cervejas) e a viagem segue. Mais algumas horas de rio e ... a chalana pifou. Bom, resumindo a história a viagem que devia demorar 20 horas durou 44. Mas, enfim, acabou.

Note a cara de felicidade do Pedro. E dizem que ele nem gosta de comer peixe. Atentem para o boné.

Todos instalados chega o grande dia: formar duplas e cada uma acompanhada de um pilotoiro (é como o "motorista" de barco se chama no pantanal) no seu barco, largam-se ao desconhecido e à aventura.

No primeiro dia, a simples visão de um jacaré, era suficiente para enc... digo, apavorar alguns. Mais para o fim da viagem, já íntimos, os jacarés eram tratados à base de pontapé, se bem que tem aqui uma história interessante. Durante uma pescaria, uma dupla achou um jacaré simpático e amistoso e começou a dar restos de peixe como petisco para o bicho. Que nunca tendo sido tão bem tratado, retribuiu seguindo seus novos amigos. Comidinha daqui, gracinhas de lá, cresceu a amizade quase em ritmo de lua de mel. Que só acabou quando o bichão aproveitando um descuido do pilotoiro, pulou embarcação adentro.

Imagine, prezado leitor, o pega-pra-capar que se deu no barco. Pra encurtar, tiveram que resgatar um valeroso celepariano encarrapichado no alto de uma árvore que estava a mais de 10 metros do barco.

Noutro dia, no retorno das duplas, um pescador (dizem que o Domingos) vendo um tuiuiú, promoveu o maior escândalo: que ninguém se mexesse ou dissesse algo. Silêncio, ele queria porque queria fotografar o passarão. Arma a máquina, regula o diafragma, torce pro bicho não fugir, quietos todos, até que enfim... CLIC. Registrou-se o fato. Nisso vem um empregado do hotel e chama o pássaro pelo nome. Este atende e vem todo contente fazer festa no meio do grupo. Era amestrado, propriedade do hotel. Não preciso dizer que o Domingos tomou uma vaia.

Tinha um cachorro, meio manco, todo estropiado, cujo nome era "restos de surucucu". A explicação do nome esdrúxulo é simples: certa vez houve um arranca-rabo entre ele e a dita cobra. O cachorro conseguiu se salvar, ainda que tenha ficado meio avariado. Dizem que agora ele tem medo até de minhoca.

Teve também o pescador (não se pode revelar o nome, seria anti-ético) que conseguiu enterrar o anzol, aquele todo infernal, de 3 pontas

Não disseram que o Pantanal era terra de Jacaré?

afiadíssimas, importado, coisa fina, no... alto do cocuruto. Isso mesmo, ele conseguiu se auto-fisgar. Corre-corre, confusão, afinal o médico da excursão fez uma microcirurgia e resgatou o anzol. Só ficou um humilhante band-aid.

Na volta, os 18 chegaram cansados, felizes, cheios de peixe e certamente de histórias (todas verídicas) para contar

BB59

Flagrantes

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro - GAC - Ramal 381

O Presente

Temos um colega e amigo entre nós que errou de profissão. Devia ter escolhido a medicina e não a análise. Seus textos escritos a mão são ininteligíveis. Quando ele escreve algo, só ele e Deus entendem o que está "esgruvinhado". Dois dias depois, só Deus entende, nem ele mais é capaz de decifrar seus próprios hieróglifos.

Fui testemunha. Dia desses ele escreveu (ou melhor, pensou em escrever) CONHAQUE DE ALCATRÃO É BOM PRA TOSSE, e o máximo que o resto da massa conseguiu entender foi CULATRA DO CANHÃO É BOM PRA POSSE.

Nada temos contra a letra garranchosa de nossos companheiros, mas tem uma de nós que sofre literalmente o problema: é a nossa secretária da GAC. Embora competente, ágil e esperta, os escritos desse

colega são demais para ela. Ao transcrever algo que ele "escreveu" nossa assistente precisa se travestir de Confúcio (haja paciência), de Sherlock Holmes (elementar, meu caro Watson), de vestibulando mal preparado (será que isso é um "a", um "b", um "c" ou n.d.a. - vou chutar) e até de eflúvios Freudianos (o que será que ele tentou - mas não conseguiu - escrever aqui?)

Bom, mas essa é a vida. Nada como um dia após o outro. Tanto sofreu que nossa assistente preparou uma treta. Demorou, mas, já dizia alguém: a vingança é um prato que se come melhor frio. Um belo dia nosso colega chegou e viu um belíssimo pacote de presente, luxuoso e exuberante sobre sua mesa. Como ele bobo não é, logo sentiu o cheiro inconfundível da sacanagem. Mas, levantando os olhos viu toda a equipe reunida, esperando o desfecho.

Aliás, um parêntese: não há nada melhor para juntar a turba do que o processo de se armar uma grossa aprontada, todos cheiram(-mos) a coisa e ela nos atrai como mel atrai moscas. Não é mesmo? Fim do parêntese.

Ao ver o sorriso ambiauricular (ou seja, de orelha a orelha) da secretária, o herói da história logo se arrependeu por tantos garranchos no passado. Mas que remédio, a única saída foi fazer cara de bobo e começar a abrir o pacote.

Lentamente, para dar substância à cerimônia, e - afinal, entrando na brincadeira - o dito cujo foi retirando as sucessivas camadas de papel, umas 5 ou 6, e uma mais linda que a outra.

Finalmente o pacote se desfez e brilhou reluzente o presente da secretária para o analista. O que era? Um caderno de caligrafia bem grande, daqueles que a gente usava no 1º. ano primário, encapado, etiquetado e no qual se podia ler: "meu companheiro inseparável".

Não temos registro se o caderno foi ou não usado (e para quê, um detalhe importante) mas houve um final feliz. Nosso colega agora só escreve via Notes, e todos podem ler e entender o que ele quer dizer.

Crônicas de um Celepariano em Paris

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro - GAC - Ramal 381

Antes que alguém pergunte ("afinal você tirou licença pra estudar ou pra viajar?"), deixe eu ir me explicando: minha dispensa está se aproximando do fim, e uma das pendências do curso era uma prova de suficiência em francês. Como minha intimidade com a língua de Racine e de Asterix era absolutamente nenhuma, lá me mandei de novo, para um mês de aulas da língua e da civilização francesa, em Paris.

Não há dúvida que esta merece ser chamada de cidade luz. Depois de conhecer Paris, qualquer outra cidade do mundo, conhecida ou por conhecer, vai ser mais ou menos como Santa Rita da Ladeira (com todo o respeito aos ladeirenses).

Bom, quando a gente está num lugar desconhecido e língua idem, precisa-se tomar certos cuidados para não dar vexame. Mas não deu outra: já comecei com a bola toda. Chegando no metrô, num domingo a tarde, com chuva, estação meio deserta, me posicionei com duas malas na área de embarque e aguardo o trem. Este chega, todas as portas se abrem, sobe e desce gente, aquela correria. Aliás um detalhe: todas as portas exceto a que parou na minha frente. E eu fiquei com cara de tacho segurando as duas malas, até o trem assobiar e zarpar nos meus bigodes. Como minha paranóia ainda não é tão grande a ponto de achar que o trem estava me perseguindo, disfarçadamente dei uns passos de ré pra ninguém perceber e fiquei de soslaio, esperando para ver o que acontecia no próximo trem. Este chegou e o mistério se desfez: as portas do metrô em Paris têm trinco: o cidadão tem que abrir o trinco para a porta se abrir. Ahhh! Desfeito o mistério, não havia nenhuma perseguição, era só ignorância mesmo. Esperei o próximo trem, abri o trinco, e voilá, embarafustei-me nos subterrâneos da cidade luz.

Cheguei no hotel aliás uma espelunca tinha uma estrela, mas devia ter só 0,3. Instalei-me no quarto, e pronto: chegou a hora de ligar o rádio e ouvir a doce língua franca. Ligo o aparelho e tomo um susto: ouve-se um estridente "seeeegura o tranco moçada. Bate foooooorte o tambor!" Céus, mon Dieu, será que o rádio não sabe que estamos em Paris? Ouço mais um pouco para ver se estava pegando uma rádio brasileira de sambão num aparelho vagabundo de 30 dólares, quando o mistério se desfaz. Diz o locutor "cest la très exotique musique brésilienne".

Fiquei numa instituição para estrangeiros muito legal. O sistema escolar francês é notável. Lá não tem esse negócio de politicamente correto. O professor manda e os alunos obedecem. Só para vocês terem uma idéia, é uma terrível falta de educação olhar para o relógio, quando a aula se aproxima do final e a barriga ronca de fome. É mais falta de educação ainda, fechar os cadernos ou arrastar as cadeiras em idêntica situação. As madames e mademoiselles eram fogo. Não tinha conversa não. Mas que o estudo é muito mais produtivo, isso lá é. Nem pensar em deixar de fazer as lições de casa, era confusão na certa

no dia seguinte. As aulas iam de 9 a 13 e de 14 a 15. É tanto verbo, pronome, artigo, adjetivo em francês que chega uma hora que você começa até a sonhar em francês.

Mas, o mais divertido são as confusões da linguagem: Um dia logo no começo chego atrasado na aula, por causa do fuso horário. Agora, no verão, quando lá são 9 horas, aqui são 4 da madrugada. Depois de levar um olhar congelante da Mme. Jouelle, nossa professora (e que professora), ela vira para mim e pergunta, assim de bate-pronto: Pedro, vous avez un cou ? (Pedro, vuzavê ân cu?). Na hora só me ocorreu pensar - de ato reflexo - em tenho sim, mas é só meu. Eu sabia que vous avez un significa "você tem um...", mas cou, eu não fazia a mais vaga idéia do que fosse. E eu preocupado com a quantidade enorme de palavras iguais no francês e no português. Fiz tamanha cara de espanto que a gentil Mme. me explicou: Estavam estudando as partes do corpo, e já haviam acabado de estudar a cabeça quando eu entrei. Estavam descendo e "cou" significa pescoço. Ufa!! Que alívio. Mais calmo, respondi: Oui, madame. J'ai un cou (Sim, senhora, eu tenho um pescoço).

Chega o primeiro fim de semana e me mando para Genebra na Suíça. O trem é um espetáculo, viaja a 400 Km por hora, parece um avião em terra. Chego em Genebra e vou visitar o parque do Lac Lemman. Coisas de suíço. A cada 100 metros, tem um tipo de orelhão da prefeitura com embalagens de plástico para os cidadãos recolherem o cocô que seus animais produzem no parque. Uma amiga me contou que a coleta de lixo na Suíça custa 7,00 US *por pacote de lixo que você deixa para o caminho pegar. Eu, hem? Opa, maravilhoso, limpo até não poder mais - brao deixo cair a bituca no meio do grama, assim como se tivesse sido um acidente. Um cidadão suíço que passava a omeulador de certo que limpezabom, mas como diziam os Asterix, um pouco de sujeira atque a juda a passar a vida.*

Na volta, estou sozinho no vagão imenso com um bando de espanhóis. Aliás, um parêntese: sou de família espanhola, meus 7 irmãos nasceram lá, só eu sou brasileiro. Esfreguei (mentalmente) as mãos de contente: ia ter diversão. Eles não me decepcionaram. Entre tantos diálogos impagáveis, ouviu-se esse:

Ehhh, nenita, querida, da me aquel paquete (A mãe pedindo toda carinhosa para a filhinha duns 6 anos, para ela pegar um pacote). E a menina pula que pula, brinca que brinca, nem aí com a mãe.

Bueno, linda, coje me el paquete. E nada da guria atender à mãe. Pavio de espanhol é mais curto que perninha de pulga. Sei disso por experiência própria. Era só aguardar que o espetáculo ia correr. Não deu outra. A mulher estourou bem rápido:

Pues anda borrica, pedazo de bestia. ¿Jestas sorda ?, que te llevo a un médico. Me das o no me das el maldito paquete esse ?!

O assunto do momento na Europa é a vaca louca. Todo mundo apavorado com a doença misteriosa que não tem cura. Daí um burocrata qualquer do governo francês bolou um impressionante carimbo, com as letras VF (viande française = carne francesa) para aplicar sobre toda a carne de origem francesa. Agora a população ia poder consumi-la sossegadamente. Pois, o feitiço virou contra o feiticeiro. Assim que o carimbo começou a circular, as pessoas imaginaram que era um carimbo de aviso e VF passou a ser entendido como "vache folle" (vaca louca). Rapidamente as autoridades sanitárias precisaram achar um substituto para o raio do carimbo.

Próximo fim de semana, e Londres, aí vou eu. Depois de pagar uma fortuna por uma passagem de trem sob o Canal da Mancha (mais caro que o avião), e depois de 3 horas de viagem, cheguei. Ouvir o sotaque inglês é uma delícia, ainda que o inglês que se fala lá, não seja o inglês que aprendi. Não conseguia entender nada, mas tudo é festa. Exatamente no meio do canal, abre-se a porta do vagão e vem o fiscal da imigração inglesa, e com toda a gentileza e fleugma britânicas me pede: your passport please, mister. Entrego o documento e ele:

O que o senhor vai fazer na Inglaterra ?

Visitar Londres.

Perfeito. E quantos dias o senhor pretende ficar ?

Só hoje. Volto à tarde.

O inglês arregalou os olhos, ergueu uma (só uma) sobrancelha, fez cara de espanto e fulminou Only one day to visit London... ? Acho que ele ficou ofendido com a proposta de conhecer Londres em 6 horas. Mas carimbou e me devolveu o passaporte.

Fui almoçar num boteco em Trafalgar Square. Sempre que entrava num lugar de comer, eu primeiro perguntava qual era o esquema da casa. Uma gentil atendente me explicou bem devagar. Havia um buffet de saladas e eu podia escolher: Uma única visita custava 3 libras. Se eu quisesse ir mais de uma vez ao buffet, o preço era 6 libras. Bom, eu não como muito, e pensei com meus botões: esses ingleses

são meio trouxas. Vou lá uma só vez e encho bastante o prato. The first choice, eu bradei cheio de razão e argúcia. Daí veio o prato para eu me servir: era um pires menor que pires de cafezinho. Não sei não, acho que fui eu que banqueei o trouxa. Visitei Baker Street, como sherlockeano de carteirinha que sou, quase fui atropelado umas quantas vezes (lá os carros andam na contra-mão), passei na frente de Downing Street n. 10, a residência do primeiro ministro e ... fim de passeio, hora de voltar aos livros de francês.

No último fim de semana, o destino era Madrid. Como sou meio espanhol, posso falar à vontade desse encantador país. Está mais para terceiro mundo do que para Europa, como já se verá. A viagem de Paris até a fronteira num TGV train à la grand vitesse (= trem a grande velocidade). Em Irun, na fronteira e já em solo espanhol, trocamos de trem e pegamos um tipo lesma que se arrastou até Madrid. Superlotado, com cabines minúsculas, nas quais viajavam 6 pessoas, foi uma festa. Na minha cabina viajavam 2 americanas (além de um velhinho espanhol que enxugou 3 garrafas de vinho, rascante, daquele bem vagabundo, em pouco mais de 2 horas). As americanas iam levemente enojadas com aquela - digamos - pequena promiscuidade. Mas, não se enganem, elas queriam aplicar o golpe do bilhete e viajar sem pagar. Já quase iam enrolando o moço dos bilhetes, um rapazote dos seus 18 anos (devia ser o seu primeiro emprego), quando este, já meio desesperado se saiu com essa Voy a llamar el jefe conductor. E eu só de butuca, sem perder palavra. Como se dizia na minha casa quando eu era pequeno, se iba a armar la gorda , isto é ia ter confusão. Bate boca pra cá, bate boca pra lá, e vem o "jefe". Preciso descrevê-lo. Um baixinho com pisar firme, bigodes panchovilesco, e um vozeirão de Pavarotti, chega exclamando: ¿Que pasa aqui ? Bem que as americanas tentaram enrolar o cidadão, mas ele não deu folga. Após dar 20 segundos para as explicações das duas, fulminou: Bueno. Ustedes o pagan, o se bajan del tren. Esto es España! Só faltou exclamar Y no la casa de la suegra. Quase foi aplaudido no trem.

Em Irun, me dei conta que não tinha um tostão em pesetas. (Nessa altura tinha dólares, francos e libras nunca fiz tanta conta na vida), mas pesetas que é bom, nada. Comecei a procurar um quiosque 24 horas para pegar bufunfa (grana), e finalmente, achei um. Entrei, procurei e ... todas as instruções em basco. Parêntese: Irun é uma das principais cidades do País Basco, que é um enclave na Espanha e na França e que quer porque quer se separar. Quem não ouviu falar nos separatistas bascos do ETA ? Uma das maneiras mais sutis de lutar contra a assim chamada dominação da Espanha sobre o lugar é não usar o espanhol para nada. Fim do parêntese. Vai daí, que na cabina só tinha instruções em basco. Dito assim parece fácil, mas é um dos mais difíceis idiomas da face da terra. Por exemplo, o nome do país (país basco) em língua nativa é algo como Eurraski Euzkadi. Não teve jeito, tive que ir trocar dinheiro só em Madrid.

A cidade é meio feia, mas tem um astral ótimo. Chego às 9 horas da manhã e parecia que tinham soltado uma bomba. Não havia viva alma nas ruas. Pergunto no hotel o porque disso, e vem a resposta: Porque es pronto (é muito cedo). A primeira sessão de cinema em Madrid é às 17:30, e o movimento para jantar nos restaurantes, por exemplo, só começa depois das 23h.

Pego um táxi para ir na estação de La Moncloa, e dá-se um diálogo inesquecível. Pergunto eu:

¿Se tiene que usar el cinturón de seguridad aqui ? Bueno, a eso nos obligan. Pero a mi no me gusta andar atado al auto. Y además, yo no soy maricón. Pero si usted quiere, puede atar se.

Tradução: É obrigatório usar o cinto de segurança aqui ? Bom, a isso nos obriga a polícia. Mas, eu não gosto de andar amarrado no carro. E, além disso eu não sou maricão. Mas se o senhor quiser...

No, muchas gracias. A mi tanpoco me gusta andar atado (Não, obrigado, eu também não gosto de andar amarrado). Também, depois do que o cidadão disse, o negócio era se agarrar na porta e relaxar.

Chegou o dia de vir embora. Pego um táxi, todo entusiasmado em poder finalmente falar um pouco de francês, e no meio do papo, o motorista me pergunta para onde eu vou: Curitiba, Brasil, respondo. Ai! Que alegria, responde o fulano. Que alegria de falar um pouco de português. E desembesta a falar no nosso idioma. O diabo do homem era português, estava com saudades de casa... e lá se foi minha chance de treinar mais um pouco. Mais algumas (muitas) horas e estava desembarcando no Aeroporto Internacional de Curitiba. Diante de um imenso cartaz escrito CURITIBA, ouço uma voz feminina linda dizer: vô seTE, cinco seTE... Nem precisava ler o cartaz. Com esse sotaque, só podia ser a minha terra. Pronto, estou em casa.

BB62

O Passeio do Café

Escrito por Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

No árduo ofício de escrever esta desprezível crônica do nosso dia-a-dia, nem sempre tenho oportunidade de ver acontecerem os causos. Este é um que não vi, mas me contaram com tal riqueza de detalhes que entrego como recebi, nem mais nem menos.

Faz parte do nosso cotidiano cruzar com os comboios de garrafas de café. É um tal de encontrar o elevador tomado por elas, ver secretárias levando 7 ou 8 térmicas, ter que esperar uma parada técnica do elevador no 3º andar (cantina), que ninguém mais se apercebe do fato. Pois vá ter falta de percepção assim na casa do chapéu, como se verá já a seguir no episódio que ora se inicia.

Dia desses, uma colega nossa, trabalhadora incansável, terminou seu expediente e reparou que já era tarde. Rapidamente apanhou suas coisas, fechou as gavetas e se mandou. Tanta pressa tinha que nem esperou o elevador, foi de escadas mesmo. Chegando no térreo, uma paradinha no banco, que a grana tinha acabado, batida do ponto, tchau tchau e lá se foi ela em direção à parada de ônibus que fica no outro quarteirão da Rua Mateus Leme.

Como o ônibus estava demorando, logo puxou assunto com uma colega da outra Celepar, e papo vai, papo vem, deu-se um jeito de colocar as novidades das duas sedes em dia.

Nesse instante, surge o ônibus, freiando rápido que afinal ele também estava atrasado. Nossa personagem foi pegar o dinheiro da passagem e, aturdida, viu que lhe faltavam mãos para tanto. Olhando para baixo constatou, aterrorizada, que estava com as 3 garrafas térmicas do seu setor. E o Taboão/Campo-Santo chegando... e o que fazer com essas malditas garrafas ?

Oh! horror. Iam pensar que ela estava roubando as garrafas. Ou pior, iam achar que ela estava levando os restos do café para casa. O que fazer: deixar as garrafas no chão, pedir pra colega segurá-las, chamar um táxi, atirar as garrafas para o alto e enfiar a cabeça num buraco na terra, gritar em voz alta: "quem foi que botou essas garrafas aqui ????". Ela não sabia o que fazer. Nessa indecisão, o ônibus veio, parou, abriu a porta, embarcou os passageiros, fechou a porta, arrancou e a nossa infeliz distraída olhando boquiaberta para aquelas 3 garrafas. Ainda se fosse uma só, dava para enganar, mas 3!!!!

O fim da história: Jogou uma capa de chuva sobre os objetos de tanto embaraço, e toca a voltar para a Celepar. Antes de se aproximar, uma rápida olhada para os lados, ninguém podia ver aquele vexame. Ainda bem que era hora de almoço, a empresa estava meio vazia, e ela pôde deixar aquelas coisas no seu destino final: a cantina.

Dizem que, por vingança, durante mais de uma semana, ela passou a tomar chá.

BB64

O DIA EM QUE O BILL FALOU...

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Fico me perguntando o que seria desta coluna se não fossem os estagiários. São eles que nos dão a matéria prima, os tijolos, areia e cal com que são construídas estas "enobrecidas" histórias. Então vamos à de hoje.

Nosso personagem é um estagiário $\frac{3}{4}$ que dá de 10 a zero em muitos profissional, é verdade, mas ainda assim estagiário não adianta querer fugir do destino. Pois bem, ele botou na cabeça de fazer a sua home page. Devidamente autorizado, lá se foi juntando sons, imagens, figurinhas e figuronas, cores pastéis misturadas com berrantes, animações que queriam pular fora da tela, acho até que tinha cheiros e outras cositas mas... Realmente precisamos reconhecer que ficou uma linda página. Sabe como é, qualquer coisa que saia da gente, no fundo, no fundo, é nosso filho. Vai daí que o nosso estagiário não se conteve e fez questão de mostrar a home page para todo mundo. Tanto mostrou e se engalispou que acabou atraindo para si, digamos assim, os desejos de aprontação dos seus colegas.

Tem um deles, cujo nome não é certo nem ético falar (atribuamos algumas letras sem nenhum sentido para nominá-lo, talvez TBDQ) que comprou a briga para si.

O TBQD começou a mandar "mails" para o nosso estagiário fazendo-se passar por inúmeras personalidades. Assim, imagine prezado leitor quando nosso estagiário, chegando logo cedo na CELEPAR, abriu sua caixa postal e deu de cara com a seguinte mensagem:

From<Gates, b> Tue Mar 14 10:33:51 1996 Received: (from microsoft@localhost.mic.com) by lepus.celepar.br

Date: Tue, 14 Marc 1996 10:32:36 0500

From: Bill Gates III <microsoft>

Message id: <199603141332.KAAA16027@microsoft.mic.com>

To: xxxxxxxxxxx@lepus.celepar.br

(Não íamos dar o nome dele...)

Subject: your beatiful home page

I loved your home page. Its really one of the best pages that I had seen in the Internet. When you need one job, send your curricula to me. Im sure that we can find one interest place to you in Microsoft

Best Regards

Bill

—————end of message—————

Nosso estagiário ficou sem fala: azul, verde, apoplético, faltava-lhe o ar. Chamou todo mundo para ver, foi quase um escândalo. O sujeito não cabia em si de contente. No dia seguinte, veio um mail do Fernando Henrique mais ou menos nos mesmos termos. E o sujeito vibrando. A lista de personalidades não parava de crescer, e a massa em volta não pará de aproveitar-se. E nada do estagiário se tocar.

Ele só foi desconfiar, quando veio uma mensagem da Adriane Galisteu. A mensagem era bem simples, mas foi o que bastou, para ele se tocar: a mensagem dizia: Eu sou a Adriane Galisteu, mas depois dessa home page serei Galistua na hora em que você quiser...

Aí, até o sujeito achou que era demais. Foi a dica para a história lhe ser contada e tudo acabar em festa, como sempre.

Um Celepariano entre Mickey, Pateta e Donald

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Filhos adolescentes em ponto de bala, a chance de desenferujar um pouco o parco inglês; um dinheirinho guardado no bolso, e lá vamos nós para 10 dias de Disneyworld. Curitiba, São Paulo e Orlando, num avião imenso que mais parecia um jardim de infância, tamanha a balbúrdia e o alarido que vigiam lá dentro.

A chegada, o aluguel de um possante Mitsubishi hidramático, direção hidráulica, só faltava o motorista virtual, a imediata perda no trânsito maluco da cidade, achar o hotel, dormir e no dia seguinte, bem cedo, aquele parque do castelo da Cinderela: Magic Kingdom. O parque é muito bonito, se bem que acho que 1/3 da humanidade pensa a mesma coisa e estava lá. Vazava gente pelo ladrão. Aliás, se perguntarem o que mais eu fiz em Orlando, responderei na bucha: entrar em filas. Tinha fila pro ingresso, pro brinquedo, pro trem, para comer, para estacionar, para fazer xixi, tinha fila até para fazer fila.

No meio da manhã, a primeira confusão idiomática: Vou a uma lanchonete, buscar comida pros três. Fico contente, estou sendo entendido pela vendedora, nosso diálogo é produtivo. No meio do papo, a mulher sem mais nem menos dispara: french, italian or russian. Que aconteceu ? Meio desnorteado, tento a mesma frase, e a mulher retruca do mesmo jeito. Que remédio, o negócio é mudar de idioma, meu inglês deve estar bem ruinzinho, e como lá todos falam espanhol, mudo para este. A mulher repete, agora num espanhol perfeito: frances, italiano o russo. Credo, que fazer ? Português, nem pensar. Meu francês é bem fraquinho, Italiano e russo, pior ainda. E a mulher perdendo a calma e levantando a voz. Me dá o desespero: cála-te mulher enlouquecida, pensei, vade retro. O que queres de mim ?

Já íamos quase ao destempero verbal, quando ela, vendo que eu não ia entendê-la nunca, chacoalha uns envelopinhos diante de mim. Ai, que vergonha. Ela não queria mudar de idioma, só estava perguntando qual molho de salada eu queria. Tinha o francês, o russo e o italiano. The italian, respondo, que ainda por cima era low fat (diet).

Pausa para falar da refeição. O que se desperdiça de coisas, não está no gibi. Aliás, se me pedirem uma definição da sociedade americana, dá para falar sem medo de errar: é a sociedade do desperdício. Com o objetivo de economizar em mão de obra, tudo, absolutamente tudo, é descartável. Isso implica em jogar fora uma quantidade imensa de coisas. Para quem vem de uma sociedade pobre, que precisa de empregos (aliás como todo o mundo, inclusive o 1º) e ainda por cima sabe que os recursos deste nosso pobre planeta são finitos, dá uma coisa bem ruim, vendo esse festival de fim de festa.

No dia seguinte, um passeio para compras. Conhecendo-me, procurei me manter afastado de lojas de informática, que se eu bobear, acabo comprando um caminhão dessas tralhas. Mas, nosso cérebro (ou

pelo menos o meu) caminha por caminhos tortuosos, e quando dei pela coisa, sem querer estava dentro de uma imensa loja de computadores. Inesperadamente, acabei encostando a barriga no balcão dos notebooks e lá tinha um que era uma lindeza. 8Mb de memória, vídeo colorido, 1Gb de disco, drive de 3 1/2, bem levinho, pela pechincha de 995 dólares.

Pronto. Já me arrependi de ter entrado na loja. Agora, se não compro, vou ficar a vida inteira me lastimando. E, se compro, arrumo mais uma tralha inútil. Afinal, em casa, o índice de computadores per capita já é maior que 1, todos ligados em rede, e o que vou fazer com este ? Só se instalá-lo no banheiro, que ainda não está servido por recursos computadorizados. Pra encurtar a história, pelo sim pelo não, comprei o micro. Voltei para o hotel e deixei ele ligado, para ver se agüentava, com a secreta esperança de que ele não me decepcionasse.

Passada uma noite, ele tinha pifado. Não sei se ficava contente ou triste. Juntei tudo e voltei pra loja. Depois de alguma conversa, desfizemos o negócio. Foi um alívio, um peso a menos a carregar, e até agora não tinha entendido para que ia usar o tal do notebook. Os céus ouviram minhas preces.

Outro dia, fomos ao Parque da MGM. Lá tem um brinquedo, concorridíssimo, no qual um elevador (com você dentro, é claro), despenca do 12º andar até o terceiro. Mais de uma hora de fila, autêntica Babel (alemão, holandês, português tinha até uma mulher com uma camisa com o Roberto Carlos desenhado inglês, espanhol, árabe, e ainda por cima uns idiomas que francamente não dava para identificar). E a porta do elevador se aproximando, e a minha, ou melhor, nossa coragem cada vez menor. Até que, finalmente, chegou a vez. Não consegui entender, o que leva um ser humano, supostamente no gozo de suas faculdades mentais (isto é, eu) a entrar numa geringonça que vai ser atirada de mais de 40 metros de altura, e ainda por cima PAGAR por isso. Bom, com a porta fechada, não havia o que fazer, a não ser relaxar. Só um pouquinho antes da coisa começar a se mexer, meus pensamentos se voltaram aqui para a Celepar. Pensei, temos que ver o lado bom de tudo na vida. Quem sabe isso me dá mais experiência para usar os elevadores no 1142... .

Mais alguns parques, passeios (o Cabo Cañaveral é muito lindo, um pântano imenso em volta cheio de cartazes com "dangerous, there are many poissosns snakes here") e chega a hora de voltar para Curitiba. Muitas horas de voo, e cá estamos no belíssimo Aeroporto de Curitiba. Todos inteiros, uns quilinhos mais gordos, satisfeitos da vida e prontos para o recomeço.

Mas, pensando bem, que o micrinho era uma beleza, isso era.

BB65

Hiroshima e Nagasaki, versão celepariana

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Os participantes desta história quase todos já não estão mais trabalhando conosco. Portanto, é hora de contar a verídica epopéia e, porque não, de rir um pouco com nossas próprias desgraças, que afinal esta vida não deve ser levada muito a sério mesmo.

A Empresa, como todo organismo vivo, às vezes precisa conviver com algumas faltas e carências. Quem já precisou fazer regime, sabe do que falo. Pois vai se contar aqui o episódio do dia em que faltou ... papel higiênico. Imagine, prezado leitor, 600 e poucas pessoas trabalhando durante 8 horas absolutamente sem nenhuma segurança, rede de proteção, ou espaço para descuidos. Qualquer (censurado) seria fatal.

Tudo começou quando houve um consumo anormal do dito insumo. Razões há de as ter havido, mas não se descobriu até hoje quais foram. O almoxarife, pessoa responsável, ao ver aquela pilha normalmente enorme diminuir, tratou de alertar seus superiores. Risco de situação potencialmente perigosa. Imediatamente, entrou em ação o mecanismo de aquisição em regime de urgência. Editais... a pilha diminuindo, tomadas de preços, ...diminuindo... aquisição... a pilha já no mico e finalmente (ufa, que alívio), a entrega prometida: próxima terça-feira. É batata!

Mas, se há uma lei verídica na natureza, é a lei de Parkinson (se algo pode dar errado, dará). Pois não é que na fatídica terça o caminhão que trazia a nessas alturas preciosa mercadoria, não sofreu um pequeno acidente? Esse foi o pano de fundo, agora corte rápido para o dia em questão.

Já na véspera havia algo estranho. Pessoas portando o indefectível sorriso amarelo já contrabandeavam rolos, meio escondidos no meio de pastas e listagens, de sala a sala (ou melhor, de banheiro a banheiro).

Nesse dia, ocorreram alguns episódios hilários, mas foram poucos e localizados, nada que se comparasse à verdadeira hecatombe nuclear do dia seguinte.

No dia D, cedo, os telefones da área de suprimentos começaram a soar estridentemente. Alguns telefonemas educados, outros irônicos, enquanto outros, francamente desesperados. Rapidamente as brincadeiras e os deboches naturais nessas situações, começaram a ser substituídos por algo bem mais aterrorizante; em uma palavra, pânico. Mas o pior estava reservado para depois do almoço. Afinal, já dizia Lavoisier: na natureza nada se cria, tudo se transforma. E a lei das pressões em vasos comunicantes de Bernoulli também deu o ar de sua graça. A pressão (concretamente falando) era cada vez maior.

O gerente administrativo, enfureceu-se, subiu nas tamancas. Batia com a mão aberta na mesa, gritando (censurado), (censurado) e (censurado). Os funcionários reunidos, não sabiam se baixavam a cabeça pela espinhafrada, ou se caíam na gargalhada. De fato, nunca um palavrão foi tão bem empregado: literalmente era um problema de (censurado).

O que teve de gente indo visitar uma tia, na farmácia, na quitanda ou indo em casa buscar um repentinamente importante guarda-chuva esquecido (não chovia há mais de 30 dias, o céu era de brigadeiro). Teve uns mais práticos, ou apressados que se socorreram no boteco aqui da esquina mesmo. Quem tinha um pouco de papel guardado, rapidamente o trancou a sete chaves. Surgiu até um mercado negro: algumas folhinhas em troca de uma lapiseira, caneta, agenda nova, micro, moto, até carro entrou na jogada. Houve rumores de que um gaiato chegou a oferecer fraldas descartáveis para adulto.

Como terminou a história?

As 15:00, diante do verdadeiro estado de calamidade pública potencial que se armou, o gerente administrativo, ele próprio, se rendeu: às favas a lei de licitações públicas, às calendas os prazos e ritos regimentais, que com essas coisas não se brinca. Pegou grana do próprio bolso e correu ao supermercado vizinho da Celepar. Teria sido divertido vendo-o chegar com 8 enormes fardos de papel higiênico. Teria sido, porque naquela situação, foi mesmo é ... um imenso alívio.

Ficou uma lição: nunca subestime a capacidade e a necessidade do ser humano de produzir (censurado). Pode ser fatal.

Seja Bem-Vindo, Deep Blue

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Na semana passada tivemos a eletrizante tanta emoção quanto as melhores novelas da Globo e sem comerciais irritantes no meio disputa entre Gary Kasparov e Deep Blue. De um lado, um genial enxadrista no vigor da idade e a credencial incontestada de melhor jogador de xadrez, vivo. Do outro, um computador. Todos os jornais e revistas têm descrito o Deep Blue como um imenso e especializado cérebro eletrônico, como se dizia quando eu era criança e havia a ameaça de um computador ensandecido (e provavelmente comunista) declarar guerra à espécie humana. Aqui, a meu ver, reside a falácia maior de toda a questão. Pois todos falam no hardware, descrevem como ele faz 200.000 comparações de jogadas por segundo, de quantos processadores especializados tem etc. e tal. Nem uma palavra sobre o software, esse sim, ouro puro, resultado do que de melhor pode a espécie humana produzir em termos de formalismo, concisão e rigor científicos. Aliás, de nada vale poder analisar 200.000 possibilidades por segundo. Há um episódio verídico que ilustra bem esse fato. Certa vez perguntaram a Ricardo Reti (campeão mundial, grande jogador, exímio na arte de aprontar verdadeiras arapucas nas quais o infeliz oponente era atraído, todo contente, achando que fazia grande negócio...), quantos lances ele precisava analisar para jogar bem. Sua resposta é deliciosa: apenas um. O certo!

Há uma explicação para essa distorção: o hardware é produto comercial, trabalho coletivo, para o qual convergem programas, enfoques e estudos, um monte de gente trabalhando junto, é mais engenharia que arte, e seu fabricante tem o maior interesse, e nesse caso todo o direito, de falar à exaustão sobre ele.

Já o software... bem o software é produção individual, está mais para arte do que para engenharia. É resultado de muitas horas de atividade solitária. Não tem o glamour do hardware, na verdade sequer tem existência física real. É pouco mais que uma abstração. Aliás, é do nosso colega mestre Müller, a antológica definição: Na dúvida entre o que é hardware e o que é software, jogue os dois para cima. O que cair na sua cabeça e causar dor, é hardware.

A equipe de desenvolvimento do Deep Blue é composta por 6 pessoas, sendo sua estrela um ex-aluno de doutorado que propôs, há vários anos atrás um algoritmo mais inteligente para jogar e vencer o xadrez. Dessas pessoas não se fala, mas são elas que literalmente carregam o deep blue no colo. Sem elas, tal máquina era capaz de perder um jogo de damas de quem aprendeu há duas semanas.

Pois bem, a Marília Scharzbach trabalha na mesma sala de sua chefe direta, outra moça com os mesmos predicados acima, e que também precisamos batizar com um nome fictício. Que seja Carolina. Só que como ela também tem homônimos, há que se qualificar. Fica sendo a Carolina Lanzarini. O telefone da Marília é o 801 e o da Carolina é o 800.

A Carolina Lanzarini saiu de férias e deixou a Marília Schwarzbach enlouquecida com quase 20 coordenadores de núcleo pedindo coisas e mais coisas a todo instante. Lá pelas tantas, a Marília Schwarzbach, completamente atarantada, precisou falar com a Marília Vistuba. Lembrou que sua chefe, de tão organizada que era, tinha todos os telefones anotados num papel do lado do telefone (o 800).

Daí, a Marília Scharzbach levantou-se de sua cadeira (a do telefone 801), e sentou-se à mesa da Carolina. Tirou o fone do gancho e olhou a lista. Pensou: "quero falar com a Marília, vou olhar o seu ramal." Lá estava escrito: Marília, ramal 801. Disca, disca, disca e ... o telefone começou a chamar. No mesmo instante o outro telefone (o 801) começou a tocar. Pacientemente, ela desligou o 800 e foi atender o 801. Quando chegou lá, haviam desligado. Pensou "ô gente mal-educada que desliga nas nossas fuças". Voltou a sentar-se à mesa da Carolina, olhou a lista de novo (Marília 801) e disca, disca, disca e ... o telefone começou a chamar. No mesmo instante o outro telefone (o 801) começou a tocar. Já não tão pacientemente assim, ela desligou o 800 e foi atender o 801, que, obviamente, havia sido desligado. Largou uma expressão (já daquelas bem cabeludas) e ... voltou pra mesa da Carolina...

Acredite, prezado leitor, que a Marília fez isso 4 (QUATRO) vezes, antes de se dar conta de que a Marília que ela estava vendo na lista era ela mesma e não a Vistuba. Ela estava ligando do 800 para o 801, e indo atender o 801, sendo que ambos ficam na mesma sala, e afinal o 801 era o telefone dela.

Senhora Carolina Lanzarini (atualmente em férias): Volte logo, antes que precisemos internar a Marília por estafa física e mental

BB67

O ORIENTE ENCONTRA O OCIDENTE

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Este caso ocorreu há poucos dias, tendo como protagonista um gerente da Celepar. Não podemos indicar o seu sexo, sob pena de revelar quem é o/a personagem. E, regra primeira, nestas crônicas é nunca permitir a identificação do freguês. Então ele/ela foi fazer um curso em São Paulo. Sexta-feira à tarde, hora de voltar, sala de embarque do aeroporto e centenas de orientais no pedaço.

Que estranho, aquilo estava mais para metrô em Tóquio que para aeroporto em São Paulo, até que, voilá, veio à lembrança: O imperador do sol nascente estava vindo para Curitiba. Pelo jeito ele e mais algumas centenas de cidadãos daquele nobre país. Eis o motivo de tantos orientais.

Todos embarcam e nosso/nossa gerente senta-se ao lado de um senhor japonês bem vestido e já meio passado em anos. O homem, com toda a dignidade e fidalguia dos nipônicos, espera o avião decolar e depois, autorizado pela comissária, abre um reluzente notebook. Nosso/a gerente vê as nuvens do windows 95 se mexendo e pensa com seus botões: eis aí algo conhecido, essas nuvens são mais manjadas que pipoca doce em dia de frio.

Mas, eis que a calma nipônica se rompe. O idoso usuário se sobressalta, chega a soltar uns resmungos. Nossa/nosso gerente se agita, já com vontade de dar uns palpites. Nessa hora olha com atenção a tela e ... HORROR! A tela está ilegível. Em vez de letras aparecem riscos e rabiscos. Está explicada a agitação do velhinho. Entrou um baita vírus embaralhando tudo. E, que estrago! As telas estão ilegíveis. O vírus alterou o endereço dos caracteres ASCII e colocou alguma outra coisa (aleatória) no lugar.

Sempre tem uns vizinhos de cadeira falantes e o vizinho da outra poltrona também era da área de informática: assunto cheio.

Você viu o estrago na tela do japonês ? Está explicado o motivo dos resmungos. Eu acho que tenho um Norton Antivírus na bolsa. Melhor o Inoculan, vou procurar na capanga. E, a tudo isso, o japonês batuca que batuca no teclado, e cada vez mais resmungos. Nisso, ele/ela percebe que o japonês está de fato sorrindo, e uma luz acende atrás da orelha do/da gerente: quem acabou de sofrer um ataque dessa natureza, não ri; no máximo, chora...

Olhou direito o japonês, e eis que vem o estalo: o danado do homem estava trabalhando em windows em japonês. Que vírus, que nada: simplesmente outra família de tipos.

Mas, que parecia vírus, isso parecia..

BB68

ESSES NOMES...

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Este escreba que vos escreve passou os últimos dois anos fora da Empresa. Um belo dia, logo depois do meu retorno, fui apanhado por uma discussão a respeito de pulmões. Era um tal de pega do pulmão 1,... devolvemos quando o pulmão 2 chegar, todo mundo fazendo cara de entendido e eu pensando, afinal, isto é uma empresa de informática ou uma clínica de fumantes? Será que todos não enlouqueceram de vez? E eu sempre tinha ouvido falar em pulmão direito e esquerdo e não 1 e 2. Nunca tive coragem de contar essa história para não passar por trouxa. Agora chegou a meus ouvidos um causo delicioso, que prova que não estou só. Mais alguém se enredou nessa história de pulmão. Então vamos a ele.

Para quem não sabe (e eu só fui descobrir há pouco), faz algum tempo, o Estado se debatia na falta de insumos de informática. Devido a essa escassez premente, a Celepar organizou uma compra global de computadores e impressoras e inspiradamente batizou o projeto de PULMÃO. O nome representava o esforço de dar um pouco de ar aos nossos usuários. Nunca um nome pegou tão bem, e hoje é comum as pessoas do nosso convívio falarem em pulmão pra cá e pulmão pra lá, na maior intimidade.

O problema, como já se verá, está quando esse jargão chega às pessoas que não gozam da nossa intimidade. Eis a cena: regional da Secretaria de Saúde numa cidade do interior do Estado. Uma bela tarde, toca o telefone, uma técnica de saúde atende, e do outro lado, se diz:

- Boa tarde. Aqui é da empresa Fulano de Tal, e estou ligando para agendar uma ida aí com o objetivo de substituir a máquina do pulmão.

Pulmão? Soou meio estranho, mas mesmo assim, algo familiar. Ela não entendeu e especulou mais,

- Como assim, substituir?

- Sim, vamos mandar uma máquina bem melhor, mais rápida e mais potente.

Ora, leitor. Ponha-se na pele da técnica de saúde. Ela sabe bem o que é uma máquina pulmão. Desconversou no telefone e correu pro chefe dela.

- Dr. Cicrano, sabia que vamos receber uma máquina coração-pulmão?

O Dr. Cicrano, não acreditou muito, mas afinal a técnica era ótima profissional, coerente e competente. Na dúvida optou pela técnica do vamos ver...

Enquanto isso a história já corria corredores. Já se divulgava a chegada da máquina e a construção de uma nova ala de pneumologia. Teve até um gaiato (recém ex-fumante) que queria porque queria fazer uma semana sem fumo, como comemoração pela chegada da máquina. Falava-se até em transformar a cidade em centro de referência para transplantes de pulmão...

Assim estavam as coisas no maior agito, quando chegou o dia, o técnico se fez presente, munido de caixas contendo computadores. Acabou aí a troca da máquina do pulmão.

Ficou a lição: Esse pessoal de informática, precisa cuidar quando inventa nomes, principalmente quando se apropria de nomes que já significam outras coisas. Pode dar zebra.

Para encerrar, lembrei-me de um outro causo parecido, acho até que já contei aqui. Numa reunião sobre o sistema RH do Estado, estavam-se discutindo quantos servidores seriam necessários. O pessoal da informática falava em servidor e pensava em computadores de alto desempenho. Mas os usuários ouviam servidor e imaginavam o próprio, em carne e osso. A coisa só foi descoberta quando um mais desavisado perguntou quando ia ser feito o concurso público para contratar o tal servidor...

PS: Esta história é verdadeira como todas. Só desculpem ao autor alguns pequenos floreios como forma de tornar a história mais, digamos, palatável.

UMA MÃE CIBERNÉTICA

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Tãã - Dãã ! Bom-dia. Finalmente perdi a vergonha e resolvi pôr no papel o que se passa pelos meus circuitos. Eu sou a mãe windows. Não faça cara de estranheza, você pensou que programas de

computador não pensam e não falam? Se pensou, está enganado. Nós temos sentimentos, gostamos de ser paparicadas, ficamos extremamente injuriadas quando alguém exclama em voz alta "mas como esse windows é burro!", ainda erram o meu sexo, os trogloditas...

Daqui da minha janela, eu vejo e enxergo muita coisa. Vejo a coleção de meus amigos (aqueles que conversam comigo) passando na minha frente, e sempre me olhando com atenção. Só pelo jeito que as pessoas me chamam já me permite saber se o fulano está de bom humor hoje. Quando as teclas são violentadas, eu trato de me apurar, que pelo jeito o cara desceu da cama pelo lado errado. Quando, ao contrário, ele suave e delicadamente escreve win <enter>, eu relaxo e vou à luta, pronta para mais uma jornada de trabalho.

Gosto daqueles usuários que escrevem uma palavra (no meu filhinho word), daí pensam, apagam, re-escrevem um sinônimo, pensam mais um pouco e até voltam à palavra original. São pessoas sensíveis, cujos textos saem limpos e lindos. Em compensação, tem uns que quando mandam gravar um arquivo, preciso limpar o texto das marcas sanguinolentas, antes de gravar, tamanha é a quantidade de atentados à língua portuguesa que eles contêm.

Nesse micro, convivemos toda a família: eu, o word, o excel, o access, o notes. Todos nós nascemos em grandes maternidades, (a minha foi em Seattle). Junto conosco tem uns contra-parentes, que nasceram por aqui mesmo. Aliás, volta e meia, alguém digita e compila um novo programa, e ele passa a conviver conosco. Como toda família, a nossa também tem uns arranca-rabos de vez em quando. Vocês nunca viram um irmão mais novo emprestar ("roubar") uma camisa linda do armário do irmão mais velho? Pois aqui é a mesma coisa. Volta e meia, dois programas resolvem querer o mesmo recurso ao mesmo tempo: não dá outra sobra sempre pra mim. Quando posso, resolvo o negócio, dou uns cascudos num, e mando o outro continuar.

Ainda bem que não sou fofoqueira, pois eu tenho dezenas de olhos. Agora mesmo estou olhando olho no olho para mais de 20 pessoas, só aqui na Celepar. E, por sorte de todos, sou muda, pois fico sabendo de cada história cabeluda...

Mas, hoje quero falar dos meus filhinhos: um mais lindo que o outro. Definitivamente não caibo em mim de tanto contentamento: eles são os melhores do mundo.

O mais velho, o Word, teve alguns primos mais antigos que vieram de uma parte da nossa família, conhecida como DOS, da qual não gosto nem de lembrar, são um bando de pés-rapados, mal-educados e pobres. Não sou preconceituosa, mas tenho horror a pobre.

O segundo, coitado, é um ótimo filho, seu nome é Excel. Nunca me causa problemas. Mas, morre de inveja do wordinho. Não sei o que esses dois meninos tanto brigam. Acho que é porque o Word faz o maior sucesso entre o mulherio: as secretárias suspiram por ele. Já o pobre do Excel só encontra adeptos entre os sisudos contadores e economistas barrigudos. Ele se enfeita, se perfuma, se produz todo e, pobrezinho, as mulheres fogem dele como o diabo foge da cruz. Deve ser um problema de mau hálito, sei lá.

O terceiro, demorou mais para nascer, foi uma gravidez cheia de problemas, passei mais da metade dos 18 meses deitada na cama. O danado nasceu gordinho, e por mais que tente fazer regime, continua cheinho até hoje. Seu nome é Access. É um guloso. Não pode ver 2 ou 3 megabytes de memória sobrando, que logo engole todos eles, sem mastigar. E ainda fica olhando pros lados enquanto come, tal qual gato selvagem, para ninguém vir roubar o delicioso acepipe.

Finalmente, veio o caçula, exibido como ele só. É o Powerpoint, ou Point para os íntimos. Gosta de aparecer, é só surgir uma reuniãozinha qualquer pro nosso caçula ir para a berlinda. Adora trabalhar sob os holofotes. O coitado do Excel morre de inveja dele também.

O Word sofre o problema de todo primogênito, é conservador e mandão. Dia desses, precisei fazer umas comprinhas no centro (fui procurar uma lingerie super esperta, de nome plus95: vai me deixar enxutona e atraente) e precisei deixar os dois sozinhos em casa. Passei meia hora de doutrinação antes de sair: nada de brigar enquanto eu estivesse fora. Não fossem roubar os brinquedos um do outro, que crianças bem-educadas não agem assim.

Pois foi pôr o pé fora de casa, que os dois cismaram de brincar de "ler o disco" e os dois queriam pegar o mesmo setor para brincar. Cheio de setores dando sopa, e os dois quiseram porque quiseram pegar o mesmo; criança é igual em todo lugar. Resultado: GPF. Lá tive eu que ser chamada pelo BIP do meio da loja, larguei os pacotes correndo e vim botar um mínimo de ordem na casa. Coloquei o Excel de castigo, onde já se viu! Ficou lá choramingando e se achando injustiçado. Mas eu sou um modelo de

justiça, todos os meus filhos são iguais para mim. É verdade que o Word ficou tão de mau humor, que tive que ir comprar um docinho para ele, não agüento meu filhinho de mau humor, faço qualquer coisa para voltar a ver o seu sorrisinho maroto.

Ano passado, o Word comprou um guarda-roupa novo. Nunca vi uma moda com esse nome, "versão 7". Mas que ele ficou uma gracinha, todo bonitão isso lá ficou. Quando o invejoso do Excel foi buscar a sua, o alfaiate mandou ele sossegar, a versão dele ia demorar. Foi um custo amainar os espíritos lá em casa. O Excel aprontou a maior choradeira se ele pode, porque eu não posso? Lá tive que usar toda a minha psicologia de mãe pra consolar o coitado. Ainda para piorar, depois que acalmei o danado e ele foi dar uma cochilada, senti um duplo-clique nas costas e acordou todo faceiro: finalmente alguém queria falar com ele. Nunca vi esse guri levantar tão rápido. Mas foi só chegar na janela para ouvir hiii! errei de ícone, não sei usar essa droga. Pronto, lá voltou ele com um bico deste tamanho. Que fazer, é a vida.

No último fim-de-semana, preparei um super café da manhã para os meus filhinhos. Mesa posta sobre o tampo do winchester, o Access, que só sabe dizer tô com fome, começou a se engraçar para cima das guloseimas dos demais. Primeiro roubou o chineque de silício do Excel. Dei uma bronca educada no Access. Daí, me distraí e quando vi, o danado tinha roubado a broinha de milho com DMA que eu comprei para o Word. Este começou a choramingar e eu a gritar. Não que seja histérica, mas perdi o controle. Despachei o Access de castigo para a memória estendida e fiquei mais de meia hora consolando o pobrezinho do Word.

Um outro dia estávamos todos vendo a novela das 8, quando, olhando pela janela, vimos um desconhecido qualquer pensando em voz alta. Pelo que entendi, ele queria preparar uma apresentação e não sabia se chamava o Point ou o Word. Fiquei no maior orgulho, qualquer um dos dois que ele chamasse, seria meu filho e afinal, eu sou superjusta. No fim, graças a São Gates, ele acabou chamando o Word. O Point não gostou muito, mas eu disse para se acalmar, que afinal não dá para ganhar todas.

BB69

Ô BICHINHO INCONVENIENTE, ESSE CELULAR...

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Esta história é quente. Ocorreu há poucos dias e teve gente que passou mal de rir. Fiquei em dúvida se contava ou não o caso. Afinal, ele envolve colega vizinho de sala, e além de colega, amigo. Com essas manias de escrafunchar na vida alheia e contar tudo o que ocorre, acabo me arriscando a enfrentar turbulências. Paciência, posso perder um amigo, mas não perco uma história.

Pois o nosso personagem é um coordenador de atendimento responsável por vasta carteira de clientes por sinal todos eles bem exigentes. Uma bela manhã ele se dirige ao banheiro, mal tranca a porta e TRIIIIIMMMM, toca o telefone na mesa. A secretária atende, é um cliente desesperado. Ele (o cliente) precisa repassar uma série de informações necessárias para um processamento imenso que vai ocorrer nessa tarde. As 18 horas a fita magnética tem porquê tem, de embarcar para Brasília. É caso de vida ou morte.

A secretária, safa como ela só, ficou constrangida de dizer ao cliente que seu interlocutor estava no banheiro. Disse apenas que muito ocupado estava, não podia atender, mas que logo em seguida retornaria a ligação. O demandante não ficou muito satisfeito, afinal o caso era de vida ou morte como já se disse, mas,... que remédio.

Nossa auxiliar, preocupada, começou uma marcação cerrada na porta do banheiro. Não sei se já contei, mas era caso de vida ou morte, o coordenador não podia escapar. Passaram-se vários minutos, e nada da porta se abrir. Que estranho... ela pensou. Já meio preocupada chegou perto da porta e AAHHH! (um pulo para trás) Que susto! Vozes lá dentro. Discussão abafada. O homem enlouqueceu ? Será que está treinando oratória ? Será que alguma coisa que ele comeu deu um revertério ? Dizem as más línguas que a secretária resmungou com seus botões credo em cruz, tem cada doido por aqui, enquanto se afastava. E, nada da figura sair lá de dentro.

A notícia se espalhou, e como sempre acontece nesses casos, uns perus que vagavam por ali se juntaram na torcida. Começaram a aparecer as primeiras teorias sobre a demora. Não dá pra descrevê-las aqui, seria falta de decoro, mas tinha umas duas francamente fantásticas.

Nisso, aquele barulho característico da água descendo enlouquecidamente pelo cano, violenta, redemoinhando-se toda e etc. etc. Era a descarga, nessa altura, salvadora. Um gaiato lá do fundo não se conteve e

exclamou: AGORA VAI!. Risos e chacotas da massa. Abre-se a porta e sai o fulano impávido e tranqüilo. A secretária corre a avisar:

Ligue para o seu cliente, ele precisa falar urgentemente com você.

O coordenador, na maior calma respondeu:

Não precisa, já falei com ele. Não só falei, como anotei tudinho.

Disse isso mostrando uma tira de papel (daqueles brancos, duplos, picotados) de quase 2 metros, cheia de garranchos, números e esquemas.

Ele me ligou no celular e resolvemos tudo.

Como diria o Sílvio Santos: Isto não é incrível ? Agora, prezado leitor, pensemos juntos: É ou não é um coordenador prevenido? Nem naquele momento glorioso de abandono e relaxamento, ele se desguarnece. Vai ao banheiro munido de celular e lapiseira. Papel não leva, porque sabe que lá tem. Agora, duro mesmo, foi o cliente entender como alguém que estava ocupadíssimo, impossibilitado de atender, conversou com tamanha calma e galhardia. Quem sabe um dia ele fica sabendo. O pior é que dizem que esse coordenador vai comprar um notebook. Será que o computador irá junto também ? ... Aguardemos

NÃO CASE COM UMA MULHER,

CASE COM O WORD

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Me desculpem as mulheres feministas mais exaltadas, mas vem aqui cenas explícitas de chauvinismo explícito. Paciência. As coisas são como são. Pensando melhor, este texto é só para homens. Se você é mulher, NÃO CONTINUE!

Refiro-me à característica nova do Word de tomar decisões de modo autônomo, sem que se lhe peça ou mande qualquer coisa. Ele encasqueta uma coisa e não há (NÃO HÁ!) maneira dele se tocar que não está agradando. Por exemplo, esses dias estava escrevendo um texto e queria terminar a frase por um "A" maiúsculo. (Não posso nem mostrar a frase aqui. Afinal estou usando o próprio, e seu eu for escrever a frase tal qual era,... crau!).

Pensei com meus botões: se quero terminar a frase por A seguido de ponto, vamos a eles. Teclei SHIFT A seguido de ponto. Imediatamente o WORD, num espasmo, transformou meu A . em ^a. (Note que na frase anterior o A e o ponto estão separados por um espaço. Se não separar... crau!).

Não paro de descobrir lugares e momentos para essas gracinhas do WORD. Esses dias digitava um questionário. Escrevi a pergunta e pacientemente digitei duas linhas de sublinhado, que era o local de resposta. Quando terminei a segunda linha e dei enter,... Cadê ?, O que aconteceu ?, Caluda !, Sossega leão... Não teve jeito, o WORD engoliu as minhas duas linhas e devolveu uma linha bem grossa.

E quando você começa uma frase com "O fulano fez ...", ou "o microcomputador vai ...", ou qualquer coisa que se inicie com o artigo definido masculino singular O, tão comum em português. Pois o danado deste programa de quem se fala, imagina que em vez de O, queremos aquela bolinha de itemização. E, manda ver, sem piedade. Típica pixotada dos seus construtores. Em inglês pouquíssimas frases começam com "O", mas aqui no Brasil esse troço não podia ser usado desse jeito.

Agora a briga é outra: você escreve uma série de alguns hifens, e aparece caído dos céus um risco horizontal que atravessa o papel de um extremo a outro e que é impossível de arrancar fora. Pelo menos estou tentando há 15 minutos sem sucesso algum. Paciência, se não dá para tirar, deixa o risco aí. É mais ou menos como no casamento. Alguém pode perguntar E porque você foi digitar alguns hifens ? A resposta é simples, ao estilo de Jânio Quadros: fi-lo porque qui-lo. Ora, eu digito o que me vem no bestunto e ninguém, muito menos esse reles programa, tem nada a ver com isso.

Daí, enquanto escrevia este texto, fui fuçar no Word, para ver que mais tragédias inesperadas e não encomendadas poderiam acontecer. Fiquei horrorizado com a quantidade de besteiras que ele se mete a fazer. Indo um pouco mais longe, descobri um texto delicioso no Help do Word, mais ou menos nos seguintes termos: O que fazer se você mandar o word parar de trocar coisas e ainda assim ele continuar trocando.... SOCORRO ! CÁSPITE ! ACUDAM-ME !

Eis a prova de que não minto. O texto a seguir é um cortar-colar do help do word:

Desativei as opções de formatação automática e o Word continua formatando o meu documento.

· Certifique-se de que esteja na guia correta quando clicar em AutoCorreção no menu Ferramentas:

· Para controlar as alterações automáticas que o Word efetua enquanto você digita, clique na guia AutoFormatação ao digitar. Em seguida, selecione ou desmarque as opções que desejar. Para obter ajuda sobre uma opção, clique no ponto de interrogação e, em seguida, clique na opção.

· Para controlar quais as alterações automáticas o Word efetua no texto selecionado do documento ou em um documento inteiro de uma só vez, clique na guia AutoFormatação e, em seguida, selecione ou desmarque as opções que desejar. Para obter ajuda sobre uma opção, clique no ponto de interrogação e depois clique na opção.

· Se você desmarcou a caixa de seleção Caracteres de símbolo (–) por símbolos ($\frac{3}{4}$) na guia AutoFormatação ao digitar (menu Ferramentas, comando AutoCorreção) e o Word continua a inserir símbolos, verifique a lista de entradas de AutoCorreção. No menu Ferramentas, clique em AutoCorreção, clique na guia AutoCorreção e verifique se a caixa Substituir contém o símbolo que indica que o Word está substituindo automaticamente. Você pode desativar a AutoCorreção desmarcando a caixa de seleção Substituir texto ao digitar, ou excluir a entrada selecionando-a na lista e clicando em Excluir.

· Verifique se a atualização automática está ativada para o estilo que o Word aplicou. Para desativar este recurso, clique em Estilo no menu Formatar, selecione o estilo na caixa Estilos e, em seguida, clique em Modificar. Desmarque a caixa de seleção Atualizar automaticamente.

· Se você desmarcou a caixa de seleção Títulos na guia AutoFormatação ao digitar (menu Ferramentas, comando AutoCorreção) e o Word continua a adicionar estilos de títulos ao seu documento, desmarque a caixa de seleção Definir estilos baseados na sua formatação na mesma guia.

Se eu li certo, são as instruções caso você mande o programa fazer uma coisa e ele não obedecer você! Terei entendido certo ? Como dizia aquele personagem do Jô Soares, me belisque, que devo estar sonhando (pesadelando).

Bom é isso. Acho que a indústria podia ir com menos sede ao pote. Grande parte das "vantagens" e bota aspas, muitas aspas nisso, que as versões novas desses programas famosos apregoam aos quatro ventos sobre as antigas, na minha opinião são puro lixo. Besteiras inúteis, penduricalhos, pentes, espelinhos, bijuterias vagabundas, que não servem para absolutamente nada (exceto forçar você a comprar mais memória, mais disco, ...).

Para terminar, espero Ter (porque esse Ter virou maiúsculo ? Eu juro que não apertei SHIFT, ele virou sozinho) mostrado que o Word adquiriu algumas características da mulher após o casamento. Claro que é uma comparação forçada, não me levem muito a sério. Agora, tem uma coisa do Word que seria muito boa no casamento. É quando o programa deixa completamente de ser razoável, não há como conversar ou argumentar, não adianta explicar, pedir, implorar. Nessas horas é uma delícia puxar o fio da tomada...

Devo a frase do título a meu colega professor Parahuary, que em discussão sobre esta característica do Word, deixou escapar essa pérola de sabedoria. E pelo que ele contou, se segurem. O sucessor do windows 95 vem fervendo com essa "vantagem" não esqueçam as aspas para valer. O programa não pará de inventar coisas.

BB70

FLAGRANTES

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

O CASO DAS GALINHAS ASSASSINAS

Esta veio nas asas da Internet. Mandada por um leitor da coluna, o

,aoqualdeantemoagradeo(al,alleitores,compartilhemconoscosuashistrias

Faz algum tempo, uma bonita capital brasileira, da qual não podemos dar o nome, dizendo apenas que dela se tem uma vista maravilhosa dos arredores, sofreu uma inesperada praga: uma invasão de escorpiões. O bicho além de nojento é perigoso. Pode matar.

A secretaria municipal ficou com o abacaxi de exterminar milhares desses desprezíveis e mortais seres. Imediatamente se instalou a controvérsia: como liquidá-los. Houve diversas sugestões, desde veneno (é perigoso para as pessoas), passando por armadilhas caça escorpião (o que usar como isca ?), até umas idéias meio malucas de engenharia genética... A idéia salvadora veio não se sabe donde. Alguém descobriu que o inimigo natural do escorpião é a galinha. A simples, prosaica e penosa galinha. Segundo

os entendidos, a galinha olha para um escorpião como olhamos para uma picanha dourada, com alguns grãos de sal sobre um confortador brasileiro. Idéia salvadora, pois além de segura seria barata.

Imediatamente, como se tratava de órgão público, toca a fazer uma licitação para comprar milhares de galinhas. Especifica o objeto, mobiliza os fornecedores, pede paciência à população, que essas coisas demoram, e enfim eis as engrenagens da máquina compradora do Estado em ação.

Os trâmites até que correram rápido, em função do caráter de saúde pública da aquisição. Tão rápido, que um belo dia, chegou a data da entrega da mercadoria. Tudo pronto para receber e distribuir as penosas, agentes de saúde mobilizados, campanha esclarecedora pronta para ir às ruas, quando... Encosta o caminhão.

Primeira coisa estranha: era um caminhão frigorífico, mas como fazia muito calor, tal esquisitice ficou por conta do cuidado com as galináceas, ou da falta de caminhão mais apropriado, ou das idéias de alguém meio desligado, sabe-se lá.

Não era ninguém desligado não. O fornecedor estava ent

regando milhares de galinhas congeladas, mortinhas da silva, prontas para irem para a frigideira. A explicação? Nas páginas e mais páginas do edital, alguém esqueceu de dizer que queria as galinhas vivinhas, prontas para traçarem os escorpiões. Na falta dessa informação, o vendedor não teve dúvidas: tascou um monte de frangos congelados.

BB71

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

O DUPLO ROUBO DO CARRO

Três semanas em Foz do Iguaçu, ajudando a manter a infra-estrutura de informática dos Jogos Mundiais da Natureza e eu preocupado por não ter nenhuma história pitoresca para aqui contar. Mas o último dia não decepcionou. Tivemos um corre-corre por conta de misterioso ladrão. Nasceu o causo do "duplo roubo do carro".

A Celepar teve até uma participação, ainda que involuntária no caso. Vamos à descrição do ambiente: centenas de pessoas trabalhando no comitê e alguns carros alugados para permitir o deslocamento dessas pessoas por entre os 11 locais da Costa Oeste onde os jogos aconteciam.

Por azar dos participantes (mas por sorte da coluna Flagrantes), havia dois carros da mesma marca, do mesmo ano. Dois carros gol branquinhos da silva. A motorista de um deles esteve visitando o canto de trabalho da Celepar, logo no início dos jogos, e lá esqueceu a chave do dito cujo. No dia seguinte, vi a chave, não sabia de quem era, e simplesmente aguardei o dono (no caso, a dona) aparecer. Só que esta, dando tratos à bola, não conseguiu lembrar onde tinha esquecido, e nem se esquentou: mandou logo fazer uma duplicata.

No último dia, vendo que o dono (ou a dona) não havia aparecido, entreguei a chave ao gerente da segurança dos jogos. Sem que soubéssemos, estava se armando o cenário para o causo. O gerente reconheceu o chaveiro como sendo o do gol branco.

Nessa noite, precisando ir buscar alguma coisa noutro hotel, pediu um carro ao gerente de transportes que o mandou pegar o gol branco. O gerente de transportes referia-se ao segundo gol, mas na correria, esqueceu de dizer.

O gerente da segurança pensou com seus botões: se é o gol branco, já tenho a chave, toca a pegar o veículo. E lá se foi o carro da moça. Quando saiu buscar o seu carro, ela deu de cara com a vaga vazia: roubaram meu carro! Polícia, bombeiros, socorro! Eis, que surge a idéia salvadora: chamem o gerente da segurança... Que não estava, pois como se viu, ele mesmo tinha levado ("roubado") o carro.

Nesse rebu, alguém veio do segundo hotel e trouxe a boa nova. O carro "roubado" estava lindamente estacionado lá. Imediatamente arma-se uma caravana meio na moita, mas enorme, para ir recuperar o dito cujo. Corre, abre o carro, e volta bem rapidinho, antes que o "ladrão" aparecesse.

Ufa, deu certo, de novo o carro estava estacionado no hotel original. Agora, corre para o segundo hotel. Sai o gerente de segurança, logo ele, e agora ele, dá de cara com a vaga vazia. Que desaforo, "roubar" o carro do gerente de segurança. Polícia, bombeiros, socorro! Isso não podia ficar assim...

O fim da história: de volta ao primeiro hotel, todos viram que lá estavam os dois golzinhos brancos, um do lado do outro, calmos e quietos. E, assim termina o causo.

BB72

Yo no creo en brujas pero que las hay... las hay

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Há uns 15 anos, em estúpido acidente de trânsito, na esquina da Mateus Leme com a Barão de Antonina, falecia um colega nosso que trabalhava na programação. O ambiente ficou triste na empresa. Nada como dar de frente com a morte para ver quão frágeis somos.

Era uma outra época, mais heróica, mais divertida e mais excitante. Micros, não havia, o máximo que tínhamos eram terminais do grande "cérebro eletrônico" no aquário instalado. Vai daí que era muito comum passar perto da meia-noite na frente do prédio e encontrar um monte de janelas acesas, o estacionamento lotado. A virada de noites trabalhando era meio freqüente, até divertida, porque não dizer.

Pois, no noite seguinte ao trágico acidente, ninguém ficou trabalhando. Estavam meio acabrunhados e todos foram para casa. Todos, menos um colega, que com muitas (muitas) pendências em atraso, precisou arrumar forças para enfrentar a madrugada. Não sei se pararam para pensar, que as nossas salas, durante o dia, são barulhentas, cheias de movimento e animação. Às 2 da manhã, com todos os corredores escuros, as salas vazias, e ainda por cima o astral baixo, não havia movimento nem animação, aliás, reinava um silêncio pesado e mortiço. O silêncio só desapareceu um pouco quando o vento começou a uivar solertemente, agitando as árvores e os nervos do nosso colega.

Nisso, ele se sentou à mesa de uma vizinha de sala, pois a sua (a mesa, não a colega) estava grávida de tanto papel em cima. Ao se sentar, sentiu um sopro gelado de ar na nuca. Credo em cruz, que foi isso? Minha mente está me pregando peças, já sou adulto e corajoso... mas, por via das dúvidas, foi nas 3 salas laterais e acendeu todas as luzes.

Indo até o terminal, digitou alguma coisa e voltou a sentar à mesa, a mesma. Dessa vez, os pelinhos da nuca se arrupiam todos: de novo o mesmo bafo gelido, enregelado, visguento, frio, muito frio. O colega pulou da cadeira, apavorado, aterrorizado, pálido de medo. Para piorar, no pulo, bateu o joelho e, entre o medo e a dor, primeiro atendeu a esta, xingou um bocado e depois voltou a se preocupar, trêmulo: o que, raios, está acontecendo?

Fuçou, procurou, xeretou e nada encontrou. Deu um tempo, sossegou-se, umas voltas pelas salas, nessa altura acesas e, meia hora depois, sentou de novo. Não preciso dizer que a aragem maligna, cinzenta, mal assombrada, do outro mundo, voltou a se manifestar.

Hora de reconsiderar: nessa altura do campeonato, aquelas urgências urgentes começaram a perder importância, melhor não seria tirar o time de campo? Dito e feito, vamos para casa. Ainda por cima, na descida, o elevador parou misteriosamente no 4º andar sem que ninguém tivesse apertado nada, as portas de abriram para o vazio escuro e perverso. Se alguma dúvida havia sobre o acerto de escafeder-se, o elevador foi a prova final: pernas pra que te quero, vade retro, mamãe, socorro!

Mas, nada como um dia depois do outro. Pela manhã, com a sala cheia de gente e de barulho, ele, discretamente, muito discretamente, começou a investigar o ocorrido: olhou em baixo da mesa, atrás do armário, embaixo da cesta de lixo, ao lado das listagens e, finalmente, quando a colega levantou da cadeira e foi ao banheiro, uma investigação completa na cadeira: Ah! Ah! Aí estava o fantasma da noite anterior: o estofamento do encosto tinha um furinho, dirigido diretamente ao pescoço da vítima. Cada vez que alguém sentava naquela cadeira, o encosto dava um assoprão no cangote do infeliz usuário.

Ufa, que alívio, deu pra comprovar que fantasmas não existem... mas...

BB73

ABREVIOU, NÃO LEU, O PAU COMEU

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Essa quem me contou foi o prof. Zé Augusto, que compartilha comigo o papel de carrasco de alunos na disciplina de estrutura de dados. Enquanto ele contava, e nós ríamos, pensei ... aí está um belo flagrante...

Pois, vamos a ele. O personagem é o próprio Zé, à época em que dava consultoria para uma grande empresa de autopeças, aqui mesmo em Curitiba. Havia um sistema de controle de estoque muito bom,

que todo mês emitia um relatório chamado POSIÇÃO DE ESTOQUE, que era distribuído em diversas vias, por três ou quatro áreas na empresa. O cadastro era bem completo, e vai daí que cada item no estoque ocupava 3 linhas do relatório. Como eram milhares de itens de estoque, o relatório tinha mais de 600 páginas. Haja papel, já que isso era no tempo do formulário contínuo, com picote, remalina, etc.

Um belo dia, veio uma ordem lá do Olimpo: reduzir custos. Ordem lá de cima, a gente obedece. Mas, o que fazer? Uma saída bem bolada, foi diminuir o tamanho do relatório. Ao final do ano, bela economia de papel se teria. Só que falar é mais fácil do que fazer. Mas, não há como fazer omeletes sem quebrar ovos, e tomada a decisão viriam fatalmente as consequências.

Uma delas, que no começo não despertou nenhum problema foi a decisão de truncar, no relatório, a descrição do item em estoque, que no cadastro tinha 35 caracteres, para 13 posições de impressão. Lembremos que naquelas impressoras de antanho, não tinha esse negócio de imprimir em 10 pontos, ou 12 pontos ou 6 pontos. Lá o caractere era fixo, e a linha tinha só 132 posições. Cada uma delas valia ouro.

Além dessa, diversas outras coisas foram cortadas, mas no final o objetivo foi alcançado: cada item de estoque só ocupava uma linha, e o relatório todo passou de 600 para 190 páginas: um progresso e tanto.

Foi feita uma carta aos usuários explicando os motivos daquela mudança, e o relatório foi rodado. No dia seguinte ele começou a ser distribuído, e logo no almoxarifado, a pessoa que levou o relatório, pode ouvir extensas e nada discretas gargalhadas das pessoas que consultavam o dito cujo.

Com a pulga atrás da orelha (o que pode haver de divertido num relatório de autopeças em estoque), a pessoa voltou lá para saber: a explicação foi bem simples. Os funcionários do almoxarifado, foram logo olhar o item chamado GRAXA PARA CUBOS DE RODAS.

Se você não entendeu o motivo, trunque o nome GRAXA PARA CUBOS DE RODAS em 13 posições.

BB74

FLAGRANTES

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

TRÊS DIAS ENTRE TANGOS Y MILONGAS

Disseram-me que tem um leitor que gosta destas crônicas de viagem. Então, se isso for verdade, aí vai mais uma. Dessa vez, foi aqui pertinho, Buenos Aires. Fui experimentar "o"vôo internacional (acho que é o único) do nosso aeroporto Afonso Pena. Aliás, na volta, foi bem legal olhar o painel de saídas de Ezeiza em BsAs. Lá estava escrito: vôo x de Buenos Aires para Orlando. Vôo y para Johannesburgo, Vôo z para Madrid, e vôo 960 para Curitiba. Chic não?

É uma cidade linda, meio antígona, mas cheia de charme. De charme e de sangue, que a cada esquina há um episódio envolvendo tiros e mortes a relembrar. Passeei na Plaza de Mayo, local onde se reuniam as famosas mães da Praça de Maio querendo informações dos "desaparecidos". Vi o local onde em 1955, a força aérea bombardeou dois ônibus urbanos lotados de gente em pleno meio-dia: mais de 70 mortos. Vi, também, um viaduto sobre a rodovia que vai do aeroporto até a cidade. Ali em 1972, no retorno triunfal de Perón, os peronistas de direita e de esquerda acertaram algumas diferenças (a tiro é claro, e com a polícia convenientemente bem longe cuidando de "otras cositas"). Não se sabe até hoje qual foi a contagem de baixas: o número já chegou a 1000 mortos (um claro exagero), e a estimativa mais séria é de cerca de 50 mortos e 300 feridos.

O movimento guerrilheiro acabou, as Fuerzas Armadas estão nos quartéis, mas o clima é quente. Como não houve um acerto de contas no final do governo militar e simplesmente varreu-se "la suciedad"(a sujeira) pra debaixo do tapete, a coisa teima em não sossegar. Parece que a tratantada fermenta e fermenta e não há sinais de calma. A última (essa semana ainda) é a expulsão do Exército do (ex) Capitão Astiz, um notório torturador. A cidade estava em polvorosa, panfletagens e passeatas querendo ver a caveira desse cidadão. Outras panfletagens e passeatas querendo ver o sangue dos adeptos da primeira panfletagem. Mais outra passeata Durma-se com um barulho desses.

As estantes de história da Argentina nas livrarias, são um prato cheio. Haja história para contar. Aliás, alguém me disse que num trecho da avenida Corrientes (lembra do tango? Corrientes, 348, segundo piso acensor) há mais livrarias do que em todo o território brasileiro. Bravata, pensei eu, mas fui lá conferir. Olha, não sei não Se não ganha, empata.

O idioma é uma delícia. Tão parecido e ao mesmo tempo tão diferente. Estou passeando por uma avenida e olho um imenso cartaz numa vitrine: Gran venta. Sin interés, cuja tradução poderia ser: "grande venda, sem interesse". Que estranho, alguém querer vender algo que não tem interesse. Deixa essa em suspenso e caminha mais um pouco. Na outra vitrine lê-se: 2

No domingo pela manhã, um calor dos demônios e vamos ver a Feira de Santelmo. De cara, uma estátua viva, a la parisiense. A mulher absolutamente parada, toda pintada de branco. Meu filho sacou logo, enquanto a minha filha jurava que era de pedra. Ficamos os três olhando com cara meio abobada, até que a estátua deu uma piscada para a minha filha (e esta tomou um susto). Pronto: estava esclarecido: era de mentirinha. Tratava-se de uma moça de verdade, muito bonita por sinal.

Pois no meio da feira, uma sede enorme, vamos a um kiosko e pedimos três latinhas de refri. A senhora nos dá as latas, cobra os 3 pesos e assim na bucha, pergunta: ¿quieren sorvete?

Que estranho, eles vendem a lata e dão um sorvete de brinde? Cara de "não entendi" e a mulher mostra o tal do "sorvete". É o canudinho, que é usado para sorver a lata, isto é o conteúdo da lata. No, gracias, no queremos sorvetes, e dá-lhe gargalhar.

Uma noite, fomos tomar um café. Peço pão e o "garçon" desolado me diz que acabou. Peço torradas, e a mesma resposta. Agora sou eu que faço cara de desolado e ele oferece "la factura". Caramba, além de não ter o que quero, o cidadão quer me trazer a conta pra eu dar no pé. Quanta gentileza Em seguida vem a explicação: as faturas lá são pequenos croissants, com manteiga e açúcar em cima, uma gostosura.

Mas o melhor foi uma notícia ao pé da página 1 do La Nación, que seria a Gazeta do Povo deles. Estava lá com todas as letras: "La policia encontró al presunto asesino de Palermo Chico". Numa tradução apressada, seria algo como "a polícia encontrou o presunto assassino de Palermo Pequeno" (um bairro da capital portenha). Leitura atenta da notícia e a explicação: o presunto aí, não é a perna do porco (que se chama jamón, e é deliciosa) e sim o particípio do verbo presumir. Era o assassino presumido, isto é, a polícia não tinha certeza.

No dia do city tour, um episódio bem interessante. Estamos passeando pelo meio de um jardim maravilhoso, quando a guia mostra uma edificação "muy linda" e diz tratar-se do Planetário Galileu Galilei. Todas as noites há demonstrações sobre o céu, as estrelas, os planetas e assim por diante. A gafe da guia foi a seguinte: depois de elogiar o planetário, saiu-se com a frase: Quem tivesse interesse em astrologia, podia visitar o planetário depois. Acho que a pobre mulher não sabia a diferença entre astrologia e astronomia. Galileu deve ter dado umas três voltas no túmulo.

Bem, os 3 dias passaram rápido, e a crônica mais ainda. É hora de voltar ao trabalho. Até a próxima.

BB77

OH!!! QUANTA ESPERTEZA...

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro GAC

Dia desses, uma gentil mocinha fazendo uma apresentação de um software e um bando de gente (eu incluído) assistindo a apresentação. Mais detalhes não posso dar, que afinal, se pretende que todos os participantes permaneçam incógnitos. Só para adiantar mais um pouco, direi que a mocinha era bem novata, estava insegura e nervosa, e sobretudo não tinha lá muita intimidade com essa coisa chamada computador.

No começo até que a apresentação seguiu legal. Milagrosamente o software (sempre ele que costuma nos deixar segurando o pincel enquanto o hardware surrupia a escada) se comportou direitinho. Até o Windows estava funcionando bem, não é uma coisa inacreditável?

O fiasco ocorreu logo depois, e pasmemo-nos, nem o software, nem o windows, nem o computador, nem a mocinha tiveram culpa. Sabem quem foi o vilão impiedoso da história? Ele mesmo, o rato. O inocente, simples e despretensioso rato, ou como gostamos de dizer o "mouse".

Pois a mocinha tinha que clicar num botão lá no alto da página. O mouse estava mais ou menos no meio do mouse pad. A operadora nem pensou muito. Se havia que lá em cima clicar, toca o mouse a carregar na mesma direção. Só que ocorreu um imprevisto. O mouse pad (aquela bolacha emborrachada que a gente usa para não sujar os pezinhos do rato) acabou ANTES da operadora alcançar o botão.

Ela parou, pensou, pensou mais um pouco... Nessa altura, todos os assistentes, percebendo a tempestade cerebral que ocorria na linda cabecinha, até pararam de respirar. O suspense era demais, que será que ela vai fazer?...

Nisso, percebe-se que deu o estalo (ou como diz minha filha, caiu a ficha) e a nossa vítima:

1) ergue o mouse

Ufa, que alívio, a assistência voltou a respirar. Já tinha uns achando que ela ia fazer besteira, todo mundo ia rir, ia dar vexame, ainda bem...

2) empurra o mouse pad 10 cm para a frente.

3) baixa o mouse com cuidado no mesmo lugar.

4) leva a flechinha no vídeo até o botão e,... CLICK

Não é uma mostra de esperteza, essa operadora

BB78

UMA LAGARTIXA ATREVIDA

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Preciso cuidar para não ser chulo ou desrespeitoso, mas esta história é muito boa para não ser contada. Vamos a ela:

Colega nossa, inteligente e decidida, volta e meia me manda uns notes demandando providências e aí de quem não atender, tem exatamente essa função em importante área da CELEPAR: garantir que ninguém esqueça de fazer a sua parte e bem feita (ia dizer não deixar ninguém fazer xixi fora do pinico, mas decidi não usar a frase, já verão o porquê).

Dia desses, fazia um calor infernal, este foi o janeiro mais quente dos últimos 37 anos, o jornal falou, e ela, em pleno almoço, pediu para a empregada fazer suco de laranja. Huuummm, que gostoso este suco, dá-lhe tomar copos e copos da beberagem.

Não sei se o prezado leitor sabe, mas um dos melhores diuréticos naturais é a laranjada (o outro é a cerveja, mas essa é outra história). Atrasada, a nossa colega correu para o carro, enfrentou bravamente o engarrafamento da Mateus Leme, a subida da rampa, a corrida até a mesa, a largada da bolsa, e... um banheiro, pelo amor de Deus, que a bexiga estava a arrebentar.

Ela foi ao banheiro que fica ao lado do aquário, aquele que por muitos anos foi masculino e de uns tempos para cá, sofreu mudança de sexo: agora é feminino. Esse banheiro sempre fica com as janelas abertas e ele dá para um bosquezinho de eucaliptos, e não sei se sabem, eucaliptos atraem lagartixas, e pronto: todas as condições do caso estão armadas.

Pois na pressa, a bexiga mandando mensagens flamantes, veementes e urgentes, nossa colega entrou, fechou a porta, ajeitou-se toda e ufa que alívio, poucas coisas na natureza dão tamanho prazer, é ou não é, leitor, me responda, a sério, sem preconceitos.

Estava ela, naquele momento de abandono e júbilo, quando sentiu mais do que ouviu uma coisa estranha. Ponha estranha nisso! Alguma coisa dentro da bacia de louça estava querendo sair. Oh!!! Que horror! ela pensou, antigamente essas coisas eram inanimadas, como o mundo está mudado. Quieta, enregelada, paralisada, aguçou o ouvido: Era perfeitamente nítido o chap chap de algo se debatendo.

Respirou fundo, criou coragem, e olhou pra dentro da bacia: lá estava a lagartixinha toda atrapalhada. Tivemos uma ligação de um funcionário do Shopping Muller perguntando o que havia sido aquele grito. Toda a CELEPAR ouviu, as janelas tremeram, os papéis voaram, até a pobre bichinha ficou, agora sim, aterrorizada.

Bom, depois de se acalmar, a nossa colega até acabou achando graça. Principalmente do mestre Muller, quando este contou que depois, vira a lagartixa nadando com uma única mãozinha. A outra segurava as narinas tampadas, que não estava fácil.

É isso, vivendo, trabalhando e rindo um pouco, que não paga imposto e não faz mal a ninguém.

BB79

ISO 9000 na cozinha

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Há alguns dias, descobri um boteco novo em Curitiba. Entre os comes e os bebes, um balcão de cremes e sopas para que o freguês escolha e se sirva: delícia pura. Diversos sabores e condimentos, todos gostosos, mas o melhor, inconteste, é um creme espesso, esbranquiçado, aromático e pedaúdo: o creme de palmito é o que há.

Ontem fez um dia tipicamente curitibano: um sol discreto, humilde e meio apagado durante a tarde e um friozinho para valer logo após o anoitecer. Quer coisa melhor do que fazer um happy hour, magnificamente acompanhado, logo no comecinho da noite, regado a vinho e sopas? Não deu outra, boteco novo, lá vamos nós.

Na chegada, um certo acotovelamento: pelo jeito não fui só eu que tive essa idéia: vazava gente pelo ladrão. Senta, se acomoda, pede uma bebidinha e começa o namoro com o balcão de sopas. De longe, algo estranho: estão todas as caçarolas no lugar, fumegando com o foguinho embaixo. Isto é, todas, menos a tal: cadê o palmito?

Já meio decepcionado, pego a cumbuca e encaro o buffet de perto. De fato, palmito, "necas de pitibirebas". Olho para os lados, quem sabe mudaram "ele" de lugar, ... nada. Já ia escolhendo um creme meio esverdeado, convidativo sim, mas a anos luz de distância do dito cujo, quando surge salvadora uma auxiliar de cozinha. Cerco "ela", não ia fugir fácil...

- Ô moça, vem cá, dá uma mão: cadê o palmito?

- Sabe o que é, meu senhor? É que a cozinheira tá em reunião.

- !!!!!

Fiquei sem palavras. O restaurante gurgitando, as pessoas gritando pelo palmito e a cozinheira... em reunião !?!?!

É. Esse mundo anda meio esquisito mesmo. Tem um aviário perto da minha casa. Lá mora um cachorrinho, meio feio até, mas muito engraçadinho. Não sei seu nome de verdade, mas eu o chamo Pipo. Já estou vendo a cena: qualquer dia passo por lá e vejo a jaula vazia.

- Ué, cadê o Pipo?

- Tá em reunião. Ele, dois gatos, quatro periquitos e uns quantos ratinhos da Índia tão fechando a pauta.

É. E é o único mundo que temos. Mas que anda meio esquisito, isso lá, ele anda.

BB80

Relatório de andamento

Autor: Pedro Luís Kantek G. Navarro - GAC

Como os senhores sabem, nós temos um projeto de 50 anos para conquistar o terceiro planeta daquele longínquo sistema solar, que é conhecido pelos nativos como "Terra". Nossos planos têm andado relativamente bem, apesar dos solavancos e atrapalhos, de resto até esperados em um projeto dessa envergadura. Não é todo dia que se conquista um planeta inteirinho.

Fase 1: a infiltração

Tudo começou no ano de 12.450 (que os terráqueos chamam de 1946), quando conseguimos infiltrar o nosso primeiro representante naquela atrasada sociedade. Mandamos um exemplar bem fraquinho, com o objetivo de que os nativos não se assustassem com o nosso poder, e até demos um jeito para que tudo parecesse como se os próprios terráqueos o tivessem construído.

Aliás, uma palavra sobre o nosso relacionamento com aqueles malditos autóctones. Eles têm uma base biológica esquisita, não precisam se ligar na tomada como nós, se reproduzem como moscas, mas são meio bobos, lerdos, comilões, pensam devagar – quando pensam, é duro de nos relacionarmos com eles, ainda mais que agora, nesta fase da invasão, temos que ficar quietinhos no nosso canto.

Fase 2: o crescimento

Cedo descobrimos que os biológicos gostam de guerrear entre eles. E, se o negócio é matar a custos menores, é só nos chamar. Somos bons nisso e em muitas coisas mais, mas isso fica para depois. Começamos a nos meter nos negócios militares. Foi barbada. Hoje, a guerra entre eles é na verdade uma guerra entre nós. Cada arma nova que é inventada por eles, nos carrega embarcados. É uma delícia.

Fase 3: quase deu zebra...

Um maldito terráqueo, de nome Mikail Gorbachov, só podia ser comunista, quase põe água nos nossos planos. De uma hora para outra, o desgraçado praticamente desmontou um dos lados que arreganhavam os dentes, querendo briga. Quase a coisa vai à breca.

Fase 4: nosso representante

Em 12.484 surgiu um fato novo. Um rapaz sardento fundou uma empresa que se encarregou de nos disseminar por todo o planeta. Os humanos gostam dele, compram as ações da empresa dele, até acham que ele é humano, mas qual o quê: não se enganem, ele é dos nossos, cria especial.

Fase 5: a interligação

Uma etapa importante na nossa conquista é a capacidade de nos falarmos livremente. Arduamente perseguido, este objetivo foi conquistado há pouco. Bobamente, os humanos foram nos ligando, e nos ligando e hoje formamos uma única inteligência cobrindo todo o planeta. Enquanto os terráqueos ficam comprando livrinhos e cdzinhos, passeando pelas páginas com mulher pelada e lendo as fococas do jet-set, nós vamos nos armando. Aguardem, que tão certo como $2 + 2 = 5$, aí vamos nós.

BB81

Que vergonha

Autor: Pedro Luís Kantek G. Navarro - GAC

Ontem era dia de votar. Para essa gurizada que anda por aí, pode ser um aborrecimento, um incômodo, ou simplesmente algo como pagar a conta da luz ou apertar o botão certo do elevador. Mas, quem tem mais de 40 anos e não tem a memória curta, deve lembrar que há não muito tempo, esse simples verbo "votar" era considerado palavrão, extirpado dos meios de comunicação à força de censura.

Lembro que a imprensa brasileira cobria as eleições americanas com vibração, torcida e cobertura ao vivo. Era tamanha a ânsia de votar que impossibilitados de acompanhar as eleições daqui (inexistentes) impunha-se o refrão: quem não tem cão, caça com gato e dá-lhe torcer pelos Bill Clintons da vida. Tivemos uma sucessão de "eleições" (e bota aspas aí), depois veio a campanha pelas diretas, a redemocratização, e ao final chegamos aonde estamos hoje. Quem quiser se inteirar dessas "eleições" pode procurar o livro "Guerra de Estrelas" de Carlos Chagas, leitura de primeira, divertida e instrutiva. Voltando ao nosso negócio, pode não ser o melhor dos mundos, pode faltar muita coisa boa e sobrar coisa ruim, mas não importa. Lá dentro da cabine, só está você. Você é que manda ver, sem nada nem ninguém por cima do ombro.

Bom, esse papo meio furado foi para introduzir a crônica do dia da eleição, ontem, 4 de outubro de 1998. Já nos meses anteriores, eu via a propaganda na TV, via as máquinas instaladas em locais públicos (uma delas no saguão da Prefeitura de Araucária – que estou atendendo no momento) e a cada vez pensava: daí não vai sair coisa boa: O choque cultural da nossa geração com o computador ainda é grande. Sobretudo quando se exige o comparecimento não apenas do substrato da população que sabe o que é www e que para qualquer coisa saca o CTRL-ALT-DEL, mas sim de 100

Mas, não tinha jeito, um dia teria que ser a primeira vez. Para complicar, havia que votar 5 vezes, um mundaréu de candidatos, essas máquinas com seu mau humor (todo computador é mal-humorado), enfim... Paciência armada, título de eleitor (emitido na CELEPAR) na mão, vou votar. No carro, indo para o local, ia tendo notícia das filas que se armavam. Havia eleitores levando 10 minutos para votar. Que coisa!

Já me despedindo dos programas programados para a sequência da eleição, achando que ia ficar umas 2 ou 3 horas na fila, chego no Colégio onde voto. Aquilo vazava gente pelo ladrão. Um suspiro e entra-se porta adentro. Filas se cruzando com filas, gritos, esperneios, de fato a coisa quando andava, andava devagar. Ainda bem que o astral de votantes, mesários e fiscais se não era o melhor do mundo estava longe de prejudicar a festa. Tinha 12 seções no lugar. 11 com filas imensas e uma delas sem ninguém na porta.

Primeira pulga atrás do auricular: qual seria a minha seção? Claro que era aquela sem fila. Assim já é demais, devia ter algum truque, alguma petate preparada. Quando a esmola é muita o santo deve desconfiar. Entrei na seção esperando encontrar a explicação para aquela ligeireza. No mínimo os computadores da minha seção estavam turbinados, ou os das outras seções haviam pifado. Cheio de orgulho por essas maquininhas capazes de tudo, entrei na seção e achei a explicação. Singela explicação: deram-me uma folha de papel amarelo para votar nas majoritárias e uma folha de papel branco para as proporcionais. E eu segurando os dois papéis com cara de tacho só me atrevi a perguntar: "cadê a máquina de votar?" O mesário lascou: "infelizmente as duas quebraram e tivemos que ir para a velha, tradicional e confiável urna de lona". Daí, baixou a voz e continuou: "ainda bem, que eu pretendo cair fora daqui antes do anoitecer".

Que vergonha. Mas um dia há de dar certo.

BB84

Dia desses,...

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Estávamos na maior modorra. Manja aqueles dias em que a existência pesa, um bicho preguiça ficaria parecendo "the flash" e até respirar cansa? Pois é, ainda bem que esses dias são tão raros. Estávamos nós mergulhados até o pescoço nesse dia quando olhando pela janela, aqui do sétimo andar, vemos uma dupla saindo do boteco da esquina da Mateus Leme com a Lysímaco Ferreira da Costa.

Pelo estado dos dois, dava para ver o álcool evaporando pela boca, nariz, orelhas e cabelos contra o sol de fim de tarde: na certa estavam bebendo desde as 10 da manhã e já eram 5 horas. A primeira confusão foi um ligeiro desentendimento. Um queria ir em direção do Müller e o outro queria ir para a Nilo Peçanha. Discutiam em altos brados, parecia que não havia acerto possível, quando eis que de repente os dois se abraçam e saem em direção da Prefeitura. Maldita cachaça. (Para quem não está bem ao par da geografia do local, olhe para qualquer mapa do Brasil: estando em Brasília, um queria ir para Manaus e outro para Belém. No fim os dois se abraçaram e saíram para Porto Alegre)... maldita cachaça.

O grito foi tanto que já se viam cabezinhas nas janelas, o espetáculo estava pronto: Prefeitura, aqui vamos nós. E na prefeitura teriam chegado sãos e salvos se no meio do caminho não tivesse um rio. Tá certo que não é nenhum Rio Sena, mas é de respeito. Trata-se do nosso Rio Belém. Rasinho, discreto, mas cheio de água. Levaram 23 minutos desde o bar até a margem direita do rio (uns 15 a 20 metros bem contados). Iam abraçados, vermelhos e suados, mas cheios de alegria: cantavam e arrotavam em altos brados. Embora muito parecidos, havia uma diferença entre eles: o primeiro estava absolutamente embriagado, tropeçava nos próprios pés, arrastava-se, catou um monte de cavacos, quase não se agüentava em pé. O outro estava pior: se largado às suas próprias forças desabaria qual uma maria-mole recém tirada do forno. Era um caso típico de um roto conduzindo um esfarrapado.

Quando a dupla alcançou a ponte sobre o rio, todos aqui travamos a respiração. Passariam eles incólumes? perguntava-se a massa. Aos trancos e barrancos, mais barrancos do que trancos é verdade, eles começaram a travessia. No meio do trajeto veio uma jamanta daquela de 48 rodas e encobriu os dois: o desespero da massa expectadora foi visível. A jamanta veio e se foi e os dois continuavam no mesmo lugar, lutando contra uma ponte que teimava em se mexer, não parava quieta a miserável. Não se sabe como, mas a cerca de meia hora do início da empreitada, eles chegaram inteiros na outra margem: quase são aplaudidos. O primeiro, cansado de carregar o amigo desabou no gramado: todos ouviram o grito: daqui não saio, daqui ninguém me tira. Largou o colega, desabou no chão, resmungou e dormiu. Tudo isso levou menos de 5 segundos. O amigão perdeu seu apoio e também foi obrigado a aterrisar. Enquanto um dormia, o outro ficou atarantado olhando pros lados: Não se sabe como ou de que jeito, ele encasquetou que o rio era de pinga. Nada que alguns litros da maldita na cacunda não justifiquem. O amigo estava com Morfeu, e, portanto, não havia ninguém para convencê-lo do absurdo: onde já se viu um rio de cachaça.

Do nível da rua até a água tem uns 5 metros de diferença na altura, uma parede de concreto. Ninguém, em sã consciência, desceria até lá (com exceção de uma dona louca dirigindo um fusca amarelo que há uns 10 anos resolveu passear de fusca no rio, mas essa é outra história...) Só que consciência de bêbado não tem dono, e ele já estava sentindo carência da maldita. Ia descer de qualquer jeito. Aqui, na assistência já tinha gente segurando o coração para ele (o coração, não o bêbado) não sair pela boca. Tinha juntado um monte de piás em volta do dito cujo e ele em altos brados: vou lá. E foi. Tá certo que foi um pouco

ajudado pela gravidade, mas que foi, foi. Quando demos pela coisa, assim estava a dupla: um desmaiado dormindo na grama e outro desesperado e molhado berrando dentro do rio.

Tanto berrou que o amigo acordou: cadê o fulano? E o fulano gritando socooooooooorro, vou morrer afogado... Quando deu pela coisa, caiu em si, havia que tirar o amigo de lá. Tirou o paletó, agarrou-se a uma árvore e jogou uma manga na direção do amigo lá embaixo. 50 centímetros haviam sido vencidos, faltavam 4 metros e meio. Vários minutos depois ambos se deram conta de que não havia paletó que alcançasse. Olharam pros lados e viram um bueiro que podia ser usado a título de escada a uns 50 metros a montante. Lá vão os dois. Se juntos levaram meia hora para vencer 25 metros, quanto levariam para vencer os 50 metros e contra as águas, ainda por cima?

Fez-se escuro, era hora de ir para a faculdade, e não se pôde acompanhar a epopéia até o final. No dia seguinte, nem sinal da dupla, e o dono do bar confessou depois que nunca mais vieram beber. Decerto, ficaram com medo dos obstáculos a superar depois de deixar o bar. Mas, já escuro, foi possível ouvir do que primeiro desceu, o desabafo:

BB87

Dê a senha ... ou cale-se para sempre

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro GAC

Essa história me lembrou aquela do português: Altu lá. Sab's a senha? Sim responde o outro. Aintão podi passaire. Chega de história e vamos ao que interessa: Mais uma do tempo em que cães se amarravam com lingüiça. Verdica como sempre. O cenário é uma empresa pública federal de informática que tem centros regionais nos principais estados do Brasil. Este Flagrantes se deu em um estado do Sul. A época, meados dos anos 80, tempo de reconquista das liberdades por tantos anos suprimidas. Época conturbada, por certo. Chega de detalhes, mais informações revelam o santo e o milagre.

A empresa ocupava uma área grande e um dos barracões centrais era a associação dos funcionários. Embora rodeada pela empresa, por acordo de cavalheiros, em todas as greves era salvaguardado o direito dos grevistas de frequentarem a associação. Fechava-se um portãozinho, respeitavam-se umas fronteiras virtuais e pronto: todos satisfeitos.

Um mês antes do causo, o refeitório da empresa entrou em reformas: cadeiras, paredes, painéis e guarnições, portas e frigideiras: tudo novo, o grude diário ia melhorar de qualidade. Durante a reforma, instalou-se uma sala de almoço provisória na sede da associação. Na véspera do causo, explodiu uma greve. Piquetes, gritaria, cara feia e mais gritaria, enfim uma greve como os anos 80 tão bem souberam produzir. Na hora de organizar a confusão, alguém perguntou?

– Como vamos saber quem é grevista e quem não é, na hora de servir o almoço? Afinal, a empresa não pode alimentar grevistas...

Palpite daqui, sugestão dali, boutade mais acolá, até que algum espírito mais burocrático sugeriu:

–Vvamos bolar uma senha: um papelzinho com 32 assinaturas e 9 carimbos oficiais que, entregue dentro da empresa, será recolhida no restaurante improvisado. Quem tiver o papel almoça, quem não tiver a senha, babau... Ótima idéia, imediatamente um grupo tarefa lançou-se na atividade de criar as senhas.

No dia seguinte, a chefe dos serviços administrativos (seria a Alba deles), ausentou-se de manhã e com isso perdeu toda a interessante discussão sobre as senhas. Só retornou perto do almoço. Nessa hora, um grupo se preparava para ir almoçar e a Alba deles se juntou ao grupo. Alguém lembra: credo, esquecemos de pegar as senhas...

A Alba deles, sempre um modelo de desligamento, sem entender nada, retrucou: senha? que senha?

Pronto. Era hora do espírito gaiato intervir (repararam como sempre tem um representante da gaiatice a postos para assumir?). Pois este cidadão encostou na Alba deles e falando baixinho disse a ela que a senha era: I don't know, e que deveria ser dita no ouvido da pessoa que cuidava do refeitório. A Alba deles achou estranho, mas já nessa estranha época o mundo já era meio estranho, portanto, seria só mais uma estranheza.

Não se sabe como a história correu como rastilho de pólvora e quando o bolinho de gente chegou na porta do refeitório o silêncio era sepulcral. O grupo, como não poderia deixar de ser, nada queria perder, deixou a Alba deles na frente, ela foi a primeira a ser atendida.

Era hora da gerente da limpeza, vamos chamá-la de Dona Maria, que na hora de almoço fora promovida a recolhadora de tiquetes: De bate pronto, ela olhou para a Alba deles e disparou: a senha!

A Alba deles, fez cara de espiã, baixou a voz e soprou entredentes: I don't know!

A pobre Maria, do alto de sua experiência de quase 20 anos de limpar a sujeira humana, nunca tinha visto nada parecido. Levou um susto e só pôde articular: ...como é que é?

A Alba deles nem se tocou, achou que ela não tinha ouvido. Repetiu a pantomima, agora falando mais alto: I DONT KNOW.

Nessa hora, alguém deixou escapar um fio de riso que imediatamente se transformou num mar de gargalhadas. A Alba deles descobriu – do único modo possível, mas da maneira mais desagradável para ela – que acabara de pagar um baita mico.

P. Kantek (com história do P. Miranda)

BB88

Telefone do presidente

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro GAC

Foi um presidente que esta casa teve no final dos anos 60 (há quase 35 anos...). A empresa era pequena, tinha menos de 100 funcionários (e 1 computadorzão) e trabalhava-se muito, ganhava-se razoavelmente bem mas, principalmente, divertia-se muito.

Como empresa pequena que era, o ambiente era festivo e muito gozador. E o Presidente, no começo até que tentou coibir as brincadeiras, pelo menos aquelas nas quais ele era co-adjuvante, mas viu que nem nessas ele tinha sucesso.

Os telefones de então não eram essa maravilha que são hoje, eram barulhentos e mesmo a voz mais maviosa que existia saía do outro lado como o Pato Donald falando: era um grasnido só.

Disso se aproveitava o bando de gozadores para, de tempos em tempos, telefonar para alguma vítima e dizer a sério: Fulano, aqui é o Presidente, venha na minha sala, por favor. A vítima largava o que estava fazendo, corria para a diretoria, entrava na sala do presidente e: Pois não, Presidente. Sim, o que você quer? Quem quer é o senhor que me chamou. Eu não chamei ninguém...e já pensando com seus botões: dai-me paciência Senhor.

Na semana seguinte variava a vítima, os dizeres eram um pouco diferentes, mas o resultado era quase o mesmo. Assim passou-se um tempo meio grande, o golpe até estava meio esquecido, quando um belo dia, o Presidente (ele mesmo) precisou falar com o Moisés. Não teve nem dúvida, passou a mão no telefone e: Moisés, é o Presidente. Por favor venha na minha sala. Deve ter tomado um susto quando ouviu de resposta: Ah é? é o Presidente? Pois aqui quem está falando é o Papa. Resolvi sair de Roma e estou visitando a CELEPAR. Ah, e diga pro Presidente que se ele quiser falar com o Moisés ele que levante a *** da cadeira e vá procurá-lo na sua sala.

Parece que pelo resto daquele ano (estávamos em março) a turma não fez mais nenhuma brincadeira, nem elástico atiraram uns nos outros. Até dezembro.

Retratação

A nossa colega Alba não gostou de eu ter usado seu nome na crônica do mês passado, para referir-se a uma pessoa que nada tinha a ver com ela, e sobretudo que era "desligada". Ficam aqui as minhas desculpas à Alba, não usarei mais o seu nome. Apenas como atenuante da minha mancada, gostaria de dizer que "desligado"para mim não é negativo, pelo contrário, é elogio.

BB89

Bem vindos á OSSOPAR

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro GAC

Histórias da CELEPAR dos tempos de antanho. Bota antanho nisso, estamos falando da década de 60. Os Beatles ainda nem existiam, o fusca era o carro mais moderno que havia no País, o muro de Berlim recém havia sido erguido.

Trabalhava na CELEPAR um bando de gozadores, alguns dos quais eram bem de vida, ou pelo menos investiam suas ricas economias em belos carrões. Assim, por exemplo, o Antoninho Jimenes, que colecionava carros antigos, tinha um belíssimo Ford Fairlane, lustroso, limpo e lindo, mais lindo do que quando saiu da fábrica. Outro que caprichava era o Heinz, que por sua vez habitava um vistoso Simca Chambord. Aliás, quem nasceu depois de 1970, não deve saber o que era o Simca Chambord, mas era um carrão, tinha um rabo de peixe que hoje pode ser (e é) cafoníssimo, mas que na época arrancava suspiros de ambos os sexos.

Uma das brincadeiras preferidas desse povo era cercar o recém-admitido e confessar a ele (ou ela) que, embora o salário não fosse aquela Brastemp, boa parte dos funcionários tinha uma segunda atividade que rendia muito mais do que trabalhar. Era batata, dinheiro líquido pingando a todo instante. Não era imoral, nem ilegal e muito menos engordava. O recém-admitido estava interessado?

Claro que todo o mundo estava interessado. Eis aí uma boa explicação para o que seja a cobiça humana. Ninguém dizia: não estou interessado ou não precisa, eu ganho bem. Nada disso, todos esfregavam as mãos e brilhavam os olhos lúbricos: o que é que eu tenho que fazer?

Daí havia uma simulação: uns queriam admitir o novato no negócio, outros negaceavam e diziam que tanta gente ia acabar matando a galinha dos ovos de ouro. Tudo encenação para passar o conto do paco no recém-admitido, que nada sabia e a tudo acompanhava com interesse crescente, passando a língua nos beiços.

Finalmente, ele era admitido no segredo. A mina de dinheiro era procurar animais de grande porte (vacas, cavalos) que tivessem morrido nos pastos dos arredores de Curitiba. Encontrado um, ele era logo enterrado e o lugar marcado. Três meses depois, era só ir lá desenterrar os ossos do bicho e vender para fábricas de botões. Negócio super-rentável, não tinha erro.

A pobre vítima às vezes desconfiava de que aquilo era uma peta, e acabava mostrando uma pequena desconfiança, que era imediatamente calada com o argumento final: o Simca do Heinz era resultado de 2 vacas que foram vendidas inteirinhas pra fábrica de botões que tem ali em Gaspar, perto de Blumenau. Pagamento à vista, deu pro Simca e ainda sobrou um baita troco que foi dividido entre todos.

Convencido e mais que convencido, querendo começar logo, o novato era avisado de que para sorte dele no próximo sábado às 8 horas da manhã, ia sair uma expedição para recuperar os ossos de um cavalo que fora enterrado ali perto, na rodovia dos minérios, atrás da fábrica da Brahma, um pulinho só. O novato deveria vir de roupa de briga, com botas e não podia esquecer: uma enxada daquelas grandes.

O fim da história: acompanhar no sábado pela manhã a vinda do programador ou analista contratado, vestido de caipira e com um baita enxadão nas costas.

É mole, ou quer mais?

BB90

Vamos benzer o computador

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro GAC

Eis o relato do dia em que ecumenicamente o computador e toda a tralha acessória foi benzida. O computador da época (era 1 só) era uma geringonça medonha. Barulhento, empoeirado, assustador, cheio de parafusos, boa parte deles meio-soltos. E onde tem parafuso meio-solto, sempre acaba alguma coisa deixando de funcionar. Para resumir: a máquina parecia um vagalume, todo dia era aquela função: funciona, não-funciona, funciona, não-funciona...

O corpo técnico da CELEPAR começou a dar tratos à bola, como fazer para aumentar o tempo de disponibilidade do dito cujo. Enquanto uns pensavam a sério e para valer, teve um meio gaiato que resolveu barbarizar e saiu-se com essa.

Tenho um amigo que é padre, vou convidá-lo para vir benzer "a máquina".

Não preciso nem dizer que o amigo padre não

existia, e que o que ele pretendia era se disfarçar de pároco e aprontar a maior. De onde ele tinha uma batina com todos os acessórios cabíveis, não me perguntem. Como já era figura conhecida, havia que promover a benzedura em outro local. As vítimas escolhidas foram as integrantes de um grupo de digitação recém-criado, com funcionárias fresquinhas, "apenasmente" contratadas.

Tudo pronto, chega o "reverendo". Com aquela vestimenta toda, saiu pelas áreas da CELEPAR benzendo à direita e à esquerda. Quase todos conheciam o operador e vê-lo vestido de padre foi um choque: do susto à cumplicidade foi um pulo, e a procissão foi aumentando, cada vez mais gente e mais devotos.

Finalmente, chega o operador na sala das digitadoras novas. Estas, emocionadas, imediatamente pararam de trabalhar e rodearam sua excelência, que não se fazendo de rogado, até a mão dava para beijar, sentindo-se o próprio bispo.

Antes da benção, puxou inúmeras orações acompanhadas com emoção pelas digitadoras, enquanto os demais colegas do "reverendo" quase não podiam agüentar tamanha a vontade de rir.

Finalmente, alguém buscou a "água benta" que foi generosamente aspergida por todas (moças e máquinas). Tinha até uma delas meio-saliente e para esta não houve piedade: quase tomou um balde inteiro daquela "água-benta".

Acreditem ou não, depois disso as máquinas ficaram meses sem quebrar, não é que a coisa acabou funcionando? Acredite se quiser.

BB91

Pobre Telefonista

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro GAC

Esta casa já conta, nos seus quase 40 anos de existência, com uma galeria de tipos inesquecíveis. A Telefonista da época, além de saber de cor todos (todos!) os telefones importantes de todos (todos!) os funcionários, era gentil e educada, tinha voz de aeroporto (parecida com a da Iris Letieri), e não eram poucos os clientes, amigos e conhecidos que telefonavam para cá, meio à toa, só para ouvi-la. A Telefonista, na época do caso, trabalhava na frente da diretoria, de costas para ela e de frente para o "Aquário". Este, por sua vez, não era o ambiente clean que é hoje. Era atulhado de cartões e listagens. O computador era imenso, havia corredores e cubículos, parecia um labirinto.

Uma vez o Diretor estava a conversar animadamente com a Telefonista, pelo telefone. Ela estava de costas para ele, separados por uns 20 metros e ambos de frente para o "Aquário".

Um Operador, de quem não se pode dizer o nome, trabalhava entre duas impressoras dentro do "Aquário". Percebendo a comunicação existente entre a Telefonista e o Diretor, que estavam ambos de frente para ele, imediatamente armou o golpe. Esperou o Diretor estar distraído na conversa e enquanto a Telefonista (e só ela) olhava para ele, ele saiu de trás das impressoras, virou-se de costas e abaixou as calças. A pobre Telefonista tomou um susto, deu uma gaguejada e, bem ou mal, continuou falando com o Diretor. Este, achou estranho, levantou os olhos e viu tudo normal: as costas da Telefonista e o Operador lá longe, dentro do "Aquário", trabalhando normalmente.

Mais 3 vezes o Operador saiu de detrás das impressoras, e abaixou as calças. Que coisa! Até hoje o Diretor deve estar achando que a Telefonista estava com uns achaques meio diferentes por aqueles dias.

BB91

Entrei de Gaiato num Navio...

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Eis a história de um seqüestro vista do lado de dentro. O dia: 15 de março, uma quarta-feira; o local: edifício Castello Branco; as vítimas: os funcionários públicos de diversas secretarias e uns perus-de-fora, como este que vos escreve. Falarei apenas dos funcionários da SEPL e da Secretaria de Previdência, que é com quem convivi o drama e porque até agora ninguém deles falou. Até agora jornais, rádios e TVs só falaram da SEAD. É SEAD pra cá, SEAD pra lá, e de nós ninguém fala!

Tudo começou com uma reunião marcada com bastante antecedência para as 15h00 do fatídico dia no Núcleo de Informática da SEPL. Minha cara metade, funcionária da Prefeitura de Curitiba, também tinha que ir lá buscar um relatório e assim combinamos aliar trabalho e prazer. Fomos andando ciclovias afora desde a Lisymaco Ferreira da Costa até o malsinado edifício. Lá chegando já estava armado o circo. Apitos e gritos, aquela confusão tradicional em movimentos grevistas.

Depois, trocando impressões, um disse para o outro que se sozinho estivesse não seria louco de entrar na arapuca, mas juntos é diferente: quem ia dar parte de medroso? Além do mais, a bronca era com a SEAD, o Planejamento não tinha nada a ver, pensamos. Assim é que, de maneira corajuda, com bravura e picardia, adentramos a goela do leão. Os corredores ainda estavam desimpedidos e as feições das pessoas amenas. Temer o que?

A reunião começou mas não terminou: fomos interrompidos pelos gritos, arrufos e sobretudo pela electricidade no ar. As portas acabavam de ser lacradas e logo depois empapeladas, para impedir a visão. As reações foram da galhofa, passando pela preocupação até as raias da fúria. Um alto funcionário da SEPL só conseguia pensar nos cigarros que pelo fim estavam e que a muito mais não durariam, ainda mais naquela taxa de consumo voraz. Cada cigarro era supervalorizado a cada quarto de hora, no câmbio negro que se instalou por lá instantaneamente.

Outros tinham aula, inclusive alguns alunos meus. Toca a avisar a instituição e sobretudo a dar quilométricas explicações. As pessoas não acreditavam. Estava junto uma aluna/estagiária que deu uma aula de arte dramática, negociando sua saída: passou de grávida a doente, primeiro com filho no hospital e depois com mãe muito mal. Terminou como grevista, com "bottom" e gritando palavras de ordem para ver se enganava a turba: nada feito, saiu junto com todo mundo.

Lá pelas 19h00 começou a bater a fome e os olhares se dirigiram para a cantina da SEPL, que por razões óbvias parece uma caixa forte. Tem cadeados, chaves e tetrachaves a gosto. Bom, presos podíamos estar, mas não havíamos perdido o senso de iniciativa e principalmente eles não contavam com a nossa astúcia.

Organizou-se uma caravana para pressionar a porta de um lado e outro grupo foi pela janela. Aliás, perceberam-se habilidades não sonhadas anteriormente: não é que tem um pessoal bom nessas coisas trabalhando lá? Mas a porta era poderosa. À medida que passava o tempo e nada acontecia enquanto a fome aumentava, o desespero e a pressão cresciam. Até que um colega da SEPL, forte e robusto como ele só, foi chamado: era a última esperança, se ele nada conseguisse havia que desistir. Pobre porta, (e parede) certamente não esperavam aquele assalto, voaram ambas: porta e parede. Estava aberta a sala do tesouro. Foi um jantar pra lá de adequado: pão com margarina e chá preto, enquanto se assistia aos jornais da TV.

Nisso abre-se a porta e entra um coronel da PM. Alívio, era como se tivesse chegado a cavalaria americana (lembram dos velhos filmes de faroeste?). O coronel parecia um "lord" inglês: apesar de estar no olho do furacão, pressionado por todos os lados, exalava calma e segurança. Veio dar notícias, pedir paciência e avisar que 10 pessoas iam ser libertadas, enquanto a negociação continuava. As 10 pessoas teriam que ser escolhidas pelo grupo, ele apenas garantiria a proteção delas ao sair. É bonito ver nessas horas, os sentimentos das pessoas. Há os que correm para ser os primeiros da fila enquanto há os que, como um comandante de navio naufragando, escolhem ser os últimos a sair. Não deixou de ser uma lição.

Perto das 20h00, começou a bater um cansaço, as piadas escasseavam e já era possível perceber uns olhares meio possessivos dirigidos a sofás e poltronas razoavelmente confortáveis pelos lados da recepção. Cada um já de olho num canto para passar a noite. Nessa hora, tão rápido como começou, tudo terminou: saímos em fila indiana, constrangedoramente ao som de um mal ensaiado Hino Nacional e iluminados por holofotes e flashes, escoltados pelo coronel em direção à porta do prédio. Lá fora, foi o momento de respirar fundo, verificar que enfim a integridade pelo menos física estava garantida e partir para outra, que afinal a vida segue.

BB97

Se Meu Táxi Falasse

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Final de tarde, alto da rampa da sede da CELEPAR. Um táxi, chamado a buscar uma encomenda, estaciona na rampinha em frente à entrada dos funcionários. O motorista, pára e desce para buscar o pacote. Mas, o carro tinha outros planos: ajudado pela lei da gravidade, e considerando que estava numa rampa e com um freio de mão puxado sem muita ênfase, o carro pensou: "E, por que não?".

Dito e feito, lá veio o carro pimpão e faceiro descendo a rampinha. Quando chegou na hora de escolher a estrada ou a escada, o carro, como já havia dispensado a figura do motorista, resolveu embarafustar escada abaixo, afinal, a estrada é para viaturas guiadas por humanos.

O carro desceu se chacoalhando todo. Um pouco na escada e um pouco na grama, indeciso. Testemunhas dizem que - acredite se quiser - desviava obstáculos. Passou entre um poste e uma torre de iluminação deixando 5 cm de cada lado. Se estivesse com motorista não faria melhor. Deve ser um caso de usucapião automotivo. De tanto ser dirigido o carro aprendeu! A cada degrau era um pulinho, parecia um caso de solução (solução grande).

Embaixo da escada, temos uma guarita. Ontem era dia de treinamento de um guardião novo, recém-contratado. Estava com ele um outro profissional, este já bem experiente. Alertados pela visão periférica de que algo estranho (muito estranho) ocorria, ambos ergueram juntos a cabeça e viram a viatura descendo por ali.

O pior é que alguns segundos antes, uma analista passou por eles subindo a escada. Os guardas correram avisar a mulher, ia ser atropelada. A pobre, ia olhando um diagrama temporal de fluxo de dados, troço complicado este, matutando com seus neurônios, subindo desligada e lentamente. Testemunhas não localizadas dizem que o carro buzinou para ela sair da frente. Não se sabe se o carro ou os guardas avisaram, mas a infeliz ergueu os olhos, teve um sobressalto, deu um grito, jogou o papel pra cima, agarrou a bolsa e se atirou no muro. Como anda maluco o trânsito - pensou num átimo - nem na escada dá pra relaxar. O carro ainda desviou dela, resvalou numa azaléia e mudou de idéia, resolvendo entrar na estrada.

O primeiro guarda gritou: o carro vai entrar na estrada, vou abrir a cancela. O segundo guarda, puxou o colega pelo braço e ordenou: que abrir a cancela que nada, quer provocar uma hecatombe na Mateus Leme? Mas, vai amassar e arrancar a cancela... Enquanto os dois guardas discutiam, numa cena meio pastelão, o carro mudou novamente de idéia, o volúvel: esse negócio de andar na grama estava bem mais divertido do que andar no asfalto. Atravessou a estrada e subiu no jardim do outro lado. Na travanca, o capô abriu, e fechou, e abriu e fechou: parecia que o carro latia, o danado!

Nessa altura do campeonato as janelas já tinham assistentes, alguns passando mal de estupor e riso. O motorista saiu da recepção com um pacotinho pequeno no bolso, assobiando alegre e, cadê o carro?, perguntou em voz alta a um passante. Este respondeu singelo: desceu a escadaria, por ali, apontando a dita cuja.

Como terminou a história? O carro estacionado ao lado da caixa d'água perto da rua. Desceu uns 60 metros, desviou postes, árvores, analistas. Driblou guardas, atravessou a estrada e parou lindamente no fim do passeio. Horas depois, viu-se um motorista avexado e um robusto guincho. Dizem que o motorista, além dos consertos na lata inferior, vai mandar olhar o freio de mão.

As Mulheres e a Matemática ou a História de Sophie Germain

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Através dos séculos as mulheres têm sido desencorajadas a estudar matemática. Apesar das dificuldades, houve diversas que se sobressaíram em seus campos. A nossa ciência (a informática) tem a "sua" mulher: Lady Ada, filha do poeta Byron. Trabalhando anos a fio com Charles Babbage, Ada escreveu o que viriam a ser os primeiros programas de computador da história. Isso em pleno século XIX, muito tempo antes de existir o primeiro computador. Hoje ela é homenageada com a linguagem ADA, em uso pelo Dod americano, entre outros.

Mas o assunto aqui é Mlle Sophie Germain, uma francesa, matemática da pesada, a quem se deve um importante trabalho na área da teoria de números. Há até uma família de números primos chamados Primos de Germain, na forma $2p+1$, onde p também é primo. Na área da física, Germain desenvolveu a teoria da elasticidade dos materiais.

Sophie nasceu em 1776, filha de um negociante, bem de vida, mas longe da nobreza. Nessa época a matemática estava vedada às mulheres, mas como o assunto poderia surgir em um salão social, as mulheres tinham que ser treinadas para poder falar nisso. Surgiram assim obras que pretendiam explicar a matemática para o "cérebro feminino". Teve um livro de Francesco Algaroti que explicava o trabalho de Isaac Newton para mulheres. Como se pensava que estas estavam interessadas apenas em romance, o livro é um diálogo entre uma mulher e seu namorado. O homem fala dos princípios físicos, enquanto a mulher retruca com exemplos amorosos. Devia ser uma leitura chata pra burro.

Sophie se encantou pela matemática ao ler, em um livro, a vida de Arquimedes. Mais do que a vida, a morte de Arquimedes. Pois, já aos 70 anos, estava Arquimedes olhando uma figura geométrica desenhada na areia da praia, quando um soldado romano, participante das tropas que recém haviam invadido Siracusa, quis saber o que aquele velho estava fazendo. O velho dirigiu-se ao soldado e não fez nenhum

caso da interrupção. Deve ter dito algo assim como "Não encha o ...". O soldado não se fez de rogado e meteu a espada na barriga de Arquimedes, matando-o.

Sophie pensou que se algo era tão absorvente e inebriante deveria valer a pena estudá-lo. Ela começou e, em breve, estava repassando os textos de Euler e Newton, escondida, antes de dormir. Quando o pai dela descobriu, passou-lhe uma carraspana, confiscando velas e agasalhos para que ela deixasse de estudar matemática; onde já se viu? Sophie reagiu escondendo uma porção de velas e enrolando-se na roupa de cama. Passava frio mas não deixava de estudar.

Em 1794 fundou-se a École Polytechnique em Paris. Templo do saber, existe até hoje, mas só tinha um problema: era só para homens. Sophie passou a frequentar a escola incógnita, vestida de homem. Apoderou-se da identidade de um ex-aluno, Monsieur Le Blanc. A escola não sabia que Le Blanc havia deixado Paris e continuou a imprimir resumos e exercícios para ele. Sophie escrupulosamente fazia os exercícios e devolvia-os à escola.

A coisa deu zebra quando o professor supervisor do curso, Joseph Lagrange (outro grande matemático) quis uma entrevista com Le Blanc. Como era possível que um aluno, que então, era uma anta, pudesse de uma hora para outra apresentar resultados tão maravilhosos? O que ele teria feito para aprender tão rápido e tão bem? Sophie foi obrigada a revelar seu segredo e foi um atônito, mas contente, Lagrange que passou a instruir e orientar "a"nova aluna. Saindo do já conhecido, Sophie começou a estudar áreas inexploradas da matemática. E sentiu necessidade de recorrer a Karl Gauss (há controvérsias, mas este aqui bem pode ser "o"maior matemático de todos os tempos). Com medo de ser rejeitada por Gauss, quem foi que assinou as cartas? Ele mesmo, M. Le Blanc.

A correspondência entre ambos ia de vento em popa, quando durante as guerras napoleônicas, o exército francês invadiu a Prússia. Sophie ficou com medo que seu guru tivesse o mesmo fim de Arquimedes, fosse morto por acaso. Falou sobre Gauss com seu amigo o general francês Pernety, que comandava os exércitos invasores. Este, impressionado pelo interesse de Sophie, fez questão de visitar pessoalmente Gauss, dizendo-lhe que sua vida estava salva graças a interferência de Mademoiselle Germain. Gauss tomou um susto, quem seria essa mulher?

Na próxima carta, o mistério se desfez: M. Le Blanc mudou de sexo de novo. Gauss respondeu com uma carta belíssima à Sophie, reconhecendo muito o trabalho dela, "ainda mais por ser mulher".

Mais para o final da vida, Gauss convenceu a Universidade de Goettingen a oferecer um título honorífico a Sophie Germain. Seria algo inédito, nunca antes uma mulher conseguira isso. Vencidas as barreiras, quando a universidade ia homenageá-la, um câncer a levou primeiro. Como final desta história, quando a Torre Eiffel foi erguida, colocou-se uma placa com o nome de 72 cientistas franceses cujo trabalho permitira erguer aquele monumento. Sophie, cujo colaboração provavelmente foi a mais importante dos 72, não estava lá.

Um Agradecimento

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Foi no dia 10/04, segunda-feira: chegou ao fim uma caminhada de 10 anos. Em fevereiro/91, afastei-me em $\frac{1}{2}$ período para voltar a estudar, fazendo o mestrado em Informática Industrial aqui em Curitiba, no CEFET.

Por 18 meses a rotina foi essa: aula pela manhã e CELEPAR à tarde. Em 93, mãos a obra para a dissertação, que foi apresentada e aprovada com louvor em outubro/93. Hoje, pode-se dizer que os 6 anos que se passaram desde então, obsoletaram completamente o que lá se estudou. Ela era um modelo que previa modalidades de downsizing. Palavra da moda naquela época. Tanto que a dissertação foi julgada importante e publicada em 94 pela Editora Campus, na forma de livro (deu para comprar umas cervejas). Foram palavras ao vento, hoje não valem nada, a tecnologia mudou, as plataformas são outras, azares de estudar algo volátil como a informática...

Terminado o mestrado em outubro/93, tomei gosto pelo estudo e 10 dias depois inscrevia-me no doutorado em Engenharia Elétrica na UFSC, em Floripa. A escolha não foi acidental e não teve nada a ver com as 42 praias de lá; na época não havia doutorado em Curitiba, só em Floripa e São Paulo: aí não há dúvida sobre o que escolher, não é?

O doutorado é mais complicado que o mestrado: enquanto lá deve-se apenas estudar um problema em profundidade, aqui há que se fazer uma contribuição inédita para a ciência mundial.

Mais um afastamento, agora total, de 20 meses, com mudança de mala e cuia para a ilha, começando em fevereiro/94.

Os créditos do mestrado foram reaproveitados todos e os que faltaram foram terminados rapidinho, no início de 95 estavam cumpridos.

A partir de 96 começa o estudo de um problema cabeludo denominado "inversão magnetotelúrica". Só a especificação matemática ocuparia várias páginas, mas em rápidas palavras é a tentativa de descobrir o que está embaixo da terra, no subsolo (água? petróleo? platina?) sem ter que dar uma só enxadada, apenas a partir de medidas do campo eletromagnético da terra medido na superfície.

Este problema já era conhecido e resolvido. A inovação foi o uso da Computação Evolutiva para revolvê-lo. A CE é uma técnica nova (uns 10 anos) que usa o modelo de evolução darwinista para resolver problemas. O modelo é a vida biológica: ninguém sabe como começou e para onde vai, mas ela progride século a século, milênio a milênio, disso não há dúvida. É só reproduzir isso tudo dentro do computador. Parece complicado, mas não é muito. Requer apenas um bocado de máquina.

Estimo ter gasto cerca de 4.500 horas de computador. Se esta tese tivesse sido feita há 15 anos, quando uma hora de máquina custava uns 1.000 dólares, só a tese teria custado quase 5 milhões de verdinhas. Ufa, do que me livre!

Ainda no capítulo de consumo, fiz as contas: foram 76 viagens de Curitiba para Florianópolis e 26 de Curitiba para São José dos Campos, cidade na qual está o INPE e a UNIVAP, sede do Grupo PINGA Problemas Inversos usando Genetic Algorithms, onde um grupo de pesquisadores faz um estudo mais amplo e no qual a tese se insere, resultando um total aproximado de 72.000 Km pela estrada "maravilhosa" que liga SP a Floripa. Conforme previsão que fiz em 1995, eu pegaria toda a encrenca da duplicação. A inauguração da estrada duplicada viria no dia seguinte a da minha defesa: errei por alguns meses apenas.

Bom, seja como for, a coisa ficou pronta.

A UFSC exige um monte de coisas: suficiência em 2 línguas (inglês e francês), publicação da tese em, no mínimo, 2 congressos internacionais, além de um pré-exame de qualificação.

Tudo foi cumprido no prazo. Os congressos foram 3: um de CE no Japão, outro de Engenharia em Washington e um terceiro de Computação na Flórida, além do que em breve sairá um livro em inglês de problemas inversos pela Editora Morgan Kaufmann de NY-USA e adivinhem qual será um dos capítulos? Ela mesma, a Inversão Magnetotelúrica com o capítulo escrito por este autor Celepariano.

No dia 10 de abril de 2000, estava lá a banca de 7 professores doutores prontos para a arguição: o relator, do Laboratório Nacional de Computação Científica - LNCC (RJ), uma professora do Instituto Nacional de Pesquisas Especiais - INPE, um da Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP, 3 da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e um professor alemão especialmente convidado: foi duro entender o homem. Feita a apresentação, rolaram as perguntas e os comentários. Tão rápido como começou terminou, vi-me cercado por gente sorridente cumprimentando-me como o mais fresco doutor das redondezas.

Ao longo desses 10 anos tive o apoio da CELEPAR. Como a CELEPAR somos nós, as muitas pessoas que por aqui passaram ou estão, abstenho-me de nomeá-las não por falta de merecimento, mas por risco de esquecer alguém que não esteja mais por aqui. Uso uma saída diplomática, agradeço uma vez só:

CELEPAR, MUITO OBRIGADO!

BB98

O Suicídio que não deu Certo

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Paul Wolfskehl, um industrial alemão, filho de uma família muito rica, viveu na Alemanha no final do século retrasado (o 19). Era uma família esclarecida, amante das artes e das ciências. Quando estudante, Paul estudou matemática graduando-se nesta disciplina. Não foi nenhum grande matemático, nem fez colaborações duradouras, mas a história guarda o seu nome devido a um suicídio mal sucedido.

A história começa quando Paul apaixonou-se por uma misteriosa mulher (que devia ser casada, não se sabe), e deu em cima dela durante um bom tempo. A mulher se fez de rogada, negaceou, até que um dia o Paul deu o ultimatum: como é que é isso, é namoro ou amizade? A mulher, diante da opção, disse-lhe que não queria saber dele, que a esquecesse, ela estava em outra.

Desesperado, Paul resolveu acabar com a própria vida. Mas como industrial e homem cheio de responsabilidades (e como alemão que era), resolveu botar suas coisas em ordem antes de cometer o gesto fatal. Organizado, estimou o tempo que gastaria e marcou: mato-me na sexta-feira à 1/2 noite.

Já atrasado para a carga de serviço que o esperava, arregaçou mangas e começou a trabalhar: despacho de assuntos pendentes, cartas aos amigos e parentes, instruções nas empresas, ufa que cansa! Tanto se agilizou que todas as tarefas estavam concluídas lá pelas 22h de sexta-feira. Sendo metódico, jamais lhe ocorreu adiantar a "tarefa" em duas horas: havia que esperar.

Não tendo nada melhor para fazer, foi para a sua biblioteca e começou a folhear alguns livros: caiu-lhe em mãos um livro de Ernst Kummer, outro alemão que estudara por muito tempo o célebre último teorema de Fermat. (*) Demonstrar este teorema era uma obsessão, e muita gente boa já havia fracassado: Euler, Gauss, Dirichlet, Legendre, Lamé, Germain, Cauchy, e o próprio Kummer. Lendo o livro, Paul Wolfskehl começou a ficar mais e mais envolvido com o tema, até que ele julgou achar um erro no texto de Kummer. Será que ele demonstraria o célebre teorema? Freneticamente Wolfskehl escrevia e pensava e escrevia. Horas mais tarde, um desanimado Paul conclui que Kummer estava certo, aquela abordagem que ele usara era inconclusiva, o teorema seguia sem ser demonstrado.

Mas, tendo ouvido o piar de um passarinho, olhou pela janela e viu o sol nascendo. Passara-se a hora fatídica de meia-noite e ele esquecera o suicídio. Tendo chegado até a manhã seguinte, Paul Wolfskehl concluiu que aquela mulher não era tão boa assim, no fundo era uma boa bisca e não valia a pena se suicidar por ela. Rasgou cartas e instruções e foi tomar um reforçado café da manhã.

Quando muitos anos depois, em 1908, Paul Wolfskehl morreu (de velhice) a família levou um susto: ao abrir o testamento dele, havia instruções expressas de separar 100.000 marcos da fortuna e destinar esse dinheiro como um prêmio a quem conseguisse demonstrar o teorema. Nas palavras do falecido, era o agradecimento ao teorema que lhe salvara a vida.

O prêmio foi entregue no ano retrasado a um inglês, Andrew Willes, que tendo conhecido esta historinha aos 10 anos de idade, obcecou-se pelo assunto e dedicou os 28 anos seguintes a tentar demonstrar o tal teorema. Sua demonstração, já considerada correta, tem cerca de 210 páginas de texto, não sendo portanto nem parecida com aquela que teria sido descoberta por Fermat. Será que foi um blefe? nunca saberemos.

(*) Fermat, um advogado francês do século XVII, conhecido como "Príncipe dos Matemáticos", pois só se dedicou à matemática de maneira amadora, gostava de resolver enigmas, e era bom nisso. Quando morreu, seu filho, remexendo nas coisas dele, encontrou um exemplar de um livro de Diofante de Alexandria (um matemático grego). O autor grego afirmava desconfiar que dada a expressão $xc + yn = zn$, não haveria números reais x , y e z , para os quais a expressão pudesse ser verdadeira, se n fosse maior do que 2. Quando $n = 2$ é o próprio Teorema de Pitágoras que aí está. Com a letra miudinha de Fermat, escrito no próprio livro ao lado do texto, havia a observação: Diofante está certo. Eu mesmo tenho uma demonstração maravilhosa da veracidade desta afirmação, mas esta margem é muito estreita para contê-la. Quando isto foi divulgado, os matemáticos começaram a procurar a demonstração. Pistas não havia, e Fermat já era morto. Para saber o que aconteceu a seguir, volte ao texto.

BB99

Saudades da Minha Mãe

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Ontem, lidando com o micro, repentinamente me lembrei da minha mãe, que Deus a tenha! Vamos às explicações: Eu já havia ouvido falar muito bem do software Via Voice da IBM. Trata-se de um programa que aceita ditados pelo microfone e que vai escrevendo na tela o que é falado. Dizia-se que ele era muito bom e que errava muito pouco.

No mestrado, eu já me aventurara a estudar o problema do reconhecimento automático da fala humana. É um dos problemas mais terrivelmente complexos que pode haver. Lá no mestrado, eu e uns colegas, depois de ver o tamanho do buraco onde nos meteríamos (se nessa direção fôssemos), desistimos instantaneamente. Sabendo que o troço é difícil e tendo ouvido elogios ao Via Voice, chegou a hora de pôr preto no branco: Afinal, essa encrenca funciona ou não funciona?

Só a instalação do produto é um ritual e tanto. Você é obrigado a ler para o computador dois capítulos inteiros de Don Casmurro, o mais puro Machado de Assis. Senti-me meio ridículo contando sobre

Bentinho e Capitu para ele. Ainda se fosse para fazer um filho dormir, vá lá, mas se alguém entrasse em casa naquela hora e me visse falando delicadamente ao computador era capaz de me internar. Paciência, volta e meia a gente tem de fazer coisas mais ou menos ridículas, foi só uma a mais, nada demais.

Terminando os capítulos para aquele enlouquecido e mal-humorado computador (De vez em quando ele apitava e dizia: não entendi: repita. Só faltava bater o pezinho, e aí de você se não obedecesse. A máquina avisou: vou demorar 35 minutos processando, relaxe. Dito e feito, fui esquentar um prato de sopa enquanto o winchester quase derretia de tanto girar e ler e gravar e girar.

Finalmente, o computador avisou: Tô pronto! E eu comecei o ditado. Vários problemas, por exemplo, uma hora tossi e o miserável escreveu um palavrão horrível e ainda buzinou dizendo não ter entendido nada. Precisei desligar a música e como tinha jogo do Palmeiras e o meu vizinho de baixo é fanático, a cada gol que saía o micro desandava a escrever bobagens, que tinham de ser apagadas à mão.

Dito assim, parece que o programa é ruim, mas não se engane: ele é uma maravilha da engenharia de software e reconhece muito bem quase tudo o que você fala. Eu mesmo, via e não acreditava muito. Mas, agora, deixa eu voltar para a lembrança da Dona Teté. Da metade da vida dela para a frente ela começou a ensurdecer e quando eu nasci ela já não ouvia muito bem. Nós não tínhamos recursos e nem havia tecnologia para fazer algo e assim, tivemos de nos comunicar com ela, meu pai, eu e meus sete irmãos, do jeito que dava. Era difícil, mas às vezes ríamos juntos às carreiras. Lembro-me de um dia cruzar com ela com pressa e ela me perguntar: "Onde vai?" e eu "ao aeroporto" e ela "e para que você quer um galo morto?". O programa Via Voice também andou pisando na bola, como você verá a seguir. Para testá-lo eu citei trechos de um livro do Cláudio Lacerda sobre a vida do político Carlos Lacerda e eis como ficou:

O que eu citei O que o Via Voice escreveu
eu vou analisar ele pampa para a Pillar
se o windows gol no the Wind os
na hora do brasil a nora do Brasil
providência divina provido de ensino divina
e a inflação não acaba a curto prazo e a Platão não acaba a curto prazo
local indicado para propô-las todas em detalhe local indicado para a população todas em detalhe
tem o seu resultado ameaçado tem os seus para os soltado ameaçado
avisei de que abordo a política econômica com paixão a ala Harvey a bordo a política econômica com-
paixão
nunca fiz segredo disto nunca foi segredo diz
presidente em exercício, deputado Edson presidente em exercício lutado Edson
de usurpador, nenhum apodo me foi poupado de odor nem acordo me foi poupado
enfraquecer essa união enfraquecer a Sanyo
quem sabe se no fundo da alma eu a tenho em sabe-se no fundo da alma e EUA têm
o SNI oeste nem
expôs-lhe lealmente os perigos esposo e realmente os perigos
digo assim o adeus as armas a diva sem adeus às amas
o meu combate desarmado combate à mesa lado
do sistema castelista o sistema da estilista
É isso. Portanto, já sabe: se você precisar gerar textos rápidos a partir de leitura, pode comprar sem medo. Um software sensacional, só que, haja máquina! Para ele se sentir bem são necessários uns 400MHz e uns 100MB de memória, por aí.

BB100

Vamos Pescar Dólares?

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Uma história verídica que mostra como os distraídos pagam caro pela sua distração. Temos colega que mês sim, mês não perde a carteira com todos os documentos dentro. A coisa já é tão certa que quando se passam mais de 2 meses sem que haja uma manifestação do fenômeno as pessoas já começam a ficar preocupadas: aí tem coisa...

Outra característica interessante é que até hoje, as carteiras sempre deram um jeito de voltar comportadamente ao dono e com tudo dentro, nunca faltou nada. Deve ser uma proteção especial do Negrinho do Pastoreio (padroeiro dos objetos perdidos).

Pois no dia do nosso caso, já era quase meio-dia e nosso colega foi buscar o carro na oficina nossa vizinha, aqui na Nilo Peçanha. Já ia esquecendo de falar que nosso colega além de esquecido é apressado um bocado. Bom, era hora de buscar os filhos, já estava atrasado, pagou o carro, deixou a carteira no teto do carro, enquanto se abaixava para olhar o conserto, tirou uma correia usada que o mecânico deixou no banco, entrou no carro, ligou, primeira, acelerou e... lá vamos nós (a carteira ainda no teto do carro).

As provas de fogo da carteira foram as lombadas, a primeira na frente do Colégio Israelita, a segunda na frente do Colégio Adventista. A estas provas ela (a carteira) resistiu bravamente, afinal estava recheada de coisas pesadas. Só que na esquina, a que nosso colega atingiu em alta velocidade pois o sinal ia fechando e os filhos esperavam no colégio, com fome, a carteira entregou os pontos. Foi atirada na curva para a calçada oposta, com força e violência.

Alguns minutos depois, recebe-se uma ligação preocupada e misteriosa aqui na CELEPAR, querendo falar com o nosso colega. A secretária se identificou e perguntou qual era o problema. A pessoa, cheia de cuidados, contou que achava que o dono da carteira poderia ter sido seqüestrado, pois ela vira alguém do carro atirar a carteira: na certa era um pedido de socorro, havia que chamar a polícia, o carro quase capotara na curva, vá-se saber o que os bandidos estariam fazendo ao nosso pobre colega.

Cheirando um cheiro já conhecido, a nossa secretária entreteve o homem na linha enquanto tentava achar o nosso distraído colega. A coisa demorou, ainda não havia celular, mas cerca de meia hora depois o mistério se desfez. O indigitado ainda disse tranqüilamente: "a carteira? tá no carro...". Enfim, tudo se aclarou.

Mais calma, depois de resolver a questão, nossa secretária foi para casa e ao passar na esquina fatídica, ela viu o colega arrancando um galho de árvore para recuperar uma boa parte da carteira de dentro do bueiro.

Esse cara tem mais sorte do que juízo. Na época, tínhamos um consórcio que comprava e distribuía 100 dólares por mês. Não precisa dizer que a verdinha estava dentro da carteira e saiu voando bueiro a dentro. Foi duro pescá-la e ela veio meio fedida e manchada, mas foi recuperada, como sempre.

BB103

(Mais) Peripécias aéreas de um Celepariano

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Me mandaram: "trate de fazer um site maravilhoso para o CAR (Centro Administrativo Regional) de Cascavel. É o primeiro de uma série e o programa é para racionalizar e modernizar as instalações do Estado no interior. Tem que ficar supimpa!"

Bom, ordens são ordens. Cadê as fotos? Não tem fotos, o prédio acabou de ser alugado. Daí, ficou marcada uma visita "in loco", na primeira oportunidade, para conhecer o lugar e tirar fotografias. Tinha um pessoal que ia para Cascavel no avião do Estado e tinha um lugar sobrando. Lá fui eu de fotógrafo trabalhar no interior. A gente se mete em cada uma!... A viagem foi tranqüila, se bem que o avião era pequenino e fazia um vento de 40 nós em Cascavel. Meia hora antes da chegada, um vôo da Rio Sul tinha desviado para Toledo por causa do vento. Não quis se arriscar. Mas, como dizem os espanhóis, hay que tener cojones, e com vento ou sem vento, lá fomos nós. Aterrissagem perfeita, o piloto era dos bons, ainda bem.

Fomos levados ao CAR, conversa vai, conversa vem, fotos daqui e dali, tudo perfeito. Daí veio a idéia luminosa: vamos tirar umas fotos do CAR do alto? Beleza, é só localizar alguns pontos de referência e pedir pro piloto.

Quem nos recebeu foi o Marcos da Secretaria de Obras e já no fim do papo, ao ver aquela movimentação toda, ele arriscou: Não dá para vocês tirarem umas fotos aéreas do presídio de Cascavel? Ele está quase pronto e não temos nenhuma foto. Bom, vamos pedir pro piloto.

Nessa hora, perto de 13h, o estômago mandava sinais flamantes e urgentes requerendo atenção. Já de caso pensado, fiz cara de bobo e larguei o seguinte papo: Aqui em Cascavel acho que não tem uma churrascaria daquelas de ficarem na lembrança de tão boas, tem? Foi o que bastou para o nosso enfurecido motorista, nascido em Cascavel, pensar com seus botões: bando de almofadinhas da capital, pensam que aqui não se come bem? e, ato contínuo, levou-nos a um lugar fantástico cuja comida era maravilhosa. Minhas papilas gustativas ficaram enlouquecidas: tinha uma picanha soterrada sobre uma montanha de alho frito que ficou inesquecível (já verão porquê).

Volta pro aeroporto e pede pros pilotos: podemos sobrevoar o CAR e a penitenciária? O CAR nós sabíamos onde era, mas a penitenciária, ainda não inaugurada, onde fica? Pergunta daqui, pergunta de lá, alguém soprou: do ladinho do asfalto, não tem como errar. O piloto, confiante, determinou: vam'bora. O vento seguia firme e, já na decolagem, aquela geringonça começou a chacoalhar e a picanha e seus acompanhantes começaram a se fazer lembrar.

Avião no céu, avistamos o CAR: é lá, é lá... O piloto, não se fez de rogado, deu um vôo rasante pela direita, outro pela esquerda, curva para cá, curva para lá, o vento de 40 nós, e a picanha (e os acompanhantes) cada vez mais presentes... Tiramos as fotos e seguimos pro presídio. Pega a estrada e começa a acompanhar o asfalto. Não sei se já procuraram um prédio desconhecido, numa cidade desconhecida do céu: não é fácil. Lá pelas tantas, o piloto decretou: não é este asfalto, saída pela direita... Nunca vi um avião fazer uma curva tão rápido e não me lembro tão vivamente de nenhuma picanha já antes digerida.

Finalmente achamos o presídio, e de novo, vôo pela direita, curva, pela esquerda, curva, por cima, curva, de frente, curva e ... posso parar por aqui a descrição, imaginem o resto.

Finalmente 2 horas depois, depois de vários copos de água vivamente consumidos, estávamos em Curitiba, inteiros e compostos e com as fotografias. Mais uma missão cumprida.

BB105

Hiii, deu bolo!

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Era uma vez, numa cidade longínqua, uma prefeitura fictícia, ainda que distante apenas dois quarteirões da CELEPAR. Nesse dia, armaram-se os fatos e os sucessos para mais uma desventura, dessas que acontecem de vez em quando, na aventura maior que é viver.

Pois, ia a tarde pelo seu final, quando duas festas independentes e sem que os participantes de uma soubessem da outra, começaram a ser armadas. No segundo andar, o Prefeito recepcionava uma delegação de possíveis investidores, gente granfa, tanto é que no final do encontro, o cerimonial preparara uma taça de champagne com um pedaço de torta.

No andar de baixo, um pessoal animado, talvez um pouco mais próximo da galhofa, preparava festa de aniversário para a homenageada do dia, pessoa importante e considerada. Tanto é que três colegas, resolveram cada uma comprar um bolo diferente para a festa. Havia um de morangos com chantilly, um de favos de abelha e uma torta folheada de creme, comidas abundantes, brilhantes e maravilhosas, uma festança de cruz.

Vamos nos concentrar na festa de baixo, mais animada e solta. Como foram 3 compradoras distintas, houve três fornecedores diferentes que chegaram separados e, assim, tivemos a entrada triunfal de cada uma das tortas, devidamente aplaudidas e acompanhadas de olhares, rumores e odores, enquanto eram levadas para o local da festa. Quando chegou a terceira, já perto das 17h00, a turma não se conteve, e pronto: guaraná e refrigerantes espoucando e as tortas implorando para serem devoradas, e sendo imediatamente atendidas, quando... toc-toc-toc. Batem à porta. Esta é aberta... e quem está lá?

Outro entregador com uma torta mais abundante, mais brilhante e mais maravilhosa. Quadrada, alta, verde – bela cor – e com uma representação em suspiro do Jardim Botânico. (a cidade fictícia também tinha um Jardim Botânico). Ohs, Ahs de exclamação e esta nova torta foi atacada com tudo que havia direito: garfos e facas cortantes, avançar!

Não sei se já pararam para pensar, mas sempre lá pelas 5 da tarde, bate um certo vazio no estômago, acho que foi por isso que os ingleses inventaram o tal de chá das 5, uma fome malandra, nenhuma sangria desatada, mas, mesmo assim, pontual e exigente como ela só. Pois a turma estava dando vazão a este poderoso sentimento. Já se estava na hora das piadas e das brincadeiras. A torta de morangos já era, a folheada e a dos favos iam pela metade, mas a do Jardim Botânico era só um pequeno pedaço, fora a preferida.

Nisso, um novo toc-toc-toc... Outra torta? Quem será?... Aberta a porta, entra uma assustada chefe do cerimonial do Prefeito e pergunta:

Por um acaso foi aqui que entregaram a torta que o Prefeito encomendou? Era uma verde, com o Jardim Botânico?

Bom, assim acaba a história. Não há muito mais a contar, exceto que a turma granfa, a do segundo andar, teve que se contentar com um pequeno pedaço do Capanema, foi o que se pôde salvar, nada mais.

BB108

Um analista esperto

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro- GAC

Temos colega que veio para Curitiba atraído pela qualidade de vida que a cidade ostenta. Veio de longe, estava em férias, passou e passeou por aqui e logo depois arrumou emprego, transferiu a escola dos filhos e um belo dia, pronto: mais um curitibano de adoção entre nós. Morou anos em casa alugada, enquanto se decidia sobre onde e como morar. As alternativas eram várias, desde apartamentos aqui por perto do Centro Cívico ou casas com quintal e jardim, estas naturalmente mais longe. Um belo dia, passeando nas redondezas do aeroporto encantou-se com uma pequena chacinha. Não era só um quintal, era um senhor quintal, com árvores frutíferas, galinheiro, espaço para cachorros, papagaios e gatos, não era só um jardim, era quase um paraíso terrestre.

Problema, só tinha um: a distância. Bem nessa época, tinha sido aberta a Avenida das Torres, uma enorme serpente de asfalto que liga essa região, passando pelo maior viaduto de Curitiba sobre uma parte boa do centro ao centro, desembocando aqui ao lado da CELEPAR.

Estava decidido: chácara grande, lugar com conforto, longe de tudo, mas a 10 minutos do centro da cidade. Já se percebeu que este colega era (e é) pé de chumbo: enquanto a Torres era meio deserta, para ele era uma pista de corrida.

Os anos foram passando, a cidade foi se encorpando ao longo da avenida, os grandes mercados foram se instalando e o que era uma pista expressa, passou a ser uma rua comum, cheia de sinaleiros e lombadas. A tudo isso nosso personagem resistiu sem fazer muito caso: nas horas em que ele passava a cidade ainda estava meio deserta e dava para continuar correndo.

O problema surgiu no dia em que a prefeitura instalou as lombadas eletrônicas. Antecessoras dos atuais pardais, as lombadas eram impressionantes: um pórtico cheio de luzes, sinais e sons, que abrangia as 3 pistas da avenida, especialmente estreitada no ponto, não havia como fugir deles. Nosso personagem se desesperou, considerou aquilo uma ofensa pessoal, aquela era a avenida "dele", como a prefeitura podia fazer isso?

Deu tratos à bola, ganhou (e pagou) várias multas, ainda antes de novo código de trânsito, quando as multas eram mais baratas e não havia essa história de pontos na carteira. Tanto deu à bola tratos, que um dia, eureka!, fêz-se a luz: uma brilhante idéia salvadora. Ao ver uma moto passando no pórtico em alta velocidade, ele conjecturou, muito a propósito que apenas as 2 rodas eram incapazes de acionar o mecanismo. Experimentou uma noite, passar com as rodas da direita em uma pista e com as da esquerda na outra. Beleza, pensou, o mecanismo não apitou nem reclamou: estava feita a descoberta. Como ele ia bem cedo, com a estrada vazia, podia dividir o carro em 2 e passar em alta velocidade sem nenhum problema.

Muito contente, achando que nunca mais ia receber multa, um susto levou no dia em que recebeu 2 correspondências do Detran. Com todas as pulgas atrás da orelha abriu as cartas. Os leitores mais espertos já devem ter sacado o que veio: não era uma multa, eram DUAS multas, uma para cada pista. E durante vários dias a dupla chegou pontual: o caixa do banco nunca conseguiu entender como aquele

sujeito era sempre o mesmo, sempre no mesmo horário, sempre no mesmo local e sempre de duas em duas multas. Não dava para entender mesmo.

E assim, encerra-se esta história do analista esperto.

BB109

A máquina voraz

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro - GAC

Era uma unidade de disco. Grandona como ela só e cara, pois alugada, custava um dinheirão todo mês. Naquele tempo não se comprava nada. Alugava-se. Entre o pedido e a chegada da máquina aqui no aquário nunca se passavam menos de 2 anos. O Governo Federal tinha de dar o "pode" e isto era coisa para anos. A máquina chegou, num caminhão imenso. Foi descarregada com todo o cuidado do mundo. Se caísse ou quebrasse ou tivesse um ataque de mal humor, só nos restava esperar mais 2 anos. Era uma 3411, não tenho certeza, mas creio que tinha a capacidade de 7 megabytes, e, isto tenho certeza, o tamanho e o peso de um fusca. Quem olha para os discos rígidos de 100 Gigabytes com tamanho de 2 carteiras de cigarros pode descrever, mas eu garanto: pura verdade.

Essa máquina chegou aqui meio torta, não consigo achar palavra melhor. Já era usada, embora tivesse sofrido uma lanternagem em regra. Foi super difícil tirá-la do caminhão e mais ainda levá-la até seu lugar no aquário. Éta trambolho! Finda a epopéia e instalada a traquitana, coisa que foi rápida e urgente, levou só uns 15 dias, começamos a usar esse despropósito de área em disco. Imagine, prezado leitor, tínhamos 7 Megabytes em disco: não cabíamos no próprio contentamento, passou-me na cabeça agora aquele filme do Fellini, em que um bando de mendigos se banqueteia numa sala ricamente iluminada, com linda música, comendo do bom e do melhor. Assim éramos nós, humildes programadores, naqueles tempos de súbita fartura.

Como usada – e bem usada – era, a máquina vivia emperrando. A cada semana, vinha um técnico para o conserto. No começo, poucos perceberam, mas havia algo estranho com ela. Dizem que o canto da sala onde ela estava era o mais gelado da sala. Em poucos meses, depois de umas histórias contadas e conferidas, um murmúrio começou a percorrer os corredores da casa: aquela unidade comia coisas. Um dia era uma ferramenta, outro dia era um saquinho de parafusos, noutro dia era um diagrama das entranhas dela mesma, tudo misteriosamente desaparecia. Às vezes ruídos, sons, estrépitos e bulícios. Uns diziam que era velharia, outros alertavam que: aí tinha coisa. Sem falar que, de vez em quando, sumiam uns arquivos, com backup e tudo.

Teve um dia, que um técnico descrente, entrou na sala garganteando o fato e dizendo que os fofoqueiros de plantão estavam inventando coisas. O chefe da operação, também descrente, mas com anos de janela, yo no creo em las brujas, pero... mandou o cara falar baixo, a máquina podia ouvir e se vingar. O técnico, riu às escâncaras. Onde já se viu? Desmontou a medonha, entrou nela para o conserto, ficou até as 18 horas e na hora de ir embora, cadê a chave do carro? A notícia se espalhou que nem derrame de gasolina na Serra do Mar. Em pouco tempo todos sorriam à sorrelfa. Mais uma vítima.

O sujeito não se conformou. Já era apontado do lado de fora do aquário, motivo de chacota, quase desmontou tudo até achar lá dentro as malditas chaves. Na cabeça dele deixara-as cair lá dentro, mas na opinião unânime, a 3411 aprontara mais uma. Em outra ocasião, uma peça mais apertada, exigiu uma força adicional e um certo desjeito do técnico acabou resultando num pequeno corte na mão. Acidente simples e banal, mas na rádio corredor já transformado em o ataque do disco assassino.

Mas, como tudo na vida, chegou a hora da unidade ir embora. Nesse dia, muita gente foi acompanhar o desmonte e a despedida daquela que fora nossa companheira por quase 3 anos. A máquina comportou-se como máquina, nenhum desaforo ou malcriação. A turma já estava respirando com mais alívio quando alguns dias depois veio a notícia: a máquina fora levada a um barracão aqui perto. Como já era usada (mais do que usada), ficou meio esquecida lá. No fim do ano quando veio a contagem para o balanço, tivemos o grand finale: a própria máquina desaparecera. Ela mesma dera conta de si própria. Não estava mais lá onde fora depositada. Uma auditoria, criada a propósito não deu em nada. Não se teve notícia dela. Evaporara-se, escafecera-se. Nunca mais se ouviu falar do caso.

Acredite se quiser...

BB110

Pulhas na Internet

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro - GAC

Pulha, segundo mestre Aurélio é um substantivo feminino, cujos significados são: Gracejo escarninho; Peta, mentira;

Dito pouco decoroso; e

Ação de pulha vergonha, ignomínia, pulhice.

Na Internet uma pulha é uma história que é apresentada como se verdadeira fosse, com argumentação aparentemente coerente, contando uma história com começo, meio e fim, que embora meio esquisita pode até fazer algum sentido, mas que é completamente inventada.

A finalidade de uma pulha é a mesma de inventar um boato: soltar o bicho e vê-lo crescer, espalhar-se, ser levado a sério aqui e acolá, e lá no fundo, divertir-se com a credulidade da sociedade humana.

Carl Sagan, um dos maiores divulgadores da ciência do século XX, conta em um dos seus livros a história de um vidente australiano que foi "fabricado" por um jornalista. Primeiro foi apresentado como coisa séria, teve descritos os seus acertos passados (todos inventados), foram mostrados os dias e locais onde ele se apresentara com sucesso (todos falsos), os doentes que curara (nenhum verdadeiro). Toda a imprensa séria, que supostamente verifica as coisas antes de publicar, engoliu a história. Se apenas um dos inúmeros detalhes apresentados fosse checado, qualquer um veria estar diante de uma farsa. Ninguém o fez. Quando o jornalista apresentou a história toda, quase teve de se mudar de país, tamanha ira atraiu. O fato é que as pessoas querem acreditar, adoram uma história de capa e espada, qualquer coisa que sirva para fugir de uma existência cinzenta e morna, que é o que todos temos.

É nesse caldo de cultura que surgem as pulhas. Todas contam uma história de David contra Golias, alguém tentando desmascarar uma grande empresa ou governo. Todas citam uma autoridade inventada, eventualmente dando alguns nomes ou referências, mas nada que possa ser verificado. Chama-se a isto de "argumento da autoridade", e cá pra nós, não é novo, já era usado na idade média quando alguém ousava discordar de um grego famoso e antigo.

Elas fazem alguma referência aos bons sentimentos do leitor, pedindo ou até implorando que ele passe adiante a história. Afinal, todos precisam saber aquilo. De fato, uma pulha só é bem sucedida se for passada adiante rapidamente. Como a Internet está cheia de novatos - é fácil ver pelo ritmo de crescimento da rede - eles sempre fazem a massa de manobra. Me lembrei dos pobres estagiários, é mais ou menos a mesma coisa.

Ninguém está livre das pulhas, que são mostradas e divulgadas com a maior das boas vontades. O sujeito incha o peito achando que presta um grande serviço divulgando aquilo e mal sabe que está fazendo o papel de bobo. Na universidade onde dou aula, volta e meia alguém surge com a última e na UFSC onde estudei e onde ainda tenho um e-mail, todo mês aparece um cristão-novo que logo é recriminado pela administração de rede de lá. Portanto, como disse acima, ninguém está livre. Enquanto houver novatos e enquanto o ser humano for curioso, teremos pulhas. Em outras palavras, provavelmente até o fim dos tempos...

Quando a pulha faz referência a empresas sérias, basta consultar o site das mesmas. Geralmente, tem um baita aviso na primeira página. Acabei de confirmar isso em uma grande empresa mundial de telefonia celular. Uma boa política para se certificar da veracidade de uma suposta pulha é usar a própria Internet para verificar a falsidade ou veracidade da alegação.

Eis uma lista (incompleta, é claro) das principais pulhas que andaram por aqui:

1. Urina de rato em latas de refrigerante teriam matado a filha de uma amiga do remetente. Ou seria uma amiga da filha?
2. Um fabricante de celular estaria dando um aparelho de brinde para quem repassasse um certo número de vezes aquela mensagem. Aqui só uma pergunta: como alguém iria contar isso?
3. Uma corrente contra a exibição de um filme que mostraria Jesus e seus apóstolos como gays. Nunca se ouviu falar desse filme.
4. Supostas experiências com raio laser da terra fariam aparecer logotipos de marcas terrestres na lua, certamente em dia de lua nova. Não temos nem idéia da tecnologia que seria necessária para isso.

5. A história de que a Amazônia estaria sendo apresentada como "área internacional" em livros de geografia nos EUA. Esta história eu li – supostamente a sério – no jornal Estado de São Paulo. Pura pulha, de primeira qualidade. Estes livros não existem.

6. Água que explode ao ser aquecida em forno de microondas. Esta mensagem está cheia de letras maiúsculas, como se o remetente estivesse gritando. Aliás este é um bom sintoma de pulha.

7. Grandes cadeias de lanchonetes estariam criando coisas (meio bicho meio vegetal) para produzir seus sanduíches. Qualquer aluno de 1º ano colegial de biologia pode atestar ser impossível, mas a pulha busca ser convincente. Não caia nessa.

8. Um dos componentes usados nos desodorantes estaria causando câncer de mama. Conversa fiada.

9. Jovens à beira da morte, no seu último leito, fazem apelos dos mais diversos. Esta é uma história recorrente na Internet. Volta e meia aparece. Parece pulha, tem cheiro de pulha, bem como o aspecto e a consistência.

Poderia citar muitos mais. Para resumir, valem as seguintes dicas de "cheiro de pulha".

a) Um pedido desesperado de que a coisa seja mandada adiante.

b) Nomes de pessoas ou de instituições, aparentemente sérios, mas que não podem ser verificados, principalmente através da Internet.

c) Nomes complicados (muitas vezes inventados) que parecem dar credibilidade científica àquela bobagem.

d) Um certo ar de conspiração, de tentativa de abafar que precisa ser rompida pelo heróico remetente.

Quando estiver diante de uma história dessas, antes de passá-la adiante, convém investigar, perguntar, consultar a própria Internet. Com 99

111-Felipe

Um caso na Fundepar

Autor: Felipe Pereira Kantek G. Navarro - Estagiário da Fundepar

Aqui estou para contar o primeiro "flagrante" baseado nos contos da "CELEPAR". Neste caso, por se tratar da FUNDEPAR, poderia dizer que é um Flagrante Fundepariano.

Aconteceu esses dias, quando um de nossos colegas de trabalho estava tentando vender uma rifa para arrecadar fundos para a formatura da turma de uma faculdade. Até aí, nada demais. O que realmente chamou a atenção foi o prêmio que, acreditem se quiserem, era um vale "motel". Um pouco peculiar para uma rifa, ainda mais por se tentar vendê-la num ambiente de trabalho. Isso gerou algumas reações estranhas e divertidas.

Uma delas aconteceu com uma colega de trabalho que, na hora que viu a rifa, se animou toda e logo falou para o "vendedor":

- Nossa!!!! Esse número da rifa é meu!!! É da sorte... esse número nunca me falhou... nunca deixei de comprá-lo! (diga-se de passagem que me parecia o número 69).

Outra colega também teve uma reação inesperada, perguntando:

- Para esse prêmio tem que levar o par oficial ou pode levar o substituto (suspiros)??

O vendedor meio que sem graça respondeu:

- Bom, nesse caso não há nada no regulamento. Pelo que eu saiba, pode sim.

A funcionária delirou realizada

Mas o que se notava bastante nas pessoas que eram consultadas, é que na mesma hora elas formulavam idéias (aparentemente diabólicas).

Um de nossos colegas quando soube dessa rifa ficou injuriado e reclamou:

- Como!!!! Como que ninguém me avisou!? Eu estou muito necessitado por um prêmio desse!

A última notícia que eu tive foi de uma colega que, louca com a notícia, perguntou para o vendedor:

- Nesse motel tem hidromassagem, cama giratória e...? (eram alguns apetrechos que eu não consegui descobrir porque foram sussurrados no ouvido de nosso vendedor). Alguns dizem que se tratavam de coisas como: chicotes, fitas crepes, máscaras, bolinhas de gude...

Enfim, foi um sucesso e muita gente comprou. Venderam-se quase 8 blocos.

Logo veio o dia do sorteio pela Loteria Federal e, conhecido o número, o vendedor foi cercado porque todos queriam saber quem fora o feliz ganhador. O quase formando ficou sem jeito e disse que não podia revelar a identidade. Ele fizera o vendedor jurar segredo em troca da compra de 7 blocos completos da rifa. Por razões óbvias, ele aceitou sem piar. Até a próxima.

112

Do outro lado do mundo

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro - GAC

Há um mês uma colega nossa foi a trabalho para o Japão. Representava um dos grupos brasileiros, no âmbito da ISO, que trata sobre Normas Internacionais de Software. Diga-se que é bem importante a participação do Brasil nesse fórum de normalização internacional.

A primeira parte do caso é sobre as 27 horas passadas dentro de um avião repleto, com mais de 400 pessoas. Nossa colega teve o azar de sentar na última fila, logo ao lado dos (inúmeros) banheiros do avião. Fica para você leitor, imaginar o que foram as últimas horas do voo. Um autêntico suplício. Parecia que aquele lugar não chegaria nunca. O mundo pode ter encolhido pela globalização e pela Internet, mas quando você tem de ir fisicamente lá, ele continua grande e os lugares continuam longe, longe e longe.

Chegando em Tokio e estando com o fuso horário completamente virado do avesso, nossa personagem trancou-se no hotel onde transcorreu o seminário. A primeira decepção foi a de que sem falar 1/2 palavra em japonês, embarcou-se ela confiando no seu até razoável inglês. Chegando, ela continuava falando o inglês, mas a turma de lá é que não falava patavina do idioma Shakesperiano. Conclusão: tudo na mímica. Imagine você tendo de se comunicar com um grupo de pessoas, sorridentes e inclinando-se o tempo todo a título de saudação, sem poder usar uma única palavra.

No último dia foi o dia dos passeios, das compras, do relaxamento. Tanto relaxamento houve que, no meio da tarde, surgiu uma necessidade... podemos chamá-la de fisiológica, porque aqui ou no Japão nosso organismo continua funcionando. Sabendo que a sociedade lá é muito diferente de cá, ela procurou um hotel 5 estrelas, perfeitamente ocidentalizado, onde alguns falavam inglês, tudo para minimizar um possível mico, porque com essas coisas não se brinca.

Entrou no hotel, depois no banheiro e AHHH, que susto. Todos os vasos não eram vasos e sim latrinas de quartel (um buraco com duas pequenas plataformas para o cliente encaixar os pés). Nada mais. O negócio é ficar de cócoras e mirar. Imediatamente pensou: entrei no banheiro do sexo errado. Saiu correndo e olhou na porta: uma figura claramente feminina (e cor-de-rosa) a tranqüilizou. Banheiro certo mas, cá pra nós, que coisa mais esquisita. Pesando calmamente os prós e contras de se usar dessa "tecnologia", veio uma luz salvadora. Havia um banheiro com vaso, reservado para pessoas deficientes. Bom, nossa colega não é deficiente mas não tinha nenhuma vontade de se acocorar.

Olha pros lados, ninguém presta atenção, escafede-se para o dito banheiro, tranca a porta e UFA... que alívio. Que valor tem um singelo vaso sanitário nessas horas de aperto, não é?

Passaram-se alguns instantes e num ato contínuo ela foi pressionar a descarga. Uma força quase sobrenatural segurou-lhe a mão. Olhou o botão com cuidado. Embaixo dele havia um cartaz cheio de dizeres... em japonês. Que estranho... ter tantas instruções assim para apertar a descarga, mas enfim... pensou, e de modo quase automático mandou ver, pressionando o botão.

Meu Deus, quase desabou o mundo. Não era descarga e sim um fortíssimo alarme a ser chamado quando o deficiente, por algum motivo, precisasse. Que baita azar: ela querendo se enconder, passar despercebida e um imenso UOIIIN, UOIIIN ressoando por todo o prédio. Ela apertava e reapertava o maldito botão querendo desligar aquela coisa e tudo o que ela conseguia era mais UOIIIN, UOIIIN.

Um batalhão de japoneses, todos sorridentes e sem falar inglês, foi acudir. O pior foi ter que se explicar, tintim por tintim, usando mímica, muita mímica.

Moral da história: quanto mais a gente foge de um mico, mais o bicho implacável nos persegue, não é mesmo?

kantek@celepar.gov.br

Quem quer ganhar este prêmio?

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro - GAC

Existe um site na Internet (www.darwinawards.com) que é um barato. Ele reúne histórias e candidatos ao Prêmio Darwin. Nas suas palavras, ele "celebra os indivíduos que asseguraram a sobrevivência a longo prazo da nossa espécie, ao removerem seus gens da herança da humanidade de maneira sublimemente idiota". O site é de gozação, claro. O que ele premia são os indivíduos suficientemente imbecis para se matarem ao fazer algo estúpido. O site alega que ao se matarem, estes indivíduos estão melhorando a herança genética da humanidade e, portanto, merecem ser premiados.

Algumas histórias tiradas do site:

1. O terrorista que mandou uma carta bomba. Por ser novo no país se atrapalhou e colocou menos selos do que o necessário. O correio, alegando insuficiência de selos, devolveu a carta ao remetente. O terrorista abriu a carta e...PUM. Morreu.

2. Um advogado foi mostrar aos novos estagiários do escritório a resistência das janelas. Arremessou-se de ombro contra uma janela, que não resistiu e se espatifou. O advogado saiu voando do 24º andar.

3. O prêmio de 97 é bem interessante. Um rapaz de 22 anos foi encontrado morto ao lado de um viaduto, com um elástico de bungee jump amarrado ao pé. Segundo se apurou, ele medira a distância e se certificara que a corda elástica era 20 metros mais curta que a altura do viaduto. A polícia informou que o comprimento da corda elástica esticada era maior do que a distância entre a ponte e o solo.

4. Um ladrão foi baleado e morto em Renton, Washington, ao tentar assaltar uma loja. Foi sua primeira e última tentativa, ele não tinha antecedentes criminais. Eis os detalhes:

a) O alvo foi a loja HJ Firearms, que vende armas.

b) A loja estava cheia de clientes armados, gente com porte de arma, que estava comprando revólveres e rifles.

c) Havia um carro da polícia estacionado na porta. O ladrão teve de desviá-lo para entrar.

d) Um policial de uniforme estava de pé junto ao balcão, tomando cafezinho.

O ladrão entrou, deu uns tiros e declarou voz de assalto. O policial, o atendente e vários clientes responderam ao fogo. O ladrão morreu. Ninguém mais se feriu.

5. No Grand Canion existem diversos mirantes protegidos por cercas. As pessoas costumam jogar moedas, como se fosse a fonte dos desejos. Um homem percebeu existir uma pequena plataforma cheia de moedas e resolveu pular o muro levando um saco (vazio) para recolher as moedas. Ele conseguiu e na volta não se apercebeu que o saco estava cheio (e pesado). Tropeçou e foi ver o Canion bem de perto.

6. Seis pessoas morreram afogadas tentando salvar uma galinha que caíra num poço, no sul do Egito. O primeiro foi um fazendeiro de 18 anos. Sua irmã e seus dois irmãos desceram os 20 metros do poço sucessivamente para salvar o anterior. Finalmente dois fazendeiros mais velhos também desceram. Todos morreram afogados e tiveram seus corpos resgatados rio abaixo. A galinha que por ser melhor nadadora, sobreviveu.

7. O prêmio de 94 foi para um sujeito que morreu quando uma máquina de refrigerante automático caiu em cima dele enquanto ele tentava arrancar uma lata sem pagar.

Tem até uma história de que me lembro, li-a no jornal na época. Ela aparece no site apenas como menção honrosa, pois o candidato ao prêmio Darwin não se matou, apenas ficou uns tempos na prisão. Foi um punquista que resolveu bater a carteira de um turista no aeroporto de Barcelona em 1992. O alvo escolhido foi Larry Wade o campeão olímpico dos 110 m com barreiras. Estava junto e também saiu em perseguição ao ladrão, Maurice Green, recordista dos 100m rasos que ele fazia em 9,75 segundos. Como disse um oficial da polícia espanhola, o ladrão escolheu o homem errado.

Para encerrar, vale lembrar Einstein, que a propósito das guerras promovidas pelo homem ao longo do século XX, uma vez declarou: Somente duas coisas são infinitas – o universo e a estupidez humana, e não estou muito certo quanto ao universo.

BB113

Acredite se quiser

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro - GAC

Eu sei que é uma história dura de engolir, mas afinal chegou a hora de contar o que sucedeu naquele longínquo ano de 1978. Era uma época braba, as noites eram mais escuras e os dias mais nublados do que são hoje. Sempre houve os incrédulos que – mesmo na época – diziam ter sido tudo apenas coincidência. Por outro lado, havia os apavorados, crentes, que à simples menção do fato, correndo se persignavam e esbranqueciam, vade retro. Eu, junto à maioria, ficava no muro. Nem sim nem não, quem sabe?

Vamos ao ambiente: Fazia muito frio na época, e recém chegara um moderno computador com 256Kb de memória, 4 discos de 100 MB cada um, 8 fitas e 2 impressoras: o maior e melhor computador do estado do Paraná, recém-instalado.

Um operador, esqueço-lhe o nome, sujeito meio mal encarado, mas boa praça, estava de férias quando a máquina chegou. A coisa foi rápida, estávamos com um monte de serviço atrasado e o computador novo era esperado para dar conta daquilo. Milagrosamente chegou, foi tirado das caixas, aparafusado no chão, ligado, e ... isto é incrível... começou a funcionar lindamente.

Quando o operador em questão chegou para trabalhar, no turno da madrugada, de volta das férias, entrou na sala, deu um olhar abrangente e saiu-se um fia d'uma cadela, que máquina feia... O palavrão não foi bem esse, foi muito pior, mas a pudicícia impede uma transcrição literal.

O azar dele foi que o computador ouviu. Aqui começam as controvérsias. Há quem diga que é tudo besteira, mas há (e os há muitos) aqueles para os quais o computador ouve sim, como não. O sujeito era até então um excelente operador, nunca dera origem a queixa ou problema, mas a partir desse instante o panorama começou a mudar. Primeiro lentamente e depois mais rápido, num ritmo crescente, as coisas começaram a dar errado para ele dentro do aquário.

Uma fita colocada errada que se desenrolava inteira, um erro de leitura no disco, meia dúzia de caixas de formulário que desabava, uma pilha de cartões que o vento (que vento? Lá não há janelas nem ventiladores) derrubava. Tais coisas, antes improváveis e quase impossíveis, começaram a ocorrer quando o dito operador estava por perto. Talvez ninguém tenha feito a correlação entre causa e efeito até o dia em que, estando o processamento pela sexta ou sétima hora de cálculo dos contracheques (demorava mais de 10 horas), o fulano sentou na frente da máquina para ler as mensagens. Quando encostou o dedo no teclado,... a infame emitiu uns bips esquisitos e imediatamente entrou em processo de boot. Para os micreiros de hoje, foi como se alguém tivesse apertado CTRL-ALT-DEL. Com o detalhe que antes a máquina era ligada 2 ou 3 vezes por semana, não era como hoje, que a gente tem de dar 10 ou 12 CTRL-ALT-DEL por dia.

A partir desse dia e desse incidente, a história começou a se espalhar. A máquina estava de marcação com o sujeito, a malvada. Não adiantava mais ele oferecer palavras carinhosas, afeto na pressão dos botões, um que outro chamego. Nada derretia aquele monte de parafusos.

Assim foi a história aos trancos e barrancos, cada vez pior até o dia em que ele foi trocar uma fita. A unidade fechava o compartimento da fita eletronicamente e havia um sensor que revertia o movimento caso algo travasse o movimento da janela, como por exemplo uma mão lá dentro. Os operadores que trocavam as fitas não tinham medo de ver a janela se fechando pois sabiam que ao encostar na mão a janela imediatamente reabria.

Pois o nosso personagem pensava assim, quando uma janela dessas começou a se fechar e mesmo encontrando a mão dele, prosseguiu até o fim. A mão ficou presa. Não é que o sensor falhara bem naquela unidade e com aquele operador? Que azar, não?

Pelo sim ou pelo não, o sujeito não ficou por aqui para ver o resultado. Pediu as contas. Naquela mesma madrugada, que bobo não era. A última vez que dele soubemos era hippie em Guaratuba vendendo brincos e miçangas.

Ficou a lição: fale baixo perto dos computadores, principalmente quando faz frio

BB114

Uma fábula animal

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Na semana de atentados, torres desabando e guerra sendo preparada não tem episódios amenos. Saio pela tangente, conto a história de dois animaizinhos de estimação bem conhecidos, o Hardware e o Software, ei-los:

Este é o Hardware, também conhecido como Ha-ha. Tem um aspecto meio cansado, mas não se iludam: ele carrega pianos. Trabalha quase 24 horas por dia. Corre para cima e para baixo, é discreto e se alimenta de muito pouco. Já o seu parceiro inseparável é o Software, cuja alcunha é o Só-só.

Ele é um gato exuberante, cheio de egocentrismos, manias e idiossincrasias. Só faz o que tem vontade, se mete em muita confusão mas em geral faz tudo certo, rápido e sem reclamar. Quando lhe dá na telha ser rabugento, não há o que se possa fazer a não ser esperar que ele resolva voltar a funcionar. É cheio de intenções dissimuladas, quando menos se espera que ele faça algo, é bem o "algo" que se espera o que ele faz: um portento!

Em geral Ha-ha e Só-só gostam de brincar juntos. A paz e a harmonia na casa depende deles estarem de bom humor um com o outro, o que é difícil pois eles convivem numa caixinha bem pequena. Outro dia, no meio de um processam... digo, de uma brincadeira, o Só-só não gostou de um sinal que o Ha-ha fez para ele: pronto, armou-se a confusão. No outro dia, o Só-só cismou de pegar alguma coisa que pousara na ponta do seu rabo. Começou a girar e girar e o Hardware em vez de interferir, ficou rindo na ponta dos dedos, vendo o gato entrar em loop.

Os donos de Ha-ha e Só-só gostam muito de interagir com eles. Parece que eles vieram ao mundo apenas para satisfazer aos humanos. Mas, os usuários às vezes são meio impacientes. Quando dá um arranca rabo, os humanos ameaçam agredir o ha-ha. Que por ser paciente e algo lerdo, aguenta e escuta tudo com passiva aceitação. Quando o resultado sobra para o Só-só, não há quem o consiga pegar. O bicho se escafede e o máximo que nós, seus parceiros, podemos fazer é xingá-los em alto e bom tom. Ao que eu saiba, nunca Só-só se incomodou de ser xingado. Faz ouvidos moucos e pronto.

É muito difícil fotografá-los, ainda mais quando não estão fazendo pose como aí em cima. Mas, temos aqui uma foto tirada de Só-só quando ele estava distraído. O seu usuário, nessa hora, buscava como um maluco um erro de programação que teria sido cometido. Só-só estava meio entediado o coitado.

Por falar em fotos, tem aqui um instantâneo de um primo de Ha-ha, seu nome é Notebook e ele gosta muito de viajar pra cá e pra lá.

BB115

Vamos Truelar?

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro - GAC

Este espaço é para lembrar pessoas e causos. Usemo-lo então. Na semana passada, morreu um dos pioneiros da informática. Lembro-me que ao tomar conhecimento do fato (através de um e-mail de um colega da Universidade de Santa Catarina) imediatamente pensei em escrever uma nota para o Bate Byte, lembrando o trabalho do sujeito.

Quando sentei para escrever o texto, dei-me conta que tinha esquecido o nome do fulano. Fui procurar o e-mail e tinha-o jogado fora. Que vexame. Fiz uma consulta na Internet e achei a história de Von Neumann. Não é o que eu procurava, mas não faz mal: ele também merece ser lembrado.

Janos Neumann nasceu na Hungria no início do século passado. Formou-se em química e obteve seu PhD em matemática. Trabalhou na Alemanha até 1930 quando se mudou para os Estados Unidos. Daí até a sua morte em 1957 (e não na semana passada), foi o Doutor John Von Neumann, conhecido por alunos, colegas e até pelos diversos presidentes americanos de quem foi conselheiro como Johnny.

Suas áreas de interesse e de produção científica são amplas. Escreveu cerca de 150 trabalhos científicos sobre física, matemática pura, teoria dos grupos, lógica, topologia, teoria de medidas, teoria ergódica, geometria contínua, estatística, análise numérica, estudo das ondas de choque, problemas de fluxo, hidrodinâmica, aerodinâmica, balística, meteorologia, estudo de detonações, teoria dos jogos e... ufa, computadores.

Ele descreveu a arquitetura de qualquer computador, desses que você tem perto de você, incluindo-se PCs, mainframes, video-games, fornos de microondas, carburadores de carro, receptores de TV, controles

remotos etc., etc. É dele a idéia de uma unidade de controle, memória, unidade aritmético-lógica e dispositivos de entrada e saída. Em sua homenagem, esta arquitetura é conhecida como arquitetura de Von Neumann.

Embora seja esta a nossa praia, vou tomar um atalho e falar da teoria dos jogos: prova de que uma mente privilegiada pode achar coisas para estudar e descobrir onde nós, meros mortais achamos que nada há. Eis um exemplo do tipo de problema estudado por ele:

Seja um truelo: trata-se de um desafio como se fosse um duelo, mas que envolve 3 pessoas. Digamos que Aldo, Benedito e Carlos decidem resolver suas diferenças num truelo, atirando até que apenas um sobreviva. A regra é fácil: cada pessoa dá um tiro, até que só sobre um. Aldo é o pior atirador, acertando em média 1 tiro a cada 3. Bento é melhor e acerta 2 tiros a cada 3. Carlos é o bamba, não erra tiro. Para deixar o truelo mais justo, Aldo pode atirar primeiro. Depois, Bento (se ainda vivo) pode atirar e a seguir o Carlos se ainda viver. O processo se repete até que o truelo acabe. A pergunta é: contra quem deve o Aldo atirar para ter mais chance de sobreviver? Pense e ache uma resposta. Pode comparar com a dada pela Teoria dos Jogos de Von Neumann, clicando aqui.

O grego diofante, os fundamentalistas de todos os credos e as autoridades certificadoras digitais

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro - GAC

Diofante, um matemático grego bacana que viveu há uns 1800 anos, não se sabe direito, deixou um dos grandes legados na história do homem: a obra denominada Aritmética, composta de 13 volumes. Ele tratou dos números e dos problemas envolvendo números. (Hoje tais problemas, com números inteiros, são chamados, em sua homenagem, problemas Diofantinos). Da série de 13 livros apenas 6 sobreviveram à Idade das Trevas e só servem para dar um gostinho irresistível na boca, quando se imagina o que se perdeu nos outros 7. Um desses livros deu origem ao "último Teorema de Fermat" que acaba de ser provado pelo inglês Andrew Willes, e essa é outra história. Maravilhosa também, mas é outra história. Veja-se que naqueles tempos não era moleza escrever livros. A tarefa era manual e cansativa, não se podia errar, e ao final de anos de trabalho tinha-se um único exemplar. Os mais previdentes, sabedores da raridade do objeto, corriam a guardá-lo em uma biblioteca. Os demais, pareciam não se importar muito. Mais de 99

Mas, menos mal, já havia bibliotecários e bibliófilos. Na cidade de Alexandria, no Egito, esses amantes dos livros construíram, organizaram, alimentaram e mantiveram a Grande Biblioteca de Alexandria. Conta-se que por mais de 8 séculos, a biblioteca brilhou tal como o farol da cidade. Seu primeiro golpe foi um ataque de Júlio César contra Cleópatra em 47 (aC). No arranca-rabo, o porto foi incendiado e a biblioteca acabou pegando fogo. Cleópatra deve ter feito beicinho, tanto que Marco Antônio, outro romano, acabou atacando a cidade de Pérgamo (de pergaminho), saqueou a biblioteca de lá e levou tudo para a reconstruída Alexandria. Conta-se que cada viajante que entrava na cidade era minuciosamente revistado e se tivesse um livro com ele, imediatamente era "convidado" a emprestar o livro aos copistas da biblioteca que só o devolviam depois que um segundo exemplar era zelosamente guardado.

Tudo teria corrido mais ou menos bem, se o bicho homem não tivesse se envolvido em mil e uma guerras e estrepolias. A primeira é devida ao bispo cristão Teófilo. Em 389 (dC), tendo recebido a ordem de destruir todos os monumentos pagãos, pôs mãos à obra. Por azar, Cleópatra montara a biblioteca em um templo dedicado ao deus Serápis: lá se foram os livros para a fogueira, de novo. Dois séculos depois, em 642, logo após a disseminação da religião de Maomé na região e considerando a decadência de Alexandria, esta foi cercada, invadida e saqueada. Dizem que após entrar na cidade, os soldados vieram perguntar ao califa Osmar, chefe da invasão, a respeito do que fazer com os livros. A resposta dele é de lascara, para não usar verbo mais forte. Teria dito: se os livros dizem o mesmo que o Alcorão, são supérfluos e podem ser destruídos. E, se ao contrário, contradizem o Alcorão, aí é que devem ser eliminados da face da terra sem deixar rastro. As termas de Alexandria foram aquecidas por muitos anos com os livros que foram sendo queimados, até não restar nenhum. De novo.

Ignora-se se e quais livros foram salvos. Até hoje se tem esperança que um certo dia, alguém mexendo no baú das velharias da família surja com alguma cópia de algum dos livros perdidos de Diofante. Seria um prêmio, provavelmente imerecido, à raça humana.

E, aqui chegamos ao ponto focal deste texto. Supondo que surgisse tal objeto, e se levantasse a inevitável controvérsia, a pergunta que fica é: como alguém atestaria de que se trata do livro mesmo e não de um grosso embuste? Não sou arqueólogo, mas tenho certeza de que técnicas há. Talvez a idade do papel, medida pelo Carbono 14, ou o alfabeto usado, ou o linguajar, ou a tinta, ou as referências do livro, ou

tudo isso junto, certamente habilitará um bam-bam-bam do assunto a decretar: é o livro perdido que retorna, ou ao contrário é um embuste, chamem a polícia.

Agora, um corte na história e avancemos dois ou três mil anos em direção ao futuro. Supondo que ainda haja habitantes na face da terra, o que não dá para garantir com muita ênfase, vá lá que se encontre um livro perdido há 5 séculos. Como descobrir se o livro é original ou é uma tapeação? A novidade agora é que o que vai se descobrir é apenas um arquivo magnético. Aqui não há papel, não há alfabeto, não há Carbono 14, não há quase nada, exceto um arquivo digital.

Surge então uma autoridade certificadora gerando o que tem sido chamado de "selo cronológico digital". Trata-se de uma certificação de que certo arquivo já existia em uma determinada forma e com conteúdo certo, em um instante claramente estabelecido no passado.

Dando um exemplo: suponha que eu seja um vidente e deseje fazer uma previsão de algo que eu asseguro que vai se realizar. Uma hipótese, esta a mais comum, é deixar (qualquer coisa) acontecer e depois ir aos jornais e TVs afirmando que 2 dias antes do acontecido acontecer, eu já tinha previsto tudinho, tintin por tintin. Ainda recentemente, no episódio do ataque terrorista a Nova Iorque, vimos de novo o mesmo filme. Nada de novo sob o sol, Carl Sagan no livro *Bilhões e Bilhões*, fala deliciosamente sobre este assunto.

Mas, imaginemos a hipótese improvável de eu ser um vidente não pilantra e não embusteiro, isto é, honesto. Então:

Devo criar um arquivo digital (pode ser sob Word) descrevendo tudo o que desejo.

Aplico ao arquivo um gerador de hash. Trata-se de um utilitário que lê o arquivo original e gera um número binário (tipicamente 200, 300 ou até 500 bits) que é a sua autenticação. Se eu mudar um único caractere no arquivo original e submetê-lo ao mesmo processo, o número gerado será outro completamente diferente. É, por assim dizer, uma assinatura do arquivo.

Envio o número hash gerado a uma autoridade certificadora, que data a assinatura, criptografa o pacote usando a sua chave pública e me envia de volta um selo temporal. Note que o arquivo original não vai para a autoridade, pelo que pode permanecer secreto.

A qualquer momento, de posse do arquivo, do selo temporal e da confiança da sociedade na autoridade certificadora, posso provar ter escrito o arquivo antes da data confirmada pelo selo.

Note que a partir do número hash é impossível gerar o arquivo, apenas o outro sentido (do arquivo para a assinatura) é que é possível.

O selo temporal terá de ser não falsificável, e a hora usada terá de ser acima de qualquer suspeita, provavelmente um relógio atômico preciso, vinculado a uma autoridade metrológica mundial, por exemplo o NIST americano (National Institute of Standards and Technology) ou o Observatório Nacional, brasileiro.

Ainda não temos este produto sendo usado em larga escala, mas enquanto aguardamos o Diofante, podem ir se acostumando com mais essa novidade do mundo digital em que vivemos. Que mundo!

BB116

O Criador dos Algoritmos

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro - GAC

Não custa lembrar que as centenas de milhões de computadores que estão por aí, na face da terra, rodam programas. E, um programa nada mais é do que a materialização de um algoritmo. Assim, o conceito de algoritmo adquiriu alguma importância no nosso dia-a-dia. Eis a razão pela qual voltamos para a história da vida daquele que é considerado o criador do conceito.

Fala-se de Leonard Euler, nascido na Basiléia em 1707, filho do pastor calvinista Paul Euler. O pai já havia escolhido a profissão do filho: Teologia. Embora dono de um talento impressionante para a matemática o filho obediamente foi estudar teologia e hebraico na Universidade da Basiléia. Lá travou contato com dois irmãos Daniel e Niklauss Bernouilli, que vêm a ser membros da famosa família de matemáticos. Nada menos que 8 componentes deste clã deixaram seu nome na matemática em espaço inferior a 100 anos. A família Bernouilli era famosa: Daniel contava que um dia recebera o maior elogio de sua vida. Viajando incógnito, durante uma passeio, travou conversa com um desconhecido. No meio do

papo, humildemente, apresentou-se: "Eu sou Daniel Bernouilli", ao que o conhecido fez cara de zombaria e respondeu cheio de pompa "E eu, sou Isaac Newton". Nos dias de hoje se diria "e eu, sou a Madonna".

Pois, voltando aos dois irmãos, logo depois de terem conhecido Euler, chegaram à conclusão de que valia a pena a humanidade perder um pregador medíocre em troca de um grande matemático. Foram convencer Paul Euler a que liberasse o filho. O velho Paul, que fora contemporâneo na escola de Jakob Bernouilli, o pai de todos, e tinha pelos Bernouilli muito respeito, aceitou relutantemente que o filho deixasse a Teologia.

O bacana passou a se interessar por quantos problemas passassem perto dele: estudou a navegação, as finanças, acústica, irrigação, entre outras questões. Cada novo problema levava

Euler a criar matemática inovadora e engenhosa. Conseguia escrever diversos trabalhos em um único dia e contava-se que entre a primeira e a segunda chamada para o jantar, era capaz de rascunhar cálculos dignos de serem publicados. Euler tinha memória e intuição e com eles trabalhava. Era capaz de realizar um cálculo completo de cabeça, sem pôr o lápis no papel. Foi conhecido ainda em vida como "a encarnação da análise".

O primeiro algoritmo de que se tem notícia, trabalhado por Euler, é a previsão das fases da lua. Relembrando, a terra atrai a lua e a lua atrai a terra, e o conhecimento deste fato com precisão ajuda a criar tabelas de navegação, fundamentais para um navio descobrir onde está. Não nos esqueçamos que estamos no século XVIII, muito antes da existências dos GPSs da vida.

O cálculo do comportamento da lua seria quase trivial se não aparecesse na história o sol. É o assim chamado "problema dos 3 corpos". Euler não achou uma solução, que de resto até hoje não existe, mas trabalhou num algoritmo que permitia calcular um primeiro valor aproximado para a posição da lua. Reintroduzindo essa primeira posição no mesmo algoritmo, era possível obter um novo valor melhor, e agindo sucessivamente dessa forma poder-se-ia chegar ao valor com a precisão desejada. O Almirantado Britânico pagou 300 libras (um dinheirão) a Euler pelo algoritmo. Pensando bem, Euler deve ter sido o primeiro programador profissional da história do mundo.

Quando passou pela Rússia, Euler foi convidado pela czarina Catarina (a grande) a ajudá-la a resolver um imenso abacaxi. Andava pela corte Denis Diderot, francês famoso e ateu convicto. Diderot passava seu tempo tentando convencer as pessoas de que Deus não existia, o que deixava a religiosa Catarina furiosa. Euler, disse "deixa comigo" e imediatamente proclamou ter uma prova algébrica da existência de Deus. Rapidamente, Catarina convidou toda a corte para assistir o dilema teológico entre Euler e Diderot.

No grande dia, Euler levantou-se, pigarreou, dirigiu-se à lousa e escreveu:

"Senhor, $(a+bn)/n = x$, portanto Deus existe, refute!"

O pobre do Diderot que era uma nulidade matemática não conseguiu dizer nada e humilhado, deixou a corte. Não é necessário explicar, que o argumento do Euler é um baita facão. Ele deve ter sido um ótimo jogador de truco.

Outro problema estudado, pelo qual é atribuído a Euler a paternidade da Teoria dos Grafos, é o famoso problema das pontes de Königsberg (atual Kaliningrado). Explica-se: corta a cidade o Rio Pregel, formando o seguinte padrão de 4 regiões (margem esquerda, direita, ilha pequena e ilha grande) e 7 pontes.

Desde a idade média desconfiava-se que não era possível sair de um lugar qualquer, atravessar as 7 pontes uma única vez cada uma e retornar ao ponto de partida. Euler conseguiu mostrar que para este caminho existir cada ponto deve ser ligado por um número par de pontes (ou deve haver apenas 2 lugares com pontes ímpares, se estes lugares forem a saída e a chegada e forem diferentes entre si). Até hoje, na teoria dos grafos, um caminho que goze desta propriedade é chamado caminho Euleriano.

É de Euler a primeira contribuição importante para a solução do Último Teorema de Fermat (não existe n tal que $x^n + y^n = z^n$, para $n > 2$). De fato ele provou que o teorema era verdadeiro para $n=4$.

Com a idade de 28 anos, Euler perdeu a visão de um olho, por isso grande parte dos retratos dele que foram preservados o mostra como caolho. Longe de incomodá-lo este problema não deixou seqüelas, de fato ele chegou a dizer que agora teria menos distrações com um olho a menos.

Com a idade de 60, surgiu uma catarata no olho bom, e antes que ele ficasse cego, começou a treinar a escrita com os olhos fechados: não queria parar de produzir. Pelos próximos 17 anos continuou criando matemática da melhor qualidade. Seus colegas chegaram a dizer que aparentemente a cegueira ampliara

os limites de sua imaginação. Em 1776 operou-se-lhe a catarata e por alguns dias ele voltou a enxergar. Mas logo depois veio uma infecção (ainda não havia antibióticos) e ele voltou a mergulhar na escuridão. Não se abalou e continuou a trabalhar até a idade de 84, quando segundo Condorcet, deixou de viver e de calcular.

BB116

”Haja pressão”

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Mais uma história verídica para a coleção. É uma meio escatológica, assim, olhos e ouvidos (e olfatos) mais sensíveis devem parar a leitura por aqui. Aos corajosos, vamos aos fatos.

Meses atrás, tivemos um problema hidráulico num dos banheiros da sede. O banheiro, que era muito usado, sem mais nem menos entupiu-se. Não sei se o prezado leitor concorda, mas qualquer coisa entupida já é um abacaxi. Sendo um banheiro então, tem-se quase uma tragédia. Se uma casa fosse viva e os canos fossem suas artérias, estaríamos diante de um autêntico enfarte do miocárdio.

Pois foi bem isso que aqui aconteceu. Quando o problema foi detectado, imediatamente convocou-se à presença, os setores capacitados a lidar com o ocorrido. Logo agendou-se uma visita daquelas empresas que têm aquele treco parecido com uma broca gigante de dentista e que adentra nas veias das casas desentupindo tudo. Só que, por azares do destino, o dono da broca gigante estava com muito serviço e só podia vir aqui na sexta feira, enquanto ainda estávamos na manhã de quarta.

O problema não estava mais restrito às quatro paredes do banheiro, ele já causava um certo desconforto nos que trabalhavam próximos. A grita começou braba, e como sói ocorrer quase sempre, eis que surge o candidato a salvador da pátria. Bateu no peito e garganteou: ”deixa comigo”.

Por mistérios do além, junto com o herói surgiu no ar aquela sensação de ”vai dar...”oops, preciso cuidar com os termos, pois era bem isso que aparentemente ia dar.

Monopolizando as atenções, o nosso herói entrou no banheiro acompanhado de um extintor de incêndio gigante, o maior do andar. Entrou e a porta trancou, ninguém ia poder acompanhar a odisseia. Do lado de cá só se podia ouvir os fortes jatos de pó branco sendo emitidos lá dentro. Uma fumacinha branca começou a vazar por baixo da porta e pelas frestas da janela. Enquanto isso os barulhos e os jatos continuavam.

Mais alguns minutos e o silêncio se fez presente. Todos já estavam ansiosos, quase com o coração na mão e nada da porta se abrir. Até que um mais corajoso foi lá e bateu toc, toc, toc na porta. Necas de resposta. Animado pela já nessas alturas grande assistência, avançou cuidadosamente, dois passinhos e cléc, abriu a porta.

Amigos, é preciso calma para descrever o que se viu lá: as paredes que eram brancas antes do entupimento e da tentativa de desentupimento, agora estavam amarelo-marronzadas, ou seria melhor marrom-amareladas, mas de qualquer jeito estavam imundas. O cheiro que já não era nada bom antes, agora ficou insuportável: parecia que as portas de Armagedon haviam sido abertas. Finalmente, nosso pobre herói estava já sem camisa, tentando se lavar e quase começando a chorar de raiva e ódio.

Não me perguntem o que ele fizera: não sei a resposta. Só sei que não é uma boa idéia tentar desentupir algo com jatos de extintor. Pode dar... encrenca!

Quantos dígitos existem

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Nosso negócio são os computadores digitais. A palavra digital vem do latim digitus que significa dedo, e por que temos 10 dedos, toda nossa lógica aritmética se criou sobre um sistema decimal (de 10).

Já que são 10 dígitos e qualquer número é composto por uma combinação desses dígitos seria de se esperar que cada um dos 10 dígitos tivesse uma distribuição proporcional quando vai se representar um número qualquer. Assim, teoricamente, se analisarmos um grande conjunto de números, seria de se esperar que os dígitos 1, 2, 3,... aparecessem em 10

Afinal, não existem dígitos mais bonitos ou mais simpáticos para que apareçam no começo dos números mais do que os outros. Ou será que existem?

Em 1938, um matemático chamado Benford, acabou descobrindo que sim, existem dígitos iniciais mais freqüentes do que outros. Ele estudou um monte de distribuições e chegou à conclusão que o dígito 1 ocorre no começo em cerca de 30

Parece estranho, mas é verdade: em qualquer tabela, uma grande quantidade de números começa com o dígito 1. Muito mais do que os demais dígitos. Veja-se o seguinte conjunto de dados, extraído do livro de Benford:

Primeiro Dígito

Col. Título do assunto 1 2 3 4 5 6 7 8 9 Números pesqui-sados

A Populações 33.9 20.4 14.2 8.1 7.2 6.2 4.1 3.7 2.2 3259

B Constantes 41.3 14.4 4.8 8.6 10.6 5.8 1.0 2.9 10.6 104

C Exemplares aleatórios de jornais 30.0 18.0 12.0 10.0 8.0 6.0 6.0 5.0 5.0 100

D Calores específicos de substâncias 24.0 18.4 16.2 14.6 10.6 4.1 3.2 4.8 4.1 1389

E Peso molecular 26.7 25.2 15.4 10.8 6.7 5.1 4.1 2.8 3.2 1800

F Drainage 27.1 23.9 13.8 12.6 8.2 5.0 5.0 2.5 1.9 159

G Peso atômico 47.2 18.7 5.5 4.4 6.6 4.4 3.3 4.4 5.5 91

H

25.7 20.3 9.7 6.8 6.6 6.8 7.2 8.0 8.9 5000

I Exemplares do Reader's Digest 33.4 18.5 12.4 7.5 7.1 6.5 5.5 4.9 4.2 308

J Voltagem de raios X 27.9 17.5 14.4 9.0 8.1 7.4 5.1 5.8 4.8 707

K Dados da liga americana de baseball 32.7 17.6 12.6 9.8 7.4 6.4 4.9 5.6 3.0 1458

L Endereços aleatórios 28.9 19.2 12.6 8.8 8.5 6.4 5.6 5.0 5.0 342

M

25.3 16.0 12.0 10.0 8.5 8.8 6.8 7.1 5.5 900

N Taxas de Mortalidade 27.0 18.6 15.7 9.4 6.7 6.5 7.2 4.8 4.1 418

Média 30.6 18.5 12.4 9.4 8.0 6.4 5.1 4.9 4.7 1011

Parece que a distribuição do primeiro dígito em números segue a seguinte distribuição logarítmica:

para , ..., 9. Este é a "Lei do Primeiro Dígito".

BB118

A mala da Tia Nonoca

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

9h11

Um sujeito entra no prédio da Prefeitura de Curitiba carregando uma pesada mala. Pára na entrada, orienta-se, escolhe um estagiário que por ali andava e aborda-o: "Posso deixar a mala com você, enquanto vou resolver um assunto?" O estagiário, pego de surpresa, aceita e leva a mala para detrás do balcão.

10h11

O estagiário olha a mala e pensa com seus botões "Que assunto demorado..."

11h11 e 12h11

A despreocupação é substituída por leve apreensão que, por sua vez, é trocada por pavor crescente. Depois do meio-dia, convencido de que a história estava esquisita e que a mala fora abandonada, o estagiário chama seu chefe e conta-lhe a história. Este chama um guarda municipal, que convoca seu chefe, que chama seu superior, que ouve a história, sopesa a mala, pesa os prós e os contras e,... resolve chamar a polícia.

13h07

4 viaturas chegam e discretamente (se é que isso é possível) dispõem-se nos pontos principais do prédio. O Coronel no comando, depois de absorver a história, dá o veredito: "chamem o esquadrão anti-bomba". Antes que o prezado leitor ache a reação exagerada, deixe eu contar um caso verídico que aconteceu comigo. Chegando em Paris com uma mala que pesava 1/2 tonelada, fui trocar meus parcos dinheirinhos. Como a mala era um peso danado de carregar, deixei-a na entrada da pequena e meio vazia agência de câmbio. A conversa mimimesca com o mau-humorado francês teve de ser interrompida. Saí correndo em direção à entrada. "Les flics"(os hóme) estavam de olho na mala e já iam levando ela. E isso foi bem antes do 11 de setembro.

13h41

Chega o esquadrão anti-bomba. Numa viatura bacana, parecida com as dos seriados americanos, vem a turma do barulho. Tentam entrar sem chamar a atenção, mas o leitor bem pode imaginar: é impossível. Saem dois sujeitos vestidos com uma roupa esquisita à prova de explosão; devia pesar mais de 10 kilos. Ainda bem que sempre tem um gaiato por perto: imediatamente batizou a roupa de enfrenta-patroa, segundo ele, ótima para encarar quizílias matrimoniais.

14h04

Toda a prefeitura já sabe do ocorrido e acompanha o desenrolar do caso. Eu sempre me pergunto porque as organizações gastam milhões com telefones digitais, redes locais, fibras óticas e coisas que tal. Em pouquíssimos minutos, todos no prédio já acompanhavam, torciam e apostavam no desenlace. O esquadrão anti-bomba leva a mala suspeita para um local protegido. O chefe do esquadrão passa o detector de metais e o dito cujo dispara um grito estridente cada vez que chega perto da mala. "Pelo peso, se for explosivo, o estrago vai ser grande", sentencia.

14h32

BUMMMM. Ouve-se uma explosão, pequena e abafada é verdade, mas ainda assim uma explosão. Uma eletricidade percorre as já elétricas pessoas. Corrida às janelas. Passado o susto, vem a explicação: foi o esquadrão que detonou uma pequena carga, tudo sob controle, para ter acesso ao interior da mala.

14h58

Finalmente, a mala é rastreada por instrumentos próprios e tem-se o veredito: a mala contém roupas, alguns livros, talheres, tudo inofensivo. Uma vez aberta, são encontrados apenas dois candidatos à bomba: Uns exemplares atrasados de CARAS e uma bomba de chupar chimarrão – tinha ancestrais gaúchos o dono da mala – enfim, nada perigoso. O raio da bomba de chimarrão junto com o porongo é que enlouquecia o detector de metais. A Polícia vai embora, ficam apenas alguns agentes esperando o dono da mala aparecer.

O outro lado

Vamos acompanhar agora o outro lado da história. O dono da mala é um recém-graduado em antropologia em Taubaté. Prestes a se formar lá, ele pesquisa na WEB e descobre que temos excelente curso de mestrado em antropologia em nossa cidade. Entra no www.curitiba.pr.gov.br e descobre várias coisas: a Prefeitura aceita guardar malas (esqueceu de ler que a PMC faz isso NA RODOFERROVIÁRIA) e que a Fundação de Ação Social (FAS) consegue albergar pessoas. Deve ter pensado, como Curitiba é organizada. Mal sabia ele como ia pôr à prova essa organização. Durango como ele só, junta suas poucas coisas, empresta a mala da tia Nonoca e... Curitiba, aqui vamos nós. Chegando aqui, direto para a Prefeitura resolver tudo. Deixa a mala guardada e vamos atrás da FAS. Lá a coisa é mais demorada, mas finalmente pelas 15h encontra-se um albergue legal. É hora de voltar buscar a mala. Aguarda uma carona (que o dinheiro é curto, nunca é bom esquecer) e finalmente, no fim da tarde chega na PMC, atrás do estagiário.

Quando reconhecido, imediatamente o dono da mala é cercado pela polícia, todos querem saber o que é aquilo. O sujeito levou o segundo maior susto da vida dele: Explicações, mostra documentos, conta a história, finalmente todos se acalmam. É hora de mostrar a mala. Aí sim é que o sujeito leva o maior susto da vida: a mala parecia um frango desossado, com uma coxa arrancada. Ai, que horror! Toda a privacidade exposta, e a mala da tia Nonoca, que ela emprestou depois de um colar de recomendações: não encher demais, não pôr peso em cima, cuidado com a chuva, essas coisas.

Ainda bem que uma alma piedosa se compadeceu do cara: vendo aquele drama, decretou: a Prefeitura vai te dar uma mala em melhores condições. Toca a levar o antropólogo, agora como convidado do Município, até a FAS (de novo!), onde tem um lugar chamado Liceu do Ofício do Couro. Lá, artistas

artesãos recuperam itens lançados pela população no "Lixo que não é Lixo" e criam verdadeiras obras primas de restauro.

Ufa, que sorte! Achou-se uma mala bacana, fêz-se a mudança dos itens da mala da tia Nonoca para a nova mala e doou-se-a ao novo proprietário. No fim, entre mortos e feridos, tudo acabou bem: a tia Nonoca vai ficar satisfeita, a nova mala é superbacana.

BB119

O microcomputador

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Num esforço de reportagem o Bate Byte foi atrás de personagem importante e que está aniversariando. Não foi fácil, ele é arreado e não gosta de falar, mas ninguém consegue escapar aos nossos repórteres. Assim, com vocês, a grande personalidade do ano 2002, na exata ocasião em que ele faz 20 anos e entra na idade adulta:

O MICROCOMPUTADOR

Como é fazer 20 anos?

Maravilhoso. A gente deixa de ser criança e passa a inventar coisas mais importantes grandiosas e consistentes. Me aguardem, vocês não têm idéia do que vem por aí.

Quando você nasceu, tinha idéia do sucesso que o esperava?

Nem nos meus sonhos mais grandiloquentes. Imaginava que iria para algumas empresas, talvez para alguns empresários espertos. Essa coisa de ocupar o quarto dos adolescentes ao lado do som e da TV portátil é novidade até para mim. Gosto muito de estar no quarto dos adolescentes, é uma gente cabeça como eu. O único problema é que esse pessoal usa muito tênis ao invés de sapato. Às vezes o aroma fica brabo.

Quem é seu pai e quem é sua mãe?

Tenho muitos pais e muitas mães, se é que é possível. Mas, acho que o meu pai é um sujeito chamado Steve Jobs. Minha mãe bem pode ser o Bill Gates.

Você ficou rico?

Um tanto. Na verdade não sei bem o que fazer com o dinheiro. Tenho muito dele, mas apenas na modalidade digital. Ainda desconheço como usá-lo, mas essa não é uma sensação inédita. Tem muitas coisas que ainda não sei como fazer.

E o seu guarda-roupa?

Muda a cada ano. No começo gostava muito da roupa cor verde, era sóbria e elegante, mas de uns anos para cá, ela ficou colorida, animada, com voz e música. Só que a roupa, por ser nova, nem sempre fica do jeito como eu gosto. Tem umas calças novas que me apertam, um chapéu que não entra na minha cabeça, uma camisa cujas mangas deviam ser de um orangotango, pois tem 2 palmos a mais que os meus braços, mas, que remédio! Ano que vem, troca o guarda-roupa, de novo. O duro é que eu nunca consigo ter aquela roupa confortável, do meu exato tamanho, já gasta nos punhos e colarinhos, tão confortável que nem parece roupa. Uma pena.

Como anda o relacionamento com os seus parentes mais velhos?

Temos algumas dificuldades de comunicação. Tem um tio, o Dino, que é bem bacana. Eu não sei a origem do apelido (Dino), o nome real dele é Mainframe. Falo muito com ele, se bem que as vezes parece que estou falando com uma parede, ele me escuta mas não me ouve. Eu não entendo uma palavra do que ele fala, mas vamos levando.

E com os mais novos?

Tem um pirralho que é do tamanho de um livro, metido a besta que ele só. Mas, fazer o quê. Parente é parente, tenho que agüentar.

Bate-Pronto

Uma alegria: Estar em todos os lugares da terra ao mesmo tempo.

Uma tristeza: Os xingamentos com que sou brindado a cada vez que a minha roupa mostra a mensagem "esta roupa executou uma operação inválida e será encerrada". Além de xingado e às vezes agredido, acabo nu.

Uma injustiça: Só estou presente nos lugares mais opulentos e desconfio que sirvo para deixar ainda mais ricos os que já o são. Gostaria muito de estar na África, na Ásia e na América Latina, nos lugarejos pobres e nas escolinhas rurais. Pois é bem lá que eu quase nunca vou.

Uma vingança maravilhosa: Quando aquele empresário famoso lá de Seattle foi mostrar a minha roupa nova toda colorida e eu de birra, de tanto que já havia sofrido com aquela gente, botei a minha velha e gasta camisa azul. (*)

Programa preferido da TV: Qualquer um do discovery channel, menos aquele que mostrava uma fábrica de microcomputadores. Me pareceu algo assim como o Big Brother ou Casa dos Artistas, não gostei.

Lugar gostoso: Alí na Mateus Leme. Lá todos tratam bem de mim.

Prato que mais gosta: Um disquete levemente aquecido pelo sol, principalmente se tiver a cópia única de um arquivo importante. É uma delícia, adoro mastigá-lo com gosto.

Você morre de medo quando: O usuário arma os 3 dedos na posição de pressionar CTRL-ALT-DEL. Fico gelado, pois naqueles longos minutos em que minhas entranhas se organizam, fico impossibilitado de fazer ou dizer algo: é uma miniesquizofrenia das brabas. Ainda se fosse só uma vez por dia...

(*) Veja em <http://www.fw.cz/agga/videos.html>, uma matéria em vídeo feita pela rede de televisão CNN, chamada *gates30240.mov*, com 1716Kb *quem mostradireitinhoa minhavingana*.

BB120

Hummm..., já entendi...

Autor: Pedro Luis Kantek G. Navarro

Mais uma história recente e verídica, como sempre. Os personagens são dois colegas que prestam serviços em uma secretaria cliente da Celepar. Quem são os colegas e qual é a secretaria não posso contar.

Recentemente, foram designados para fazer uma manutenção grande na rede local de uma sede regional dessa secretaria lá no interiorzão do Estado. Bota interior nisso, que a viagem de carro para chegar lá demora mais de 10 horas.

A secretaria disponibilizou dois carros: eles podiam escolher. O mais velhinho até que era bacana, mas havia um novo: quase do ano. Este último era melhor, mas tinha pequeno defeito. Na hora esse pequeno defeito foi considerado como irrelevante, assim este último foi o escolhido.

Saíram cedinho, fazia um calor senegalesco, quase 40 graus, e finalmente ao anoitecer, chegaram na cidade. Rápido para o hotel e primeira providência tomar um banho com muita água. Após o registro, cada um pegou a chave do seu quarto e saíram quase correndo em direção a uma chuveirada.

Quando um deles entrou no chuveiro, percebeu que havia uma janela do box diretamente sobre um tubo de ventilação do hotel e pôde perceber nitidamente o barulho do colega entrando no outro box e ligando a água. Os dois banheiros estavam conectados por um canal de voz, digamos assim.

Foi o que bastou para o primeiro largar um "e aí compadre? tá boa a água?"Ao que o colega respondeu com uma gaiatice qualquer e por aí foi o diálogo.

Só que os dois não pararam para pensar que se um ouvia o outro pelo duto de ventilação e se o duto de ventilação ligava todo o hotel, logo todo o hotel ouvia a conversa. Imagine prezado leitor, você hóspede ou funcionário do hotel, dando sopa por ali e ouvindo o barulho de água caindo enquanto dois marmanjos batem o maior papo, entremeados de "oops, entrou água no olho"e "cadê o sabonete?". O que você pensaria do caso, prezado leitor?

No dia seguinte, quando saíram do hotel, tava todo mundo de olho na dupla e aí aquele defeito insignificante lá do começo revelou-se o tempero final na nossa história. Pois o problema no carro era que a porta do motorista não abria por fora. Assim, um colega levou o outro até a porta do passageiro, abriu a porta para ele, que entrou e se acomodou. Só depois disso, o motorista assumiu o lugar, ligou o carro, acelerou e se mandou.

Lá no hotel ficou um ar de "hummm..., já entendi...".

Todas as perguntas respondidas

Autor: Pedro Luis Kantek G. Navarro

Em 5 de outubro de 2001, na Universidade Técnica de Munique, Donald Knuth apresentou uma aula intitulada "Todas as perguntas respondidas" para uma audiência de cerca de 350 pessoas. Este artigo contém uma tradução livre de alguns momentos dessa aula. Originalmente um professor de matemática, Knuth ganhou fama internacional como cientista da computação, especialmente na área de análise de algoritmos. A série seminal de 3 livros denominada *The Art Of Computer Programming* ainda é o que há em estudo de algoritmos, mais de 30 anos depois de sua publicação original. O longamente aguardado quarto volume está a caminho. Partes dele podem ser vistas em www-cs-faculty.stanford.edu/~knuth/. Knuth tem mais de 160 livros e artigos publicados e aclamados como o "estado da arte". Ele é o criador das linguagens TEX e METAFONT usadas para composição tipográfica, que revolucionaram a publicação de textos matemáticos no mundo. A lista de prêmios e medalhas do professor Knuth é impressionante.

Knuth explica: Em qualquer curso que eu dou em Stanford, o último dia de aula sempre é devotado a "todas as perguntas respondidas". Os estudantes não precisam vir para a aula se não desejarem e os que vêm podem fazer qualquer pergunta sobre qualquer assunto exceto política, religião e exame final. Eu tirei esta idéia de Richard Feinmann (Prêmio Nobel de Física) que fazia a mesma coisa nas suas aulas na CalTech e é sempre interessante para saber as coisas que realmente interessam aos estudantes. Hoje eu responderei a qualquer pergunta sobre qualquer assunto. Sobre política e religião eu responderei "não sei" e não há exame final para nos preocupar. Então, quem quer começar?

Há um ligeiro mal estar no auditório e o professor Knuth diz "Bom, já que não há perguntas..." e faz menção de ir embora. É o que basta para surgirem diversas questões.

Os matemáticos dizem que Deus tem o "livro das provas" no qual estão escritas as provas de todos os teoremas. Você poderia recomendar algum algoritmo para esse livro?

Knuth: Bonita pergunta. Eu lembro que nos anos 60, os matemáticos disseram que a ciência da computação chegaria à maturidade quando ela tivesse 1000 algoritmos profundos. Eu penso que provavelmente chegamos aos 500. Certamente há alguns algoritmos que eu penso possam ser considerados absolutamente maravilhosos e imortais, em algum sentido. Um exemplo é o algoritmo de Euclides (um algoritmo recursivo que calcula o mdc).

Você tem tido idéias sobre computação quântica?

Knuth: Sim, mas eu não sei direito como esse negócio funciona. É um paradigma diferente do que eu tenho usado. Ela tem um monte de coisas em comum com a computação que eu conheço, mas é algo vagamente misterioso essa coisa de você ter todas as respostas ao final. Muitos aqui devem ter visto o filme "Corra Lola, corra" no qual a história rola de 3 pontos de vistas diferentes. Computação quântica é parecida, o mundo vai em diferentes caminhos ao mesmo tempo e ao final escolhe-se o melhor. Eu sou razoável em computação não quântica, assim é possível que quando a computação quântica chegar, eu não seja habilidoso nela. Estou muito interessado em computação, mas porque ocorreu de eu ser bom nisso aí. Afortunadamente, eu consegui achar uma coisa na qual eu sou competente e que tem interesse para outras pessoas. Eu não desenvolvi a minha habilidade em trabalhar com algoritmos porque eu pretendia ajudar as pessoas a resolverem problemas. Quando eu era adolescente, eu tinha um jeito peculiar de pensar que me fez ser um bom programador. Mas eu não serei um bom programador em computação quântica. É outro mundo.

Parece-me mais fácil revisar um livro do que corrigir programas. Como se pode aplicar a teoria para melhorar o software?

Knuth: Certos erros do software são mais difíceis de corrigir do que erros em livros. De fato, eu cheguei à conclusão depois de gastar 10 anos da minha vida trabalhando no projeto TEX, que o software é "duro" (...the software is hard...). É mais difícil do que qualquer outra coisa que eu tenha feito. Nos meus livros, eu ofereço recompensas para a primeira pessoa que encontre qualquer erro, e eu devo dizer que tenho assinado mais cheques para alemães do que para cidadãos de qualquer outro país (a palestra era na Alemanha). Eu penso que deixar os usuários reportarem erros é uma técnica importante que poderia ser usada pela indústria de software. A Microsoft poderia dizer "você obterá um cheque de Bill Gates cada vez que você achar um erro".

Você tem um grande interesse em quebra-cabeças, incluindo a Torre de Hanoi em mais do que 3 pinos. Qual a melhor (menor) solução para este problema?

Knuth: Todos aqui conhecem o problema da Torre de Hanoi? Há 3 pinos e nestes diversos discos colocados. Os discos estão ordenados, o maior abaixo e o menor acima da pilha. A pilha toda deve ser movida, um disco de cada vez e não podendo colocar um disco grande sobre um disco menor. Há um pino auxiliar para ajudar na mudança. Henry Dudeney inventou a idéia de generalizar o problema para mais do que 3 pinos, e a questão de encontrar o menor caminho para mover a torre com 4 pinos, tem sido uma questão aberta por mais de 100 anos. Outro problema famoso é a não menos famosa Conjectura de Goldbach (todo inteiro par é a soma de 2 primos ímpares). Hoje eu penso que este problema nunca será resolvido (a prova ou a negação da conjectura). Este pode ser um dos teoremas indemonstráveis que Gödel mostrou existirem. Quanto ao problema da Torre com 4 pinos, eu cheguei à conclusão de que nunca seria capaz de resolvê-lo e eu parei de trabalhar nele em 1972. Mas antes, gastei uma boa semana trabalhando duro nele.

Quais são os 5 problemas mais importantes na computação?

Knuth: Eu não gosto desse negócio das "10 mais"(top ten) . É dos 10 de baixo (bottom ten) que eu estou interessado. Eu penso que a gente deve ir para as coisas pequenas, as pedras que farão a parede.

Você gastou uma grande parte de sua vida em tipografia matemática. Como avalia o impacto do seu trabalho?

Knuth: Eu estou muito feliz porque o meu trabalho é de domínio público e torna possível às pessoas de qualquer plataforma se comunicarem pela Internet. Há duas semanas eu ouvi os projetos dos jornais online da Sociedade Européia de Matemáticos. Tais coisas seriam impossíveis sem o software aberto que acabou resultando do meu trabalho. Assim, eu fico deliciado por ajudar o progresso da ciência. Eu gosto de ver livros que têm um visual bom. Antes de eu começar meu trabalho com o TEX, os livros de matemática tinham visual ruim e pioravam de ano a ano. Dava um bocado de trabalho e as pessoas que poderiam fazer algo não estavam interessadas em textos matemáticos. Eu nunca esperei que TEX se transformasse no padrão mundial de publicações matemáticas

Você mandou cheques para pessoas que apontaram erros nos seus livros. Eu nunca ouvi falar que qualquer dessas pessoas descontasse um único cheque. Você tem idéia de quanto dinheiro perderia se essas pessoas repentinamente sacassem o dinheiro?

Knuth: Existe um homem que mora perto de Frankfurt que provavelmente teria mais de 1000 US\$ se descontasse todos os seus cheques 2,56 por mês e que deve ter cheques para vários anos ainda. Devo ter enviado mais de 2000 cheques com valor médio de US\$8,00 por cheque. Ainda que todos eles resolvessem sacar, eu ficaria em lucro: meus livros se tornaram melhores.

(Obs: no mundo da informática, ter um cheque de Knuth, devidamente emoldurado e pendurado na parede do escritório, é como ter recebido um grande prêmio. É uma honraria, daí que ninguém os desconta).

REFERÊNCIA

O texto original da aula pode ser encontrado em <<http://www.ams.org/notices/200203/fea-knuth.pdf>>

Inteligência Artificial

Autor: Pedro Luis Kantek G. Navarro

Neste mês ocorreu algo inusitado no Comitê do Bate Byte: pronta uma capa bonita abordando a inteligência artificial (IA), encomendaram-me o artigo que segue. Inverteu-se a regra: escolher a capa sobre um artigo. Agora é escrever um artigo sobre a capa já escolhida. Não tem problema, vamos ao tema.

As gerações atuais talvez não consigam imaginar o mundo pré-internet, ou mesmo pré-computador (sim, isso existiu um dia), mas para contar esta história precisamos voltar 50 anos no tempo. Então, ficamos assim, estamos no final na segunda grande guerra.

O mundo se debate na carnificina que foi aquela guerra. Estima-se um total de 20.000.000 de mortos. Durante 2 anos, os atores principais foram a Alemanha e a Rússia (frente oriental) e a mesma Alemanha contra a Inglaterra (na ocidental). Os Estados Unidos assistiam de camarote e só entrariam na guerra em 42, depois do episódio de Pearl Harbor. A história da frente oriental meio que se resolveu com a ajuda do General Inverno, que já derrotara Napoleão, embora a maior parte de mortos da guerra venha de lá. Já na frente ocidental, a Europa continental foi invadida rapidamente, quase de susto, sobrando a ilha britânica do outro lado do canal. Os ingleses, durante um bom tempo, foram a resistência ao avanço nazista.

No final da década de 30, um engenheiro alemão descobriu e patenteou uma máquina de codificação de mensagens. As forças armadas alemãs compraram esse engenhoca aos milhares e em plena guerra ela

codificava todo o tráfego de mensagens. O nome dessa máquina era Enigma e por milagres da tecnologia, ela pode ser operada ainda hoje na Internet (<<http://www.ugrad.cs.jhu.edu/~russell/classes/enigma/>> em 8 de abril de 2002).

Os alemães tinham garantia do fabricante de que as comunicações eram seguras e o tráfego secreto corria solto. Do lado inglês, o governo, preocupado, criou um centro de cifração convidando a trabalhar nele os melhores matemáticos disponíveis. O líder acabou sendo um inglês de 30 anos chamado Alan Turing. Ele recebeu a incumbência de decifrar a Enigma e, nas melhores tradições da matemática inglesa, deu conta do recado maravilhosamente. Ele trabalhou sobre algumas idéias iniciais de um criptoanalista polonês que investigara a máquina no final dos anos 30. A Polônia desconfiava, já fazia tempo, que quando a coisa esquentasse, ela ia ser a "bola da vez". Não deu outra, a guerra começou exatamente lá.

Turing descobriu que precisava de ajuda para analisar as combinações possíveis da Enigma e em 43 ele projetou o primeiro computador da história. Todos nós já ouvimos falar que o primeiro computador foi o ENIAC fabricado pelos americanos e aquela coisa e tal. Desconfio que o Turing chegou antes e o resto do mundo só não ficou sabendo pelo sigilo que cercou a iniciativa e que só foi rompido nos anos 80, além de uma ajudinha da onipresente propaganda da "way of life" americana. De qualquer forma quem diz isso não sou eu, leia, a propósito, o excelente livro de Simon Singh "O livro dos Códigos".

Turing tomou gosto pela coisa e em 50, ele publicou um estudo (Computing Machinery and Intelligence, na revista MIND, 1950) que é considerado o nascimento da IA. Nesse estudo ele descreveu o assim chamado Teste de Turing para considerar um computador inteligente (ou não). De passagem, ele sugeriu que em 50 anos um computador ganharia do campeão mundial de xadrez. Parece que não tem muito tempo, um computador chamado Deep Blue andou aprontando para o Kasparov. O Turing errou na previsão por alguns meses apenas. (Para estudar o match, veja <<http://www.research.ibm.com/deep-blue/home/html/b.html>> em 08/04/02 e se ao contrário quer ter uma visão crítica sobre o desempenho da máquina, veja os escritos do professor Waldemar Setzer em <<http://www.ime.usp.br/vwsetzer/>> na mesma data).

O teste está bem descrito no livro "A Nova Mente do Rei", de Roger Penrose, mas pode ser assim resumido: Imagine que você quer saber se o computador X é inteligente, ou melhor: tem um software carregado que é inteligente. Escolha uma pessoa Y que seja esperta e coloque X e Y em dois quartos de uma casa. Você só pode acessar (conversar com) X e Y através de dois terminais de vídeo+teclado. Você sabe que ambos estão ali, mas não sabe se X é o humano ou o computador e Y idem, idem. Faça as perguntas que quiser, analise as respostas e se você puder determinar quem é o humano e quem é o computador, o computador estará reprovado no teste. Se o interrogador – você – não conseguir saber quem é quem, ou pior, se você se enganar na identificação dos respondedores, o computador terá sido aprovado no teste.

O teste não precisa ser absoluto. Pode ter limites de tempo (10 minutos?) ou de assunto, (só política internacional, por exemplo). Excetuando-se as embromações e as brincadeiras (veja uma maravilhosa de autoria do nosso colega Arno Muller, sob o título Uma lagoa de marrecos, no BB número 10 de setembro de 1991), este é o teste de Turing. Ele já foi muito criticado por ser de difícil aplicação, e por ser mais "filosófico" do que prático, mas não tem jeito: ainda é a melhor métrica para a inteligência das máquinas.

A dificuldade está em que nós não temos uma definição operacional do que seja inteligência. Pergunte para 3 pessoas o que é inteligência, e provavelmente você terá 3 respostas diferentes. Por exemplo, vejamos as seguintes definições da IA:

1. "a máquina está a ser inteligente quando a tarefa que está a executar necessita de inteligência quando executada por seres humanos". Marvin Minski.
2. "IA é a ciência que estuda a forma de desenhar programas de computador que exibam características que comumente associamos ao comportamento humano inteligente". Aavron Barr.

Note-se que em ambas as definições, e em geral em todas elas, temos uma associação ao comportamento humano. Isso nos remete à questão do que é a inteligência humana, que também não tem resposta satisfatória.

3. "IA é o estudo de como fazer os computadores realizarem coisas que, no momento, as pessoas fazem melhor", Elaine Rich. Esta definição, além de fugir da questão espinhosa da inteligência, ainda dá idéia de movimento e de imprecisão, algo que é importante em IA.

Muitas coisas foram e são feitas dentro da IA. Qualquer universidade – de média para cima – tem o seu departamento de ciências cognitivas, outro nome da área. As principais aplicações são:

1. Sistemas Especialistas

Buscam capturar de maneira sistemática e depois disponibilizar um acervo de conhecimento de um especialista para que possa ser usado por outras pessoas. Lembro-me de uma história de uma fábrica da GE de locomotivas nos Estados Unidos. Conta a história que havia um engenheiro já bem velhinho, que conseguia determinar o defeito de uma locomotiva apenas cheirando-a. O engenheiro já havia adiado a aposentadoria diversas vezes, mas a idade era cada vez mais alta. Hoje tem lá um SE que não chega nem perto do velhinho, mas que pelo menos não vai se aposentar tão cedo.

2. Reconhecimento de padrões

Esta é uma área importante, já que quase tudo em nosso entorno é formado por padrões. Poderia citar diversos exemplos, mas fico com um bem recente: Foram instaladas algumas câmeras de captura de imagens em pontos de alto tráfego em Curitiba. O Objetivo é apenas reconhecer quais (e quantos) carros estão trafegando. É um sistema parecido com o das multas, mas apenas até a captura da imagem. No de multas, um ser humano lê a placa e digita-a num computador qualquer. O sistema de captura automática perscruta a imagem até localizar a placa e depois ele mesmo reconhece e apropria a placa. Londres usa um sistema semelhante desde 1997 (<http://www.cityoflondon.police.uk/level1/crime/automain.html> > , em 12 de abril de 2002).

3. Jogos

Esta é a praia da IA por excelência. O campeão mundial de damas é um programa de computador. É uma história interessante: O primeiro programa começou a ser feito em 1952, quando Artur Samuel da IBM trabalhou num programa que aprendia com seu próprio desempenho (jogando contra si milhares de vezes).

Jonathan Schaeffer em 1990 concluiu o chinook (<http://www.cs.ualberta.ca/chinook/>). Em 1992 chinook venceu o Dr. Marion Tinsley que fora campeão mundial por 40 anos, e que só havia perdido 3 partidas até então. Perdeu a quarta e a quinta, mas o embate terminou com 21.5 a 18.5 pró Dr. Tinsley. Um novo match em 1994 foi encerrado por doença do Dr. Tinsley. Acho que foi um cai-cai, como de vez em quando tem no futebol. Seja como for, o programa é hoje o campeão mundial. O chinook usa um banco de dados para finais com 8 peças (ou menos) no tabuleiro que contém 443.784.401.247 posições.

O xadrez, tem uma história menos vitoriosa, mas ainda assim importante: o Deep Blue ganhou uma série contra Kasparov em 1997. As partidas foram: 1=Kasparov, 2=Deep, 3=Empate, 4=Empate, 5=Empate e 6=Deep.

Existem inúmeras outras áreas (reconhecimento de voz, fala artificial, comunicação em linguagem natural, demonstração de teoremas, robótica, etc.), mas o espaço acabou. Até a próxima.

BB121

Obliterações

Autor: Pedro Luis Kantek G. Navarro

Na acepção 2 do Aurélio, obliterar é "destruir, eliminar, suprimir" e sobre isto que nos fala esta história. Quantas vezes ao escrever uma palavra qualquer no micro "ecrevemos" (atenção revisão: é ecrevemos e não escrevemos) errado? Você acabou de ver uma obliteração, alguém (meus dedos?) sumiu com a letra "s" de escrevemos.

Isto é comum quando o pensamento é mais rápido que os dedos que digitam, isto é, quase sempre. Via de regra, depois que se termina um texto, mandam os bons costumes que o digitador leia o que escreveu, e neste caso as obliterações são – em geral – descobertas e corrigidas. Quando o texto é muito importante, é comum pedir-se a outra pessoa que faça a revisão, já que muitos erros cometidos pelo digitador não podem ser facilmente descobertos por esse mesmo revisor. Há necessidade de um terceiro.

São cuidados mínimos para não pagar mico e, na sua falta, o implacável imponderável sempre dá as suas caras, como vai-se ver a seguir.

A cena é o exame final do curso de informática em uma universidade bem conceituada de Curitiba. Nesse curso, os alunos – para se formarem – precisam construir um software desde a sua concepção até sua operação sem nenhum erro grave. Eles têm 1 ano para essa tarefa e acreditem-me, geralmente é pouco tempo.

Há alguns anos, uma equipe estava na última banca para aprovação. Nós chamamos esta banca de magna, pois por ser a última é composta por todos os professores orientadores, que naquele ano eram em número de 9. A equipe em questão era formada por 3 alunas, bonitas, charmosas e também competentes, não esqueçamos de afirmar.

Estavam as 3 nervosas, roendo os dedos que as unhas já haviam acabado, numa espera imensa e infernal quando chegou a vez delas. Entraram na sala, instalaram o software, os micros, eram 3 que aquilo rodava em rede, o canhão, enfim, todas essas parafernálias que todos tão bem conhecemos.

Rolava a apresentação, sem maiores problemas, o que por si só já devia ser sério indício de que alguma coisa grave ia acontecer, essas coisas nunca rolam sem maiores problemas, quando... Mostrou-se uma transparência imensa cujo título era "processamento de pedidos", afinal o software era para automatizar uma pequena lojinha de bairro.

Nessa hora a obliteração (a maldita) introduziu-se na história. O digitador (o maldito) esquecera-se de digitar, obliterara uma letra no título. Maior gravidade não haveria se fosse qualquer letra, mas qual o quê: a letra roubada fora a terceira letra da terceira palavra, as alunas estavam apresentando uma transparência onde em letras garrafais se dizia "processamento de peidos".

Não preciso descrever como terminou a banca. Apenas informo que as alunas foram aprovadas, o software estava muito bom.

BB123

A distração mata

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Aqui na casa temos exemplos históricos de distrações quasi-fatais. Uma famosa e antiga é a de um gerente que a bordo do seu fusquinha amarelo recém-tirado da revenda, zero quilômetro, esperava o sinal abrir para seguir pela Cândido de Abreu para vir trabalhar. Olhando distraidamente para o lado, viu o carro do lado arrancar e não teve dúvida: arrancou também. Só que na frente dele tinha um caminhão carregado com toras. Uma delas foi parar no banco do passageiro do (ex-) fusca. Isso deve ter sido em 72,73. A Cândido de Abreu tinha pouco movimento e duas mãos.

A história de hoje é bem mais recente. Tendo de resolver um problema urgente em Foz do Iguaçu, saíram às carreiras dois analistas da Celepar. Corre pro aeroporto, corre pro avião, desembarca, corre pro táxi, corre pro hotel, larga as malas e corre para o destino final: o lugar do serviço.

Milagrosamente tudo correu bem, o problema foi lindamente resolvido e ao entrar da noite, tudo estava certo. Era só ir pro hotel, um belo banho, uma janta gostosa e abundante, que afinal era a primeira refeição decente do dia, uma noite de sono, um avião bem cedinho e lá pelo meio-dia estariam aqui. Dera tudo tão certo, que era para começar a desconfiar.

Entraram os dois no táxi de volta ao hotel e deu-se o seguinte diálogo:

- Por favor, nos leve ao hotel..., Fulano, como é o nome do nosso hotel?
- Não sei. Achei que você sabia. Mas você não reparou quando largamos as malas?
- Não, achei que você estava prestando atenção.

Que vexame! Se fosse uma cidadezinha de 10.000 habitantes o problema estaria resolvido, mas o prezado leitor faz idéia de quantos hotéis tem em Foz do Iguaçu?

Não houve meio de descobrir o hotel. Um dos distraídos dizia: era um hotel cercado de mato... o outro dizia era um hotel longe do aeroporto, e o motorista de táxi, embora tentasse ajudar, estava mais perdido do que os dois.

Nisso, um lampejo: vamos olhar o "voucher" da viagem, lá tem o nome do hotel. Fulano, cadê o voucher? Cara de desânimo e a resposta: deixei na mala, no hotel.

Por não quererem empacar o motorista, pagaram a bandeirada e saíram do carro, sentando num banco de praça até atinar o que fazer. Ligaram para a secretária aqui na Celepar,... que já tinha ido embora, é lógico.

Como se resolveu isso?

Ligaram para o chefe, que deu o telefone da casa da secretária. Esperaram ela chegar e ao falar com ela, ela não lembrava, é claro. A coisa só se resolveu quando a secretária ligou para a Celepar para uma pessoa que estava por aqui, pedindo para essa pessoa ler o voucher, que estava sobre a mesa da secretária. Descoberto o nome do hotel, ela ligou para a dupla em Foz do Iguaçu dando a boa notícia:

”o hotel de vocês é o...”

Finalmente aquele programa (banho, jantar, dormir etc.) pôde ser iniciado. Com um pequeno atraso de quase 3 horas, mas paciência. Melhor que nada. Da próxima vez, vão anotar num pedacinho de papel.

BB126

Embalagem unitária ou dupla?

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Uma história do arco-da-velha. Fins dos anos 70, as empresas mais corajosas começam a comprar esse tal de computador. De marca nacional, que naquela época computador só com sotaque brasileiro. Esse, no caso, tinha sotaque francês, mas falava ”leiTE quenTE”. Lá fui eu meter o bedelho como convidado a dar uns palpites e ajudar na tal da informatização. A coisa até que andou bem, mas os anos passaram e hoje nem o fabricante nem a empresa existem mais.

O episódio não tem muito a ver com informática e sim com os confusos e inexplicáveis caminhos por onde anda a racionalidade (?) humana. A gente vê cada coisa...

Estava um dia na área de compras da empresa e peguei uma conversa de um telefonema. Não fui indiscreto, não, o sujeito é que falava aos gritos. Resumindo o papo, ele estava sendo comunicado pelo fornecedor que um determinado item que era necessário para a fábrica e era vendido em embalagens unitárias, devido a problemas inespecificados, passaria a ser entregue em embalagens contendo duas peças. O encarregado do almoxarifado enfureceu-se, subiu nas tamancas. Ele dizia que nessas condições deixaria de comprar a peça desse fornecedor e iria buscá-la diretamente no mercado internacional. A peça era pouco usada e muito cara, não tinha o menor sentido empurrar 2 unidades quando apenas uma era necessária.

O fornecedor deve ter ficado preocupado, pois como se disse a peça era muito cara, e esse comprador em especial, era um grande cliente, havia que tratá-lo com carinho. Não prometeu nada, mas disse que ia fazer gestões junto ao fornecedor dele. Era difícil, tratava-se de política mundial do fabricante, mas sempre é possível conversar. Essa foi a promessa.

Passaram-se os meses e, de vez em quando, eu perguntava como andava essa questão. A resposta sempre era mais ou menos assim: ”ainda só querem vender de duas em duas, e desse jeito eu não aceito”.

Mais tempo se passou, e esse tempo já vai ter importância na nossa história, a peça precisando ser comprada, mas quem mandou ser teimoso? Nem pensar em comprar as 2 unidades juntas.

Finalmente, vem o telefonema salvador. Depois de muita lábia e com gosto de vitória nos lábios, o interlocutor comunicava que... ufa!... foi difícil, mas o fabricante topou abrir uma exceção especial e continuar vendendo para esse cliente em especial as peças de uma em uma.

Aliviado, o encarregado do almoxarifado retrucou com um ”que maravilha, podemos voltar a fazer negócio. Me mande duas peças unitárias”.

Pano rápido.

BB127

Bom, bonito e barato

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Tem um passarinho que volta e meia entra na minha sala e desanda a cantar. O danado é bom programador, conhece um bocado do mercado de informática e às vezes faz previsões que acabam se confirmando na lata. Ultimamente, tem falado (piado) muito sobre o tema software livre. De fato, o custo da plataforma de software de qualquer micro não pára de crescer e se não quisermos estourar todos os orçamentos, há que se buscar alternativas de menor custo e eventualmente de maior confiabilidade.

Este artigo não vai enveredar pelo acerto ou desacerto de trabalhar com plataformas proprietárias ou livres. Claro está, que muito papel e tinta podem ser gastos defendendo uma ou outra posição. Declino da controvérsia por uma única razão: embora argumentos técnicos pesem e sejam basilares, não nos enganemos: a componente ideológica desta discussão não é desprezível. Assim, apesar da insistência do passarinho, passo ao largo da disputa.

Ao contrário, este artigo mostrará números. Ele buscará responder à pergunta sobre qual é o desempenho medido com um cronômetro de um mesmo programa fonte sendo executado na mesma máquina em duas situações distintas: na primeira, com o sistema operacional proprietário e na segunda com o sistema operacional freeware.

Usei como linguagem de programação uma bem antiga, mas que continua sendo um monumento à capacidade intelectual da raça humana: refiro-me ao APL. Embora os seus adeptos no Brasil caibam todos dentro de um fusca, fora do país a realidade é outra. Há um renascimento de aplicações, versões, programas, congressos, publicações etc.

Infelizmente (ainda) não há um mesmo interpretador freeware que rode tanto no sistema operacional windows quanto no linux. Mas há promessa para breve da liberação da versão linux do interpretador APL2C, que por enquanto só está disponível para Windows.

Foram desenvolvidos 2 benchmarks, sendo o primeiro a geração de 100.000 números aleatórios entre 1 e 100.000, fazendo-se para cada um deles 5 conversões entre inteiro e string de caracteres. Para os passageiros do fusca, segue a listagem deste primeiro programa de controle:

O segundo benchmark foi um programa simples que implementa 3 loops embutidos (um dentro do outro), cada um com 100 variações de índice, totalizando 1.000.000 de iterações.

A linguagem APL encontra ambientes estáveis, disponíveis e gratuitos para todas as plataformas testadas. Esta abordagem foi a escolhida por permitir usar rigorosamente os mesmos programas fonte nas 3 pesquisas (windows, dos e linux). Não se mudou uma vírgula sequer.

No ambiente WINDOWS desenvolveram-se estas funções em 2 ambientes: o primeiro mais antigo é orientado a caracter e, portanto sob DOS. O segundo, já usa os recursos do WINDOWS de maneira plena, principalmente a memória, que na versão DOS fica limitada aos infames 640K. Os produtos usados foram o APL*PLUS versão 6 para DOS (disponível como freeware em <ftp://watserv1.uwaterloo.ca/languages/apl/apl-plus/>), e o produto APL2C versão 5.0.3 para WINDOWS disponível em <http://www.apl2c.com>.

No ambiente LINUX, além do próprio linux na distribuição red hat, versão 7.0 (disponível em <http://www.redhat.com>, além de milhares de outros locais na Internet) usou-se o SHARP APL, que não tem custo na versão para linux, disponível em <http://www.soliton.com>.

Usei um mesmo computador PC de 400 MHz de ciclo, contendo 64 Mbytes de memória real. O windows utilizado foi o Windows 98.

Obviamente, nos 3 casos o resultado líquido da computação foi o mesmo, o que era esperado desde o começo. Refiz o teste em diversos outros computadores variando o processador e a memória. Todos os resultados obtidos são coerentes com o resultado numérico acima. Se alguém quiser repetir estes (ou outros) testes, o computador mencionado está à disposição, já que ele foi especialmente designado para ser usado neste tipo de avaliação e aprendizado

BB128

Minha mulher enlouqueceu

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Nosso protagonista ainda está conosco, mas esta história me foi contada por colegas dele do emprego anterior, muitos anos já passados. Era num banco de Curitiba que foi vendido. O tal do banco ia implantar um sistema em várias grandes agências pelo Brasil afora. Como o titular desta história tinha parentes em Lins (SP), foi logo avisando: "quando chegar a vez de Lins, eu vou!". Pois bem, a vez de Lins chegou e a viagem foi marcada.

No dia em questão, viagem preparada para o final da tarde, chega o bacana logo cedo na sua sala de trabalho, carregando a mala trazida pronta de casa e avisando aos 4 cantos que hoje a tarde iria para Lins rever sua cidade querida.

A sala de trabalho era um pool, contendo cerca de 30 ou 40 analistas e programadores. Agora, prezado leitor, raciocine comigo: Quarenta pessoas inteligentes, com iniciativa, sendo interrompidas em seu trabalho pela entrada voluptuosa do analista que ia viajar, ouvindo a história e se entreolhando ao final dela... Boa coisa não ia dar, não é mesmo?

E não deu, como se verá. Perto do final do expediente da manhã, o analista foi chamado pelo seu gerente (estaria o gerente mancomunado? Nunca se soube) para uma reunião demorada fora do prédio. Foi a deixa para 3 ou 4 forças tarefa serem disparadas, também para fora do prédio, na busca de coisas pequenas e pesadas, muito pesadas.

A equipe vencedora foi a que trouxe 4 tijolos de concreto, pequenos mas muito pesados. Daí, parte da equipe passou a fazer campana sobre o analista enquanto a outra abria-lhe a mala, organizava cuidadosamente as suas coisas, para não estragar o belo trabalho, arrumatório da mulher do analista, e abria espaço. Se você pensou no que pensou, acertou: Três tijolos foram parar dentro da mala. O quarto não coube e foi descartado. A mala foi fechada e lacrada de novo e colocada no mesmo lugar onde estava.

Perto do final da tarde, entrou o analista, agarrou a mala, levou um susto e saiu com pressa para o aeroporto. Os mais próximos apenas puderam ouvir um murmúrio entredentes "minha mulher enlouqueceu? O que ela botou de tão pesado nesta mala?".

Passadas duas ou três semanas do retorno dele, passada a fúria com os colegas de trabalho e já entrando no clima da brincadeira, foi possível descobrir o que aconteceu: Primeiro, houve excesso de bagagem no aeroporto que teve de ser pago "cash", no embarque. Depois, a alça arrebitou, a trouxa se transformou numa mala sem alça literalmente. E, finalmente, chegando na casa da tia em Lins, rodeado pelos sobrinhos, lembrou que trouxera umas lembranças de Curitiba para distribuir. A gurisada curiosa não deu folga e logo rodeou a mala enquanto esta era aberta. Os piás levaram um susto: acharam que o tio tinha trazido tijolos de Curitiba para as brincadeiras de Lins.

BB129

O patê assassino

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Acostumado a, mensalmente, contar histórias de desgraças que acompanham nossos colegas e amigos na aventura que é o nosso viver, neste mês temos uma exceção e conto causo que aconteceu ontem e no qual fui eu um dos involuntários participantes. E, por isso, abro mão da já tradicional reserva na citação dos personagens. Assim, com nome e sobrenome dos envolvidos, aqui vai o incrível caso do patê assassino.

Como sabem os que nos conhecem, aqui na GAC, temos por costume um tradicional lanchinho lá pelas 17h00. Ontem, talvez por conta dos próximos festejos natalinos, a mesa era farta e convidativa. Visitávamos a Maria Alexandra toda elegante no seu terninho de microfibra. Depois, no rescaldo da tragédia, vim a saber que o mesmo recém havia saído da lavanderia. Bem se diz por aí, que desgraça pouca é bobagem.

Convidada a um café, não se fez de rogada e fomos ambos para o balcão das comidinhas. Tínhamos passas, avelãs, torradas, queijos e um belo patê de fígado. Ontem foi um dia abrasador de quente e o patê normalmente rígido na embalagem, estava mole feito água numa bisnaga de carnaval, mas é claro, nesse instante nem eu nem ela sabíamos do fato.

Encasquetei de preparar uma crocante torrada devidamente besuntada com o dito cujo. Aqui na GAC, desenvolveu-se uma estratégia para passar o patê sem sujar facas ou garfos: trata-se de fazer pequeno furo na embalagem e apertá-la como se fosse um tubo de confeitiro. Sempre funcionou às mil maravilhas, é tiro e queda.

Ao apertar a bisnaga, a mesma recusou-se a expelir o seu conteúdo. Pensei que a ponta devia ter coagulado e que um ligeiro aumento de força era necessário. Apertei mais. De novo, a bisnaga se fez de rogada. Foi hora de aplicar a força que se nome tivesse poderia ser "quem esse patê pensa que é?".

Enquanto isso, a Alexandra com seu terninho de cor creme, toda calma e sossegada servia-se de café e passava uma humilde manteiguinha na torrada. Se eu tivesse mirado não teria feito melhor tiro. A força aplicada na bisnaga foi mais do que suficiente para desentupir a ponta. E também mais do que suficiente para lançar um jato, jorro, gorgolhão, golfada ou que nome se lho queira dar, de um patê subitamente liquefeito sobre a pobre Maria Alexandra.

O terninho, aquele recém retirado da lavanderia, aquele de reluzente microfibra, jazia, ao instante, soterrado por várias camadas de patê artisticamente entrelaçadas. Eu não sabia se pedia desculpas ou se explodia de rir. Acho que fiz ambas as coisas. E depois, mais que rápido saí de perto. Trabalhando com a Alexandra há mais de 10 anos, não sei o que é melhor e mais admirável nela: se a capacidade de trabalho e de realização, sempre amplas e crescentes, ou se a capacidade de enfurecimento e indignação, também amplas e estas sim, sempre crescentes.

Preciso deixar amainar a fúria para voltar a falar com ela sobre o episódio. Enquanto isso, cuidado com os patês assassinos de terninhos de microfibra. Como disse lá em cima, são tiro e queda.

BB131

Coelho Ressuscitado

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Esta história não é sobre computadores, mas como estamos na época do coelhinho da páscoa, vai aí a história do:

Coelho Ressuscitado

Amigo meu, mora em um condomínio fechado. Ele foi para lá para poder criar bichos, de que gosta muito. Tem um gatinho feioso, mas muito fofo e um cachorrão com cara de maus bofes, mas que é um doce de criatura, incapaz de mal fazer a uma mosca.

O condomínio é liberal nessas coisas, mas o cachorro – pelo tamanho e pela cara de poucos amigos – está proibido de sair de casa sem coleira e focinheira.

Já o vizinho do meu amigo, também gosta de bichos, mas tem uma visão meio oriental e zen. Ele (na verdade a filha dele) contenta-se com um delicioso coelhinho de pêlos brancos e macios e de olhos vermelhos, que residia em inofensiva jaula nos fundos da casa.

No último feriadão, em pleno verão, o condomínio ficou meio deserto, todos foram à praia. Foi o que bastou para o meu amigo condoer-se daquele cachorrão, tão assustador quanto inofensivo, para soltar-lhe as amarras. Livre daquela corrente horrível o danado desembestou-se a correr e latir e divertir-se terreno afora.

Uma hora, o cachorro sumiu. Foi pouco tempo, uns 3 ou 4 minutos, mas bastou para que a família toda saísse procurando pelo dito cujo.

Nisso, vem ele todo alegre trazendo um brinquedinho na boca. O brinquedinho era meio difuso, numa cor indefinida, mas seguramente cheio de terra e barro. Quando se aproximou mais, o cachorro causou um susto e tanto. Horror! Terror! O cachorro trazia o cadáver do coelhinho da vizinha. O pobre animalzinho estava todo sujo de sangue e de terra, provavelmente fora estraçalhado pelo fera que o trazia subjugado.

O cachorro tomou uma carraspana, foi agredido e trancado em seu canil. Ameaçado de deportação e morte, só lhe restou ficar quietinho no seu canto, sem muito entender.

O dono do cachorro era só preocupação com a dona do coelhinho (e com a bronca do pai da dona...). Disposto a eliminar evidências e a transferir a culpa a um vago acidente com o coelhinho, limpou-o como foi possível do sangue e da terra e levou-o com cuidado até sua gaiola, onde foi posto como se dormindo estivesse.

A família passou a viver em constante apreensão. Afinal, o feriadão se acabou e todos os moradores voltaram a povoar o condomínio. O vizinho quieto, nada disse nem fez. Os nervos do meu amigo, dos seus filhos, da sua mulher e do cachorro estavam a flor da pele. Talvez pior do que uma explosão de fúria e incriminação era aquele silêncio parado e a pose de "tudo bem" que emanava por ali.

Duas semanas se passaram, até que o meu amigo não aguentou. Um sábado pela manhã, ao ver o vizinho à toa, na frente da casa, não resistiu e foi lá especular. Deu-se o seguinte diálogo:

- E aí vizinho, tudo bem?
- Tudo, tudo mais ou menos.
- É mesmo? o que acontece?
- Pois conosco está tudo bem. Minha mulher que anda pensando umas coisas diferentes...

- Como assim?
- Cá pra nós, baixinho que ninguém nos ouça. Ela acha que a casa que compramos é mal-assombrada.
- ???
- Veja só, há uns 15 dias o coelhinho da minha filha morreu. Foi uma tristeza, mas enterramos ele no quintal, teve velório e minha filha até botou uma flor em cima. Daí veio o carnaval, viajamos e quando voltamos, onde estava o coelho? Na gaiola. Como ele foi parar lá? Minha mulher quer se mudar.

BB133

Cadê a estátua?

Autor: Pedro Luís Kantek Garcia Navarro

Final da gestão passada, a Celepar fazendo 38 anos de idade e a direção buscando alguma lembrança para ofertar aos colegas que faziam 15, 25 e 35 anos de Celepar.

Na sala do presidente havia uma escultura do símbolo da Celepar (uma bola com 2 hastes). Uma coisa é vê-la impressa nos papéis (e mesmo neste Bate Byte) mas outra é vê-la como objeto tridimensional: é bem melhor.

Uma sacada que surgiu foi preparar uma réplica e oferecê-la aos funcionários mais antigos. Assim, colega nossa, da área administrativa, recebeu a incumbência: - descubra quem pode reproduzir o logotipo em pedra e quanto isso custa. Mas, tome cuidado com o nosso símbolo, é peça única e rara.

Missão dada, missão recebida, mãos à obra: Busca daqui, telefona de lá, negocia, pechincha e entre as idas e vindas, um desastre acontece: a base da peça, de uma pedra lustrosa e bonita acabava de se rachar ao meio.

Ó céus, ó vida. Que fazer? Toca a procurar os mesmos fornecedores, agora com pedido mais urgente e premente: consertar a traquitana, que assim ela não pode ser devolvida, pescoços correm riscos. É claro que o primeiro consultado não podia, o segundo não sabia, o terceiro não tava a fim, o quarto quem sabe depois de janeiro, ufa, ufa. Só lá pelo décimo que se achou uma alma bondosa que se comprometeu a restaurar a coisa. Seu atelier era lá no Umbará, mas que remédio, o preço era meio salgado, não importa: pode fazer. Leva, busca, atrasa, adianta, que canseira.

Peça consertada, orçamentos feitos, finalmente livre desse abacaxi, vem a contra-ordem: - estes orçamentos estão muito altos, veja com este artesão, meu amigo, lá de Campo Largo. Que furada, tudo de novo. Pelo sim, pelo não, ligou-se para o artesão: ele que viesse buscar a peça, que gato escaldado de água fria tem medo. Foi difícil convencê-lo, mas finalmente o homem veio. Recomendou-se a ele todos os cuidados: a peça é frágil. Não se fez de rogado. É batata, amanhã devolvo a peça e o orçamento.

Veio amanhã, veio depois de amanhã, veio o depois de depois de amanhã e nada nem do homem, nem do orçamento e principalmente nem da peça. O presidente cobrando e o saco de desculpas se esgotando, até que finalmente o sujeito dá notícias: Saindo da Celepar, com a estátua embaixo do braço sendo conduzida com todo o cuidado, a base da mesma fez CREEEC, e quebrou-se em 4 ou 5 pedaços. O atraso foi porque houve que se comprar uma pedra igual à da base em São Paulo, demorou quase 2 semanas.

Mas, finalmente, um mês depois do início do movimento, a peça pôde ser guardada na sua vitrine. Sair dali nunca mais. Com tudo isso a festa dos 38 anos já tinha vindo e ido, os aniversariantes ganharam um relógio com o símbolo da empresa e a história foi mandada para o arquivo morto: assunto terminado e encerrado, ainda bem.

Só que a última palavra ainda não estava dada: 3 semanas mais tarde, quando uma secretária distraída resolveu fazer faxina num armário de canto meio esquecido, abriu uma porta e o que havia lá? Dezenas de esculturinhas iguais àquela que fora tantas vezes restaurada.

À toa, como se viu.

Software Livre: porquê?

Autor: Pedro Luís Kantek Garcia Navarro

Prezado leitor, pensemos juntos. Se você tivesse que responder à pergunta porque software livre?, diversas coisas poderiam ser cogitadas, vamos lá.

Uma boa poderia ser porque software livre é bem mais barato. Se imaginarmos o custo de uma caixinha de software contendo o sistema operacional dominante no mercado e o de outra caixinha contendo a suíte de escritório do mesmo fabricante (editor de texto, planilha e criador de apresentações), chega-se facilmente aos 1000 reais¹. É um valor e tanto, já que é quase a mesma coisa que se paga pelo hardware, no qual esses programas vão rodar.

¹Dados obtidos em 4 de junho de 2003 no endereço: <http://www.precomania.com>: Office a R753, 00eWindows a R392,62.

Outra boa resposta poderia ser porque os programas em software livre são abertos. Qualquer um que tenha a curiosidade de olhar o funcionamento deles pode fazê-lo. O passo seguinte, que poucos dão, mas que merece ser considerado é a possibilidade de modificar algo nesses programas a fim de adequá-los a uma necessidade (ou idiossincrasia, não importa) particular. Finalmente, o terceiro passo, mais raro, mas ainda possível, é não só promover modificações, mas também disponibilizá-las para o resto do mundo. Também tudo livre e aberto, vá em frente, Linus Torvalds começou assim.

Alguns podem responder de maneira filosófica: o software como uma das mais nobres empreitadas do intelecto humano, não deve ficar restrito a poucos (e endinheirados) usuários. Assim, como a ninguém ocorreria cobrar de ouvidos atentos a audição da Nona sinfonia de Beethoven ou de uma abertura de Bach, também não se pode impedir que seres humanos usem do computador e de suas benesses por falta de dinheiro.

Ainda os filósofos poderiam arguir que em um país pobre (o nosso) em vez de equipar 5 escolas com hardware e software proprietário é muito melhor equipar 10 (o dobro delas) com o mesmo recurso, agora usando software livre. Somos uma sociedade em que falta quase tudo, não há porque gastar em software, quando há uma alternativa razoável.

Os mais econômicos, para não dizer os mais pão-duros, poderiam querer o software livre para se verem livre dessa roda viva que é trocar hoje o software porque a máquina exige e depois trocar a máquina porque o software exige e depois trocar o software porque... ufa, que cansaço. Não nos esqueçamos que o editor de textos de 5 anos atrás já fazia tudo o que era necessário e mais um pouco. Todos os melhoramentos (notem as aspas, por favor) que vieram de lá para cá, atendiam muito mais aos desejos dos fabricantes (de hardware e de software) do que as necessidades reais dos usuários. Tá certo que agora você consegue letras cor-de-rosa, sublinhadas por amarelo piscante que tocam música enquanto são mostrados com um único toque de teclado. Mas, cá pra nós, quem precisa de letras cor-de-rosa com amarelo e ainda por cima, piscante? E com música?

Todas as respostas acima são boas. Cada um pode escolher aquela de que mais gosta. Até um mix delas pode ser produzido. Mas, a minha preferida vem a seguir:

Eu gosto de software livre porque ele é mais estável. Não dá pau. Não deixa a gente segurando o pincel enquanto a escada é sorrateiramente surrupiada. Não perdemos horas de trabalho por ter esquecido de salvar um arquivo 3 segundos antes daquela mensagem Este programa realizou uma operação inválida ... blá, blá. Não precisamos reinicializar a máquina 2 ou 3 vezes ao dia. Particularmente no caso de textos, há mais de 2 anos uso um compositor chamado LATEX, construído por um sujeito chamado Donald Knuth, que ficou pronto em 1982, e de lá para cá É O MESMO PROGRAMA. Só foi sendo consertado nos defeitos que foram aparecendo. Há mais de 5 anos que nenhum erro grave é encontrado no programa. Será que dá para dizer o mesmo dos softwares proprietários que andam por aí? Quando você cola uma figura no meio do texto em um arquivo LATEX pode ter a certeza de que ele sempre vai estar lá. Pode-se garantir que daqui a 10 anos vai ser possível compilar o texto, sem erro. Dá para dizer o mesmo dos softwares proprietários? Aliás, a propósito esses dias recebi um e-mail de uma pessoa a quem não conhecia, de Ponta Grossa, desesperada porque havia recebido um arquivo formatado em Wordstar 2.10 e não conseguia achar o programa para ler o arquivo. Eu não poderia ajudar? Não, infelizmente não pude. É isso que dá considerar o software como produto de moda (mudança a cada estação do ano).

Para concluir: software bom é software velho. Como o vinho. Todo e qualquer programa (mesmo os livres, mesmo o sagrado LATEX) tem muitos erros quando é liberado. Apenas o uso constante e contínuo pode depurá-lo. O ruim, é quando um programa que começa a ganhar confiabilidade, é substituído por sua versão nova, MUITO MELHOR. (as aspas, de novo). Melhor para o fabricante, é claro. Para o usuário, uma lástima.

BB134

Um ratão fedido

Autor: Pedro Luís Kantek Garcia Navarro

Colega nossa, há mais de vinte anos, precisou, durante um bom período, viajar toda semana para a cidade de Passo Fundo. O programa era assim: saída na sexta às 9 da noite com a chegada no sábado pela manhã. Trabalho lá no sul durante o sábado e o domingo e retorno no domingo à noite, pronta para pegar no pesado na segunda de manhã, aqui na casa.

Como era muito cansativo e não havia ônibus leito na viagem, comprava duas poltronas juntas, levantava o braço separador, abaixava os encostos e se esparramava na cama assim formada. Só faltava botar lençol e travesseiro.

Em geral a viagem transcorria bem e sem problemas, mas essas coisas não podem acontecer durante muito tempo sem nada marcante pra contar para os netos (ou para os leitores do Bate Byte, é quase a mesma coisa).

Numa noite, fria como uma geladeira, a estrada deserta, o vento batendo firme nas árvores, profundamente adormecida, nossa personagem começa a sonhar com carniça. Vê os urubus voando acompanhando o ônibus, cada vez mais perto, voando a braços dados com ratões voadores, que no sonho tudo é possível, a fedentina aumentando, até que num solavanco maior, não dá para continuar sonhando, há que se acordar.

Procurando localizar a origem da fetidez e, ainda naquele limbo a meio caminho entre o sono e a vigília, olhando para o chão do ônibus, localizou um ratão lustroso, peludo, cheio de bigodes, encarando-a. Tamanho susto a acordou. Adeus sono, que ficar cara a cara com um bicho nojento desses é para quem tem estômago firme.

Bastou acordar para perceber o engano: não era um ratão, apenas um sapato velho, desbeijado, com os cordões caídos (os bigodes), que se movia graças aos buracos da estrada e por fim, mas não menos importante, malcheiroso como os porões de Satanás.

Um bacana qualquer no ônibus, resolvendo se pôr mais à vontade, tirou os sapatos e caiu no sono, pois afinal já devia estar acostumado aos odores. Sobrou para nossa colega descascar o abacaxi. O que fazer? Não teve dúvida: abriu a janela e despejou o ratão, digo o sapato, janela afora. Devia estar na Constituição Federal: a ninguém deve ser exigido agüentar os odores alheios. Aproveitando a janela aberta e pressentindo que devia haver outro por ali, afinal, os sapatos como as desgraças sempre vêm aos pares, procurou por baixo dos bancos até achar o segundo. Que teve o mesmo fim do primeiro. Tudo resolvido, foi possível voltar a dormir.

O divertido, na chegada, foi ver um sujeito, bastante incomodado, engravatado e tudo, sair do ônibus e entrar num táxi descalço como veio ao mundo.

BB135

Software livre 42 x 15 software proprietário

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Este foi o resultado de uma disputa travada há poucos dias no PROCON-Pr. Este órgão da administração pública contava com uma rede local com algum grau de obsolescência. Há que se notar que a última evolução tecnológica efetuada pelo Procon foi no já distante ano de 1997, quando o volume de reclamações/atendimentos era equivalente a 50

O projeto original tinha um custo previsto de R\$110.000,00 *eneleestavamcotados2servidores(umderedelocaleoutrocontendavirusparatodasasestaes.*

Um trabalho conjunto entre GAC (Ciro Martins) e GTI (Ruben C.Macedo) para revisar o projeto, resultou na alternativa que foi apresentada e debatida com o Procon (M.Izabel Verni de Castro), sendo aprovada pelo seu Coordenador Algaci Tulio. Essa alternativa transferiu a aplicação para as dependências da Celepar, liberando de imediato um dos servidores. Mas a principal mudança foi a utilização de software livre tanto no servidor, quanto no gerenciador de banco de dados quanto nas estações. Note-se que para o usuário final do PROCON nenhuma diferença haverá, já que o sistema que vai dialogar com as pessoas é

o mesmo em ambos os casos, é o que está sendo feito pela Celepar. Apenas camadas internas do software é que estão sendo modificadas.

Feita a mudança deixando-se de comprar todas as licenças originalmente necessárias e incluindo-se ainda os anti-virus, que ainda não contam com soluções em software livre que sejam confiáveis, chegou a hora de refazer a quantidade de estações e comprar mais algumas com o dinheiro que sobrou das licenças não compradas.

Até a equipe de projeto se assustou com o número encontrado. Com os mesmos R110.000,00 *estendo possível comprar 42 estações*.

PS: este texto foi escrito usando Open Office 1.0.3, que é livre, pode ser copiado e usado, e funciona!

BB137

O alto-falante do diabo fumante

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Periodicamente somos visitados, aqui na Celepar, por algumas figuras estranhas. Ainda na semana passada, em pleno expediente, entraram 3 bruxas na minha sala. Só não entraram voando na vassoura, faltou o gato preto, mas no resto eram perfeitas encarnações da dita cuja. Vinham me convidar para participar da semana de Qualidade de Vida.

Há uns 2 anos, em plena campanha anti-fumo, pudemos acompanhar a visita que um anjo e um diabo fizeram às salas. Entravam em cada uma assustando e ameaçando os fumantes. O diabo portava um vistoso tridente e pobres dos que com ele fossem ameaçados. O anjo e o diabo competiam por atenção, e, infelizmente, sou obrigado a dizer que o diabo era muito mais divertido. Chamava a atenção e prendia-a com seus arrufos. Informava a cada fumante estar ansiosamente esperando cada um deles lá nas profundidades do inferno. A roupa dele tinha um imenso rabo terminado por uma flecha, como aliás devem ser os rabos dos diabos decentes. A ponta do rabo do diabo se enroscava e se prendia nos pés dos móveis enquanto o diabo andava. A calça do uniforme já andava meio frouxa de tantos puxões que levava, e às vezes era possível enxergar a calça jeans que o diabo levava vestido por baixo da farda demoníaca. Nada que atrapalhasse o visual e a diversão. Já o anjo (ou era uma anja?) era mais suave, mais light, fala mansa, exortando as pessoas a largarem o cigarro para não terem de se haver com o colega.

Muda a história e avança um ano no tempo. Vamos para um encontro de toda a comunidade de informática do Estado (a Celepar incluída). Foi no Canal da Música, para as festividades do lançamento do Congresso Internacional de Software Livre que deve ocorrer agora, ao final de 2003, e também para o lançamento do novo portal do governo (www.pr.gov.br) que acabara de ser refeito em software livre.

A festa foi bonita, mas algo demorada. Depois do seu encerramento, ao sair, já no começo da noite, por volta de 19h30, uma colega nossa, ao chegar ao carro, notou o mesmo arrombado. Os bandidos haviam aberto o carro, quebrado um vidro e furtado o CD player, além de haver danificado a instalação dos alto-falantes.

Chateada pelo acontecido, nossa colega foi para casa e no caminho lembrou-se de uma loja de som para carros atrás do Tribunal de Justiça, a dois quarteirões da Celepar. Programou-se para, amanhã, deixar o carro lá para ser consertado.

No dia seguinte, chegando na loja de som, foi atendida por um funcionário atencioso e muito falante. Foram os dois examinar o carro, e durante a conversa nossa colega teve a nítida sensação de já ter conversado com aquele funcionário. Mas como, se nunca havia posto os pés naquela loja?

Discute sobre o conserto, avalia alternativas de correção do estrago dos bandidos, palpita daqui, e a sensação cada vez mais forte. Até que não resistiu e lançou a pergunta: já não se conheciam?. O vendedor deu de ombros e disse que provavelmente não, estava há pouco em Curitiba e sempre trabalhara naquela loja.

Nossa colega não desistiu, continuou dando tratos à bola. É excelente fisionomista, não havia de se esquecer. Pensa daqui, e de lá, e nada feito. A memória se recusando a colaborar.

Já terminando a transação, combinados pagamento, prazo do conserto e outros detalhes que tais, o vendedor puxa um cigarro e quando vai acendê-lo, vem o estalo: o diabo!. Ele mesmo, em carne e osso. Relembrado do fato, os dois reviveram o episódio e riram dele. Pois não é que o sujeito era vendedor de alto-falantes de profissão e diabo de bico? E, ainda por cima, fumante?

BB138

Quem disse que não há pimentões em novembro?

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Antes de prosseguir, uma explicação: os pimentões de que fala o título são aqueles vermelhões, rubros, berrantes, sanguinários até.

Vamos para nossa história. O cenário: Conferência Internacional de Software Livre, no centro de Treinamento da Brasil Telecom em Curitiba. Cerca de 1500 participantes, pelo menos 6 palestras ocorrendo em paralelo, feira, eventos, convidados internacionais, motoristas perdidos, uma que outra autoridade, ministro chegando, comes e bebes, tudo rolando nos trinquês.

Não sei se o prezado leitor sabe, mas organizar um evento nesses moldes dá um trabalhão danado. A quantidade de coisas que podem dar errado é imensa, e existe aquele célebre pensador, creio que se chama Murphy, que não deixa ninguém dormir sossegado.

A equipe organizadora está de parabéns. Alguns diriam que milagrosamente deu tudo certo. Outros, mais descrentes, mandariam uma banana para o milagre, diriam que deu tudo certo porque a turma que arregaçá as mangas trabalhou 26 horas por dia. Salomonicamente, fiquemos com as duas explicações, ambas devem ter um fundo de verdade.

Nossa colega Elaine estava de plantão durante todo o evento. Aparentemente ela decidira, como coisa pessoal, que nada daria errado. E, portanto, nada daria errado. Caso encerrado.

Um dos palestrantes, era um tal Timothy Ney, que todos sabemos ser um bacana no mundo do software livre, conhecido e reconhecido em qualquer evento internacional desse tema. O problema é que só o conhecemos pelos seus escritos, estes sempre sérios e comportados, como se poderia esperar de um cientista importante.

No dia da palestra dele, o presidente da mesa o chamou e começou o que aqui chamarei de a performance. Imagine, prezado leitor, o Mr Bean, aquele inglês metido a sonso da televisão. O conferencista era pior. Chamado, ele começou a se fazer de manhoso e a andar aos trambolhões, como se perdido estivesse. Sem perceber nada (ninguém ainda tinha sacado a performance) a nossa Elaine mais do que rápido se dirigiu ao sujeito para guiá-lo até a mesa. Essa providência era necessária, o lugar estava cheio, e o sujeito realmente parecia perdido.

Quando a Elaine chegou perto dele, foi logo informando: Ai donti espeki inglish, mas o que o bacana tinha em mente era pura mímica, prescindia do idioma, e ele sorriu por dentro: aqui estava a sua vítima. A Elaine agarrou o sujeito pelo braço para levá-lo. Foi o que bastou para ele começar a se recusar a andar. A situação ficou assim: a Elaine puxando o gringo e ele se recusando a andar. No começo a platéia (e a Elaine) levaram um susto. Aos poucos, a gaiatice foi percebida e um sorriso começou a aflorar em todos. Todos não: o Timothy era a seriedade em pessoa, e a Elaine tinha acabado de perceber em que mico recém entrara.

Aos trancos e barrancos (neste caso literalmente falando) algo simples como conduzir uma pessoa até uma mesa estava se desenrolando cheio de sobressaltos e dificuldades. Já próximo ao final, ao ver uma cadeira vazia, o Mr Bean abriu os braços, soltou o ar com arrufos e sentou-se resolutamente nela, olhando desafiadoramente, daqui não saio, daqui ninguém me tira, para a Elaine.

Ela é valente e valorosa, mas o rosto e o pescoço pintaram-se de vermelho. Eis a razão do pimentão no título. Que sufoco. Como a coisa terminou: quando finalmente ele começou a falar, era a seriedade em pessoa. Parecia um varão de Plutarco, deu uma palestra e tanto. Sobre a performance, nenhum comentário, era desnecessário. Foi aplaudidíssimo.

BB139

Esposa amorosa manda uma banana para o marido

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

No sábado passado, a Fundação Celepar organizou mais uma das suas excursões inesquecíveis. O destino desta vez era o roteiro das cachoeiras no município de Corupá, Santa Catarina, a 150 Km de Curitiba. O passeio é massa, são 14 cachoeiras. O Rio Novo desce de 800m de altitude para pouco mais de 100m que

é a altitude da sede do município. Esse desnível todo corre em pouco mais de 3Km que é o comprimento do canion que o rio forma. Está aí explicado o porquê das 14 cachoeiras. Tem lugar para muitas mais. Podiam ser 40 ou 50. Desnível é o que não falta.

Chegamos no lugar às 11h30, calçamos botas e tênis, carregamos as mochilas e, devidamente orientados por 3 guias, olhamos para o alto e: cachoeiras, aqui vamos nós! Ainda bem que o dia estava nublado e não era possível ver o tamanho da empreitada que nos esperava. Afinal, os 600 metros que subimos equivalem a um edifício de 200 andares, cerca de 3600 degraus, por baixo.

Trata-se de uma reserva particular, muito cuidada, com uma estrutura bem legal no início do passeio. Lá chegando fomos cercados por um sujeito falante que nos entregava material promocional e não cessava de louvar as delícias da cidade. Depois fomos descobrir que era o Secretário Municipal de Turismo de Corupá. Atuante o Secretário, não dá para negar.

49 celegianos e agregados começaram o passeio. E tiveram de terminá-lo, não há como voltar no meio. É uma caminhada em fila indiana, atravessando pontes penais, desfiladeiros, trilhas rentes à montanha. Fotos e filmes aos montes. Todos contando as cachoeiras, o número mágico era 14. Quando chegamos na 13, houve um alívio geral: só faltava uma. Era só uma, a maior, a mais bonita e, obviamente, nem precisava falar, a mais difícil de chegar. Finalmente, por volta de 14h30, três horas depois de começar, chegamos nela. Um detalhe interessante, nestes tempos globalizados, é que no pé da última cachoeira, no meio do nada, distante 3 horas de caminhada de qualquer civilização, o sinal do celular era forte e presente. Em compensação, no início do parque, junto a toda a infra-estrutura existente, o telefone estava mudinho da silva, não tinha sinal. Sinal dos tempos, não há dúvida.

A volta foi por outro caminho, sem nenhuma cachoeira, mas com adrenalina de sobra. Para quem reclamou da subida, a descida foi pior, você tem de, literalmente, agarrar-se nos seus calçados, sob pena de despencar a ribanceira.

Às 17h00 chegamos, bebemos tonéis de água e embarcamos nos veículos para um delicioso café colonial que nos esperava logo ali na estrada. Foi o momento em que ocorreu o fato que dá título a esta crônica. Antes de contar o caso, uma constatação: a economia de Corupá gira em torno da banana. Vêm-se bananas e bananeiras para qualquer lado que se olhe.

Estava a van cheia de gente cansada e esfomeada, em direção a um maravilhoso café, quando nos vimos presos, numa estradinha vicinal, por um trator puxando um reboque cheio de bananas. O trator tinha duas características: era barulhento e lerdo, lerdo como só ele. Dirigia o trator o marido, que ia tranquilo e sereno. Sentada na borda do reboque e olhando para trás, ia a esposa. Quando a van encostou no reboque, sem fazer alarde ou buzinar, a mulher do sujeito ficou algo incomodada: o trator ia muito devagar. Ela dirigiu um grito para o marido deixar passar a van. Quem disse que o marido ouviu? Cada vez mais incomodada, a mulher bateu na lata do reboque, fez um escarcéu danado, toda a van já acompanhava o desfecho e o marido: nada. Dirigia no mundo da lua, conhece aquela estrada como a palma da mão, que pressa há de ter?

Gritos, escândalos, agitação de mãos e pés nada adiantou. Até que a mulher, que pelo visto tinha iniciativa, teve a grande idéia. Arrancou uma bananona, daquelas verdes, pôs-se de pé sobre o reboque, mirou certa e ... pam, tascou a banana no marido, que levou um susto, olhou para trás, tomou ciência da mulher e da van, nessa ordem, e finalmente saiu para o lado. A mulher abriu um sorriso e deu tchau para todos. Foi aplaudidíssima.

BB140

Uma corrida maluca moderna

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Todos (bem, quase todos) devem se lembrar de um filme famoso com Tony Curtis, nos anos 70, em que uma corrida de carros teria lugar entre Paris e Moscou. O vilão era o Terry Thomas, aquele com os dentes da frente bem separados, um pândego. Depois teve um desenho animado baseado naquele filme, que vive passando na TV a cabo, em que um cachorro - acho que se chama Mutlig - tem uma risada característica (e enervante).

Agora, no século XXI, temos uma nova corrida maluca. Antes de descrevê-la, fico triste por ter de comentar uma iniciativa militarista, promovida para matar mais gente terceiromundista a custos (em

vidas americanas) menores. Feita a ressalva, passo a descrever a corrida, pois do ponto de vista da ciência da computação ela é o bicho.

No dia 14 de março de 2004, até 20 competidores sairão para uma corrida de cerca de 400Km no Deserto de Mojave (entre Las Vegas e Los Angeles). Os veículos deverão fazer o trajeto em menos de 10 horas e o vencedor será aquele que for mais rápido. Se nenhum veículo ganhar, o concurso se repetirá anualmente até 2007.

Qual é a dificuldade ? É que os veículos deverão ser autônomos, sem motorista e sem conexão de nenhum tipo a operadores humanos ou sistemas de controle não embarcados. Em outras palavras, a corrida é entre robôs e se hoje em dia é fácil construir um robot que ande a 1 ou 2 Km/hora, ainda não se tem idéia de como fazê-los andar 400Km na média de 40Km/hora de velocidade. A única interação permitida entre homem e veículo é um botão de emergência que, quando pressionado pelo homem, determinará a completa parada do veículo.

O concurso atende pelo nome de Grand Challenge e é uma iniciativa da DARPA (Divisão de Pesquisas do Departamento de Defesa Americano <http://www.darpa.mil/grandchallenge/>). Em fevereiro de 2003 o concurso foi lançado. A DARPA esperava até 20 competidores, mas inscreveram-se mais de 100 deles. Como a carreira será escalonada, já que cada um deles vai sair em um determinado tempo, como se fosse um rallie de regularidade, a DARPA acabou escolhendo os 20 mais promissores. E com isso deixando 80 competidores fufos de raiva, pois esta redução não constava do planejamento original, foi um típico tapetão como se diz no futebol.

Os veículos deverão ser terrestres, não podem voar, mas podem saltar. Não podem atrapalhar os demais competidores. Terão de passar por obstáculos (estradas, viadutos, pontes sobre rios...). O real trajeto, através de suas coordenadas GPS, só será divulgado 2 horas antes da largada, através de um CD com o trajeto que a DARPA liberará aos competidores. Cada veículo terá de escolher o melhor caminho, viajar através dele e ainda evitar obstáculos recém introduzidos, por exemplo, o competidor anterior ter batido numa árvore e estar ali parado no meio da estrada. A rota será definida por meio de uma estrada virtual que terá larguras variando entre dezenas e centenas de metros. Qualquer saída desta estrada penalizará o competidor. Em alguns pontos chaves o sinal do GPS será apagado, a fim de obrigar que os competidores não se apoiem apenas nesta tecnologia.

As equipes mais robustas contam com patrocínio de fornecedores de tecnologia e de universidades famosas, tendo já investido centenas de milhares no projeto. As mais simples investiram entre 20 e 50 mil dólares. O prêmio prometido pela DARPA ao vencedor é de 1 milhão de dólares.

BB141

Lavoisier em ação na WEB

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Creio que foi este senhor que disse que na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma. Traduzindo este pensamento para os nossos dias e para a nossa realidade tecnológica, poder-se-ia dizer: Na web nada se cria e nada se perde, tudo se copia. Se esta frase tiver algo de verdade, valeria a pena navegar por sítios bem feitos. Olhar, aprender e apreender, poderia bem ser um programa de trabalho a quem pretende estar na Internet e lá ficar.

Coerente com este programa de trabalho, estou iniciando uma navegação sistemática por sites de qualidade dentro da net. A cada mês pretendo apresentar um deles. Criei 10 categorias de avaliação (sempre as mesmas) de tópicos que na minha opinião fazem com que um sítio seja destacado nos bilhões de sítios que estão aí.

Para cada categoria, e já de cara admitindo uma boa dose de arrogância, vou lançar uma nota entre 1 (fraco) e 5 (excelente), com intervalos de variação de meio em meio. O objetivo final é dar uma nota ao sítio. Antes de prosseguir, gostaria de estabelecer os meus critérios de avaliação e julgamento:

1. Não me interessa muito o conteúdo do sítio. Nem se ele vende produtos de qualidade ou não. Nem se propaganda temas fúteis ou mesmo inúteis. O que interessa aqui é a forma e não tanto o conteúdo. Vou apenas tomar cuidado para não fazer apologia de sites ilegais, imorais ou ofensivos.
2. Embora a lista de 10 critérios seja uma tentativa de diminuir a subjetividade, não nos iludamos. As notas, o parecer e até mesmo a seleção de qual site mostrar é inteiramente subjetiva. É, portanto, a minha opinião que está aqui.

3. A nota final, obtida pela média das notas parciais, certamente não há de ter um grande valor. É apenas uma tentativa de fechamento da avaliação do sítio.

4. Por razões óbvias, não vou avaliar sítios aparentados com o <http://www.pr.gov.br>, nem seus similares. Não seria ético fazê-lo.

5. Mesmo que um sítio seja aqui criticado, considere que ele foi escolhido como um sítio de qualidade. Os erros apontados precisam ser minimizados e estão aqui para aprendermos alguma coisa com eles.

6. Finalmente, o leitor está convidado a navegar no candidato enquanto lê a avaliação. Imagens aqui colocadas serão estáticas, apequenadas e monocromáticas. Não é a mesma coisa do que navegar nelas.

Com este programa em mente, vamos ao sítio escolhido para inaugurar esta série.

Sítio: <http://www.zara.com>

Categoria:

Moda

Trata-se de um sítio bastante completo mostrando lojas, coleções, catálogos, cheio de flashes, sons, cores e formas. Vale uma visitada.

Beleza

O site começa com uma imagem de uma moça muito bonita, e um fundo despojado. Depois, durante a navegação as imagens continuam bonitas, embora não mais tão despojadas. A nota é 3,5.

Impacto

É forte o impacto causado. Compare, prezado leitor, esta entrada de sítio, com aqueles sítios burocráticos que infestam a rede. Nota 4,0.

Entedimento

Este site não usa palavras na navegação. Experimente escolher uma roupinha para olhar. Você pode navegar mesmo sendo analfabeto. As linhas de produtos também são apresentadas na forma de ícone. No começo é um pouco confuso, mas depois de 2 minutos de uso fica claro. Nota 4,0.

Público definido

O público deste sítio é o de compradores (compradoras?) de moda e adereços para vestir. Note que o sítio é o mesmo para qualquer parte do mundo. É a tal da globalização. Primeiro, ele pede o nome do país onde você está, grava um cookie na sua máquina com essa informação e se adapta à região. O público parece bem definido. Nota 3,5.

Harmonia

Tem um som (embora se possa desligá-lo) bastante desagradável. Aliás, um não, três sons. Ainda estou para visitar uma página em que o som agregue valor e não atrapalhe. Existem inúmeros elementos na página e eles aparentemente disputam o seu olhar. A coisa podia ser mais low profile. Nota 2,5.

Dinamismo

Haja flash. Às vezes o sítio chega a assustar de tanta coisa que explode na cara. É uma decisão estratégica dos seus construtores, afinal eles estão disputando raros minutos de atenção com os concorrentes. A estratégia de esconder os comandos e só apresentá-los quando o cursor anda por lá foi extensivamente usada. Nota 3,0.

Cor

Misturar mais do que 2 cores exige um talento especial, acho que todos concordamos com isso. O site começa agradavelmente misturando tons de verde e amarelo, mistura perigosa, mas certamente agradável. Na navegação interna, o site fica parecendo aquelas cortinas de tiras de plástico (uma de cada cor). Não chega a ficar agressivo, mas poderia (poderia?) ser algo mais discreto. Nota 4,0.

Adequação da mensagem

A mensagem parece bem adequada ao público alvo. A idéia de mostrar um catálogo de itens, além de oferecer endereços de lojas no mundo todo, associado a dicas de manuseio desses itens parece fechar bem o ciclo da comunicação. O fale conosco parece fraquinho, são poucas as empresas no mundo que conseguem lidar com isso de maneira completa. Nota 4,0.

Limpeza

As páginas não parecem muito limpas. O que para alguns pode ser um fundo excitante, para outros pode ser só sujeira. Certamente é uma questão de gosto. Nota 3,5.

Comportamento

A página é mal-comportada. Nada de comandos textuais em locais fixos na tela. Isso pode complicar o uso pela primeira vez, mas a navegação é fácil. Quando se quebram os paradigmas e ainda assim a navegação é fácil, estamos diante de um belo trabalho. Nota 4,0.

Em resumo, a média final do sítio é 3,6.

BB143

Cachorro ao rio

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Antigamente, o grito era de homem ao mar. Nesta história, é de cachorro ao rio. Trabalhávamos todos, calmamente pensando, escrevendo e matutando, quando lá pelas nove e meia da manhã de um friorento dia de julho, veio a novidade: um cachorro havia caído na calha do rio Belém aqui ao lado. Graças aos céus, fazia frio e há muito tempo que não chovia: a calha estava meio seca, dava para o cachorro se movimentar e fazer muito, muito barulho.

A notícia se espalhou rápido e se o nosso prédio fosse algo mais frágil, era capaz de vergar tamanha a quantidade de pessoas que acompanhavam pelas janelas o drama canino.

Bote drama nisso, o infeliz animal gritava, uivava, latia e grunhia assustado. Era um pastor alemão, meio criança ainda, animal tratado, via-se que fugira e dera-se mal.

Chamados os bombeiros, aqui compareceram, como anjos da guarda que são. Tá certo que salvar cachorros de rios não é bem a especialidade deles, mas eles não recusam serviço: puseram uma escada e dois deles desceram na calha na busca do animal, que, em vez de se mostrar agradecido pela ajuda e constrangido pelo transtorno, foi por outro caminho. Transformou susto e pavor em agressividade e nada de se deixar apanhar. Foi um corre-corre lá dentro, regado a gritos e latidos, ameaças e chamegos.

Aqui fora, juntara uma pequena multidão acompanhando o desenlace. Impossível permanecer impassível. Tanta gente apareceu e tamanha balbúrdia se fez que, na Lysimaco Ferreira da Costa (para os que não são de Curitiba, é uma rua que passa sobre o rio e ao lado da Celepar), o trânsito parou em desordem.

Um motoqueiro curioso, parou. Outro que vinha atrás também parou. Mas, devia ter parado antes, pois encheu a traseira da moto da frente. Ambas motos saíram voando. Esta para a direita, aquela para a esquerda enquanto o motoqueiro foi para a frente. Aterrisou lá longe, machucado e desacordado.

A platéia ululou. O espetáculo que já era grandioso, subitamente se vira recheado com mais drama e emoção. Os bombeiros que estavam por alí, chamaram seus colegas do SIATE para recolher o motoqueiro. Os resgatadores do cão saíram correndo do rio para acudir o motoqueiro enquanto os paramédicos não chegavam. Alguém chamou a DIRETRAN para tentar botar ordem no trânsito. O cachorro sentou para esperar.

Chega a ambulância, barulhenta como só ela, abre espaço na multidão, acode o motoqueiro, carrega-o e xispa para o hospital. O trânsito volta a fluir lentamente, e... aonde é que estávamos mesmo? Ah, no cachorro. Que continuava lá embaixo. Descem os bombeiros de novo, já sem muita paciência, que essa encrenca podia dar zebra bem maior. Cercam o bicho, agarram-no e sobem com ele até o nível da rua. A saída foi até engraçada: o cão fora laçado pelo pescoço e o bombeiro não estava a fim de se arriscar muito. Como tirá-lo de lá? O sujeito não se fez de rogado: puxava o cachorro pela corda. A platéia apupou: o pobre estava sendo esganado. Ia ser engraçado se para salvar o cachorro ele tivesse de ser enforcado. Enfim, aos trancos e barrancos, acabou. Aplausos para os bombeiros.

Terminando, a pergunta: o que fazer? Não há quem reclame o cachorro, não é o caso de levá-lo para algum lugar, então, os bombeiros soltam-no e vão embora, ligeirinho, antes que outra ocorrência os obrigasse a atuar.

O cachorro, repentinamente solto, ainda assustado, sai por aí. Foi na direção do Centro Cívico e inesperadamente voltou. Atarantado estava. Tanto que, ao cruzar a Lysimaco, uma freiada, uma nova quase colisão: um carro deixa de atropelá-lo por um triz. Quem da janela acompanhava, emitia opinião: isso não pode acabar bem.

Nessas horas, sempre há os defensores dos animais, ainda mais de um filhotão, bonito e garboso como só ele. Da janela, grita-se para o vigilante colocado no portão da Celepar: atráia o bicho, é o pedido. Com palavras amigas, é o que o vigilante faz. Com o animal para dentro do estacionamento, ele tranca o portão, para alegria geral.

Só que, um problema restou: ninguém entrava ou saía de carro da Celepar, que o cachorro podia fugir. Nesse impasse estávamos, quando uma alma caridosa que já tem 8 gatos e 8 cachorros em casa, pensa para quem já tem 16, 17 não fará muita diferença. Desce lá, carrega o bicho, sujo como ele só, bota-o no carro, até então impecável, e vamos para casa. Aliás, mandaram eu retificar uma parte mais escabrosa que por pudor eu havia omitido na primeira versão deste texto. Sujo o bicho estava, não há dúvida. Além de sujo, fedido. Borrara-se todo no episódio. Durante o stress, seus intestinos desarranjaram-se, uma lambança só.

O final da história? Lá chegando, foi uma dificuldade tirar o cão do automóvel. O danado gostara da mordomia. Até limpar o banco do carro, tirar o bodum, a catinga do cachorro, do carro, limpar a bolsa e as roupas, além de tomar banho, foram mais 2 horas de trabalho. Por volta das 15h todos, inclusive a feliz proprietária do desamparado, mas nessas alturas cheiroso cão, já haviam voltado a matutar, escrever e pensar.

Coluna do Lavoisier

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Como sempre, vamos admirar um belo sítio na Internet e buscar inspiração e idéias para produzir os nossos. O escolhido deste mês é o sítio de um artista gráfico chamado Bud Peen. A navegação é simples, o site é bastante claro e o artista consegue passar o seu recado (e vender desenhos, que o objetivo é esse mesmo).

Note-se que o artista divulga imagens em baixa resolução, dirigindo os interessados na imagem com qualidade para o pagamento e posterior recepção da arte.

Acompanhe a leitura olhando <http://www.budpeen.com>.

Categoria

Design:

Muito bem feito. Embora seja todo colorido, o fundo é branco. Note como o menu aparece na vertical na página inicial e depois aparece na horizontal em cima. Note também que cada opção é uma bolinha colorida. Simples, fácil e bonito. Nota 4.

Beleza:

Não é forte do sítio, se bem que coisas desenhadas pela mão humana, sempre têm o seu valor, nesses tempos de arte digital e outras que tais. O traço do artista está sempre presente e ele é muito bonito. Nota 3,5.

Impacto:

Também não é muito forte. O fundo branco ajuda a não ser. Nota 3.

Entendimento:

Muito fácil de entender. A máquina de busca é interessante, já que ela ajuda a buscar imagens e não textos. Acho que qualquer internauta não vai precisar mais de 30 segundos para entender a lógica do sítio. Nota 4.

Público definido:

Apreciadores de desenhos e gravuras comerciais, além de compradores desse mesmo tipo de material. Parece bem definido. Nota 4.

Harmonia:

Não causou especial impacto. A harmonia se faz mais necessária em sítios mais bagunçados (as aspas, por favor). Aqui tudo é muito certinho, a harmonia dá para o gasto. Nota 3.

Dinamismo:

Quase não há. Como grande parte dos conteúdos são imagens, existe demora em carregar. Paciência. Nota 3.

Cor:

O sujeito é um artista plástico, um desenhista. O trabalho dele sempre é ressaltado pelo fundo branco. Nota 3,5.

Adequação da mensagem:

Na tampa. O sítio está muito bem feito. Nota 4.

Limpeza:

Limpo, claro, fácil de navegar, o que mais precisa? Nota 4.

Comportamento:

Bem comportado. Nota 3,5.

Média final: 3,55. Até o próximo mês.

BB144

Reflexão sobre formas de relacionamento Cidadão-Governo

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

A população brasileira tem aumentado ao longo dos anos (52 milhões em 1950, 70 milhões em 60, 119 milhões em 80, 147 milhões em 91 e 170 milhões em 2000 - Fonte sítio do IBGE em 22/07/04).

A massa de empregados do Governo, nos seus três níveis, tem crescido menos: eram 7.5 milhões em 92, 7.8 em 95, 7.7 em 98 e 7.9 em 99. Em 1950, os empregados da União eram 50

Segundo o mesmo estudo, no Brasil os empregados públicos são 11,3

Parece razoável que a oferta de serviços não precise ser acompanhada de contratação de novos empregados. Tal estratégia (contratar mais pessoas para oferecer mais serviços) vai contra as tendências da tecnologia da informação - vide o exemplo dos bancos - e no nosso caso, bate de frente com a Lei de Responsabilidade Fiscal. Além do que, é notória a necessidade de contratação do Estado Brasileiro em funções que prestem atendimento direto à população (médicos, enfermeiros, professores, policiais) e este é mais um fator pressionando a não contratação de empregados administrativos ou que trabalhem atividade-meio do governo.

Seja como for, parece consenso que o aumento na oferta de serviços públicos à população, precisa, em grande parte, ser tratado através da Tecnologia da Informação. Antes, a ressalva de que não se a olha como a panacéia, já que há problemas (o acesso dos mais pobres à ela, o analfabetismo digital,). Mas é uma saída, sem dúvida. Estatística da Febraban informa: o atendimento ao cliente na agência custa ao Banco cerca de R2,00. *Amesma coisa feita na parte externa da agência, por uma máquina, custa R 1,00.* O mesmo atendimento, feito na casa ou no trabalho do cliente, custa ao banco R0,13. *Alguma dúvida sobre a fase dos bancos no*

O Estado Brasileiro sabe olhar para a TI quando isto lhe interessa. Veja-se o caso do IR, pessoa física: até 91, o contribuinte preenchia o formulário e entregava no Banco. Em 91, começou a possibilidade de entregar em disquete: 3

Estratégias

Diversas estratégias têm sido usadas: a primeira e mais bem sucedida é a da Receita Federal. Há uma explicação para isso, pois o público atingido pelo serviço está em forte maioria presente na Internet. É a classe média que se baseia na máxima de Mark Twain: Só há dois inevitáveis na vida: a morte e os impostos. Assim, o contribuinte comparece.

Outras abordagens de uso da TI no oferecimento de serviços à população, enfrentam problemas de outra ordem:

- Baixo acesso da população de baixa renda e/ou baixa escolaridade à Internet. Se bem que este acesso tende a crescer: quando os computadores do FUST estiverem em funcionamento, mais cidadãos entrarão na rede. Seja como for, dados do IBOPE/NetRatings informam que mais de 28 milhões de brasileiros adultos já entraram na rede;
- Baixa exigência do cidadão (notadamente o de baixa renda e/ou escolaridade) que tende a ver o serviço oferecido como uma dívida do governo e não como um direito seu;
- Pouca capacidade da máquina pública (até por dificuldades no atendimento à demanda) em disponibilizar serviços;1

1 Há uma história real que ilustra este ponto: quando Carlos Lacerda era governador da Guanabara, na década de 50, em um dos primeiros programas de desfavelamento da então capital federal, o governo anunciou que não havia limite de recursos financeiros para o programa (é óbvio que o havia). A saída então foi exigir 42 documentos diferentes aos favelados para que estes se habilitassem ao programa.

- Questões legais (ainda que consuetudinárias) que exigem a presença física do interessado junto aos balcões do serviço público;

- O risco de mau uso, de fraude, de abuso, considerando o caráter puramente virtual das transações efetuadas. Aqui se inclui a ação e o cuidado contra os hackers, os criminosos virtuais e os sacripantas de toda espécie.

Uma outra saída presente em muitos estados brasileiros é a praça de atendimento. Neste local se concentra a atuação de diversas agências do Governo e, usualmente, o fator concentrante é o uso da Tecnologia da Informação. Já é um avanço em relação ao modelo tradicional, mas pelo menos duas críticas a ele podem ser feitas:

1. Em geral, estes centros estão localizados em pontos de grande concentração humana (cidades ou bairros). Assim, esta estratégia deixa de lado cidadãos residentes em espaços menos densamente povoados;

2. Ainda apresentam um agente público (às vezes terceirizado) como mediador entre o cidadão e o governo. Para os casos definidos em lei que isto é necessário, nada a acrescentar, mas certamente haverá casos em que o agente não é necessário.

A forma mais comum de uso da Internet para prestação de serviços de maneira global é a permissão de início dos processos burocráticos através do site do órgão fornecedor, permitindo que o interessado preencha documentos, vá ao banco para pagar as taxas e só depois se dirija presencialmente ao órgão fornecedor para concluir o processo. Já é um avanço limitar a ida do cidadão a uma vez. Antes eram várias. Mas, o que esta reflexão pretende provocar é um desafio para ir mais adiante, para ousar, com ousadia.

Ousando

Segue-se uma lista não completa e não bem elaborada ainda de possibilidades de aumentar a interação entre governo e cidadão na prestação de serviços:

Pagamento eletrônico

Quando até uma simples revista pode ser paga via TEF (transferência eletrônica de fundos) na banquinha da esquina, parece difícil aceitar a exigência da ida do cidadão ao banco para pagar as taxas. Novamente há questões legais em jogo (já que certos recolhimentos precisam - por lei - ser feitos em determinados bancos e/ou agências de governo), mas nada que não possa ser modificado. Talvez os governos brasileiros (estaduais, federal e quem mais se interessasse) pudessem construir uma agência nacional em condições de mediar recolhimentos de impostos e taxas através da Internet. Não é uma idéia nova, já naveguei em uma agência americana - que ainda por cima era privada - que se propunha a isso. (Só não lembro o endereço).

Interação inicial mais robusta

Os serviços atuais se limitam a permitir preenchimento e impressão de guias iniciais. Os sistemas poderiam prever um lote maior de tarefas a serem feitas pelo cidadão em casa. Um exemplo disto poderia ser a emissão de um número único a ser copiado pelo cidadão em um envelope, que seria remetido ao órgão original contendo os documentos que hoje são apresentados no guichê. A remessa poderia ser feita via Correio. Eventualmente, o próprio Correio poderia cobrar as taxas demandadas pelo serviço. Outra hipótese, é este envelope ser especial, vendido em bancas e lojinhas, e ser usado apenas para transações entre cidadãos e governos.

Uso dos correios

Os correios brasileiros gozam da confiança da população. Periodicamente as revistas semanais apresentam estatísticas nas quais, via de regra, o Correio ocupa o lugar principal. Eles já fazem o papel de banco em localidades pequenas, o chamado Banco Postal. Poderiam ser o braço de repartições e órgãos de governo, principalmente quando associados a sistemas informatizados que dêem suporte à prestação do serviço. Um agente postal poderia ser certificado para dar fé pública em determinadas transações. O próprio Correio poderia ser o local físico onde terminais Internet públicos fossem instalados.

Uso das lotéricas

Outro mecanismo de alta capilaridade, já utilizado por empresas de serviços públicos (luz e água) e bancos públicos (Caixa Econômica) no pagamento de contas e transações bancárias, são as lotéricas. Elas compartilham com os correios a habilidade e a capacidade de recolhimento de dinheiro. Estão presentes em todos os municípios brasileiros.

Iniciativas conjuntas

O uso de soluções baseadas em software tem um benefício inegável: a solução pode ser compartilhada entre Estados, Município e Governo Federal a baixos custos. Mais ainda, este tipo de iniciativa quase que está a pedir um trabalho de desenvolvimento compartilhado. Hoje, quando um estado enfrenta um problema qualquer, existem 25 outros problemas praticamente idênticos esperando para serem atacados. São os outros estados que usualmente têm a mesma estrutura, os mesmos problemas, as mesmas demandas e as mesmas dificuldades.